

ALLAN KARDEC

O CÉU E O INFERNO

TEXTO INTEGRAL



Tradução:

J. Herculano Pires

Dmitri C. Fernandes

Notas: J. Herculano Pires



Paideia

ALLAN KARDEC

O CÉU E O INFERNO

OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

TRADUÇÃO:
J. Herculano Pires
e Dmitri C. Fernandes

 Paideia
são paulo 2020

Edição digital

Autor: Allan Kardec

Tradutores: José Herculano Pires e Dmitri Cerboncini Fernandes

Coordenação Editorial: Herculano F. Pires e Tatiana Cury Pires

Revisão: Rita Foelker

Capa: Rita Foelker

ISBN 978-65-86314-05-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PAIDÉIA LTDA.

Rua Dr. Pinto Ferraz, 70 | 04117-040 | São Paulo SP
Telefone (11)5549-3053
☎ +55 11 99023-1872

facebook.com/herculanopires
instagram.com/fundacaoherculanopires



www.editorapaideia.com.br

Apoio: www.fundacaoherculanopires.org.br

SUMÁRIO

Notícia Sobre o Livro	8
PRIMEIRA PARTE	13
CAPÍTULO I – O FUTURO E O NADA	14
CAPÍTULO II – A PREOCUPAÇÃO COM A MORTE	23
Causas da preocupação com a morte	23
Por que os espíritas não se preocupam com a morte?.....	28
CAPÍTULO III – O CÉU.....	30
CAPÍTULO IV – O INFERNO.....	43
Intuição das penas futuras.....	43
O Inferno cristão imita o pagão.....	44
Os Limbos.....	46
Quadro do inferno pagão	47
Quadro do inferno cristão	54
CAPÍTULO V - O PURGATÓRIO.....	64
CAPÍTULO VI - DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS.....	70
Origem da doutrina das penas eternas.....	70
Argumentos a favor das penas eternas	75
Impossibilidade material das penas eternas	79
A doutrina das penas eternas passou do tempo.....	81
Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original	83
CAPÍTULO VII - AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO	86
A carne é fraca	86
Fontes da Doutrina Espírita sobre as penas futuras	88
Código penal da vida futura	89
CAPÍTULO VIII - OS ANJOS	101
Os anjos segundo a Igreja	101
Refutação	105

Os Anjos segundo o Espiritismo	110
CAPITULO IX - OS DEMÔNIOS	113
Origem da crença nos Demônios	113
Os demônios segundo a Igreja	116
Os demônios segundo o Espiritismo.....	128
CAPÍTULO X - INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS.....	131
CAPÍTULO XI - DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS..	149
SEGUNDA PARTE – EXEMPLOS.....	161
CAPÍTULO I - A TRANSIÇÃO.....	162
CAPÍTULO II – ESPÍRITOS FELIZES	170
Sr. Sanson	170
A Morte do Justo.....	179
Sr. Jobard	180
Samuel Philippe.....	186
Van Durst.....	190
Sixdeniers	192
Dr. Demeure	196
A Viúva Foulon	201
Um Médico Russo.....	209
Bernardin	212
A Condessa Paula	213
Jean Reynaud.....	217
Antoine Costeau	221
Srta. Emma.....	224
O Doutor Vignal	226
Victor Lebufle.....	229
Srta. Anais Gourdon	231
Maurice Gontran	232
CAPÍTULO III - ESPÍRITOS EM CONDIÇÃO MEDIANA.....	237

Joseph Bre.....	237
Sra. Hélène Michel.....	238
O Marquês de Saint-Paul.....	240
Sr. Cardon, médico.....	242
Eric Stanislas.....	247
Sra. Anna Belleville.....	248
CAPÍTULO IV - ESPÍRITOS SOFREDORES	254
O Castigo.....	254
Novel.....	255
Auguste Michel	257
Lamentos de um hedonista.....	259
Lisbeth	260
Príncipe Ouran.....	264
Pascal Lavic.....	266
Ferdinand Bertin	268
François Riquier.....	272
Claire	273
CAPÍTULO V - SUICIDAS	282
O suicídio da <i>samaritaine</i>	282
O pai e o recruta	285
Louvet François-Simon	288
Uma mãe e seu filho.....	290
Duplo suicídio, por amor e por dever	293
Louis e a pespontadora de botas.....	296
Um ateu	300
Sr. Félicien.....	306
Antoine Bell.....	310
CAPÍTULO VI - CRIMINOSOS ARREPENDIDOS	315
Verger, assassino do arcebispo de Paris.....	315
Lemaire.....	318

Benoist.....	321
O espírito de Castelnaudary	325
Jacques Latour	332
CAPÍTULO VII - ESPÍRITOS ENDURECIDOS	345
Lapommeray.....	345
Angèle, desconhecida na Terra.....	350
Um espírito entediado.....	353
A Rainha De Oudh (Índia).....	355
Xumene	357
CAPÍTULO VII - EXPIAÇÕES TERRESTRES	360
Marcel, o menino do número 4	360
Symel Slizgol.	363
Julienne-Marie, a pobreza	368
Max, o mendigo	372
História de um criado doméstico.....	375
Antonio B... ..	377
Sr. Letil.....	381
Um sábio ambicioso.....	383
Charles de Saint-G..., deficiente mental	385
Adelaide-Marguerite Gosse	390
Clara Rivier	392
Françoise Vernhes.....	395
Anna Bitter	397
Joseph Maître, cego.	400

Notícia Sobre o Livro

Lendo-se este livro com atenção, vê-se que a sua estrutura corresponde a um verdadeiro processo de julgamento. Na primeira parte, temos a exposição dos fatos que o motivaram e a apreciação judiciosa, sempre serena, dos seus vários aspectos, com a devida acentuação dos casos de infração da lei. Na segunda parte, o depoimento das testemunhas. Cada uma delas caracteriza-se por sua posição no contexto processual. E diante dos confrontos necessários, o juiz pronuncia a sua sentença definitiva, ao mesmo tempo enérgica e tocada de misericórdia. Estamos ante um tribunal divino. Os homens e suas instituições são acusados e pagam pelo que devem, mas agravantes e atenuantes são levados em consideração à luz de um critério superior.

A 30 de setembro de 1863, como se pode ver em *Obras Póstumas*, Kardec recebeu dos Espíritos Superiores este aviso: “Chegou a hora de a Igreja prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim do estado de incredulidade a que conduziu os espíritos.” Esse julgamento começava com a preliminar constituída pelo *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e devia continuar com *O Céu e o Inferno*. Dentro de dois anos, em seu número de setembro de 1865, a *Revista Espírita* publicaria em sua seção bibliográfica a notícia do lançamento do quarto livro de Codificação Espírita: *O Céu e o Inferno*. Faltava apenas *A Gênese* para completar a obra da Codificação da III Revelação.

Dois capítulos de *O Céu e o Inferno* foram publicados antecipadamente na *Revista*: o capítulo intitulado “Da Apreensão da Morte”, vigorosa peça de acusação, no número de janeiro de 1865, e o capítulo “Onde é o Céu”, no número de março do mesmo ano. Apareceram ambos como se fossem simples artigos para a *Revista*, mas o último trazia uma nota final anunciando que ambos pertenciam a uma “nova obra que o Sr. Allan Kardec publicará proximamente”.

Em setembro, a obra já aparece anunciada como à venda. Kardec declara que, não podendo elogiá-la nem criticá-la, a

Revista se limitava a publicar um resumo do seu prefácio, revelando o seu conteúdo.

Os capítulos antecipadamente publicados aparecem, o primeiro com o mesmo título com que saíra e, o segundo, com o título reduzido para “O Céu”.

Estava dado o golpe de misericórdia nos dogmas fundamentais da teologia do cristianismo formalista, tipo inegável de sincretismo religioso com que o Cristianismo verdadeiro, essencial e não formal, conseguira penetrar na massa impura do mundo e levedá-la à custa de enormes sacrifícios. Kardec reafirma o caráter científico do Espiritismo. Como ciência de observação, a nova doutrina enfrenta o problema das penas e recompensas futuras à luz da História, estabelecendo comparações entre as idealizações do céu e do inferno nas religiões anteriores e nas religiões cristãs, revelando as raízes históricas, antropológicas, sociológicas e psicológicas dessas idealizações e denunciando os absurdos a que chegara a imaginação teológica na formulação dos dogmas cristãos.

O capítulo primeiro de *O Céu e o Inferno* intitula-se “O Futuro e o Nada”. Esse título coloca o leitor em face das duas alternativas fundamentais do espírito. Kardec se revela ao mesmo tempo cartesiano e shakespeariano. É cartesiano quando propõe esta premissa lógica, de agudo realismo: Vivemos, pensamos, agimos; isto é positivo; não é menos certo que morremos. É shakespeariano quando evoca o dilema: Ser ou não ser, eis a alternativa. Mas ao mesmo tempo se opõe, com a antecedência de mais de um século, à tese do nada que surgirá ali mesmo, na França, com a filosofia existencial de Jean-Paul Sartre, o teórico da frustração e da *nadificação* do homem.

O que mais impressiona, neste processo jurídico, é a objetividade da acusação. Não estamos diante de um tribunal romano, onde as normas do Direito se subordinam às exigências imediatistas do Império, mas perante um tribunal grego do mundo socrático, onde o juiz implacável pergunta a todo instante: o que é isso? e exige definição precisa segundo as leis da maiêutica. Estas comparações não são retóricas, são simplesmente históricas. O processo lógico de Kardec segue as linhas dialéticas da busca socrática da verdade, segundo a exposição platônica. O juiz que

pontifica neste tribunal não enverga a toga impura de Ânito, mas a túnica de Platão.

A comparação do inferno pagão com o inferno cristão é um dos mais eficazes trabalhos de mitologia comparada que se conhece. A mitologia cristã se revela mais grosseira e cruel que a pagã.

Bastaria isso para justificar o Renascimento. O mergulho da humanidade no sorvedouro medieval levou a natureza humana a um retrocesso histórico só comparável ao do nazi-fascismo em nosso tempo. Os intelectuais materialistas assustaram-se com o retrocesso do homem nos anos 40 do nosso século e puseram em dúvida a teoria da evolução. Se houvessem lido este livro de Kardec saberiam que a evolução não se processa em linha reta, mas em ascensão espiralada. Os teólogos medievais estavam racional e moralmente atrasados em relação aos teólogos gregos porque representavam uma vasta camada de população ainda não atingida pelas luzes da cultura helênica. A evolução do homem na Terra está sujeita às vicissitudes da superposição periódica de camadas populacionais inferiores que precisam aflorar à superfície cultural para se beneficiarem. A queda do Império Romano foi um momento de superposição dos bárbaros, que precisavam abeberar-se na cultura clássica. No episódio aparentemente inexplicável do nazi-fascismo, tivemos um novo afloramento dos instintos bestiais do homem. Esses instintos ainda estão presentes em nosso mundo de após nazismo, mas vão sendo caldeados na ebulição cultural dos nossos dias. Nenhuma imagem explicaria melhor essa situação que a do caldeirão medieval, formulada por Wilhelm Dilthey.

Vemos assim que este livro de Kardec tem muito para ensinar, não só aos espíritas, mas também aos luminares da inteligência neopagã que perdem o seu tempo combatendo o Espiritismo, como gregos e romanos combateram inutilmente o Cristianismo. O processo espírita se desenvolve na linha de sequência do processo cristão. A conversão do mundo ainda não se completou. Cabe ao Espiritismo dar-lhe a última demão, como desenvolvimento natural, histórico e profético do Cristianismo em nosso tempo. A leitura e o estudo sistemático deste livro se impõem a espíritas e não espíritas, a todos os que realmente desejam compreender o sentido da vida humana na Terra.

Mesmo entre os espíritas, este livro é quase desconhecido. A maioria dos que o conhecem nunca se inteirou do seu verdadeiro significado. Kardec nos dá nas suas páginas o balanço da evolução moral e espiritual da humanidade terrena até os nossos dias. Mas ao mesmo tempo estabelece as coordenadas da evolução futura. As penas e recompensas de após-morte saem do plano obscuro das superstições e do misticismo dogmático para a luz viva da análise racional e da pesquisa científica. É evidente que essa pesquisa não pode seguir o método das ciências de mensuração, pois o seu objeto não é material, mas segue rigorosamente as exigências do espírito científico moderno e contemporâneo. O grave problema da continuidade da vida após a morte despe-se dos aparatos mitológicos para mostrar-se com a nudez da verdade à luz da razão esclarecida.

Como ciência de observação, o Espiritismo nos oferece a análise de Kardec na primeira parte do volume. Como ciência de pesquisa, nos oferece a segunda parte, em que vemos Kardec investigar objetivamente a situação dos espíritos após a morte. Como ele acentua incessantemente, as penas e recompensas, que são as consequências naturais do comportamento humano na Terra, não aparecem aqui como alegorias ou suposições elaboradas pela mente, mas como o resultado da pesquisa mediúnica, da investigação direta da situação dos espíritos através de suas próprias revelações. E essas revelações não são gratuitas nem colhidas ao acaso, mas provocadas pelo experimentador através de anos de trabalho árduo e paciente. Mais de um século depois de realizado, esse trabalho é hoje sancionado pelas investigações recentes, não só no meio espírita mas, também, no campo das investigações parapsíquicas.

A imparcialidade de Kardec e o seu amor pela pesquisa, a sua confiança na eficiência da investigação científica transparecem a cada instante. Charles Richet teve razão ao reconhecer a vocação científica do Codificador do Espiritismo. Dando ao inferno e ao céu os seus contornos reais, com base nos resultados de sua investigação, Kardec não repudia o dogma do Purgatório, o mais suspeito da estrutura teológica arbitrária por que introduzido tardiamente no sistema dogmático católico, mas o aceita e justifica-o. O Purgatório é a Terra, o lugar determinado e circunscrito em que purgamos as nossas imperfeições, encarnados ou desencarnados.

A doutrina teológica dos anjos e demônios é submetida também à prova dupla da análise racional e da pesquisa científica. A conclusão é límpida e certa: somos demônios quando estamos saindo da animalidade para a espiritualização e somos anjos quando estamos saindo da humanidade para a angelitude. Mas isso não é uma ideia, uma hipótese, o produto de uma elucubração mental ou de uma interpretação arbitrária de textos sagrados. É o resultado da observação e da pesquisa. Milhares de criaturas espirituais observadas, interrogadas, submetidas à experiência mediúnica forneceram os tipos psicológicos e morais da escala espírita, numa verdadeira classificação psíquica aplicável, não só aos espíritos, mas também à tipologia humana.

A importância deste livro é maior do que realmente se pensa. No tocante à Teologia, como procuramos demonstrar em várias notas ao texto, *O Céu e o Inferno* antecipou em mais de um século as transformações que ora se operam no seio das várias igrejas. Se os teólogos, que pretendem ser homens mais do que homens, como Descartes os classificou, pudessem ter a humildade suficiente para consultá-lo, encontrariam nestas páginas a solução dos seus mais angustiantes problemas.¹

J. Herculano Pires

São Paulo, 30 de julho de 1973.

¹ Esta edição digital da Paidéia contém traduções de:

- **J. Herculano Pires**, até a Segunda Parte, Capítulo II, Espíritos Felizes: Jean Reynaud;

- **Dmitri Cerboncini Fernandes**, de Segunda Parte, Capítulo II, Espíritos Felizes: Antoine Costeau até o final.

As notas de rodapé são de dois tipos: notas de Kardec à edição original e notas dos tradutores (identificadas como N. do T.).

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I – O FUTURO E O NADA

1 – Nós vivemos, nós pensamos, nós agimos – eis o que é positivo. E nós morremos - o que não é menos certo. Mas ao deixar a Terra para onde vamos? No que nos transformamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos ainda nós mesmos ou não mais o seremos? Ser ou não ser - essa é a alternativa. Ser para todo o sempre ou nunca mais ser. Tudo ou nada. Vivemos eternamente ou tudo estará acabado para sempre. Vale a pena pensarmos em tudo isso?

Toda criatura humana sente a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Diga-se àquele que sabe que vai morrer que ele ainda viverá ou que a sua hora foi adiada. Diga-se, sobretudo, que ele será mais feliz do que já foi - e o seu coração palpitará de alegria. Mas de que serviriam essas aspirações de felicidade, se basta um sopro para dissipá-las?

Haverá alguma coisa mais desesperadora do que essa ideia de destruição absoluta?²

Sagradas afeições, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo seria destruído, tudo estaria perdido! Que necessidade teríamos de esforçar-nos para ser melhores, de nos constrangermos na repressão das paixões, de nos fatigarmos no aprimoramento do espírito, se de tudo isso não iremos colher nenhum fruto? E, sobretudo, diante da ideia de que amanhã, talvez, tudo isso não nos sirva para nada? Mas, se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto. Porque este vive inteiramente no presente, na plena satisfação de seus apetites materiais, nada aspirando para o futuro. Uma secreta intuição nos diz que isso é absurdo.

2 – Acreditando que o fim de tudo é o nada, o homem concentra forçosamente todo o seu pensamento na vida presente. Com efeito, não seria lógico preocupar-se com um futuro que não se espera. Essa preocupação exclusiva com o presente o leva

² Cem anos depois de Kardec a Filosofia em França quase se desfez nos sofismas do nada, com Jean Paul Sartre e sua escola. Mas Simone de Beauvoir, companheira e discípula de Sartre, confirma e ilustra as considerações de Kardec ao escrever "... detesto pensar no meu aniquilamento. Penso com melancolia nos livros lidos, nos lugares visitados, no saber acumulado e que não mais existirá. Toda a música, toda a pintura, tantos lugares percorridos - e de repente mais nada!" - *La Force des Choses*, final do último capítulo. - A aproximação da morte, sob a ideia do nada, acarreta às criaturas mais cultas essa desesperança amarga. (N. do T.)

naturalmente a pensar em si antes de tudo. É, portanto, o mais poderoso estimulante do egoísmo, e a incredulidade é conseqüente consigo mesma quando chega a esta conclusão: gozemos enquanto vivemos, gozemos o mais possível, desde que após a morte tudo está acabado, gozemos logo, pois não sabemos quanto tempo isso vai durar. E também quando chega a esta outra conclusão, bastante grave para a sociedade: gozemos de qualquer maneira, cada qual por si, que a felicidade neste mundo cabe sempre ao mais esperto.

Se o respeito humano consegue deter alguns, que freio poderia segurar aqueles que nada têm? Eles dizem que a lei humana só protege os mal-intencionados, e por isso aplicam todo o seu talento aos meios de fraudá-la. Se existe uma doutrina malsã e antissocial é seguramente essa do nada, pois que rompe os verdadeiros laços da sociedade e da fraternidade, fundamentos das relações sociais.

3 – Suponhamos que, em alguma circunstância, todo um povo se convença de que dentro de oito dias, um mês ou um ano ele será aniquilado, que nenhum indivíduo sobreviverá, que não restará mais nenhum traço de nada após a morte. O que faria esse povo durante este tempo? Trabalharia para se melhorar, para se instruir, se esforçaria para viver? Respeitaria os direitos, os bens, a vida de seus semelhantes? Submeter-se-ia às leis, a alguma autoridade, qualquer que seja, mesmo a mais legítima: a autoridade paterna? Haveria para ele qualquer espécie de dever? Seguramente não.

Pois bem: isso que não acontece para um povo que a doutrina do nada realiza isoladamente a cada dia. Se as conseqüências não são tão desastrosas como poderiam ser, é primeiro porque na maior parte dos incrédulos há mais fanfarrice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção, e porque eles são mais temerosos do nada do que podem parecer. O epíteto de espírito forte alenta-lhes o amor próprio. Em segundo lugar, os verdadeiros incrédulos constituem uma ínfima minoria, que sofrem a contragosto a pressão da opinião contrária e são contidos pelas forças sociais. Mas que a verdadeira incredulidade

se torne um dia a opinião da maioria e a sociedade estará em dissolução. É ao que leva a propagação da doutrina do niilismo.³ Sejam quais forem as consequências, se o niilismo fosse uma doutrina verdadeira teríamos de aceitá-la, e não seriam os sistemas contrários, nem a ideia do mal que ela pudesse produzir, que poderiam eliminá-la. Ora, não se pode negar que o ceticismo, a dúvida, a indiferença ganham terreno cada dia, apesar dos esforços da religião em contrário. Isso é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade é que lhe falta alguma coisa para combatê-la, de tal maneira que, se ela se imobilizasse, em pouco tempo estaria inevitavelmente superada. O que lhe falta neste século de positivismo, onde se quer compreender para crer, é a sanção das suas doutrinas pelos fatos positivos. E é também a concordância de algumas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se ela diz *branco* e os fatos dizem *negro*, temos forçosamente de optar entre a evidência e a fé cega⁴.

³ Um jovem de dezoito anos sofria de uma doença cardíaca que foi declarada incurável. O veredicto da ciência havia sido: Pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não passará disso. O jovem ficou sabendo e logo abandonou todo o estudo e se entregou aos excessos de toda a espécie. Quando lhe mostravam quanto essa vida era perniciosa para a sua situação, ele respondia: “Que me importa, desde que só tenho dois anos de vida? De que me valeria cansar a mente? Gozo o tempo que me resta e quero me divertir até o fim.” Eis a consequência lógica no niilismo. Mas se esse jovem fosse espírita poderia responder: “A morte só destruirá o meu corpo que abandonarei como uma roupa usada, mas meu espírito continuará a viver. Eu serei, numa vida futura, o que fizer de mim mesmo nesta vida. Nada do que tenha adquirido em qualidades morais e intelectuais se perderá, porque isso representa uma conquista para o meu adiantamento. Toda a imperfeição de que me houver livrado será um passo no caminho da felicidade, minha ventura ou minha desgraça futura dependem da utilização de minha existência presente. É pois de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, evitando tudo o que pudesse diminuir as minhas forças.” Qual dessas duas doutrinas será preferível? (Nota de Kardec).

⁴ Muitos esforços se fazem ainda hoje, particularmente no campo da Cibernética e do Estruturalismo, para demonstrar que o homem não tem liberdade. O Espiritismo é, por excelência, a doutrina da liberdade e da responsabilidade individuais. Mas o conceito de liberdade, no Espiritismo, não é absoluto. A liberdade humana é condicionada pelas condições corporais (hereditariedade, constituição etc.) pelo meio físico, pelas características raciais, pela cultura e pelas normas sociais e morais, bem como pela constituição psíquica de cada indivíduo e pelo determinismo do seu passado espiritual, do seu *karma*. Dentro de todas essas limitações, entretanto, subsiste a capacidade de optar, de escolher e de agir segundo a vontade. Essa capacidade permite mesmo à criatura abrandar ou romper algumas das limitações que lhe são impostas, até mesmo no plano kármico, onde a lei do amor lhe serve de instrumento para remover ou atenuar consequências nefastas. Assim, o determinismo está na *facticidade* (no conjunto de condições com que o homem apareceu feito no mundo) e a liberdade ou livre-arbítrio está na *ipseidade* (na individualização ou na essência do ser condicionado pela forma). É bom lembrar que não estamos no absoluto, mas no relativo, e que neste não existe liberdade onde não houver condições para que ela se exerça. Para melhor

4 – Em face desta situação o Espiritismo vem opor um dique à invenção da incredulidade, servindo-se não somente da razão e da perspectiva dos perigos a que ela arrasta, mas também dos fatos materiais, ao permitir que se toque com o dedo e se veja com o olho a alma e a vida futura.

Cada qual é livre sem dúvida no tocante à crença, podendo crer em alguma coisa ou não crer em nada. Mas os que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, e sobretudo da juventude, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade, seu saber e na ascendência da sua posição, semeiam na sociedade os germes da perturbação e da dissolução, incorrendo numa grande responsabilidade.

5 – Há uma outra doutrina que se defende da acusação de materialista porque admite a existência de um princípio inteligente além da matéria. É a doutrina da absorção no todo universal. Segundo esta doutrina cada indivíduo absorve ao nascer uma parcela do princípio que lhe dá a vida, constituindo a sua alma, a sua inteligência e os seus sentimentos. Com a morte, essa alma retorna ao elemento comum e se perde no infinito como uma gota d'água no oceano.

Essa doutrina é sem dúvida um passo adiante em relação ao puro materialismo, pois admite alguma coisa, enquanto o outro não admite nada. Mas as consequências de ambas são exatamente as mesmas. Que o homem seja mergulhado no nada ou num reservatório comum, é a mesma coisa. Se no primeiro caso ele é transformado em nada, no segundo perde a sua individualidade, o que equivale a perder a sua existência. As relações sociais são igualmente rompidas. O essencial para o homem é a conservação do seu eu. Sem isso, que lhe importa ser ou não ser? O futuro para ele não existe, num e noutro caso, e a vida presente é a única coisa que lhe interessa e o preocupa. Do ponto de vista das consequências morais essas duas doutrinas são perniciosas, igualmente desesperadoras, esta última, excitando o egoísmo da mesma maneira que o materialismo.

compreensão deste problema, ler *O ser e a serenidade*, de J. H. Pires, Ed. Paidéia. (N. do T.)

6 – Além disso, pode-se fazer a essa doutrina a seguinte objeção: todas as gotas d'água de um oceano se assemelham e têm as mesmas propriedades, como partes que são de um mesmo todo. Por que as almas, se foram tiradas de um grande oceano de inteligência universal, se assemelham tão pouco entre si? Como explicar a presença do gênio ao lado do idiota? As mais sublimes virtudes junto aos vícios mais ignóbeis? A bondade, a doçura, a mansidão ao lado da maldade, da crueldade e da barbárie? Como as partes de um todo homogêneo podem ser diferentes umas das outras? Poderão dizer que é a educação que as modifica? Mas então de onde procedem as qualidades inatas, as inteligências precoces, os bons e os maus instintos que independem de qualquer educação e frequentemente não estão em harmonia com o meio em que as criaturas se desenvolvem?

A educação, não há dúvida, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma, mas neste ponto outra dificuldade se apresenta. Quem deu à alma a educação que a fez progredir? Outras almas que, por sua origem comum, não devem ser mais adiantadas? Por outro lado, a alma, voltando ao todo universal de que sairá, após haver progredido durante a vida, leva a ele um elemento de perfeição, de onde se segue que esse todo deve ser profundamente modificado e melhorado com o tempo. Como se explica que dele saiam incessantemente almas ignorantes e perversas?

7 – Nessa doutrina a fonte universal da inteligência que produz as almas humanas é independente da Divindade. Não se trata, pois, do panteísmo. A doutrina panteísta propriamente dita difere dela ao considerar o princípio universal da vida e da inteligência como integrando a Divindade. Assim, Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria. Todos os seres, todos os corpos da natureza constituem a Divindade, da qual representam as moléculas e demais elementos componentes. Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas. Cada indivíduo, sendo uma parte do todo é em si mesmo Deus. Nenhum ser superior e independente comanda o conjunto. O Universo é uma imensa república sem presidente, onde todos ou cada um é o seu próprio chefe com poder absoluto.

8 – Podemos opor numerosas objeções a esses sistemas. As principais são as seguintes:

Não se podendo conceber a Divindade sem perfeições infinitas, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de parcelas tão imperfeitas que necessitam de progredir? Cada parcela estando submetida à lei do progresso, disso resulta que o próprio Deus deve progredir, e se ele progride sem cessar, deve ter sido muito imperfeito na origem dos tempos. Como um ser imperfeito, formado de vontades e ideias tão divergentes, pode conceber as leis harmoniosas, tão admiráveis, de unidade, de sabedoria e de providência que regem o universo? Se todas as almas são parcelas da divindade, todas concorreram para a criação das leis da natureza, como se explica que elas mesmas protestem continuamente contra essas leis, que são a sua própria obra? Uma teoria só pode ser aceita como verdadeira sob a condição de satisfazer à razão e explicar todos os fenômenos que abrange. Se um só fato puder desmenti-la, é que ela não possui a verdade absoluta.

9 – Do ponto de vista moral as consequências são também inteiramente ilógicas. A princípio, temos para as almas, como no sistema precedente, a absorção num todo e a perda da individualidade. Se admitirmos, segundo a opinião de alguns panteístas, que elas conservem a sua individualidade, Deus não terá mais uma vontade única, pois será um composto de miríades de vontades divergentes. Depois, sendo cada alma parte integrante da divindade, nenhuma será dominada por um poder superior. Em consequência, não haverá nenhuma responsabilidade individual pelos atos bons ou maus, como nenhum interesse em fazer o bem, podendo fazer impunemente o mal, desde que ela é o soberano senhor de si mesma.

10 – Além desses sistemas não satisfazerem à razão nem às aspirações do homem, apresentam-se, como se vê, cheios de dificuldades insuperáveis, de maneira que são incapazes de resolver todas as questões de fato que levantamos. O homem tem, portanto, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e após a morte. É a esta última crença que a lógica nos leva invencivelmente. É ela também que constitui o fundo de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos leva à individualidade da alma, nos leva também a outra consequência, a de que a sorte de cada alma deve depender de suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem e a do homem perverso estivessem no mesmo nível que o do homem de bem e do sábio. Segundo a justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para que sejam responsáveis é necessário que sejam livres para escolher entre o bem e o mal. Sem o livre-arbítrio haverá fatalidade e com esta a alma não poderia ter responsabilidade.

11 – Todas as religiões admitiram igualmente o princípio do destino feliz ou infeliz das almas após a morte, ou seja, das penas e dos gozos futuros que se resumem na doutrina do céu e do inferno, que encontramos por toda a parte. Mas no que elas diferem essencialmente é quanto à natureza das penas e dos gozos e sobretudo quanto às condições que podem levar as almas a merecerem umas e outras. Daí resultam os pontos de fé contraditórios que deram origem aos diferentes cultos e os deveres particulares impostos por todos eles para reverenciar a Deus, por meio dos quais se pode ganhar o céu e escapar ao inferno.

12 – Todas as religiões deviam estar, em sua origem, em relação com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens. Estes, ainda muito materiais para compreender o valor das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maioria dos deveres religiosos na prática de fórmulas exteriores. Durante algum tempo essas fórmulas satisfizeram à sua razão. Mais tarde, esclarecendo-se os seus espíritos, sentiram o vazio dessas fórmulas, e como a religião não mais os satisfaz, eles a abandonam e se tornam filósofos.

13 – *Se a religião, a princípio apropriada aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse sempre seguido o desenvolvimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos porque a necessidade de crer está na própria natureza do homem e ele sempre crerá desde que lhe deem o alimento espiritual em harmonia com as suas exigências intelectuais.* Ele quer saber de onde vem e para onde vai. Se lhe mostrarem um alvo que não corresponde às suas aspirações nem à ideia que ele faz de Deus,

nem aos dados positivos que a ciência lhe fornece, se além disso lhe impõem, para atingir a Deus, condições que a sua razão considera inúteis, ele repele a tudo. Então o materialismo e o panteísmo lhe parecem mais racionais, porque neles se discute e raciocina, e embora o raciocínio seja falso, ele prefere raciocinar falso a ser impedido de fazê-lo⁵.

Mas se lhe apresentarem um futuro em condições lógicas, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, ele abandonará o materialismo e o panteísmo, dos quais sente o vazio em seu próprio íntimo e que só havia aceitado na falta de coisa melhor. O Espiritismo lhe oferece o melhor e é por isso que se vê acolhido ansiosamente por todos os que se atormentam com a incerteza pungente da dúvida, não encontrando nas crenças e nas filosofias vulgares aquilo que procuram. Ele tem a seu favor a lógica do raciocínio e a prova dos fatos. É por isso que inutilmente tem sido combatido.

14 – O homem tem a convicção instintiva do futuro, mas não tendo até então nenhuma base certa para a sua definição, criou pela imaginação os sistemas que o levaram à diversidade das crenças. A doutrina espírita sobre o futuro, não sendo obra de imaginação concebida de maneira engenhosa, mas sim o resultado da observação dos fatos materiais que hoje ocorrem aos nossos olhos, ligará, como já está fazendo atualmente, as opiniões divergentes ou incertas, e conduzirá pouco a pouco, pela própria força das circunstâncias, a crença a uma unidade baseada na certeza e não mais na hipótese. Realizada a unificação no tocante ao destino das almas, será este o primeiro ponto de aproximação dos diferentes cultos, um passo considerável para a tolerância religiosa, a princípio, e mais tarde para a fusão⁶.

⁵ O materialismo e a descrença são flores de estufa, criações artificiais das fases de desenvolvimento cultural. Nessas fases, o desequilíbrio entre as estruturas religiosas, que vêm do passado, e as exigências novas da evolução cultural provoca a defecção religiosa. Por isso os ateus e materialistas constituem sempre minorias. Essas minorias correspondem ao número de pessoas que puderam acompanhar a evolução cultural. A massa da população permanece apegada às fórmulas religiosas tradicionais, mas, na proporção em que a cultura se divulga, a descrença e o materialismo florescem. Kardec colocou o problema numa síntese admirável, como se vê na parte grifada do período acima. (N. do T.)

⁶ Foi necessário mais de um século para que esta previsão de Kardec, não profética mas formulada em termos da moderna Futurologia, começasse a realizar-se. O atual Ecumenismo, que significativamente deixa de lado o Espiritismo, é um passo, apesar

das dificuldades que o entravam, para a futura fusão do pensamento religioso na Terra. Nos mundos superiores, segundo informam os Espíritos mais elevados, os cultos religiosos se fundem numa forma única, simplificada e racional. As tentativas de criação de teorias ecléticas e de construção de templos comuns para diversas religiões, em nosso tempo, são outros sinais da evolução religiosa do planeta. Em nosso país chegou-se a propor, no Congresso Nacional, a transformação da Catedral de Brasília num templo destinado a todas as religiões. A proposta foi apresentada pelo deputado Campos Vergai, de São Paulo (espírita), mas não teve o devido andamento. (N. do T.)

CAPÍTULO II – A PREOCUPAÇÃO COM A MORTE

Causas da preocupação com a morte – Por que os espíritas não se preocupam com a morte?

Causas da preocupação com a morte

1 – O homem, em qualquer situação social, desde o estado de selvageria, tem o pressentimento inato do futuro. Sua intuição lhe diz que a morte não é a última fase da existência e que aqueles que choramos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais generalizada que a ideia do nada. Como se explica, entretanto, que entre os que acreditam na imortalidade da alma ainda se encontre tamanho apego às coisas terrenas e tão grande preocupação com a morte?⁷

2 – A preocupação com a morte é determinada pela sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. É necessária, enquanto o homem não estiver esclarecido a respeito da vida futura, como um contrapeso ao arrastamento que, sem esse freio o levaria a deixar prematuramente a vida terrena e a negligenciar o seu trabalho neste mundo, que deve servir para o seu próprio adiantamento. É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro aparece apenas como vaga intuição, tornando-se mais tarde uma simples esperança, e finalmente se transformando em certeza, mas ainda assim contrabalançada por um secreto apego à vida corporal.

3 – À medida que o homem compreende melhor a vida futura, a preocupação com a morte diminui. Mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor a sua missão na Terra, ele espera o seu fim com mais calma, resignação e sem medo. A certeza da vida futura dá novo curso às suas ideias e outra finalidade aos seus trabalhos. Antes de ter essa certeza ele só trabalha com vistas à vida presente. Com essa certeza ele trabalha com vistas ao futuro sem negligenciar o presente, porque sabe que seu futuro depende da orientação mais ou menos boa que der ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos após a morte, de continuar

⁷ A intuição inata da vida futura é um dos fatores básicos da origem das religiões. (N. do T.)

as relações que tinha na Terra, de não perder o fruto de nenhum de seus trabalhos, de crescer sem cessar em inteligência e perfeição, lhe dá a paciência de esperar e a coragem de suportar as fadigas passageiras da vida terrena. A solidariedade que ele descobre entre os vivos e os mortos lhe faz compreender a que deve existir entre os vivos e desde então a fraternidade revela a sua razão de ser e a caridade o seu objetivo no presente e no futuro.

4 – Para escapar às preocupações com a morte ele precisava encarar a esta no seu verdadeiro sentido, quer dizer, penetrar pelo pensamento no mundo espiritual e fazer sobre ele uma ideia tão exata quanto possível, o que denota no espírito encarnado um certo desenvolvimento e uma certa aptidão para se libertar da matéria. Para os que não estão suficientemente adiantados a vida material ainda se sobrepõe à vida espiritual.

Apegando-se ao exterior, o homem só vê a vida do corpo, quando a vida real é a da alma. O corpo estando privado de vida, tudo lhe parece perdido e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar o seu pensamento nas vestes exteriores, ele o dirigisse para a verdadeira fonte da vida, para a alma, ser real que sobrevive a tudo, lamentaria menos o corpo, fonte de tantas misérias e dores. Mas para isso necessita de uma força que o Espírito só adquire amadurecendo.

A preocupação com a morte está ligada à insuficiência de noções sobre a vida futura. Por isso, quanto mais ela se liga à necessidade de viver, mais aumenta o temor da destruição do corpo como o fim de tudo. Ela é assim provocada pelo secreto desejo de sobrevivência da alma, ainda velada pela incerteza.

A preocupação se enfraquece à medida que se desenvolve a certeza e desaparece por completo quando esta se firma.

Eis o lado providencial da questão. Seria prudente não perturbar o homem cuja razão ainda não esteja suficientemente forte para suportar a perspectiva demasiado positiva e sedutora de um futuro que poderia levá-lo a negligenciar o presente, necessário ao seu progresso material e intelectual⁸.

⁸ A advertência de Kardec, neste pequeno trecho, exige a maior atenção do leitor. Muitas pessoas têm o anseio, justo mas imprudente, de converter todo mundo às suas crenças. O Espiritismo não tem necessidade de proselitismo. Kardec sempre acentuou que ele não veio para os que estão satisfeitos em sua crença ou descrença, mas para os que não o estão e procuram algo mais. Há pessoas que não se acham em condições

5 – Esta situação é mantida e prolongada por causas puramente humanas que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspecto sobre o qual se apresenta a vida futura, aspecto que poderia bastar para as inteligências pouco avançadas, mas não poderia satisfazer às exigências racionais de homens de reflexão. Desde que nos apresentam, dizem estes, como verdades absolutas, princípios contraditados pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que não são verdadeiras. Daí resulta a incredulidade de alguns e para grande número a crença duvidosa. A vida futura é para eles uma vaga ideia, antes uma probabilidade do que uma certeza. Eles desejariam crer, quereriam que fosse verdade e malgrado isso dizem a si mesmos: “Mas se não for assim? O presente é positivo. Ocupemo-nos primeiro dele, o futuro virá por acréscimo.”

“E depois, dizem ainda, o que é na verdade a alma? Um ponto, um átomo, uma centelha, uma flama? Como ela ouve, como vê, como percebe?” A alma não é para eles uma realidade positiva. É uma abstração. Os seus seres queridos, reduzidos à condição de átomos no seu pensamento, estão por assim dizer perdidos para eles, não tendo mais aos seus olhos as qualidades que os faziam amados. Não podem compreender o amor de uma centelha, nem o que se pudesse ter por ela, e eles mesmos não se sentem satisfeitos de ser transformados em mônadas. Daí o seu retorno ao positivismo da vida terrena, que lhes oferece alguma coisa mais substancial. É considerável o número dos que são dominados por esses pensamentos.

6 – Outra razão que amarra às coisas terrenas até mesmo as pessoas que acreditam firmemente na vida futura, liga-se à impressão que conservam de ensinamentos recebidos na infância.

O quadro apresentado pela Religião, a esse respeito, temos de convir que não é muito sedutor nem consolador. De um lado

de compreender os princípios espíritas. Fazê-las aceitar esses princípios pode ser prejudicial. Ao se convencerem, por exemplo, de que a vida espiritual é superior à material, elas poderão desprezar esta última e negligenciar as oportunidades que a atual encarnação lhes oferece para o progresso e a reparação do passado. E isto não se refere apenas às pessoas incultas ou de inteligência reduzida. Também pessoas inteligentes e cultas podem não estar em condições de compreender o problema, em virtude de longos estágios do passado em que insistiram no materialismo e na descrença. (N. do T.)

vemos as contorções dos danados que expiam nas torturas e nas chamas sem fim os seus erros passageiros. Para eles os séculos sucedem aos séculos sem esperança de abrandamento nem de piedade. E o que é ainda mais impiedoso, para eles o arrependimento é ineficaz. De outro lado, as almas sofredoras e exaustas do Purgatório esperando a sua libertação da boa vontade dos vivos que devem orar ou mandar orar por elas, e não dos seus próprios esforços para progredir. Essas duas categorias constituem a imensa maioria da população do outro mundo.

Acima dela paira a restrita classe dos eleitos, gozando pela eternidade de uma beatitude contemplativa. Essa inutilidade eterna, sem dúvida preferível ao nada, nem por isso é menos fastidiosa. É por isso que vemos nas pinturas que retratam os bem-aventurados, as figuras angélicas que respiram mais o tédio do que a verdadeira felicidade.

Essa situação não satisfaz às aspirações nem à ideia instintiva de progresso que é a única compatível com a felicidade absoluta. É difícil conceber que o selvagem e o ignorante de senso obtuso, somente por haverem recebido o batismo, sejam colocados no mesmo nível daquele que chegou ao mais elevado grau da sabedoria e da moral, após longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança morta em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma e de seus atos, goze dos mesmos privilégios, somente por efeito de uma cerimônia a que foi submetida sem nenhuma participação da sua vontade. Esses pensamentos não deixariam de perturbar os mais fervorosos, por pouco que refletissem a respeito.

7 – O trabalho que os faz progredir na Terra não tendo nenhuma influência sobre a felicidade futura, a facilidade com que pensam conquistar essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, a possibilidade mesmo de comprá-la com dinheiro, sem uma reforma séria do caráter e dos costumes, fazem que os gozos do mundo conservem todo o seu valor. Muitos crentes dizem para si mesmos que, se o seu futuro está assegurado pelo cumprimento de certas obrigações formais ou pelas graças que os esperam após a morte, seria tolice fazerem sacrifícios ou sofrerem qualquer coisa em benefício dos outros, uma vez que se pode atingir a salvação trabalhando cada um para si mesmo.

Certamente nem todos pensam dessa maneira, pois há grandes e belas exceções. Mas não se pode negar que não seja esta a

atitude da maioria, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que comumente se faz das condições para a felicidade no outro mundo não entretém o apego aos bens terrenos e, por conseguinte, o egoísmo.

8 – Acrescentemos que tudo, nos nossos costumes, concorre para fazer que lamentemos a perda da vida terrena e tenhamos a passagem da Terra para o Céu. A morte é cercada de cerimônias lúgubres que servem mais para aterrorizar do que para despertar a esperança. Sempre se representa a morte sob um aspecto repulsivo e jamais como um sono de transição. Todos os seus símbolos lembram a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado. Nenhum nos apresenta a alma se despreendendo radiosa dos laços terrenos⁹.

A partida para esse mundo mais feliz é acompanhada das lamentações dos que ficam, como se houvesse acontecido a maior desgraça para aqueles que partiram. Dizem-lhe adeus eterno como se jamais eles pudessem ser vistos de novo. Lamenta-se que tenham perdido os prazeres deste mundo, como se não tivessem de encontrar prazeres maiores no outro. Que infelicidade, dizem, morrer quando ainda se é jovem, rico, feliz e tendo pela frente, um futuro brilhante.

A ideia de uma situação mais feliz apenas passa pela mente, pois não tem raízes suficientes. Tudo concorre, pois, para inspirar o pavor da morte em lugar de despertar a esperança. O homem levará ainda longo tempo, sem dúvida, a se livrar desses prejuízos, mas o conseguirá na medida em que a sua fé se consolide, em que fizer uma ideia mais pura da vida espiritual.

⁹ Essa impressão negativa da morte foi intencional. O objetivo era atemorizar as criaturas a fim de se portarem bem na vida. Há uma relação evidente entre essa ameaça da morte e as ameaças de castigos nas escolas, para garantir o bom comportamento dos alunos. Mas esse recurso, que produziu resultados entre homens ignorantes e brutais, perderia o seu efeito na proporção em que a Civilização se desenvolvesse. Aconteceu com ele o que ensina uma lei da Dialética: o que hoje serve ao progresso, amanhã se torna obstáculo e deve ser removido. Mas, por outro lado, essas cerimônias lúgubres e toda essa ameaça passaram para o plano dos costumes, criou raízes populares e se tornou ainda uma das fontes de renda para as organizações eclesiásticas. Tudo isso impediu, até mais da metade do século XIX, que as religiões organizadas, chamadas positivas, fizessem alguma coisa para acompanhar o progresso cultural. Ainda hoje, apesar das reformas em curso, o problema da morte continua na mesma situação analisada por Kardec. (N. do T.)

9 – A crença vulgar, por outro lado, coloca as almas em regiões que são acessíveis apenas ao pensamento, onde elas se tornam de qualquer maneira estranhas aos que continuam vivos na Terra. A própria igreja coloca entre elas e estes últimos uma barreira intransponível: declara que toda relação está rompida e que toda comunicação é impossível¹⁰.

Se as almas se encontram no inferno, toda esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos que a gente também vá para lá. Se elas se encontram entre os eleitos, estão inteiramente absorvidas pela beatitude contemplativa. Tudo isso coloca entre os mortos e os vivos uma distância imensa que nos faz considerar a separação como eterna.

Eis porque preferimos ter junto a nós, sofrendo na Terra, os seres que amamos, a vê-los partir mesmo que seja para o céu. Além disso, a alma que se encontra no céu será realmente feliz ao ver, por exemplo seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos queimando eternamente?

Por que os espíritas não se preocupam com a morte?

10 - A doutrina espírita muda completamente a maneira de ver-se o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade. A situação das almas após a morte não se explica por meio de um sistema, mas com o resultado da observação. O véu é levantado. O mundo espiritual nos aparece em toda a sua realidade viva. Não foram os homens que o descobriram através de uma concepção engenhosa, mas os próprios habitantes desse mundo que nos vieram descrever a sua situação.

Vemo-los ali em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da ventura e da desgraça, assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Está nisso a causa da seriedade com que os espíritas encaram a morte, da calma dos seus derradeiros

¹⁰ “Na crença vulgar”, diz Kardec, porque a Teologia católica já no seu tempo colocava o problema em termos de estado de consciência. Não obstante, os clérigos continuavam a pregar dos púlpitos em termos de crença vulgar. A comparação que Kardec faz, mais adiante, entre o Inferno pagão e o Inferno cristão, esclarecerá bem este assunto. Quanto ao rompimento absoluto de relações entre vivos e mortos, devemos acentuar que havia e ainda subsiste uma atitude contraditória: a relação pode ser permitida por Deus, em casos excepcionais, mas somente no seio da Igreja. Assim, as comunicações espíritas são condenadas como demoníacas, mas as comunicações católicas, sejam de santos e anjos ou mesmo de almas sofredoras, são consideradas legítimas e até mesmo divulgadas em livros. (N. do T.)

instantes na Terra. O que os sustenta não é somente a esperança, mas a certeza. Sabem que a vida futura não é mais do que a continuação da vida presente em melhores condições, e esperam com a mesma confiança com que aguardam o nascimento do sol depois de uma noite tempestuosa. Os motivos desta confiança estão nos fatos que testemunharam e na concordância desses fatos com a lógica, com a justiça e a bondade de Deus e com as aspirações mais profundas do homem.

Para os espíritas a alma não é mais uma abstração. Ela possui um corpo etéreo que a torna um ser definido, que podemos conceber pelo pensamento. Isso é o suficiente para nos esclarecer quanto à sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A lembrança daqueles que nos são caros repousa, assim, sobre algo real. Não os representamos mais como chamas fugitivas que nada dizem ao nosso pensamento, mas como formas concretas que no-los apresentam melhor como seres vivos.

Além disso, em lugar de estarem perdidos nas profundezas do espaço, estão ao nosso redor: o mundo corpóreo e o mundo espiritual estão em constantes relações e mutuamente se assistem. A dúvida sobre o futuro já não tendo mais lugar, a preocupação com a morte deixa de ter razão. Esperamo-la tranquilamente, como uma libertação, como a porta da vida e não como a do nada¹¹.

¹¹ A ideia de que as almas dos mortos se tornam chamas fugitivas penetrou fundamente na consciência coletiva dos povos. Vemos a sua sobrevivência até mesmo em pessoas esclarecidas que se tornam espíritas. Nas atas das sessões que realizava, por ele mesmo redigidas, o escritor Monteiro Lobato refere -se constantemente aos espíritos como gases, chamas flutuantes etc., o que levava alguns dos comunicantes a endossarem a concepção. Um deles lhe respondeu: "Sou agora uma chamazinha errante." Referindo-se à sua própria morte, Lobato escreveu que iria passar do estado sólido ao gasoso. O Espiritismo nos mostra que a situação do homem após a morte é muito diferente disso. Conservando o corpo espiritual (de que tão precisamente trata o apóstolo Paulo em *I Coríntios*) o espírito desencarnado conserva até mesmo a forma corporal, as características físicas que o distinguem na vida terrena, e pode assim identificar-se em suas manifestações pela vidência, pelos fenômenos de aparição e pelos de materialização. Isso permite, ainda – o que estranha às pessoas que desconhecem o problema — que o espírito se identifique pela sua própria voz nos fenômenos de audição mediúnica ou de comunicação por voz direta. Para melhor compreensão deste problema leia-se o livro de H. Dennis Bradiey: *Rumo às Estrelas*, tradução de Monteiro Lobato, reeditado pela LAKE. As teorias de Johannes são puramente pessoais e não têm valor doutrinário. O que importa nesse livro é a descrição das sessões de voz direta e a prova da sobrevivência espiritual. (N. do T.)

CAPÍTULO III – O CÉU

1 – A palavra céu se aplica geralmente ao espaço infinito que envolve a Terra, e mais particularmente à parte que se eleva sobre o horizonte. Ela vem do latim *coelum*, formada do grego *coilos*: côncavo, porque o céu apresenta o aspecto de uma imensa concavidade. Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, constituídos de matéria sólida e transparente, formando as esferas concêntricas que tinham a Terra por centro. Essas esferas, girando ao redor da Terra, arrastavam com elas os astros encontrados nos seus circuitos.

Essa ideia, decorrente da insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias que fizeram dos céus, assim escalonados, os diferentes degraus da escala da beatitude. O último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete céus. Dai a expressão: *Estar no sétimo céu* para exprimir uma felicidade perfeita. Os muçulmanos admitiam a existência de nove céus, em cada um dos quais a felicidade dos crentes era maior. O astrônomo Ptolomeu contava onze, sendo o último chamado Empíreo em virtude da grande luminosidade que o caracterizava.

Esse é ainda hoje o nome poético dado à região da glória eterna. A teologia cristã reconhece a existência de três céus: O primeiro é a região do ar e das nuvens, o segundo é o espaço em que se movem os astros, o terceiro está além da região dos astros e é a morada do Supremo Ser e dos eleitos que o contemplam face a face. É de acordo com esta crença que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

2 – As diferentes doutrinas referentes à morada dos bem-aventurados repousam todas no duplo erro de que a Terra é o centro do Universo e de que a região dos astros é limitada. É além deste limite imaginário que todas elas colocam a região afortunada e a morada do Todo Poderoso. Estranha anomalia que coloca o autor de todas as coisas, Aquele que a todas governa, nos confins da criação ao invés do centro de onde a irradiação do seu pensamento poderia estender-se ao todo.

3 — A Ciência, com a inexorável lógica dos fatos e da observação, iluminou com a sua luz as profundezas do espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias. A Terra não é mais o

centro do Universo, mas um dos seus menores astros girando na imensidade. O próprio Sol é apenas o centro de um turbilhão planetário. As estrelas são inumeráveis sóis em torno dos quais giram inumeráveis mundos, separados por distâncias que são apenas acessíveis ao nosso pensamento, embora eles nos deem a impressão de se tocarem.

Nesse conjunto, regido por leis eternas que revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra aparece como um ponto imperceptível e um dos menos favoráveis à habitabilidade. Dessa maneira pergunta-se por que Deus a teria feito a única sede da vida e relegado a ela as criaturas de sua predileção. Muito ao contrário, tudo nos diz que a vida se encontra por toda parte e que a Humanidade é infinita como o próprio Universo. A Ciência tendo nos revelado a existência de mundos semelhantes à Terra, é evidente que Deus não os podia ter criado sem finalidade: ele os deve ter povoado de seres capazes de os governar¹².

4 – As ideias do homem estão sempre na razão dos seus conhecimentos. Como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos teve que influir nessas ideias mudando-lhes o curso. Sob a influência dos novos conhecimentos as crenças tiveram de modificar-se. O céu foi deslocado, a região das estrelas, sendo sem limites, não lhe deixa mais espaço. Para onde foi ele? Diante dessa pergunta todas as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la ao demonstrar o verdadeiro destino do homem. A natureza deste último e os atributos de Deus sendo tomados como ponto de partida, chega-se à conclusão. Quer dizer que, partindo do conhecido chega-se ao desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que permitem ao Espiritismo chegar a esse ponto.

¹² A Terra é um dos mundos menos favoráveis à habitabilidade. Esta afirmação de Kardec é de grande importância, pois antecipa conhecimentos que só agora vão se firmando no mundo científico. A vida humana é breve e difícil, lutando o espírito e o corpo com hostilidades de toda espécie no solo planetário. Apesar disso, ainda há quem sustente a ideia de que somente a Terra deve ser habitada. Isso porque o homem se desenvolve aos poucos, penosamente, através dos milênios. Acostumado a encarar as coisas do ponto de vista humano, apega-se hoje ao homocentrismo, como antigamente se apegava ao geocentrismo. O Espiritismo antecipou a Era Cósmica, revelando a pluralidade dos mundos habitados. Consulte-se *O Livro dos Espíritos* a esse respeito e veja-se na coleção da *Revista Espírita* a maneira por que os Espíritos trataram desse problema com Kardec. (N. do T.)

5 – O homem se constitui de corpo e espírito. O Espírito é o ser principal, o ser racional, o ser inteligente. O corpo é o envoltório material que reveste temporariamente o Espírito para o cumprimento da sua missão na Terra, permitindo-lhe executar os trabalhos necessários ao seu adiantamento. O corpo se destrói depois de usado e o Espírito sobrevive a esta destruição. Sem o Espírito o corpo é apenas matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o movimenta. Sem o corpo, o Espírito continua integral: É vida e inteligência. Deixando o corpo ele volta ao mundo espiritual de que saíra para se encarnar.

Há, portanto, o mundo corpóreo, constituído pelos Espíritos encarnados, e o mundo espiritual, constituído dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corpóreo, em razão do seu envoltório material, estão ligados à Terra ou a qualquer outro globo. O mundo espiritual estende-se por toda parte, ao redor de nós e através do espaço. Nenhum limite podemos assinalar para ele. Em razão da natureza fluídica do seu envoltório, os seres que o constituem não se arrastam penosamente sobre o solo, mas atravessam as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retinham cativos.

6 – Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dispendo de aptidão para todas as aquisições e para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e por conseguinte novas possibilidades de prazer, desconhecidas dos Espíritos inferiores. Eles veem, ouvem, sentem e compreendem aquilo que os Espíritos atrasados não podem ver, nem ouvir, nem sentir e nem compreender.

A felicidade está na razão do progresso realizado. Dessa maneira, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz como o outro unicamente porque não é tão avançado intelectual e moralmente como ele, sem haver necessidade de cada um se encontrar numa região diferente.

Embora estando lado a lado, um pode se encontrar nas trevas enquanto para o outro tudo é resplandecente ao seu redor, da mesma maneira como um cego e um vidente podem se dar as mãos. Um percebe a luz que, entretanto, não impressiona o outro. A felicidade dos Espíritos, sendo inerente às suas próprias qualidades, eles a gozam por toda parte, onde quer que se encontrem, na face da Terra, entre os encarnados ou no espaço .

Uma comparação vulgar nos permitirá compreender ainda melhor esta situação. Se, num concerto se encontram dois homens: um bom músico de ouvidos exercitados, o outro sem conhecimentos musicais e de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimenta uma sensação de felicidade enquanto o segundo permanece insensível. Isso porque um percebe e compreende o que não produz nenhuma impressão sobre o outro. Assim acontece com todas as alegrias dos Espíritos que estão na razão direta das suas aptidões para senti-las. O mundo espiritual está repleto de esplendores, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda sujeitos às influências da matéria, não podem sequer entrever, pois são acessíveis apenas aos Espíritos depurados¹³.

7 – O progresso dos Espíritos é o resultado do seu próprio trabalho. Mas como eles são livres e trabalham para o seu adiantamento com maior ou menor atividade ou negligência, segundo a sua vontade, eles apressam assim ou retardam o seu próprio progresso, o que vale dizer a sua felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros se arrastam por longos séculos nos lugares inferiores. Eles são, portanto, os próprios artífices da sua situação feliz ou desgraçada, segundo estas palavras do Cristo: “A cada um segundo as suas obras.” Cada Espírito que fica atrasado só pode lamentar-se de si mesmo, como aquele que avança tem todo o mérito do seu progresso: A felicidade que conquistou tem assim mais valor aos seus próprios olhos¹⁴.

¹³ Assim, o Espiritismo confirma o adágio: “A felicidade está dentro de nós”, mas ao mesmo tempo desmente a suposição (da elite e não do povo) de que os ignorantes são mais felizes que os instruídos. Como pode uma criatura ignorante e grosseira sentir a verdadeira felicidade? Sujeita aos instintos animais, presa de interesses mesquinhos, apegada a prazeres passageiros a felicidade dessas criaturas é ilusória e está arriscada a decepções contínuas. Na proporção em que a criatura se eleva os seus sentidos se refinam, os seus prazeres passam do plano das sensações materiais para o das sensações íntimas, espirituais, a sua felicidade se amplia em perspectivas jamais suspeitadas. Ela atinge, então, aquele estágio da evolução em que a felicidade se torna permanente e invariável, não perturbada por nenhum fato exterior, pois para esses fatos ela possui também uma visão e uma compreensão que nos escapa, e recursos que não possuímos para prestar ajuda e socorro eficientes. Não devemos, porém, confundir criaturas ignorantes e grosseiras com criaturas pobres, nascidas em meio social obscuro, desprovidas da cultura do mundo mas providas da cultura e do refinamento da alma. As condições sociais da Terra não correspondem às condições evolutivas do espírito. (N. do T.)

¹⁴ O mérito do progresso implica também o desenvolvimento da responsabilidade. O Espírito que fracassa numa encarnação não retrocede no plano evolutivo, mas sente enfraquecer-se moralmente. Isso aumenta a sua necessidade de esforço próprio para

A felicidade suprema é prêmio exclusivo dos Espíritos perfeitos, o que vale dizer dos Espíritos puros. Eles a atingem só depois de haver progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente andam juntos, mas o que o Espírito não consegue num determinado tempo, o consegue em outro, de maneira que essas duas formas de progresso acabam por atingir o mesmo nível. Essa a razão pela qual frequentemente se veem homens inteligentes e instruídos que são muito pouco avançados no terreno moral, e *vice versa*.

8 – A encarnação é necessária ao Espírito para conseguir esse duplo progresso, intelectual e moral. O progresso intelectual é realizado pela atividade que é obrigado a desenvolver nos seus trabalhos. O progresso moral, pela necessidade das relações mútuas entre os homens. A vida social é a pedra de toque das boas e das más qualidades. A bondade, a maldade, a mansidão, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hipocrisia, em uma palavra tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso tem por motivo, por alvo e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes. Para o homem que vive só não há vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, também anula as possibilidades do bem¹⁵.

9 – Uma só existência corpórea é evidentemente insuficiente para o Espírito adquirir tudo o que lhe falta no campo do bem e se

recuperação do tempo perdido. O Espírito vitorioso dá o que podemos chamar um salto no tempo, o que aumenta a sua fé em Deus e a sua confiança em si mesmo. Ele se fortalece moralmente e eleva o seu senso de responsabilidade. Dali por diante as vitórias morais lhe serão mais fáceis. O progresso espiritual se verifica através dos saltos qualitativos de que trata Kierkegaard em seu ensaio sobre *O Conceito de Angústia*. Ao saltar no tempo o Espírito realiza também o salto interior da sua transformação moral. (N. do T.)

¹⁵ Eis a razão por que o Espiritismo é inteiramente contrário ao misonéismo, ao isolamento da criatura, mesmo a pretexto de consagrar-se a Deus. A dinâmica do desenvolvimento moral está sujeita à dinâmica do processo social. É na vida social que nos desenvolvemos moralmente. Se trabalhando a Natureza e as coisas, trabalhamos a nós mesmos, despertando nossa inteligência, por outro lado é no meio social que conseguimos o desenvolvimento moral, despertando a nossa afetividade. Fugir da vida social é portanto fugir de nós mesmos, fugir da própria finalidade da nossa encarnação. As igrejas começam agora a compreender isso, tomando as primeiras providências para acabar com os processos retrógrados de isolamento religioso a pretexto de viver para Deus. Só vivemos para Deus servindo ao próximo. (N. do T.)

desfazer de tudo o que possui de mal. O selvagem, por exemplo, jamais poderia atingir numa só encarnação o nível moral e intelectual de um europeu dos mais avançados. Isso seria materialmente impossível. Deveria ele então permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos gozos que só o desenvolvimento das suas faculdades lhe pode proporcionar? O simples bom senso repele essa suposição, que seria ao mesmo tempo a negação da justiça e da bondade de Deus, bem como da lei de progresso que rege a Natureza. Eis porque Deus, soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas existências quantas forem necessárias para atingir o seu objetivo, que é a perfeição.

Em cada nova existência o Espírito se apresenta com o que adquiriu nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Cada existência é assim um passo dado no caminho do progresso¹⁶.

A encarnação é inerente à condição de inferioridade dos Espíritos. Ela se torna desnecessária para aqueles que romperam esses limites e progrediram espiritualmente ou nas existências corporais dos mundos superiores, onde nada mais existe da materialidade terrena. Para esses a encarnação é voluntária, com o fim de exercer sobre os encarnados uma ação mais direta no cumprimento das missões de que estiverem encarregados. Eles aceitam as suas vicissitudes e os seus sofrimentos por abnegação.

10 – No intervalo das existências corpóreas, o Espírito volta por tempo mais ou menos longo ao mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que tenha praticado. O estado

¹⁶ Temos aqui um princípio bem conhecido de Pedagogia. A Educação não tem por finalidade transmitir conhecimentos, mas preparar o educando para a aquisição de conhecimentos. O que se passa na reencarnação é precisamente isso. Podemos aprender muito numa existência, mas não são os conhecimentos formais que interessam ao Espírito, e sim o seu treinamento no aprendizado que desperta as suas faculdades cognitivas, a sua capacidade de aprender. Cada encarnação predispõe o Espírito a assimilar conhecimentos mais avançados na seguinte. Por isso é que não nascemos com a cabeça cheia de dados e informações, mas aparelhada com as intuições que nos determinam a vocação e a habilidade para diversos setores de atividades. A vida social é necessária porque só ela possui os estimulantes capazes de despertar no cérebro novo que vamos possuir as suas faculdades latentes. Isso explica o motivo por que as crianças abandonadas na selva ou isoladas do meio social não revelam desenvolvimento mental. Lembremos a maiêutica de Sócrates, ou seja, o processo por ele usado para arrancar o conhecimento de dentro dos seus próprios discípulos, ao invés de aplicar-lhes o ensino didático. (N. do T.)

espiritual é a situação normal do Espírito, pois esse deve ser o seu estado definitivo, e porque o corpo espiritual nunca morre. O estado corpóreo é apenas transitório, passageiro. É, sobretudo, no estado espiritual, que ele recolhe os frutos do progresso realizado durante a encarnação. É então que ele também se prepara para novas lutas e toma resoluções que se esforçará para pôr em prática no seu retorno ao seio da humanidade.

O Espírito progride igualmente na erraticidade. Nela adquire conhecimentos especiais que não poderia adquirir na Terra. Suas ideias então se modificam. O estado corpóreo e o estado espiritual são para ele as fontes de duas formas de progresso que se desenvolvem solidárias. É por isso que ele passa alternativamente por esses dois modos de existência¹⁷.

11 – A reencarnação pode se dar na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos há os mais avançados, onde a existência decorre em condições menos penosas do que na Terra, física e moralmente. Mas nesses mundos só são admitidos os Espíritos que chegaram ao grau de perfeição a eles correspondente.

A vida nos mundos superiores já é em si mesma uma recompensa, porque ali estaremos livres dos males e das vicissitudes que enfrentamos neste mundo. Os corpos menos materiais, quase fluídicos, não estão sujeitos às doenças, às dificuldades e nem mesmo às necessidades dos nossos. Os maus espíritos estando excluídos deles, os homens vivem em paz, cuidando apenas do seu progresso pelo trabalho da inteligência.

Nesses mundos, reinando a verdadeira fraternidade, não existe o egoísmo. A igualdade é legítima, porque não existe o orgulho. A liberdade é verdadeira porque não existem desordens que exijam repressão, nem ambições tentando oprimir os fracos. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos e

¹⁷ Vê-se claramente, neste trecho, como a cultura terrena é ainda apenas uma meia-cultura. Função do Espiritismo é completar essa cultura, dando-lhe as dimensões da realidade espiritual. A alternância de vidas, na Terra e no Espaço, faz do homem, não o existente das Filosofias existenciais, mas um interexistente. Mesmo na encarnação essa condição interexistencial se revela de maneira inegável. Os homens vivem no estado de vigília, no estado de hipnose, ou de sono. Além disso, possuem a mediunidade que a Parapsicologia denomina de funções *psí*, e através dessas funções ele se coloca num intermúndio, vivendo ao mesmo tempo em dois planos diferentes, mas conjugados. Veja-se este problema em *O Ser e a Serenidade*, edição Ed. Paidéia (N. do T.)

representam as diversas etapas da rota do progresso que conduz o Espírito ao seu estado definitivo. A Terra, sendo um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, é essa a razão por que o mal nela domina até que praza a Deus transformá-la em morada de Espíritos adiantados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente, à medida que se desenvolve vai chegando ao apogeu da felicidade. Mas antes de atingir o ponto culminante da perfeição ele já goza de uma felicidade relativa ao seu progresso. É como a criança que gosta dos brinquedos nos seus primeiros anos, mais tarde prefere os prazeres da juventude e finalmente aqueles mais verdadeiros da idade madura.

12 – A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como frequentemente se diz, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual, em todos os seus graus, é pelo contrário uma atividade constante, mas livre de fadiga. A suprema felicidade consiste em desfrutar todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem humana poderia exprimir, que a mais fecunda imaginação não poderia conceber. Consiste ainda no conhecimento e na compreensão de todas as coisas, na ausência de qualquer sofrimento físico e moral, na satisfação íntima, na serenidade do espírito que nada altera, no amor que une a todos os seres e, portanto, na ausência de todo o aborrecimento proveniente da relação com os maus, e acima de tudo na visão de Deus e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos.

Mas ela está também no exercício das funções que felicitam o Espírito encarnado. Os Espíritos puros são os Messias ou mensageiros de Deus para transmissão e a execução de seus desígnios. Eles cumprem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, incumbência gloriosa a que só chegam pela perfeição. Os de ordem mais elevada são os únicos que estão no segredo de Deus e se inspiram no seu pensamento, do qual são os representantes diretos.

13 – As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu progresso, ao seu esclarecimento, às suas capacidades, à sua experiência e ao grau de confiança que merecem do Soberano Senhor. Não existem privilégios nem favores que não decorram

do próprio mérito. Tudo é medido pela mais estrita justiça. As missões mais importantes só são confiadas aos que Deus sabe que estão em condições de cumpri-las e são incapazes de falir ou de comprometê-las na sua realização.

Enquanto sob o próprio olhar de Deus os mais dignos constituem o conselho supremo, aos principais Espíritos é entregue a direção dos turbilhões planetários e, aos outros, a dos mundos especiais. Vêm em seguida, na ordem do adiantamento e da disposição hierárquica, as atribuições mais restritas dos que são incumbidos da orientação dos povos, da proteção às famílias e aos indivíduos, de impulsionar cada ramo do progresso, das diversas operações da Natureza, até aos mais íntimos detalhes da criação. Nesse vasto e harmonioso conjunto há ocupações para todas as boas disposições. São ocupações aceitas com alegria e solicitadas com ardor porque representam um meio de adiantamento para os Espíritos que desejam elevar-se.

14 – Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há também as de todos os graus de importância entregues aos Espíritos de todas as ordens, o que nos permite dizer que cada encarnado tem a sua, ou seja: deveres a cumprir para o bem de seus semelhantes, desde o pai de família a quem incumbe o cuidado de fazer progredir os filhos, até o homem de gênio que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que frequentemente se verificam as falências, as prevaricações, as omissões, que entretanto só prejudicam ao próprio indivíduo e não ao conjunto.

15 – Todas as inteligências concorrem para a obra geral, qualquer que seja o seu grau de desenvolvimento, cada uma na medida das suas possibilidades. Umas como encarnadas, outras como Espíritos. Por toda parte deparamos com a atividade, desde o mais baixo ao mais alto da escala, todos se instruindo, se ajudando mutuamente, se apoiando e se dando as mãos para atingirem o alvo.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo, ou seja entre os Espíritos e os homens, entre os Espíritos livres e os Espíritos cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e pela continuidade das relações, as verdadeiras simpatias e as mais sagradas afeições.

Por toda parte, pois, há vida e movimento. Não há um recanto do infinito que não esteja povoado, nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiosos, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja visão enche de admiração e de alegria as almas libertas da matéria. Por toda parte enfim, a felicidade relativa a todos os graus de progresso, por todos os deveres cumpridos. Cada um carrega consigo os elementos de sua própria felicidade, na razão da categoria em que o coloca o seu grau de adiantamento.

A felicidade decorre das próprias qualidades dos indivíduos e não da condição material do meio em que se encontram. Ela está, portanto, em toda parte onde existam Espíritos capazes de ser felizes. Nenhum lugar determinado existe para ela no Universo. Em qualquer lugar que se encontrem, os Espíritos puros podem contemplar a grandeza divina porque Deus está em tudo.

16 – Entretanto, a felicidade não é pessoal. Se somente a possuímos em nós mesmos, se não pudermos partilhá-la com os outros, ela será egoísta e triste. Ela está também na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraídos uns aos outros pela semelhança de ideias e gostos, de sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades e se beneficia dos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto. Os membros destes, ora se afastam para cumprir sua missão, ora se reúnem em algum lugar do espaço para se comunicarem os resultados dos seus trabalhos, ora se reúnem em redor de um Espírito de ordem superior para receber os seus conselhos e as suas instruções.

17 – Embora os Espíritos estejam por toda parte, os mundos constituem os lares em que eles de preferência se reúnem, em razão da sintonia existente entre eles e os que os habitam. Ao redor dos mundos adiantados a maioria dos Espíritos são superiores, ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. Cada globo tem, portanto, de qualquer maneira, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, que se sustenta na maior parte pela encarnação e a desencarnação sucessivas. Essa população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais apegados à matéria, e é mais flutuante nos mundos superiores.

Mas dos mundos que são focos de luz e de felicidade partem Espíritos que se dirigem aos mundos inferiores para neles semear os germes do progresso, para levar-lhes a consolação e a esperança, reerguendo os ânimos abatidos pelas provas da vida e às vezes neles se encarnando para cumprir com mais eficácia a sua missão.

18 – Nessa imensidade sem limites, onde está o céu? Está por toda parte, nada o cerca nem lhe serve de limites. Os mundos felizes são as últimas estações do caminho que a ele conduz, as virtudes favorecem a caminhada e os vícios impedem o seu acesso. Ao lado desse quadro grandioso que povoa todos os recantos do universo, que dá uma finalidade e uma razão de ser a todas as coisas da criação, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a humanidade num imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando num determinado instante para igualmente acabar um dia com o mundo que a carrega, tudo isso apenas num minuto dentro da eternidade!

Como é triste, fria e glacial essa doutrina quando nos apresenta todo o resto do universo, antes, durante e após a existência da humanidade terrena, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Como é desesperadora ao figurar-nos um pequeno número de eleitos entregues à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas é condenada aos sofrimentos sem fim! Como é pungente para os corações amorosos a barreira que ela coloca entre os mortos e os vivos! As almas felizes, dizem, só pensam na sua felicidade e aquelas que são infelizes somente nas suas penas. É de admirar-se que o egoísmo reine sobre a Terra, quando no-lo mostram no próprio céu? Como, pois é estreita a ideia que ela nos oferece da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Mas como é sublime, ao contrário, a que o Espiritismo nos proporciona! Como a sua doutrina engrandece os conceitos, alarga o pensamento! Quem nos diz, porém, que ela é verdadeira? Primeiramente, a razão, em seguida, a revelação; depois, sua concordância com o desenvolvimento da ciência. Entre duas doutrinas, em que uma diminui e a outra amplia os atributos de Deus; uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; uma permanece no passado e a outra marcha para o futuro, o bom senso nos diz de que lado está a verdade. Que diante das duas, cada um, no seu foro íntimo

consulte as suas aspirações e uma voz interior lhe responderá. As aspirações são a própria voz de Deus que não pode enganar os homens¹⁸.

19 – Mas então por que Deus não revelou desde o princípio, toda a verdade? Pela mesma razão que não se ensina às crianças o que se deve ensinar na idade madura. A revelação restrita era suficiente durante um certo período do desenvolvimento da humanidade. Deus a proporciona na medida da força dos espíritos. Estes recebem hoje uma revelação mais completa dada pelos mesmos Espíritos que já lhe deram uma revelação parcial em outro tempo, porque desde então desenvolveram-se em inteligência.

Antes que a ciência tivesse revelado aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, a verdadeira posição e o processo de formação da Terra, poderiam eles compreender a imensidade do espaço e a multiplicidade dos mundos? Antes que a geologia tivesse provado como a Terra se formou, teriam eles podido desalojar o inferno do seu interior e compreender o sentido alegórico dos seis dias da criação? Antes que a astronomia tivesse descoberto as leis que regem o universo, teriam podido compreender que no espaço não existe alto nem baixo, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Antes do desenvolvimento das ciências psicológicas poderiam identificar-se com a sua natureza espiritual, poderiam conceber, após a morte uma vida feliz ou infeliz que não estivesse circunscrita a determinado lugar e sob uma forma material?

Não. Compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o universo era demasiado vasto para essa compreensão, sendo necessário reduzi-lo a proporções menores para que pudesse caber na sua perspectiva mental, reservando-se para mais tarde a sua verdadeira compreensão. Uma revelação parcial tinha portanto a sua utilidade. Era prudente então, mas hoje é insuficiente. O erro está em se querer, não levando em conta o progresso da cultura, governar os homens

¹⁸ As aspirações humanas provêm dos desígnios de Deus referentes ao destino da humanidade. Todas as criaturas trazem no seu íntimo a intuição do sentido e da finalidade da sua existência. Foi isso que Descartes descobriu no famoso episódio do *cogito*, constatando que a ideia de Deus é inata no homem. Essa a razão de Kardec afirmar que as aspirações são a voz de Deus. (N. do T.)

amadurecidos com os preceitos que se aplicavam à infância. (Ver *O evangelho segundo o espiritismo*, Cap. III.)

CAPÍTULO IV – O INFERNO

Intuição das Penas futuras – O Inferno cristão copiado do Inferno pagão
Os limbos – Quadro do Inferno cristão

Intuição das penas futuras

1 – Em todos os tempos o homem acreditou, por intuição, que a vida futura devia ser feliz ou infeliz segundo o bem ou o mal que se tivesse feito neste mundo. Mas a ideia que ele fez a respeito estava em relação com o desenvolvimento do seu senso moral e com as noções mais ou menos justas que possuía do bem e do mal. As penas e as recompensas são reflexos dos instintos que nele predominavam.

Foi assim que os povos guerreiros colocaram as suas supremas felicidades nas honrarias tributadas à bravura; os povos caçadores na abundância da caça; os povos sensuais nos prazeres da voluptuosidade. Enquanto dominado pela matéria, o homem só pode compreender imperfeitamente a espiritualidade. Foi por isso que ele fez das penas e dos gozos futuros um quadro mais material do que espiritual. Imaginou que se deve beber e comer no outro mundo, mas de maneira melhor do que na Terra e servindo-se de coisas melhores.

Mais tarde vamos encontrar nas crenças sobre o futuro uma mistura de espiritualidade e materialidade. É assim que ao lado da bem-aventurança contemplativa ele coloca um inferno de torturas físicas.

2 – Não podendo conceber se não o que via, o homem primitivo decalcou naturalmente o seu futuro da vida presente. Para compreender coisas diferentes das que tinha sob os olhos faltava-lhe o desenvolvimento intelectual que só devia realizar-se com o tempo. Da mesma maneira, o quadro que compôs dos castigos da vida futura é o reflexo das maldades humanas, mas em maior proporção. Reuniu todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontrou na Terra. É assim que nas regiões de clima quente imaginou um inferno de fogo e nas regiões boreais um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o sentido que mais tarde lhe permitiria compreender o mundo espiritual, ele

só podia conceber penalidades materiais. Eis por que, com algumas pequenas diferenças formais, o inferno é semelhante em todas as religiões.

O Inferno cristão imita o pagão

3 – O inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, é o modelo mais grandioso do gênero e se perpetuou, projetando-se como o dos cristãos, que teve também os seus poetas. Comparando-os podemos encontrar, salvo os nomes e algumas variações de detalhes, numerosas analogias entre eles. Num e noutro, o fogo material é o elemento básico das torturas porque simboliza os mais cruéis sofrimentos. Mas, coisa estranha! – os cristãos conseguiram, em diversos sentidos, exagerar o inferno dos pagãos. Se estes últimos tinham no seu o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo, esses eram suplícios individuais. O inferno cristão tem por toda parte caldeiras ferventes, cujas tampas os anjos erguem para verem as contorções dos condenados. Deus ouve sem piedade os gemidos desses últimos pela eternidade. Jamais os pagãos figuraram os habitantes dos Campos Elísios inspecionando os suplícios do Tártaro.

4 – À semelhança dos pagãos, os cristãos têm o seu rei dos infernos que é Satanás, com a diferença de que Plutão se limitava a governar o império sombrio que havia recebido, mas sem praticar maldades. Ele retinha nesse império os que haviam praticado o mal, por que essa era a sua missão, mas não procurava induzir os homens ao mal pelo prazer de os submeter ao sofrimento. Satanás entretanto recruta as suas vítimas por toda parte e se alegra de fazê-las atormentar por legiões de demônios armados de tridentes para revolvê-los nas chamas. Tem-se mesmo discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima sem cessar os condenados, sem jamais os consumir, chegando-se a perguntar se seria um fogo de betume. O inferno cristão não permite, pois, que o inferno pagão o exceda em nada.

5 – As mesmas razões que fizeram os antigos localizar a morada da felicidade, determinaram também que se localizasse a dos suplícios. Tendo localizado a primeira nas regiões superiores, era

natural que colocassem a segunda nas inferiores, no centro da Terra, para o qual, segundo se acredita, certas cavernas sombrias e de aspecto assustador serviam de entrada.

Foi assim também que os cristãos, durante longo tempo localizaram o lugar dos condenados. Notemos ainda a esse respeito, outra analogia.

O inferno dos pagãos tinha de um lado os Campos Elísios e, de outro, o Tártaro. O Olimpo, morada dos deuses, dos homens divinizados, ficava nas regiões superiores. Segundo a letra do Evangelho, Jesus desceu aos infernos, ou seja, nos lugares baixos para tirar dali as almas dos justos que esperavam a sua vinda. Os infernos não eram, portanto, apenas um lugar de suplicio. À semelhança do que acontecia entre os pagãos eles estavam também nas regiões inferiores. Assim como o Olimpo, a morada dos anjos e dos santos estava nas regiões elevadas, colocada para lá do céu das estrelas, que se considerava limitado.

6 — Essa mistura das ideias pagãs com as cristãs nada tem que nos deva surpreender. Jesus não podia destruir de repente as crenças enraizadas. Os homens não dispunham dos conhecimentos necessários para conceber o espaço como infinito e povoado de mundos em número infinito. A Terra era para eles o centro do universo. Não conheciam a sua forma nem a sua estrutura interior. Tudo lhes parecia limitado segundo a sua compreensão: as noções referentes ao futuro não poderiam exceder os limites dos seus conhecimentos.

Jesus se encontrava, pois, na impossibilidade de iniciá-los no verdadeiro conhecimento da realidade. Mas, de outro lado, não querendo sancionar com a sua autoridade os prejuízos dominantes, preferiu abster-se, deixando ao tempo o trabalho de retificar as ideias errôneas. Limitou-se a falar vagamente da vida de bem-aventurança e dos castigos que esperavam os culpados. Mas em parte alguma, nos seus ensinamentos, encontra-se o quadro dos suplícios corporais que os cristãos transformaram em artigo de fé.

Eis como a ideia do inferno pagão perpetuou-se até os nossos dias. Era necessária a difusão dos conhecimentos nos tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para lhe dar a justa medida. Mas como nada de positivo pode ser colocado em lugar dessas velhas concepções, ao longo período

dominado por uma crença cega sucedeu, como fase de transição, o período da incredulidade ao qual a nova revelação vem pôr um fim. Era necessário demolir para depois reconstruir, porque é mais fácil fazer aceitar as ideias justas pelos que em nada acreditam, em virtude de sentirem que apesar disso alguma coisa lhes falta, do que aos que já possuem uma fé robusta, embora absurda.

7 — Pela localização do céu e do inferno as seitas cristãs foram levadas a admitir que só existiam para as almas duas situações extremas: a perfeita felicidade e o sofrimento absoluto. O Purgatório é apenas uma posição intermediária e passageira, da qual elas passam sem transição para a região dos bem-aventurados. Nem poderia ser de outra maneira, dada a crença no destino definitivo da alma após a morte. Havendo apenas duas regiões, a dos eleitos e a dos condenados, não se pode admitir variedade de graus em cada uma delas sem aceitar a possibilidade de as franquear, o que levaria como consequência ao progresso. Ora, se houvesse progresso não haveria sorte definitiva. Havendo sorte definitiva não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”.

Os Limbos

8 — É verdade que a Igreja admite para certos casos particulares uma situação especial. As crianças mortas em tenra idade, não tendo praticado o mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno. De outro lado, não tendo praticado o bem, não possuem nenhum direito à felicidade suprema. São então, diz ela, enviadas aos limbos, situação mista e jamais definida, na qual, embora não sofrendo, não gozam também da felicidade perfeita. Mas desde que a sua sorte já está irrevogavelmente fixada, elas estão privadas da felicidade por toda a eternidade.

Essa privação, desde que não dependeu delas, equivale a um suplício eterno imerecido. Acontece o mesmo com o selvagem, que não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, pecam por ignorância, abandonando-se aos instintos naturais e não podem ter culpa nem mérito como os que agem em conhecimento de causa.

A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da justiça de Deus. Porque esta justiça encontra-se toda nestas palavras do Cristo: “A cada qual segundo suas obras”. Mas é necessário entender por isso as boas ou más obras que se praticam livremente, voluntariamente, pois são as únicas que acarretam responsabilidade. Não é esse o caso da criança, nem do selvagem ou qualquer outro cujo esclarecimento não tenha dependido da sua própria vontade.

Quadro do inferno pagão

9 – Só conhecemos o inferno pagão através das composições dos poetas. Homero e Virgílio nos deram a definição mais completa, mas devemos considerar as exigências formais da poesia nessas descrições. A de Fênelon no *Telêmaco*, embora originária da mesma fonte quanto às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais precisa da prosa. Descreve o aspecto lúgubre dos vários lugares e procura ressaltar sobretudo o gênero dos sofrimentos a que são submetidos os culpados, estendendo-se bastante sobre o destino dos maus reis, isso em virtude da instrução que dava ao seu aluno real.

Por mais popular que seja a sua obra, muitas pessoas não terão de memória essa descrição ou não puderam refletir bastante sobre ela para fazer uma comparação. Eis porque julgamos útil reproduzir os trechos que apresentam relação mais direta com o nosso assunto, ou seja, aqueles que se referem especialmente às penas individuais.

10 – Entrando, Telêmaco ouve outros gemidos de uma sombra que não encontrava consolação. – Qual é, diz ele, – a vossa desgraça? O que fostes na terra? – Eu era, – respondeu-lhe a sombra, – Nabofarzan, rei da soberba Babilônia, e todos os povos do Oriente tremiam ao simples som do meu nome. Fiz-me adorar pelos babilônios no templo de mármore onde estava representado por uma estátua de ouro, diante da qual eram queimados dia e noite os mais preciosos perfumes da Etiópia. Ninguém jamais ousou me contradizer sem ter sido imediatamente punido. Eu inventava cada dia novos prazeres para tornar minha vida mais deliciosa. Era então jovem e robusto. Mas, oh!

desgraça! embora muito ainda me restasse para gozar sobre o trono, uma mulher que amei e que não me amava me fez logo sentir que eu não era um deus: envenenou-me e hoje nada mais sou. Puseram pomposamente as minhas cinzas numa urna de ouro. Choraram, arrancando os cabelos ao redor. Ela ameaçou atirar-se nas chamas em que me incineravam, para morrer comigo e ainda hoje vai chorar aos pés do soberbo túmulo a que lançaram as minhas cinzas. Mas ninguém me lamenta e minha memória causa horror mesmo na minha família, enquanto sofro aqui embaixo horríveis tratamentos.

Telêmaco, emocionado com o drama, lhe diz: foste verdadeiramente feliz durante o vosso reinado, sentíeis essa doce paz sem a qual o coração permanece sempre oprimido e abatido em meio das delícias? – Não, respondeu o babilônio, nem mesmo compreendo o que quereis dizer. Os sábios louvam essa paz como o único bem, mas de minha parte jamais a senti. Meu coração estava incessantemente agitado por novos desejos, por temores e esperanças. Eu procurava esquecer-me de mim na confusão das minhas paixões. Cuidava de entreter essa embriaguez para que não cessasse, pois o menor intervalo de raciocínio normal me teria sido demasiado amargo. Eis a paz que desfrutei. Qualquer outra me parece uma fábula ou um sonho. Eis os bens que lamento.

Assim falando, o babilônio chorava como um homem pusilânime que se deixou debilitar pelas comodidades, não se tendo jamais acostumado a suportar a desgraça. Tinha ao seu lado alguns escravos que fizeram morrer nas honras dos seus funerais. Mercúrio os havia entregado a Caronte com o seu rei, dando-lhes um poder absoluto sobre esse rei que haviam servido na Terra.

Essas sombras de escravos não temiam mais a sombra de Nabofarzan, mas a mantinham acorrentada e a submetiam as mais cruéis humilhações. Uma lhe dizia: Nós também não éramos homens, tanto como tu? Como pudeste ser tão insensato para te considerar como um deus, não te lembrando de que pertencias à mesma raça dos homens? – Uma outra o insultava dizendo: – Tinhas razão de não querer que te considerassem como um homem, porque eras um monstro sem humanidade. – Outra lhe falava assim:

Muito bem! Onde estão agora os teus adutores? Não tens mais nada a dar, infeliz! E não podes mais fazer nenhum mal; eis que te tornaste escravo dos teus próprios escravos; os deuses demoram a fazer justiça, mas por fim a fazem.

A essas duras palavras Nabofarzan se atirava com o rosto na terra, arrancando os cabelos numa explosão de raiva e desespero. Mas Caronte dizia aos escravos: – Puxai-o pela corrente, erguei-o mesmo que ele não queira, pois ele não terá nem mesmo a consolação de ocultar a própria vergonha. É necessário que todas as sombras da Esfinge o testemunhem para justificar os deuses, que tão longamente suportaram o reinado desse ímpio na Terra.

Logo ele percebeu, bem próximo dele, o Tártaro negro. Subia deste uma fumaça escura e espessa, cujo odor empestado causaria a morte se ela se expandisse pela região dos vivos. Essa fumaça cobria um rio de fogo com turbilhões de chamas, e o seu ruído, semelhante ao das mais impetuosas correntes, quando se lançam dos mais altos rochedos ao fundo dos abismos, fazia que não se pudesse ouvir com clareza nesses tristes lugares.

Telêmaco, secretamente influenciado por Minerva, entrou sem temor nesse báratro. Percebeu de início um grande número de homens que haviam vivido nas mais baixas condições e que eram punidos por haverem buscado as riquezas por meio de fraudes, de traições e de crueldades. Notou ali muitos ímpios e hipócritas que fingindo amar a religião, dela se haviam servido como um bom pretexto para satisfazer as suas ambições, aproveitando-se da credulidade alheia. Esses homens que haviam abusado da própria virtude, embora sendo ela o mais valioso dom dos deuses, eram punidos como os piores entre os celerados.

Os filhos que haviam matado pais e mães, as esposas que haviam manchado suas mãos no sangue dos próprios maridos, os traidores que haviam entregado a pátria violando todos os juramentos sofriam penas menos cruéis do que esses hipócritas. Os três juizes dos infernos assim determinaram, e eis as suas razões: esses hipócritas, não se contentando de ser maus como os demais ímpios, querem ainda passar por bons e fazem por sua falsa virtude que os homens não mais queiram acreditar na virtude verdadeira. Os deuses, dos quais eles se serviram,

tornando-os desprezíveis para os homens, sentem prazer ao empregar todo o seu poder para vingar-se dos seus insultos. Ao lado desses estavam outros homens que o vulgo não considera culpados, mas que a vingança divina persegue impietosamente. São os ingratos, os mentirosos, os vaidosos que se louvaram no vício, os críticos maliciosos que não temeram manchar a mais pura virtude. Por fim, os que julgaram temerariamente sem conhecer as coisas a fundo, com isso prejudicando a reputação dos inocentes.

Vendo os três juizes que estavam sentados e condenavam um homem, Telêmaco ousou perguntar-lhes quais eram os crimes do mesmo. No mesmo instante o condenado, tomando a palavra, exclamou: – Nunca fiz nenhum mal, sempre tive o maior prazer em fazer o bem, fui magnânimo, liberal, justo e compassivo. Do que me podem acusar? – Então Minos lhe disse: Não se te reprova nada em relação aos homens, mas não devias menos aos homens do que aos deuses? Qual é, pois, essa justiça de que te vanglorias? Não faltaste com nenhum dever no tocante aos homens, que nada são. Foste virtuoso, mas referiste toda a tua virtude a ti mesmo e não aos deuses, que a concederam a ti, por que querias gozar os frutos da tua própria virtude, vangloriando-te em ti mesmo: foste a tua própria divindade. Mas os deuses, que tudo fizeram unicamente por si mesmos não podem renunciar aos seus direitos. Tu os esqueceste, eles te esqueceram. Eles te entregaram a ti mesmo, desde que preferiste ser de ti mesmo e não deles. Procura, pois, agora, se puderes, o teu consolo em teu próprio coração. Estás agora, para sempre, separado dos homens aos quais querias agradecer. Estás só diante de ti, que eras o teu ídolo. Compreende que não existe verdadeira virtude sem o respeito e o amor aos deuses, aos quais tudo deves. Tua falsa virtude, que por muito tempo ofuscou os homens fáceis de enganar, vai ser confundida. Os homens, considerando os vícios e as virtudes somente pelo que os toca ou os agrada, são cegos para o verdadeiro bem e o verdadeiro mal. Mas aqui uma luz divina inverte todos os julgamentos superficiais. Frequentemente é condenado aquilo que eles admiram e justificavam o que eles condenam.

A essas palavras, o filósofo, como ferido por um raio não podia conter-se. A satisfação que havia tido outrora ao

apreciar a sua própria moderação, a sua coragem e as suas tendências generosas transformou-se em desespero. A visão do seu próprio coração, inimigo dos deuses, tornou-se um suplício. Ele se via a si mesmo e não podia deixar de fazê-lo. Via a vaidade das apreciações dos homens, aos quais ele quis sempre agradar em todas as suas ações. Havia uma revolução geral em tudo o que se encontrava no seu íntimo, como se alguém revirasse todas as suas entranhas. Ele não era mais o mesmo. Seu coração negava-lhe todo o apoio. Sua consciência, cujo julgamento lhe havia sido tão favorável, voltou-se contra ele reprovando amargamente o desvirtuamento e o engano de todas as suas virtudes, que não tiveram o culto da divindade por princípio e por fim. Estava perturbado, consternado, cheio de vergonha, de remorsos e de desespero. As fúrias não o atormentavam porque era bastante entregá-lo a si mesmo, pois o seu próprio coração vingava suficientemente os deuses desprezados. Procurou os lugares mais sombrios para se ocultar dos outros mortos, já que não podia ocultar-se a si mesmo. Procurou as trevas e não pode encontrá-las, pois uma luz importuna o seguia por toda parte, os raios penetrantes da verdade vingam sem cessar a verdade que ele negligenciou ao invés de seguir.

Tudo o que ele amava se tornava odioso, como sendo a própria fonte de seus males, que não mais poderiam acabar. Disse a si mesmo: Oh insensato! então não conheci os deuses, nem os homens e nem a mim mesmo! Não, nada conheci, desde que nunca amei a única verdade e o verdadeiro bem. Todos os meus passos foram extraviados. Minha sabedoria não era mais que loucura. Minha virtude, um orgulho ímpio e cego. Fui o meu próprio ídolo.

Por fim Telêmaco viu os reis condenados por terem abusado do poder. De um lado uma Fúria vingadora lhes mostrava um espelho em que viam a monstruosidade dos seus próprios vícios. Viam e não podiam deixar de ver sua grosseira vaidade e sua avidez dos mais ridículos louvores; sua dureza para com os homens, que tinham o dever de fazer felizes; sua insensibilidade para a virtude; seu temor de ouvir a verdade; sua inclinação para as criaturas pusilânimes e bajuladoras; sua irresponsabilidade; sua indolência; sua desconfiança excessiva; seu fausto e

demasiada magnificência baseados nas ruínas dos povos; sua ambição que os levava a conquistar o mínimo de vanglória com o sangue dos cidadãos; enfim, sua crueldade de procurar cada dia novas emoções por entre as lágrimas e o desespero de tantos infelizes. Eles se viam nesse espelho permanentemente. Viam-se mais horríveis e mais monstruosos do que a Quimera vencida por Belerofonte ou a Hidra de Lerna abatida por Hércules, ou mesmo Cérbero vomitando por suas três goelas escancaradas um sangue negro e venenoso capaz de empestar toda a raça dos mortais que vivem na Terra.

De outro lado e ao mesmo tempo, outra Fúria lhes repetia de maneira insultuosa todos os louvores que os aduladores lhes fizeram em vida e mostravam-lhes outro espelho, no qual eles se viam tais como os aduladores os haviam pintado. A contradição desses dois quadros tão opostos constituía um suplício para a sua vaidade. Notava-se que os piores entre esses reis eram os que haviam recebido as homenagens mais magnificentes durante a vida, porque os maus são mais temidos que os bons e exigem sem pudor as mentirosas reverências dos poetas e dos oradores do seu tempo.

Ouviam-se os seus gemidos na profundidade das trevas, onde eles não podiam perceber outra coisa além dos insultos e das ironias que deviam sofrer. Nada tinham ao seu redor que não os repelisse e contradissesse confundindo-os, enquanto na terra se aproveitavam da vida dos homens, supondo que todos existiam somente para os servir. No Tártaro eles são entregues aos caprichos de alguns escravos que os submetem por sua vez a uma servidão cruel. Têm de servir sofrendo e não lhes resta nenhuma esperança de poder abrandar jamais o seu cativeiro. Ficam sujeitos aos golpes desses escravos, transformados em seus tiranos impiedosos, como uma forja sobre os golpes dos martelos dos Ciclopes, quando Vulcano os apresa no trabalho dentro das ardentes fornalhas do monte Etna.

Telêmaco viu então semblantes, pálidos, consternados e hediondos. É que uma tristeza negra corrói esses criminosos. Eles têm horror de si mesmos e não podem livrar-se desse horror como se ele pertencesse à sua própria natureza. Não necessitam assim, de outro castigo para as

suas faltas do que as suas próprias faltas que veem sem cessar em toda a sua enormidade, apresentando-se a eles como horríveis espectros que os perseguem. Para se livrarem disso buscam uma outra morte mais poderosa que aquela que os separou dos seus corpos.

No desespero em que se encontram, esses reis clamam pelo socorro de uma morte que pudesse extinguir neles todo o sentimento e toda a consciência. Pedem aos abismos que os traguem para escaparem aos raios vingadores da verdade que os perseguem, mas estão condenados à vingança que se destila sobre eles gota a gota e que jamais cessará. A verdade que eles temiam ver é agora o seu suplício. Eles a veem e só têm olhos para vê-la erguendo-se contra eles. Essa visão os trespassa, os destrói, os arranca de si mesmos. É como um raio que sem nada destruir ao redor penetra até o mais fundo das suas entranhas.

Entre essas coisas que lhe faziam eriçar os cabelos, Telêmaco viu muitos antigos reis da Lídia que eram punidos por terem preferido os deleites de uma vida folgazã ao trabalho para melhoria dos povos, que deve ser inseparável da realeza.

Os reis reprovavam uns aos outros a sua própria cegueira. Um dizia a outro que tinha sido seu filho – Não te recomendei frequentemente, durante a minha velhice e antes de morrer, que reparasses os males que pratiquei na minha negligência? – Ah, infeliz pai! – Dizia o filho, – foste tu que me perdeste. Foi o vosso exemplo que me sugeriu o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a dureza de coração para com os homens! Vendo-te reinar com tanta displicência e cercado de covardes aduladores, habituei-me ao gosto da lisonja e dos prazeres. Acreditei que o resto dos homens eram para os reis o que são os cavalos e outros animais de carga para a humanidade em geral, ou seja, esses animais aos quais não se dá importância, querendo apenas que prestem serviços e proporcionem comodidades. Acreditei nisso, e foste tu que me fizeste acreditar. Hoje estou sofrendo todos estes males por te haver imitado. A essas recriminações juntavam as mais horríveis maldições e pareciam prestes a se entredevorarem de raiva.

Ao redor dos reis volteavam ainda, como morcegos noturnos, as mais cruéis suspeitas, os falsos receios, as

desconfianças que são as vinganças dos povos contra a maldade de seus reis, sua insaciável fome de riquezas, a falsidade de sua glória sempre baseada na tirania e a covarde displicência que aumenta os males do povo sem lhes proporcionar jamais a compensação das necessidades satisfeitas.

Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não pelos males que haviam praticado, mas por terem negligenciado o bem que deviam fazer. Todos os crimes dos povos, que decorrem da negligência na observação das leis, eram imputados aos reis que deviam ter como seu ministério fazer que as leis reinassem. Todas as desordens provenientes dos excessos de fausto, do luxo e de todos os demais abusos que lançam os homens na violência e na tentação de desprezar as leis para se enriquecerem, eram também imputadas aos reis. Eram tratados sobretudo com rigor os que em lugar de serem bons e vigilantes pastores dos povos só haviam pensado em devorar o rebanho como lobos insaciáveis.

Mas o que mais consternava Telêmaco era ver, nesse abismo de trevas e maldades, grande número de reis que haviam passado pela terra como soberanos muito bons e estavam condenados às penas do Tártaro por se terem deixado governar por homens maus e hipócritas. Esses eram punidos pelos males que haviam permitido que fossem feitos sob a sua autoridade. De resto, a maioria desses reis não havia sido bons nem maus, tamanha era a sua fraqueza. Jamais haviam receado conhecer a verdade, pois não possuíam o gosto da virtude e nunca sentiram o prazer de praticar o bem.

Quadro do inferno cristão

11 – Resumimos nas citações seguintes a opinião dos teólogos sobre o Inferno. Essa descrição, tendo sido tirada dos próprios autores sacros e da vida dos santos, pode ser considerada, tanto melhor, como a expressão da fé ortodoxa nesse assunto, quanto é a todo instante reproduzido, com algumas pequenas variantes, nos sermões e nas instruções pastorais.

12 – Os demônios são espíritos puros, pois os condenados presentemente no inferno podem também ser considerados como espíritos puros, desde que somente a sua alma desceu até lá e os seus restos mortais, devolvidos à Terra, se transformam incessantemente em relva, plantas, frutos, minerais ou líquidos, passando inconscientemente pelas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, como os santos, devem ressuscitar no último dia e retomar, para não mais os perder, corpos carnis, os mesmos corpos com que foram conhecidos quando vivos. O que distinguirá uns dos outros é que os eleitos ressuscitarão em corpos purificados e radiosos, enquanto os condenados em corpos imundos e deformados pelo pecado.

Assim, não haverá mais no inferno somente Espíritos puros, mas homens semelhantes a nós. O inferno é, portanto, uma região física, geográfica, material, desde que será povoado por criaturas terrenas com pés, mãos, boca, língua, dentes, orelhas, olhos semelhantes aos nossos, com sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

Onde está situado o inferno? Alguns doutores o colocaram nas próprias entranhas da Terra. Outros, em não sabemos que planeta. A questão não foi resolvida por nenhum concílio. Ficamos, nesse caso, reduzidos às conjecturas. A única coisa que se afirma é que o inferno, onde quer que esteja situado, é um mundo constituído de elementos materiais, mas um mundo sem sol, sem lua, sem estrelas, mais triste, mais inóspito, mais desprovido de todo princípio e toda aparência de bem, como não acontece mesmo nas regiões mais inabitáveis deste mundo em que pecamos.

Os teólogos mais sérios não se atrevem a figurar, como faziam os Egípcios, os Indianos e os Gregos, todos os horrores desta região. Limitam-se a nos indicar, como uma amostra, o pouco que as Escrituras revelam: O lago de fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías, esses vermes que devoram eternamente os cadáveres do Tofel e os demônios atormentando os homens que conseguiram levar à perdição, e os homens chorando e rangendo os dentes, segundo a expressão dos Evangelistas.

Santo Agostinho não concorda que essas penas físicas sejam simples imagens das penas morais. Ele vê num lago realmente de enxofre, vermes e serpentes verdadeiros

apegando-se a todas as partes dos corpos dos condenados e juntando as suas mordidas às queimaduras do fogo. Ele pretende segundo um versículo de São Marcos que esse fogo estranho, embora material como o nosso, agindo sobre corpos materiais os conservará como o sal conserva a carne de animais sacrificados. Mas os condenados sentirão esse fogo que queima sem destruir e que penetrará sob a sua pele. Eles ficarão encharcados e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos e na pupila dos olhos, bem como nas fibras mais ocultas e mais sensíveis do ser. A cratera de um vulcão, se nela pudessem atirar-se, seria para eles um lugar de refrigério e descanso.

Assim falam, com toda segurança, os teólogos mais tímidos, mais discretos e reservados. Não negam, aliás, a existência no inferno de outros suplícios corporais. Dizem apenas que não possuem conhecimentos suficientes para deles falar de maneira positiva, pelo menos como podem fazer sobre o horrível suplício do fogo e dos vermes. Mas há teólogos mais espertos ou mais esclarecidos que descrevem o inferno com mais detalhes, mais variados e mais precisos. Embora não saibam em que lugar do espaço está situado o inferno, há santos que o viram. Não foram até lá com a lira nas mãos como Orfeu, ou de espada em punho como Ulisses, mas transportados em espírito. Santa Teresa pertence a esse número.

Tem-se a impressão, pelo relato da santa, que há cidades no inferno. Ela viu ali, pelo menos, uma espécie de rua comprida e estreita, como tantas que existem nas velhas cidades. Entrou na rua, andando com horror sobre um terreno pantanoso e fétido, cheio de répteis monstruosos, mas teve a sua marcha sustada por um muro que fechava a saída. Nesse muro havia um nicho ao qual Teresa se recolheu, sem saber como isso aconteceu. Era, diz ela, o lugar que lhe estava destinado se abusasse, durante a vida, das graças que Deus lhe concedia em sua cela de Ávila. Logo que foi introduzida, com espantosa facilidade, nesse nicho de pedra, viu que não podia sentar-se nem deitar-se, e nem mesmo se manter de pé. Menos ainda poderia sair dali. Esse horrível mundo começou a fechar-se sobre ela, envolvendo-a, prendendo-a como se as faces do nicho fossem animadas. Parecia-lhe que a asfixiavam,

estrangulavam e ao mesmo tempo que a esfolavam viva e a retalhavam em fatias. Sentia-se queimar e experimentava simultaneamente todas as formas de angústia. Nenhuma esperança de socorro. Tudo ao seu redor eram trevas, mas através dessas trevas ela ainda percebia, com assombro, a horrorosa rua em que estava alojada, com toda a sua imundície, o que também lhe era intolerável como o aperto da sua prisão.

Esse, não há dúvida apenas um cantinho do inferno. Outros viajores espirituais foram mais favorecidos. Viram no inferno grandes cidades inteiramente incendiadas: Babilônia e Nínive, a própria Roma com seus palácios e seus templos abrasados e todos os habitantes acorrentados. Os traficantes presos aos seus balcões, os padres reunidos com as cortesãs nos salões de festas, urrando nas suas cadeiras das quais não podiam levantar-se e levando aos lábios para matar a sede, taças de que saíam chamas. Criados de joelhos em cloacas ferventes, de braços estendidos ante príncipes de cujas mãos escorria sobre eles, em forma de lavas devoradoras, ouro derretido. Outros viram no inferno planícies ilimitadas, onde camponeses famintos, nada colhendo das suas estéreis plantações nessas planícies regadas pelos seus suores fumegantes, e como nada podiam encontrar, se entredevoravam. Depois, tão numerosos como antes, magros e famintos da mesma maneira, eles se dispersavam em bandos no horizonte procurando inutilmente um lugar de terras mais felizes, e sendo imediatamente substituídos, nos campos que abandonavam, por outras colônias errantes de condenados. Há os que viram no inferno montanhas cercadas de precipícios, e florestas soluçantes, de poços sem água, de fontes de lágrimas, de rios de sangue, de turbilhões de neve em desertos de gelo, de barcos cheios de desesperados vagando sobre mares sem praias. Viram-se, enfim, todas as coisas que os pagãos haviam visto: um reflexo tenebroso da Terra, uma projeção desmesuradamente aumentada das suas misérias, dos seus sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, forcas e outros instrumentos de tortura criados por nós mesmos.

Existem lá, com efeito, demônios que para atormentarem os homens nos seus corpos, também se revestem de corpos.

Esses corpos têm asas de morcegos, chifres, pele coberta de escamas, patas com garras e dentes aguçados. São mostrados armados de espadas, de tenazes, de pinças, de serras em fogo, de grelhas, de garfos, de foles, de martelos ardentes e trabalhando pela eternidade na carne dos condenados como açougueiros e cozinheiros. Às vezes, transformados em leões ou em enormes serpentes, arrastam suas vítimas para cavernas solitárias. Alguns se transformam em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e outros em dragões voadores para os carregar no seu dorso, aterrorizados e sangrentos, através de tenebrosos espaços e os lançar num lago de enxofre. Ali, há nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantescos cuja vista produz calafrios e cujo odor provoca náuseas, que o simples tocar com os dedos produz convulsões. Lá, monstros de muitas cabeças abrem para todos os lados goelas vorazes, sacudindo as disformes cabeças de crinas de serpentes, esmagam os condenados em suas mandíbulas sangrentas e os vomitam mastigados, mas vivos porque eles são imortais. Esses demônios em forma humana, que lembram tão claramente os deuses do Amenti e do Tártaro, os ídolos adorados pelos Fenícios e pelos Moabitas e outros novos pagãos ao redor da Judeia, esses demônios não agem ao acaso: todos têm a sua função e o seu objetivo. O mal que fazem no inferno está em relação com o mal que inspiraram e levaram aos homens a praticar na Terra.

Os condenados são punidos em todos os seus sentidos e em todos os seus órgãos, porque ofenderam a Deus através desses sentidos e desses órgãos. São punidos da seguinte maneira: os gulosos pelos demônios da gulodice, os preguiçosos pelos demônios da preguiça, os sensuais pelos demônios da sensualidade e assim por diante, segundo a variedade dos pecados. Sentirão frio ao se queimarem e calor ao se enregelarem. Desejarão ao mesmo tempo o repouso e o movimento. E sempre famintos, sempre sedentos, mais fatigados que os escravos no fim da jornada, mais doentes do que agonizantes, mais maltratados e cobertos de chagas do que os mártires. E tudo isso sem que nunca se acabe.

Nenhum demônio se recusa nem se recusará jamais a executar a sua espantosa tarefa. São todos, nesse sentido,

bem disciplinados e fiéis no cumprimento das ordens de vingança que recebem. Sem isso, no que se tornaria o inferno? Os pacientes ficariam em descanso se os carrascos andassem a discutir ou a se enfadarem. Mas nada de repouso para os primeiros, nem de discussões para os segundos. Por piores que sejam e por maior que seja o seu número, os demônios se estendem de um extremo ao outro do abismo e jamais se viu sobre a Terra uma organização de súditos mais dóceis aos seus príncipes, de exércitos mais obedientes aos seus comandantes, de ordens monásticas mais humildemente submissas aos seus superiores¹⁹.

Quase nada se conhece dos demônios que formam a população do inferno, esses espíritos vis que constituem as legiões de vampiros e sapos, de escorpiões, de corvos, de hidras, de salamandras e outros animais sem nomes da fauna das regiões infernais. Mas se conhecem e sabem-se de muitos dos príncipes que comandam essas regiões, entre outros Belfegor, o demônio dos desejos impuros ou o senhor das moscas que produzem a corrupção; Mammon, o demônio da avareza; Moloque, Belial, Balgad e Astarote e muitos outros. E acima deles o seu chefe universal, o sombrio arcanjo que tinha no céu o nome de Lúcifer e que tem no inferno o nome de Satanás.

Eis em resumo a ideia que nos dão do inferno considerado em sua natureza física e quanto às penas físicas que nele existem. Consultai os Pais da Igreja e os antigos Doutores. Interrogai as legendas piedosas. Olhai as esculturas e as pinturas das nossas igrejas. Ouvi com atenção o que dizem nos nossos púlpitos e aprendereis ainda mais.

13 – O autor acrescenta a essas descrições as reflexões seguintes, cujo alcance todos compreenderão:

¹⁹ Esses mesmos demônios, rebeldes a Deus no tocante ao bem, são de exemplar docilidade para a prática do mal. Nenhum deles se recusa ou se mostra de má vontade através de toda a eternidade. Que estranha metamorfose operou-se neles, que haviam sido criados puros e perfeitos como os anjos! É realmente estranho vê-los dar exemplos de perfeito entendimento, de plena harmonia, de inalterável concórdia, quando os homens não sabem viver em paz e se estraçalham na Terra. Vendo o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando a sua situação com a dos demônios, pergunta-se quais são os mais dignos de lástima: Os algozes ou as vítimas? (Nota de Kardec)

A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz ainda outro milagre ao dar a esses corpos mortais, já usados nas passageiras provas da vida e já uma vez aniquilados, a virtude de subsistir, sem se dissolverem, numa fornalha em que até os metais se evaporariam. Que se diga que a alma é o seu próprio carrasco, que Deus não a castiga, mas apenas a abandona no estado de infelicidade que ela mesma escolheu, isso a rigor se pode compreender, embora o eterno abandono de um ser extraviado e sofredor pareça pouco de acordo com a bondade do Criador. Mas o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode dizer; de maneira alguma dos corpos e das penas corporais. Para perpetuar essas penas corporais não é suficiente que Deus afaste a sua mão, mas é necessário, pelo contrário, que ele a mostre, que intervenha, que haja, sem o que os corpos sucumbiriam.

Os teólogos supõem então que Deus opera, com efeito, após a ressurreição, esse segundo milagre de que falamos. Primeiro, ele retira do sepulcro, que os havia devorado, os nossos corpos de argila e os retira tal como foram enterrados, com suas antigas enfermidades e as deformações produzidas pela idade, pela doença e pelos vícios. Ele nos devolve a esse estado: decrépitos, gulosos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de insetos, cobertos pelas feridas que a vida e a morte nos impuseram, e é esse o primeiro milagre. Depois, nesses corpos miseráveis, prestes a voltarem à poeira de que saíram, ele insufla uma propriedade que eles nunca possuíram, dando-lhes a imortalidade, esse mesmo dom que na sua cólera, ou antes, na sua misericórdia, ele havia retirado a Adão ao expulsá-lo do Éden, e eis o segundo milagre. Quando Adão era imortal, e portanto invulnerável, deixou de o ser, tornando-se mortal: a morte seguiu-se imediatamente à dor.

A ressurreição não nos devolve, pois, nem às condições físicas do homem inocente nem às condições físicas do homem culpado. É uma ressurreição apenas das nossas misérias, mas com a sobrecarga de novas misérias, infinitamente mais horríveis. É em parte, uma verdadeira criação e a mais maliciosa que a imaginação já se atreveu a conceber. Deus reconsidera, e para acrescentar aos

tormentos espirituais dos pecadores os tormentos carnis que devem durar para sempre, muda imediatamente, por um efeito do seu poder, as leis e as propriedades por ele mesmo estabelecidas, desde o começo, para os organismos materiais. Ressuscita as carnes doentes e corrompidas e, reunindo por um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a separar-se, os mantém e perpetua contra a ordem natural, nessa podridão viva, e a lança no fogo, não para a purificar, mas para a conservar tal qual é, sensível, sofredora, sempre queimando, horrível, exatamente como quer que ela se mantenha imortal.

Por esse milagre se transforma Deus num dos carrascos do inferno, pois se os condenados só podem atribuir a si mesmos os seus males espirituais, não podem fazer o mesmo com os outros, só atribuíveis a Deus. Era aparentemente muito pouco abandoná-los depois da morte à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que sente haver perdido o bem supremo. Deus, segundo os teólogos, irá buscá-las nessa noite no fundo desse abismo, trazendo-as por um momento à luz, não para as consolar, mas para as revestir de um corpo horrendo, queimante, imperecível, mais empestado que a túnica de Janira, e só então as abandona para sempre.

Mas a verdade é que não as abandonará, pois que o inferno subsiste, como a terra e o céu, por um ato permanente da sua vontade sempre ativa e tudo se desvaneceria se ele cessasse de os sustentar. Ele manterá, portanto, sem cessar, a sua mão sobre os condenados para impedir que o fogo se extinga e seus corpos se dissolvam, querendo que esses infelizes imortais contribuam com o seu perene suplício para a edificação dos eleitos.

14 – Dissemos com razão que o inferno dos cristãos havia superado o dos pagãos. No Tártaro, com efeito, viam-se os culpados serem torturados pelos remorsos, sempre em face dos seus crimes e das suas vítimas, acabrunhados por aqueles mesmos que eles haviam prejudicado em vida. Viam-se os culpados fugindo à luz e procurando em vão escapar aos olhos que os perseguiam. O orgulho era ali abatido e humilhado. Todos carregavam os estigmas do seu passado, todos eram punidos pelas suas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns, era

bastante entregá-los a si mesmos, sendo inútil acrescentar-lhes outros castigos. Além disso, eles eram sombras, quer dizer: almas com seus corpos fluídicos, imagens da sua existência terrena. Não se viam os homens retomarem seus corpos carnis para sofrerem materialmente, nem o fogo penetrar-lhes sob a pele e os saturar até a medula dos ossos, nem o requinte e o refinamento dos suplícios que constituem a base do inferno cristão. Havia juízes inflexíveis, mas justos, que proporcionavam a pena na medida da falta, enquanto no império de Satanás todos se confundem nas mesmas torturas e tudo se funda na materialidade, de maneira que a própria equidade não existe. Há hoje, sem dúvida, na própria Igreja, muitos homens de bom senso que não mais admitem essas coisas ao pé da letra e as consideram como simples alegorias das quais é necessário apreender o sentido. Mas essa opinião é apenas individual e não constitui lei. A crença no inferno material, com todas as suas consequências, ainda permanece como artigo de fé.

15 – Pergunta-se como os homens puderam ver essas coisas em estado de êxtase, se elas não existem. Não é este o lugar de explicar a fonte dessas imagens fantásticas, que às vezes se produzem com a aparência de realidade. Diremos somente que devemos ver nisso uma prova do princípio de que o êxtase é a menos segura de todas as formas de revelação, porque esse estado de superexcitação nem sempre resulta de um desprendimento completo da alma, como se poderia crer, e nele encontramos muito frequentemente o reflexo das preocupações do estado de vigília. As ideias de que a mente se nutre e que o cérebro, ou melhor, o invólucro perispiritual correspondente ao cérebro, conserva, se reproduzem e amplificam como numa miragem, sob as formas vaporosas que se desenvolvem e se misturam, compondo esse conjunto estranho.

Os extáticos de todos os cultos sempre viram as coisas em relação com a fé a que se apegam. Não é pois de surpreender que os que, como Santa Teresa se acham fortemente convencidos das ideias do inferno, segundo as apresentam as descrições verbais ou escritas e as pinturas, tenham visões que nada mais são, propriamente falando, do que a reprodução dessas ideias, produzindo o efeito de um pesadelo. Um pagão

cheio de fé teria visto o Tártaro e as Fúrias, como teria visto no Olimpo o próprio Júpiter tendo um raio na mão²⁰.

²⁰ Kardec antecipa, nesta maravilhosa explicação, a teoria do condicionalismo à crença que Charles Richet formularia mais tarde na Metapsíquica e hoje revivida na Parapsicologia. Como se vê, as chamadas novidades parapsicológicas nada mais fazem do que confirmar teses espíritas de há mais de um século, e às vezes de maneira incoerente, contrastando com a explicação espírita, que é sempre clara e precisa. Veja-se este assunto no livro *En los límites de la Psicología*, do prof. Ricardo Musso, Buenos Aires, 1960, no *Tratado de Metapsíquica*, de Richet, e em *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, de J. Herculano Pires. (N. do T.)

CAPITULO V - O PURGATÓRIO

1 – O Evangelho não faz nenhuma menção do Purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 563. Trata-se inevitavelmente de um dogma mais racional e mais conforme à justiça de Deus que o inferno, pois estabelece penas menos rigorosas e mais aceitáveis para as faltas de mediana gravidade.

A ideia do Purgatório funda-se, portanto, no princípio da equidade, pois comparado com a justiça humana equivale à detenção temporária em relação com a pena de condenação. O que se pensaria de um país que só tivesse a pena de morte para todos os crimes, até os mais simples delitos? Sem o Purgatório só há para as almas as duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nesse caso, o que seria das almas culpadas somente de faltas leves? Ou elas partilhariam a felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos sem os terem igualado no mal, o que não seria justo nem racional.

2 – Mas a noção do Purgatório teria de ser necessariamente incompleta, pois só conhecendo o suplício do fogo procuraram diminuí-lo numa ideia atenuada do inferno. As almas ainda se queimam, mas de maneira menos intensa. Não conciliável o progresso com o dogma das penas eternas, as almas não podem sair do Purgatório através do seu próprio adiantamento, mas sim pela virtude das preces que se fazem ou se mandam fazer em sua intenção.

Se a ideia inicial foi boa, não se deu o mesmo com as suas consequências, em razão dos abusos de que ela se tornou fonte. Em virtude das preces pagas o Purgatório se transformou numa mina mais produtiva que o inferno²¹.

3 — O lugar do Purgatório nunca foi determinada, nem claramente definida, a natureza das penas que nele são impostas. Estava reservado à Nova Revelação preencher esta

²¹ O Purgatório deu origem ao escandaloso comércio das indulgências, com as quais se vendia a entrada no céu. Esse abuso foi a causa primeira da Reforma e foi por causa dele que Lutero rejeitou o Purgatório. (N. de Kardec). – Este caso nos mostra o processo da evolução: o erro da concepção do inferno gerou a ideia do Purgatório, e esta determinou, por sua vez, a reformulação da Teologia cristã e a tentativa de volta ao Cristianismo primitivo, que preparou, com a Reforma protestante, o caminho ao Espiritismo. (N. do T.)

lacuna ao nos explicar as causas das misérias da vida terrena, que somente o princípio da pluralidade das existências poderia justificar.

Essas misérias são necessariamente resultantes das imperfeições da alma, pois se a alma fosse perfeita não cometeria faltas e não teria de sofrer as suas consequências. O homem que fosse sóbrio e moderado em tudo, por exemplo, não se tornaria presa das doenças provocadas pelos excessos. Na maioria das vezes ele se torna infeliz neste mundo por sua própria culpa. Mas ele é imperfeito, já o devia ser antes de vir para a Terra. Aqui ele expia não somente as faltas atuais, mas também as anteriores que não pode antes reparar. Sofre nesta vida as provas que fez os outros sofrerem numa outra existência. As vicissitudes por que passa são ao mesmo tempo um castigo temporário e uma advertência quanto às imperfeições de que se deve livrar para evitar desgraças futuras e progredir na direção do bem.

Elas são para as almas lições da experiência, às vezes rudes, mas tanto mais aproveitáveis quanto mais profunda a impressão que possam deixar. Essas vicissitudes proporcionam a oportunidade de lutas incessantes que desenvolvem as suas forças e as suas faculdades morais e intelectuais, fortificando a alma na prática do bem. Saindo sempre vitoriosa, ela se beneficia se tiver a coragem de enfrentar a prova até o fim. O prêmio da vitória ela a receberá na vida espiritual, onde entrará radiosa e triunfante como o soldado que sai da refrega e vai receber o seu galardão.

4 – Cada existência representa para a alma a oportunidade de um adiantamento. Depende da sua vontade que esse adiantamento seja o maior possível, permitindo-lhe subir numerosos degraus ou permanecer no mesmo ponto. Neste último caso ela terá perdido a oportunidade, e como é sempre necessário que cedo ou tarde pague a sua dívida, terá de recomeçar numa nova existência as mesmas lutas em condições mais penosas, porque a uma nódoa que não apagou ela acrescentou outra.

É, pois, nas encarnações sucessivas que a alma se liberta pouco a pouco das suas imperfeições, que ela se purga, numa palavra, até que se torne bastante pura para merecer libertar-se dos mundos de expiação e ir para os mundos mais felizes, deixando esses mais tarde para gozar da felicidade suprema.

O Purgatório não é, portanto, uma ideia vaga e incerta: é uma realidade material que vemos, tocamos e sofremos. Ele se encontra nos mundos de expiação e a Terra é um deles. Os homens expiam nela o seu passado e o seu presente em benefício do seu futuro. Mas contrariamente à ideia que se faz a respeito, depende de cada um abreviar ou prolongar a sua permanência neste mundo, segundo o grau de adiantamento e depuração a que possa chegar pelo próprio trabalho. De lá saímos, não por haver completado um certo tempo ou pelos méritos de outros, mas pelo nosso próprio mérito, segundo estas palavras de Cristo: *A cada um segundo suas obras*, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

5 – Aquele que sofre nesta vida pode dizer, portanto, que é por não estar suficientemente depurado e que, se não o fez na existência anterior terá ainda que sofrer na seguinte. Isto é ao mesmo tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, sofre-se por tanto tempo quanto, se for imperfeito, como se sofre de uma doença por tanto tempo quanto não se consegue extinguir as suas causas. É assim que um homem orgulhoso sofrerá as consequências do orgulho, da mesma maneira que um egoísta, as do egoísmo.

6 – O Espírito culpado sofre primeiramente na vida espiritual em razão dos graus da sua imperfeição; sofre depois na vida corporal que lhe é dada como meio de reparação. É por isso que ele se reencontra com as pessoas que tenha ofendido, seja em situações semelhantes àquelas em que praticou o mal, seja em situações que representam o seu reverso, como neste exemplo: estar na miséria se foi um mau rico ou numa condição humilhante, se foi um orgulhoso.

O fato de haver expiação no mundo espiritual e na Terra não representa um duplo castigo para o Espírito. É o mesmo castigo que se prolonga na vida terrena, com o fim de facilitar o seu adiantamento através de um trabalho efetivo. Dele depende tirar o proveito. Não é melhor para ele voltar à Terra com a possibilidade de ganhar o Céu, do que ser condenado sem remissão ao deixá-la?

Esta liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que o homem deva tudo aos seus esforços e seja o artífice do seu futuro. Se ele for infeliz

por maior ou menor tempo, não poderá queixar-se senão de si mesmo, pois o caminho do progresso está sempre aberto para ele.

7 — Se considerarmos como é grande o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, como é terrível a situação de alguns, de que angústias se tornaram presas, quanto essa situação se faz mais penosa pela impossibilidade de lhe verem o fim, poderíamos dizer que isso é para eles o inferno, se essa palavra não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos Espíritos e aos exemplos que eles nos ofereceram, sabemos que a duração da expiação está subordinada ao melhoramento do culpado.

8 – O Espiritismo não vem, pois, negar a existência das penas futuras, mas pelo contrário constata-las. O que ele destrói é a ideia do inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Não nega o Purgatório, desde que prova que estamos nele. Define e precisa o Purgatório ao explicar a causa das misérias terrenas, e com isso reconduz à crença aqueles que o negavam.

O Espiritismo condena as preces pelos mortos? Bem ao contrário, pois os espíritos sofredores as solicitam. Faz delas um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para os conduzir ao bem, abreviando dessa maneira os seus tormentos²². Falando à inteligência, o Espiritismo reconduz os incrédulos à fé, induzindo à prece os que dela se afastavam. Mas ensina que a eficácia das preces depende do pensamento e não das palavras, que as melhores preces são as que partem do coração e não apenas dos lábios, aquelas que são ditas por nós mesmos e não as que mandamos dizer por dinheiro. Quem ousaria reprová-lo por isso?

9 – Quer o castigo se verifique na vida espiritual ou na Terra, e qualquer que seja a sua duração, há sempre um termo para ele, mais ou menos longo ou curto. Não há, na verdade, para o Espírito mais do que estas alternativas: punição temporária e graduada segundo a culpabilidade, ou recompensa graduada segundo o mérito. O Espiritismo não aceita a terceira, ou seja, a da condenação eterna. O inferno permanece apenas como figura

²² Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. 27, **Ação da Prece**.

simbólica dos grandes sofrimentos que parecem não ter fim. O Purgatório é a realidade em que nos encontramos.

A palavra 'Purgatório' exprime a ideia de um lugar circunscrito. Eis porque se aplica mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao espaço infinito em que erram os Espíritos sofredores, e também porque a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira purgação.

Quando os homens forem melhores só passarão ao mundo invisível como Espíritos bons, e estes, ao se reencarnarem, trarão para a humanidade corpórea somente criaturas aperfeiçoadas. Então a Terra, deixando de ser um mundo de expiação, os homens não mais sofrerão nela as misérias que são hoje as consequências de suas imperfeições. **É essa a transformação que está em marcha neste momento e que elevará a Terra na hierarquia dos mundos.** (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. 3.)²³

10 – Mas porque o Cristo não falou do Purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavra especial para representá-la. Ele se serviu da palavra inferno, que estava em uso, como um termo genérico para designar todas as modalidades das penas futuras. Se ao lado da palavra inferno tivesse criado um termo equivalente a Purgatório, não teria podido precisar-lhe o sentido sem tocar numa questão reservada ao futuro. Por outro lado, isso seria consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno na sua acepção geral, revelando a ideia de punição, implicava também a de Purgatório, que apresenta apenas uma das formas de penalidade. O futuro, devendo esclarecer os homens sobre a natureza das penas, teria, por isso mesmo, de reduzir o inferno ao seu justo valor.

Desde que a Igreja achou de seu dever, após seis séculos, suprir o silêncio de Jesus a esse respeito, decretando a existência do Purgatório, foi por haver julgado que ele não havia dito tudo. Por que não será assim para outros pontos, como para esse?²⁴

²³ O grifo é nosso e sua finalidade é chamar a atenção do leitor para o fato de que as grandes transformações atuais que abalam o nosso mundo já estavam previstas nas obras da codificação espírita. A Terra está sofrendo uma crise de crescimento para se tornar um mundo maduro e portanto melhor. As desordens atuais, que tanto nos assustam, são os prenúncios de uma nova ordem que fará a Terra elevar-se na escala dos mundos. (N. do T.)

²⁴ Kardec propõe a questão relativa ao esclarecimento que o Espírito da Verdade devia trazer para os homens, segundo a promessa evangélica de Jesus, na hora histórica em

que estivessem maduros para recebê-lo. As igrejas cristãs condenaram, como herética, a afirmação de Kardec de que o espiritismo vinha completar o ensino do Cristo. Kardec lembra, no trecho acima, um dos pontos em que a Igreja o antecipou de vários séculos, fazendo ela mesma um acréscimo ao ensino de Jesus. Mas não repele esse acréscimo, pois reconhece que ele está de acordo com as exigências lógicas da explicação das penas futuras e com a realidade demonstrada pelas comunicações espíritas. Localizando o Purgatório na Terra, em virtude da natureza expiatória do planeta, Kardec ao mesmo tempo extingue a fonte de rendas das indulgências que provocou a rebelião da Reforma e justifica o protesto de Lutero. (N. do T.)

CAPÍTULO VI - DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

Origem da doutrina das penas eternas

1 – A crença na eternidade das penas perde terreno cada dia, de tal maneira que, mesmo não sendo profeta, podemos prever o seu fim próximo. Ela tem sido combatida por argumentos tão poderosos e decisivos, que parece quase supérfluo ocuparmos dela hoje, bastando que a deixássemos extinguir-se por si mesma. Não se pode, entretanto, esquecer que, por mais caduca que ela pareça, ainda permanece como o centro de resistência dos adversários das ideias novas, o ponto que eles defendem com mais ardor porque é um dos seus flancos mais vulneráveis, e porque preveem as consequências da sua queda. Nesse sentido, a questão merece um exame sério.

2 – A doutrina das penas eternas, como a do inferno material, teve a sua razão de ser quando podia servir de freio para os homens intelectual e moralmente pouco desenvolvidos. Da mesma maneira que eles não podiam impressionar-se muito com a ideia de penas espirituais, também não se impressionariam com penalidades temporais. Não compreenderiam mesmo a justiça das penas graduais e proporcionais, porque não estavam aptos a apreender as nuances quase sempre sutis entre o bem e o mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.

3 – Quanto mais próximos do estado primitivo, mais materializados são os homens. O senso moral é o que se desenvolve mais tardiamente. Por isso mesmo só podem fazer uma ideia muito imperfeita de Deus e de seus atributos, e uma ideia igualmente vaga da vida futura. Assemelham Deus à sua própria natureza, figurando-o como um soberano absoluto, tanto mais temível quanto é invisível, como um déspota que, oculto no seu palácio, jamais se mostra ao povo.

Deus só é então poderoso pela força material, porque eles não compreendem o poder espiritual. Só o concebem armado com o raio, em meio aos clarões da tempestade, semeando à sua passagem a ruína e a desolação à maneira dos conquistadores invencíveis. Um Deus de mansuetude e de misericórdia não seria Deus, mas um ser débil que não poderia fazer-se obedecer. A

vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, nada tinham de contrário à ideia que faziam de Deus, nada que lhes repugnasse a razão. Implacáveis eles mesmos nas suas lutas, cruéis para os inimigos, piedosos para com os vencidos, Deus, que lhes era superior devia ser ainda mais terrível do que eles. Para esses homens eram necessárias crenças religiosas adequadas à sua natureza ainda rude. Uma religião inteiramente espiritual, feita de amor e caridade, não poderia harmonizar-se com a brutalidade dos seus costumes e das suas paixões. Não acusemos pois Moisés por sua legislação draconiana, que era apenas suficiente para conter um povo indócil, nem de haver feito de Deus um ser vingativo. Era o necessário para a época. A suave doutrina de Jesus não poderia encontrar eco e se mostraria impotente.

4 – À medida que o Espírito se desenvolveu, o véu material foi-se dissipando aos poucos e os homens se tornaram mais aptos a compreender as questões espirituais. Mas tudo isso teve de se fazer gradualmente. Quando Jesus veio já pode anunciar um Deus clemente, falar do seu reino que não era deste mundo e dizer aos homens: Amai-vos uns aos outros, fazei o bem aos que vos odeiam, enquanto os antigos diziam: *Olho por olho e dente por dente*.

Mas quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas novas, criadas para ali se encarnarem? Se assim fosse, Deus teria criado no tempo de Jesus almas mais adiantadas que as do tempo de Moisés e nesse caso, em que se tornariam estas últimas? Teriam elas adormecido no embrutecimento pela eternidade? O simples bom senso repele esta suposição. Não. Eram as mesmas almas que após terem vivido sob o domínio da lei Mosaica, haviam adquirido através de muitas existências o desenvolvimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada, e que atualmente mostram-se ainda mais adiantadas, podendo receber um ensino mais completo.

5 — Apesar disso, o Cristo não pôde revelar aos seus contemporâneos todos os mistérios do futuro. Ele mesmo disse: Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não as podereis compreender, é por isso que vos falo em parábolas. Quanto aos problemas morais, aos deveres das relações humanas, Ele foi

bastante preciso, porque, tocando a corda sensível dos interesses materiais podia fazer-se compreender. Quanto aos outros pontos Ele se limitou a semear, sob forma alegórica, os germes que deveriam desenvolver-se mais tarde.

A doutrina das penas e das recompensas futuras estava neste caso. Particularmente no tocante às penas Ele não podia romper abruptamente as concepções tradicionais. Vinha revelar aos homens novos deveres: a caridade e o amor do próximo substituindo o ódio e a vingança; a abnegação em lugar do egoísmo. Isto já era muito. Ele não podia conscientemente atenuar o medo aos castigos reservados aos prevaricadores sem enfraquecer, ao mesmo tempo, o princípio do dever.

Jesus prometia o reino dos céus aos bons. Esse reino estava portanto interdito aos maus. Para onde iriam estes? Era necessária uma contraparte capaz de impressionar as inteligências demasiado materiais para compreenderem a vida espiritual. Não se deve esquecer que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da população, para a qual tinha de usar imagens de certa maneira palpáveis e não ideias abstratas. Eis porque não podia entrar em detalhes supérfluos nesse terreno: bastava-lhe opor uma punição à recompensa sendo isto o suficiente naquela época.

6 – Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem lançados na Geena. Mas o que era a Geena? Um lugar nas cercanias de Jerusalém, o depósito de lixo da cidade. Seria possível tomar-se isso ao pé da letra? Era apenas uma dessas imagens fortes de que se servia para impressionar as massas. Acontecia o mesmo com o fogo eterno. Se não fosse esse o seu pensamento, Ele estaria em contradição consigo mesmo ao exaltar a clemência e a misericórdia de Deus, porque a clemência e a inexorabilidade se negam reciprocamente. Seria pois nos enganarmos estranhamente sobre o sentido das palavras de Jesus, vermos nela a sanção do dogma das penas eternas, quando todo o seu ensino proclama a bondade do Criador.

Na oração dominical nos ensinou a dizer: *Senhor, perdoai as nossas ofensas como perdoamos os nossos ofensores*. Se o culpado não pudesse esperar nenhum perdão, seria inútil pedi-lo. Mas há condições para esse perdão? É ele uma graça, uma anulação pura e simples da pena em que se incorreu? Não. A

medida desse perdão está subordinada à maneira porque perdoamos, ou seja, se não perdoamos não seremos perdoados. Fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, Deus não podia exigir que o homem frágil fizesse o que Ele, todopoderoso, não faria. A oração dominical é uma negação da vingança eterna de Deus.

7 – Para os homens que só tinham uma noção confusa da espiritualidade da alma, a ideia do fogo material não era chocante, tanto mais que ela se encontra na crença popular proveniente do inferno pagão e quase universalmente difundida. A eternidade das penas nada tinha de repugnante para criaturas submetidas desde séculos à legislação do terrível Jeová. No pensamento de Jesus, o fogo eterno só podia ser uma figura. Pouco lhe importava que essa figura fosse tomada ao pé da letra, desde que devia servir de freio. Ele sabia muito bem que o tempo e o progresso se encarregariam de esclarecer o sentido alegórico, sobretudo quando, segundo a sua predição, o Espírito da Verdade viesse esclarecer todas as coisas aos homens. A consequência essencial das penas irrevogáveis é a ineficácia do arrependimento. Mas Jesus nunca disse que o arrependimento fosse inútil perante Deus. Em todas as ocasiões, pelo contrário, apresentou um Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo de volta para o lar paterno. Só o mostrou inflexível para o pecador endurecido. Mas assim mesmo, se tinha o castigo numa das mãos, tinha sempre o perdão na outra, pronto a dispensá-lo ao culpado, desde que esse voltasse sinceramente a Ele. Não é verdadeira, pois, a imagem de um Deus impiedoso. Devemos observar também que Jesus não pronunciou contra ninguém, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível.

8 – Todas as religiões primitivas, de acordo com a natureza dos povos tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos Hebreus lhes proporcionava todos os meios necessários para que exterminassem os seus inimigos, e os recompensava pela vitória ou os punia pela derrota. Segundo a ideia que faziam de Deus, acreditavam honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue dos animais ou dos homens. Vêm daí os sacrifícios sangrentos que tiveram papel tão considerável em todas as religiões antigas.

Os Judeus haviam abolido os sacrifícios humanos. Os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, acreditavam por muito tempo honrar ao Criador entregando ao fogo e às torturas milhares daqueles que chamavam de hereges. Eram, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, desde que o faziam para a maior glória de Deus e com a realização de cerimônias religiosas. Ainda hoje continuam invocando o Deus dos Exércitos antes dos combates e o glorificam após a vitória, e isso frequentemente pelas causas mais injustas e mais anticristãs.

9 – Como o homem custa a se livrar de seus prejuízos, dos seus hábitos, das suas ideias primitivas! Quarenta séculos nos separam de Moisés e nossa geração cristã ainda conserva os traços de antigas usanças bárbaras consagradas ou pelo menos aprovadas pela religião atual!

Foi necessária a pressão da opinião dos não ortodoxos, dos que são olhados como heréticos, para se pôr fim às fogueiras e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, na falta das fogueiras as perseguições materiais e morais continuaram em vigor, de tal maneira a ideia de um Deus cruel está enraizada no homem. Alimentado pelos sentimentos que lhes são inculcados na infância, poderia o homem estranhar que um Deus que lhe apresentaram honrado por atos bárbaros condene a torturas eternas, vendo sem piedade o sofrimento dos condenados?

Foram os filósofos, os ímpios, segundo alguns, que se escandalizaram de ver o nome de Deus profanado por atos indignos dele. Foram estes que o mostraram aos homens em toda a sua grandeza, despojando-o das paixões e da mesquinhez humana que lhe havia atribuído uma crença cega. A religião ganhou com isso em dignidade aquilo que havia perdido em prestígio exterior, porque se há menos homens apegados a ela pela forma, é maior o número dos que são mais sinceramente religiosos, pelo coração e pelos sentimentos.

Mas ao lado desses, quantos foram levados, por ficarem apenas nas aparências, à negação da Providência! Por não haverem feito que as crenças religiosas acompanhassem o progresso da razão humana, os responsáveis por isso levaram uns ao deísmo, outros à incredulidade absoluta, outros ao panteísmo, o que vale dizer que o homem se fez Deus a si mesmo na falta de outro mais perfeito.

Argumentos a favor das penas eternas

10 – Voltemos ao dogma da eternidade das penas. O principal argumento que se invoca em seu favor é o seguinte:

Admite-se entre os homens que a gravidade da ofensa está na razão da qualidade do ofendido. Aquela que se comete contra um soberano é considerada mais grave do que a cometida contra um simples cidadão e punida com maior severidade. Ora, Deus é mais que um soberano, pois é infinito e por isso mesmo a ofensa a ele também se torna infinita, merecendo um castigo da mesma natureza, ou seja: eterno.

Refutação. Toda a refutação é um raciocínio que deve ter o seu ponto de partida, uma base em que se apoiar, premissas, numa palavra. Encontramos essas premissas nos próprios atributos de Deus.

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições. Não se pode conceber Deus sem o infinito das suas perfeições, pois sem isso ele não seria Deus, desde que poderíamos conceber um ser que possuísse o que lhe falta. Para que ele seja o único acima de todos os seres é necessário que nenhum o possa superar ou igualar seja no que for. Portanto, é necessário que ele seja infinito em todos os sentidos. Os atributos de Deus, sendo infinitos, não podem aumentar nem diminuir. Sem isso, eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se tirássemos a Deus a mínima parcela de um só de seus atributos, não mais teríamos Deus, pois seria possível a existência de um ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade de existir uma qualidade contrária que a anulasse ou diminuísse. Um ser infinitamente bom não pode ter a menor parcela de maldade, e um ser infinitamente mau não pode ter a menor parcela de bondade. Isso da mesma maneira que um objeto não poderia ser absolutamente negro com a mais leve nuance de branco, nem absolutamente branco com a mínima mancha negra.

Colocado esse ponto, podemos opor ao argumento acima o seguinte raciocínio:

11 – Somente um ser infinito pode criar o infinito. O homem, limitado em suas virtudes, nos seus conhecimentos, nos seus

poderes, nas suas aptidões, na sua própria existência terrena, só pode produzir coisas limitadas. Se o homem pudesse ser infinito no mal que pratica, também o poderia ser no bem que faz, e ele seria igual a Deus. Mas, se o homem fosse infinito no tocante ao bem, não faria nenhum mal, porque o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

Admitindo-se que uma ofensa temporária praticada contra a divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-a por um castigo infinito seria infinitamente vingativo. E se ele o for, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, pois um dos seus atributos é a limitação do outro. Se ele não for infinitamente bom não é perfeito, e se não for perfeito não é Deus.

Se Deus for inexorável para o culpado arrependido, não é misericordioso, e se não é misericordioso, não é infinitamente bom.

Porque daria Deus ao homem a lei do perdão, se ele mesmo não devesse perdoar? Disso resultaria que o homem que perdoa os seus inimigos, retribuindo-lhes o mal com o bem, seria melhor que Deus que permanece surdo ao arrependimento do seu ofensor e lhe recusa, pela eternidade, a mais leve atenuação da pena.

Deus, que está em toda parte e tudo vê, tem de ver as torturas dos condenados. Se ele for insensível aos seus clamores pela eternidade, será eternamente impiedoso, e se for impiedoso não é infinitamente bom.

12 – A isto, respondem que o pecador que se arrepende antes de morrer obtém a misericórdia de Deus e que o maior culpado pode se beneficiar com a sua graça.

Não pode haver dúvida quanto a isto. Concebe-se que Deus somente perdoe aos arrependidos e seja inflexível para os espíritos endurecidos. Mas se ele se mostra cheio de misericórdia para a alma que se arrepende antes de deixar o corpo, por que não faria o mesmo para aquela que se arrepende depois da morte? Qual a razão do arrependimento só ser eficaz durante a vida, representa apenas um instante e não o ser durante a eternidade? Se a bondade e a misericórdia de Deus ficam circunscritas a um determinado tempo, não são infinitas e Deus não é infinitamente bom.

13 – Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a mais inexorável nem a que deixa impunes todas as faltas, mas a que considera da maneira mais rigorosa o bem e o mal, recompensando um e punindo o outro com perfeita equidade, sem jamais se enganar.

Se por uma falta passageira que resulta quase sempre da natureza imperfeita do homem, e, muitas vezes, decorre do meio em que ele se encontra, a alma pode ser punida eternamente, sem esperanças de abrandamento e nem de perdão, não existe nenhuma proporção entre a falta e a punição. Portanto, não há justiça.

Se o culpado se volta para Deus, arrependendo-se e pedindo para reparar o mal cometido, isso equivale a um retorno ao bem, aos bons sentimentos. Se o castigo for irrevogável, esse retorno ao bem não produz efeito, desde que Deus não leva em conta o bem e não pratica a justiça. Entre os homens, o condenado que se emenda vê a sua pena comutada e às vezes perdoada. Haveria, pois, na justiça humana mais equidade que na justiça Divina!

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil. Nada podendo esperar do seu retorno ao bem, o culpado persiste no mal, de maneira que Deus não somente o condena a sofrer eternamente mas também a permanecer no mal por toda a eternidade. Não há nisso nem justiça, nem bondade.

14 – Sendo infinito em todas as coisas, Deus deve conhecer tudo no passado e no futuro. Deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela vai falir de maneira grave para ser condenada eternamente. Se não o sabe, seu saber não é infinito e nesse caso Ele não é Deus. Se o sabe, cria voluntariamente um ser condenado, desde a sua formação, às torturas sem fim, e nesse caso não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, pode estender a ele a sua misericórdia e o retirar do inferno, não existem penas eternas e o julgamento feito pelos homens está revogado.

15 – A doutrina das penas eternas, aceita de maneira absoluta, leva-nos forçosamente à negação ou a diminuição, de alguns atributos de Deus. Ela é, por conseguinte, inconciliável com a perfeição infinita, pelo que chegamos a esta conclusão:

Se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe; se ela existe, Deus não é perfeito.

16 — Invoca-se ainda em favor do dogma da eternidade das penas o seguinte argumento:

A recompensa concedida aos bons sendo eterna deve ter como contraparte uma punição eterna. É justo proporcionar a punição à recompensa.

Refutação. Deus teria criado a alma com o fim de fazê-la feliz ou infeliz. É evidente que a felicidade das criaturas deve ser o objetivo de sua criação, pois de outra maneira Deus não seria bom. Ela atinge a felicidade pelo próprio mérito. Conquistado o mérito, ela não pode perder o seu fruto, porque então degeneraria. A eternidade da felicidade é pois uma consequência da sua natureza imortal.

Mas antes de chegar à perfeição, ela terá lutas a sustentar, combates a travar com as más paixões. Não a tendo criado perfeita, mas capaz de se aperfeiçoar, a fim de que tenha o mérito de suas obras, ela pode falir. Suas quedas decorrem de sua fraqueza natural. Se ela tivesse de ser condenada eternamente por uma queda, poderíamos perguntar por que Deus não a criou mais forte.

A punição sofrida pela alma é uma advertência de que ela fez o mal. Deve ter como resultado reconduzi-la ao bom caminho. Mas se a pena fosse irremissível, seu desejo de se corrigir seria inútil. Assim, o fim providencial da criação não poderia ser atingido, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros à desgraça. Se uma alma culpada se arrepende, pode tornar-se boa; podendo tornar-se boa, pode aspirar à felicidade. Deus seria justo se lhe recusasse esses meios?

Sendo o bem o objetivo final da criação, a felicidade, que é o seu prêmio, deve ser eterna. Ao mesmo tempo, o castigo que é um meio de levar ao bem deve ser temporário. A mais vulgar noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar perpetuamente aquele que tem o desejo do bem e se dispõe a praticá-lo.

17 – Um último argumento em favor da eternidade das penas é o seguinte:

O temor de um castigo eterno é o freio. Se o eliminarmos, nada mais tendo a temer, o homem se entregará a todos os desregramentos.

Refutação. Esse raciocínio seria justo se, ao eliminarmos a eternidade das penas, suprimíssemos toda e qualquer sanção penal. A situação feliz ou infeliz na vida futura decorre de uma rigorosa consequência da justiça de Deus, enquanto uma identidade de situação entre o homem bom e o perverso seria a negação dessa justiça. Pelo fato de não ser eterno, o castigo não tem de ser menos penoso. Ele se torna tanto mais temível, quanto mais se pode aceitá-lo, e tanto mais aceitável, quanto mais racional. Uma penalidade em que não se pode crer não é um freio, e a eternidade das penas está nesse caso.

A crença nas penas eternas, como já dissemos, teve a sua utilidade e a sua razão de ser em certa época. Hoje, não somente ela deixou de assustar, como acabou por semear a incredulidade. Antes de colocá-la como uma necessidade, seria necessário demonstrar a sua realidade. Conviria, sobretudo que se pudesse ver a sua eficácia no exemplo daqueles que a preconizam e se esforçam para a demonstrar. Infelizmente, entre eles, são bem poucos os que provam pelos seus atos que realmente estão atemorizados. Se essa crença é impotente para reprimir o mal entre aqueles que dizem acreditar nela, que domínio poderia ter sobre os que não acreditam?

Impossibilidade material das penas eternas

18 – Até aqui, o dogma das penas eternas só foi contraditado pelo raciocínio. Vamos agora demonstrar que ele está em contradição com os fatos positivos que temos diante dos olhos e que provam a sua impossibilidade.

De acordo com esse dogma, o destino da alma após a morte é fixado de maneira irrevogável. Fica assim definitivamente barrado o seu progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis toda a questão. Se ela progride a eternidade das penas é inadmissível. Podemos duvidar desse progresso, quando vemos a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais existentes na Terra, desde o selvagem até o homem civilizado? Quando se veem as diferenças que um mesmo povo apresenta de um século para

outro? Se admitirmos que não são mais as mesmas almas, teremos de aceitar que Deus cria as almas em todos os graus de desenvolvimento, de acordo com os tempos e os lugares, favorecendo umas, enquanto relega outras à uma inferioridade perpétua. Isso é incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

19 – É incontestável que a alma, intelectual e moralmente não desenvolvida, como a dos povos bárbaros, não pode dispor das mesmas condições de felicidade, das mesmas aptidões para gozar dos esplendores do infinito, que tem aquela cujas faculdades já se encontram amplamente desenvolvidas. Se essas almas, portanto, não progredirem, não podem, mesmo nas condições mais favoráveis, gozar pela eternidade senão de uma felicidade muito reduzida. Chega-se assim forçosamente, de acordo com uma rigorosa justiça, à conclusão de que as almas mais adiantadas são as mesmas que antes se apresentavam como atrasadas e depois progrediram. Aqui tocamos na grave questão da pluralidade das existências, como único meio racional de se resolver a dificuldade. Não obstante a deixaremos de lado, para só considerar a alma numa única existência.

20 – Consideremos, como tantos que existem, um jovem de vinte anos, ignorante, entregue aos instintos inferiores negando Deus e sua alma, desordeiro, cometendo toda espécie de maldades. Colocado, entretanto, num meio favorável, trabalha e se instrui, corrige-se pouco a pouco e por fim se transforma numa criatura piedosa. Não é esse um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida, e todos os dias não vemos casos semelhantes?

Esse homem morre em santidade numa idade avançada e certamente a sua salvação está assegurada. Mas o que teria sido dele, se um acidente o tivesse levado à morte quarenta ou cinquenta anos antes? Estaria dentro de todas as condições para ser um condenado, e uma vez condenado, estaria impedido de realizar qualquer progresso.

Eis o caso de um homem que se salvou por ter vivido bastante e que, segundo a doutrina das penas eternas, jamais se teria salvado se tivesse vivido menos, o que poderia acontecer por um acidente qualquer. Mas desde que a sua alma pode progredir num determinado tempo, porque não progrediria nesse mesmo tempo após a morte, se uma causa independente da sua vontade

a tivesse impedido de fazê-lo em vida? Por que Deus haveria então de recusar-lhe os meios? O arrependimento, embora tardio, não é menos efetivo do que se viesse em tempo. Mas se desde o instante da morte uma condenação irremissível o atingiu, seu arrependimento não tem mais valor para a eternidade e sua capacidade de progredir ficou para sempre anulada.

21 – O dogma da eternidade das penas é pois inconciliável com o progresso da alma, pois lhe opõe um obstáculo insuperável. Esses dois princípios se anulam forçosamente um pelo outro. Se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois realmente existe? A lei do progresso é evidente, não é uma teoria, mas um fato constatado pelas experiências. É uma lei natural, lei divina, imprescritível. Assim, desde que ela existe e não pode se conciliar com a outra, é que a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse verdadeiro, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros jamais teriam visto o céu se houvessem morrido antes do progresso que os levou à conversão.

A esta afirmação respondem que a conversão desses santos não resultou de nenhum progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual se sentiram tocados.

Mas isto é jogar com palavras. Se eles praticaram o mal e mais tarde se voltaram para o bem é que se tornaram melhores. Consequentemente: progrediram. Deus lhes teria concedido então, por um favor especial, a graça de se corrigirem? Por que a eles e não a outros? É sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e seu amor sem distinção para com todas as criaturas.

Segundo a doutrina espírita, segundo as próprias palavras do Evangelho, dentro da lógica e da mais rigorosa justiça, o homem é o que as suas próprias obras o fazem, durante esta vida e após a morte. Nada ele deve a qualquer favoritismo, pois Deus o recompensa de acordo com os seus esforços e o pune pela sua negligência, por tanto tempo quanto durar a negligência.

A doutrina das penas eternas passou do tempo

22 – A crença na eternidade das penas materiais permaneceu como um temor necessário até que os homens pudessem compreender o poder da moral. Aconteceu como com as crianças

que podem ser contidas durante algum tempo pela ameaça de certos seres fantásticos que lhes causam pavor, mas chega o momento em que a razão da criança recusa por si mesma essas estórias, e então seria absurdo pretender governá-las pelos mesmos meios. Se continuarem a dizer que essas fábulas são verdadeiras e devem ser tomadas ao pé da letra, elas perderão a confiança nas pessoas. É o que acontece atualmente com a humanidade. Ela saiu da infância e se libertou dessas rédeas artificiais. O homem não é mais esse instrumento passivo que se curva à força material, nem a criatura crédula que tudo aceitava de olhos fechados.

23 – A crença é um ato de entendimento e por isso não pode ser imposta. Se, durante um certo período da evolução da humanidade, o dogma da eternidade das penas foi inofensivo, salutar mesmo, chegou agora o momento em que ele se torna perigoso. Com efeito, desde o momento que lhe imponham esse dogma como verdade absoluta, quando a razão o repele, necessariamente acontecerá uma destas coisas: ou o homem que deseja crer procura uma crença mais racional e se afasta da que lhe querem impor, ou deixa inteiramente de crer. É evidente, para quem quer estudar friamente a questão, que nos nossos dias a eternidade das penas produziu maior número de materialistas e ateus do que todos os filósofos.

As ideias seguem um curso necessariamente progressivo e não se pode governar os homens senão seguindo esse curso. Querer detê-los ou fazê-los retroceder, ou simplesmente parar onde se encontram, quando ele está avançando, seria perdê-los. Seguir ou não seguir esse movimento é uma questão de vida ou de morte, tanto para as religiões como para os governos. É isso um bem? Ou é um mal? Certamente é um mal aos olhos dos que, vivendo no passado, percebem que esse passado lhes escapa. Para os que vêm o futuro, é o cumprimento da lei do progresso que é uma lei de Deus. E contra as leis de Deus é inútil qualquer resistência: lutar contra a sua vontade é querer despedaçar-se.

Por que, pois, querer a toda força sustentar uma crença que cai em decrepitude e que na verdade produz mais mal do que bem à própria religião? Infelizmente, é triste dizer, uma questão material domina neste ponto o problema religioso. Essa crença tem sido largamente explorada, graças à ideia de que as portas do céu podem ser abertas com dinheiro, livrando-nos do inferno. As

somas que ela tem produzido e que ainda produz são incalculáveis: é o imposto cobrado sobre o medo da eternidade. Sendo facultativo, o produto desse imposto é proporcional ao domínio da crença. Se esta não mais existir, a arrecadação desaparece. A criança dá o seu doce de boa vontade a quem lhe promete que vai espantar o lobisomem, mas quando a criança não acredita mais no lobisomem, prefere comer o doce.

24 – A nova revelação, fornecendo ideias mais aceitáveis sobre a vida futura e demonstrando que a salvação pode ser alcançada através das próprias obras, deve enfrentar uma oposição tanto mais forte, quanto ela vem estancar a mais importante fonte de arrecadação. É o que sempre acontece quando uma descoberta ou uma invenção vem modificar as situações. Os que vivem dos antigos costumes sempre os defendem, procurando desacreditar as novidades, por mais vantajosas que sejam.

Acreditais, por exemplo, que a arte de imprimir, não obstante os benefícios que devia trazer à humanidade, pudesse ser aclamada pela numerosa classe dos copistas? Não, certamente. Eles deviam maldizê-la. Assim também aconteceu com as máquinas, com as estradas de ferro e centenas de outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma da eternidade das penas é uma simples futilidade que lhes provoca o riso. Aos olhos do filósofo, a questão se torna grave no seu aspecto social pelos abusos a que tem servido, de motivo. O homem verdadeiramente religioso considera que a dignidade da religião depende da destruição desses abusos e conseqüentemente das suas causas.

Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original

25 – Aos que pretendem encontrar na Bíblia a justificação da eternidade das penas podemos opor os textos contrários, que não permitem nenhuma dúvida a respeito. As seguintes palavras de Ezequiel são a mais decisiva negação, não somente das penas irremissíveis, mas também da possibilidade de recair, sobre toda a sua descendência, a falta cometida pelo pai do gênero humano:

1) Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: 2) Que tendes vós, vós que acerca da terra de Israel proferiste este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é

que se embotaram? 3) Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel. 4) Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.

5) Sendo, pois, o homem justo e fazendo juízo e justiça; 7) não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor a coisa penhorada, não roubando, dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes; 8) não dando seu dinheiro à usura, não recebendo juros, desviando a sua mão da injustiça e fazendo verdadeiro juízo entre homem e homem; 9) andando nos meus estatutos, guardando os meus juízos e procedendo retamente o tal justo certamente viverá, diz o Senhor Deus.

10) Se ele gerar um filho ladrão, derramador de sangue, que fizer a seu irmão qualquer destas coisas. 13) esse filho morrerá, por todas estas abominações que ele fez e o seu sangue será sobre ele.

14) Eis que, se ele gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez e, vendo-os, não cometer coisas semelhantes, 17) não morrerá pela iniquidade de seu pai, mas certamente viverá. 18) Quanto a seu pai, porque praticou extorsão, roubou os bens do próximo e fez o que não era bom no meio do seu povo, eis que morrerá por causa de sua iniquidade.

19) Mas direis: Por que não leva o filho a iniquidade do pai? Porque o filho fez o que era reto e justo e guardou todos os meus estatutos e os praticou, por isso certamente viverá.

20) A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele e a perversidade do perverso cairá sobre este.

21) Mas se o perverso se converter de todos os pecados que cometeu e guardar todos os meus estatutos, e fizer o que é reto e justo, certamente viverá, não será morto. 22) De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela justiça que praticou, viverá.

23) Acaso tenho eu prazer na morte do perverso? diz o Senhor Deus. Não, desejo eu antes que ele se converta do seu caminho e viva. (Ezequiel, cap. XVIII, vs. 1 a 23.)

11) Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. (Ezequiel, cap. XXXIII, v. 11)²⁵

²⁵ Nota-se a falta do versículo 6 do cap. XVIII de Ezequiel. A omissão foi proposital. Kardec deixou de lado esse versículo porque ele se refere a ordenações judaicas da lei de pureza (superadas pelo Evangelho), como se pode ver conferindo-se o texto com a Bíblia. Como se pode alegar que a omissão oculta segunda intenção, o que se já tem feito, damos aqui esse versículo: “Não comendo carne sacrificada nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminando a mulher do seu próximo, nem se chegando à mulher na sua menstruação.” Como se vê, esse versículo quebra a harmonia do texto em sua aplicação atual. Os vs. 12, 15 e 16 foram também suprimidos porque repetem aquelas ordenações. Tanto no original francês como em todas as traduções correntes entre nós, ocorreu também um erro de citação que corrigimos aqui. O versículo 23 do cap. XVIII foi mencionado como pertencente ao cap. XXVIII. Um pequeno engano, certamente gráfico, ainda hoje mantido nas próprias edições francesas e belgas. (N. do T)

CAPÍTULO VII - AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

A carne é fraca

Há tendências viciosas que são evidentemente inerentes ao Espírito, pois que se ligam mais ao moral do que ao físico. Outras parecem antes resultar do organismo e por isso acredita-se que acarretam menos reponsabilidade: tais são as predisposições à cólera, à preguiça, à sensualidade etc.

Hoje está perfeitamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas ele tem essa bossa porque o seu espírito é músico.

Se a ação do Espírito influi no cérebro, deve igualmente influir sobre outras partes do organismo. O Espírito é assim o artífice do seu próprio corpo que ele modela, por assim dizer, apropriando-o às suas necessidades e à manifestação das suas tendências. Assim sendo, a perfeição corporal das raças adiantadas não seria consequência de criações distintas, mas o resultado do trabalho do espírito que aperfeiçoa o seu instrumento na medida em que as suas faculdades se desenvolvem.

Por uma consequência natural desse princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as funções sanguíneas, dando-lhes maior ou menor atividade, bem como provocar secreções mais ou menos abundantes da bÍlis ou de outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente a boca encher-se de água ao ver comidas apetitosas. Não é a comida em si que pode excitar os órgãos do gosto, desde que não há nenhum contato. É pois o Espírito, cuja sensualidade foi despertada, que age pelo pensamento sobre esses órgãos, enquanto para outra pessoa a visão dessa comida não produz nenhum efeito²⁶.

É ainda por essa mesma razão que uma pessoa sensível verte lágrimas com facilidade. Não é a existência de lágrimas em

²⁶ As famosas experiências de Pavlov com a salivação dos cães demonstraram, no campo da psicologia fisiológica, materialista, a verdade desta afirmação de Kardec. Os reflexos condicionados não devem o seu condicionamento à ação dos alimentos sobre os órgãos gustativos, mas ao conhecimento mental do animal aos sinais da campanha que anunciam o alimento. No homem, esse processo é mais refinado. (N. de T.)

abundância que dá sensibilidade ao Espírito, mas é a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob a influência da sensibilidade espiritual o organismo apropriou-se a essa disposição natural do Espírito, como o do glutão se apropriou à disposição do seu Espírito.

Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um espírito irascível deve impulsionar um temperamento bilioso, de maneira que um homem não é colérico por ser bilioso, mas é bilioso porque o seu Espírito é colérico. Acontece o mesmo com todas as demais disposições instintivas. Um Espírito fraco e indolente dará ao seu organismo uma condição de atonia em relação ao seu caráter, enquanto um espírito ativo e enérgico transmitirá ao seu sangue e aos seus nervos disposições bastante diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal maneira evidente, que vemos frequentemente graves desordens orgânicas se produzirem por efeito de violentas comoções morais. A expressão comum: *A emoção pôs-lhe o sangue a ferver* não é tão desprovida de senso como se poderia pensar. Ora, o que poderia agitar o sangue, se não o Espírito por suas disposições morais?²⁷ Pode-se admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral. É quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários que influem na constituição, um mal-estar passageiro etc. O moral do Espírito pode então ser afetado nas suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza própria seja por isso modificada.

Desculpar-se dos seus defeitos com a fraqueza da carne é, pois, lançar mão de um sofisma para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca quando o Espírito é fraco, o que inverte a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser pensante e dotado de vontade. É o Espírito que dá à carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, como um artista imprime na sua obra material o selo do seu gênio. O Espírito liberto dos

²⁷ A Medicina Psicossomática, a Psicoterapêutica em geral e, atualmente, a Parapsicologia vieram confirmar cientificamente, em nossos dias, através de pesquisas e experiências, a verdade desse princípio. (N. do T.)

instintos da animalidade modela um corpo que não é mais um tirano das suas aspirações de espiritualização. É então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive para comer.

A responsabilidade moral dos nossos atos na vida permanece, portanto, inteiramente nossa. Mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem estar em relação com o desenvolvimento intelectual do Espírito. Quanto mais ele for esclarecido, menos desculpável será, porque com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto²⁸.

Esta lei explica os insucessos da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não causa, os esforços feitos para modificá-lo são necessariamente embaraçados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É pois sobre a causa primeira que se deve agir. Dai, se possível, coragem ao poltrão e vereis cessarem os efeitos fisiológicos do medo²⁹.

Isto prova mais uma vez a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. (Ver *Revista Espírita* de Março de 1869).

Fontes da Doutrina Espírita sobre as penas futuras

A Doutrina Espírita, no tocante às penas futuras não se funda, como nos outros pontos, sobre uma teoria preconcebida. Não apresenta um sistema para substituir outro sistema. Em todos os

²⁸ Kardec deixa de lado, nesse texto, o problema das influências espíritas na conduta humana, para acentuar a responsabilidade individual e intransferível de cada um na prática dos seus atos. Mesmo porque as influências espíritas dependem das condições morais do homem. Assim como não podemos atribuir à carne as nossas imperfeições, também não podemos atribuí-las aos nossos inimigos ou perseguidores invisíveis. Pois eles só conseguem agir sobre nós na medida em que correspondemos aos seus estímulos. Sem a nossa aceitação, as suas sugestões e até mesmo os seus impulsos não produzem efeito. (N. do T.)

²⁹ Esta posição espírita coincide hoje plenamente com a posição das Ciências no campo da Medicina. Bastaria o desenvolvimento da Medicina Psicossomática para demonstrá-lo. Mas o avanço da Parapsicologia vai mais longe, abrindo caminho para a compreensão do problema da influência espiritual e das consequências da reencarnação na vida presente. Leia-se a respeito o livro *La Guérison parla pensée*, de Robert Tocquet, Paris, 1970, e o livro *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, de Ian Stevenson, tradução da Editora Edicel, Brasília DF, 1970. (N. do T.)

seus aspectos ela se apoia nas observações, e é isso o que faz a sua autoridade.

Ninguém imaginou que as almas, após a morte, deveriam estar nesta ou naquela situação. Foram os próprios seres, que já deixaram a Terra, que vieram nos iniciar nos mistérios da vida futura, descrever a sua situação feliz ou infeliz, as impressões que sofreram e a transformação por que passaram com a morte do corpo. Numa palavra: vieram completar nesse ponto o ensino do Cristo.

Não se trata, porém, do relato de um único Espírito, que poderia ver as coisas apenas à sua maneira, sob um único aspecto, ou ser ainda dominado pelos prejuízos da sua vida terrena. Nem se trata de uma revelação particular, feita a um único indivíduo, que poderia se deixar enganar pelas aparências. Nem de uma visão extática que se prestasse às ilusões, não sendo frequentemente mais do que um reflexo da imaginação exaltada.

Trata-se, pelo contrário, de inumeráveis exemplos fornecidos por Espíritos de todas as categorias, desde a mais elevada até a mais baixa da escala, com a ajuda de numerosos intermediários espalhados por todos os pontos da Terra, de tal maneira que a revelação não é privilégio de ninguém, que cada um pode por si mesmo ver e observar e ninguém é obrigado a crer sobre a fé dos outros.

Código penal da vida futura

O Espiritismo não se apoia, pois, numa autoridade de natureza particular para formular um código fantasioso. Suas leis, no que toca ao futuro da alma são deduzidas de observações positivas sobre os fatos e podem ser resumidas da maneira seguinte:

1º) A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as consequências de todas as imperfeições de que não se libertou durante a vida corpórea. Seu estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua depuração ou das suas imperfeições.

2º) A felicidade perfeita é inerente à perfeição, quer dizer a purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é ao mesmo tempo uma causa de sofrimento e de privação de ventura, da

mesma maneira que toda qualidade adquirida é uma causa de ventura e de atenuação dos sofrimentos.

3º) Não há uma só imperfeição da alma que não acarrete consequências desagradáveis, inevitáveis, e não há uma só qualidade boa que não seja fonte de ventura. A soma das penas é assim proporcional à soma das imperfeições, como a dos gozos é proporcionada à soma das boas qualidades.

A alma que tiver, por exemplo, dez imperfeições, sofrerá mais do que aquela que tiver apenas três ou quatro. Quando dessas dez imperfeições só lhe restarem um quarto ou a metade, ela sofrerá menos, e quando nada mais restar, ela nada sofrerá, sendo perfeitamente feliz. É como acontece na Terra: aquele que sofre de muitas doenças padece mais do que o que sofre apenas de uma ou não tem nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades boas goza de mais felicidade que a outra que possui menos.

4º) Em virtude da lei do progresso, tendo cada alma a possibilidade de conquistar o bem que lhe falta e libertar-se do que possui de mal, segundo os seus esforços e a sua vontade, resulta que o futuro está aberto para qualquer criatura. Deus não repudia nenhum de seus filhos. Ele os recebe em seu seio à medida que eles atingem a perfeição, ficando assim a cada um o mérito das suas obras.

5º) O sofrimento sendo inerente à imperfeição, como a felicidade é inerente à perfeição, a alma leva em si mesma o seu próprio castigo onde quer que se encontre. Não há pois necessidade de um lugar circunscrito para ela. O inferno está assim por toda a parte, onde quer que existam almas sofredoras, como o céu está por toda a parte, onde quer que as almas sejam felizes.

6º) O bem e o mal que praticamos são resultados das boas e das más qualidades que possuímos. Não fazer o bem que se pode fazer é uma prova de imperfeição. Se toda a imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não só por todo o mal que tenha feito, mas também por todo o bem que podia fazer e que não fez durante a sua vida terrena.

7º) O Espírito sofre segundo o que fez sofrer, de maneira que *sua atenção estando incessantemente voltada para as consequências desse mal*, ele compreende melhor os inconvenientes do seu procedimento e é levado a se corrigir.

8º) A justiça de Deus sendo infinita, todo o mal e todo o bem são rigorosamente levados em conta. Se não há uma única ação má, um só mau pensamento que não tenha consequências fatais, também não há uma única ação boa, um só bom movimento da alma, numa palavra, o mais ligeiro mérito que fique perdido. E isso, *mesmo entre os mais perversos, porque representam um começo de progresso*.

9º) Toda falta que se comete, todo mal praticado é uma dívida contraída e que tem que ser paga. Se não for nesta existência, será na próxima ou nas seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquilo que se paga na existência presente não será cobrado na seguinte.

10º) O Espírito sofre de acordo com as suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no corporal. Todas as misérias, todas as dificuldades que ele enfrenta na vida corpórea são as consequências de suas próprias imperfeições, as expiações de faltas cometidas nesta mesma existência ou nas existências anteriores.

Pela natureza dos sofrimentos e das dificuldades que ele enfrenta na vida corpórea, podemos julgar a natureza das faltas cometidas numa existência anterior e quais as imperfeições que as causaram.

11º) A expiação varia segundo a natureza e a gravidade da falta. A mesma falta pode assim provocar expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida.

12º) Não há, no tocante à natureza e a duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme. A única lei geral é a de que toda falta recebe uma punição e toda boa ação tem a sua recompensa *segundo o seu valor*.

13º) A duração do castigo está subordinada ao melhoramento do Espírito culpado. Nenhuma condenação é pronunciada contra ele por tempo determinado. O que Deus exige para termo dos sofrimentos é uma melhora verdadeira, efetiva, com um retorno sincero ao bem.

O Espírito é assim e sempre o árbitro do seu próprio destino. Pode prolongar os seus sofrimentos pelo seu endurecimento no mal e abrandá-los e até mesmo abreviá-los pelos seus esforços em praticar o bem.

Uma condenação por tempo determinado, qualquer que fosse esse tempo, teria o duplo inconveniente de fazer o Espírito sofrer inutilmente depois de melhorado, ou de cessar antes que ele se libertasse do mal. Deus, que é justo, pune o mal *enquanto ele existe, e deixa de punir quando o mal deixou de existir*. Ou, se quisermos, sendo o mal moral, a própria causa do sofrimento, este dura somente enquanto aquele subsiste e a sua intensidade diminui à medida que o mal vai desaparecendo.

14º) A duração do castigo estando subordinada ao melhoramento do Espírito, disso resulta que o culpado que não se melhorasse continuaria sofrendo sempre, e que para ele a pena seria eterna.

15º) Uma condição que é inerente à inferioridade dos Espíritos é a de não ver o termo de sua situação e acreditar que sofrem para sempre. Isso faz que para eles o castigo pareça eterno³⁰.

16º) O arrependimento é o primeiro passo para o melhoramento. Mas ele apenas não basta, sendo necessárias ainda a *expição* e a *reparação*.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e as suas consequências.

O arrependimento suaviza as dores da expiação, porque desperta esperança e prepara a reabilitação, mas somente a reparação

³⁰ Perpétuo é sinônimo de eterno. Dizemos: *as neves perpétuas*, os gelos eternos dos polos, e também se diz: o *secretário perpétuo* da Academia, o que não quer dizer que se trate de eternidade, mas somente de um tempo indeterminado. Eterno e perpétuo se empregam, pois, também no sentido de indeterminação. Nessa acepção se pode dizer que as penas são eternas quando entendemos que não têm duração limitada: são eternas para o Espírito, que não vê o seu fim. (Nota de Kardec)

pode anular o efeito ao destruir a causa. *O perdão seria uma graça e não uma anulação da falha.*

17º) O *arrependimento* pode ocorrer em qualquer lugar e tempo. Se ele for tardio, o culpado sofre por mais tempo. A *expição* consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja desde a vida presente, ou seja, após a morte, na vida espiritual, ou ainda numa nova existência corpórea, até que os traços da falta tenham desaparecido.

A *reparação* consiste em praticar o bem para aquele mesmo, a quem se fez o mal. Aquele que não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, tornará a encontrar-se, numa outra existência, com as mesmas pessoas que ofendeu, e em condições escolhidas por ele mesmo para poder provar-lhes o seu devotamento, fazendo-lhes tanto bem quanto o mal que havia feito.

Nem todas as faltas acarretam um prejuízo direto e efetivo. Nesses casos, a reparação se realiza fazendo-se o que se deixou de fazer, cumprindo-se os deveres que foram negligenciados ou desprezados, as missões em que se tenha falido, praticando-se o bem reparador do mal que se fez. Isso quer dizer, sendo humilde quando se foi orgulhoso, bondoso quando se foi duro, caridoso quando se foi egoísta, benevolente quando se foi maldoso, trabalhador quando se foi preguiçoso, útil quando se foi inútil, temperante quando se foi dissoluto, bom exemplo quando se foi mau e assim por diante. É dessa maneira que o Espírito progride, tornando proveitoso o seu passado³¹.

³¹ A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça que se pode considerar como a verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos. É esta uma doutrina que nenhuma religião proclamou ainda. Entretanto algumas pessoas a repelem, por acharem que seria mais cômodo poder apagar as suas faltas simplesmente pelo arrependimento, que só depende de algumas palavras, com a ajuda de certas fórmulas. Convictas de que assim estarão livres, verão mais tarde que isso não foi suficiente. Poderíamos perguntar-lhes se esse princípio não está consagrado na lei humana e se a justiça de Deus pode ser inferior à dos homens. Se elas ficariam satisfeitas quando um indivíduo que as tivesse arruinado por abuso de confiança, se limitasse a dizer-lhes que se lamentariam disso infinitamente. Por que, pois, querem elas recuar ante uma obrigação que toda criatura honesta deveria cumprir na medida de suas forças? Quando essa perspectiva da reparação for introduzida na crença popular se transformará num freio bem mais poderoso que o do inferno e das penas eternas, pois ela se refere à vida atual e faz compreender a razão das penas por que o homem está passando. (Nota de Kardec)

18º) Os Espíritos imperfeitos são afastados dos mundos felizes porque perturbariam a sua harmonia. Permanecem nos mundos inferiores onde expiam as suas faltas pelas tribulações da vida e se libertam das suas imperfeições, até merecerem encarnar-se em mundos moral e fisicamente mais adiantados.

Se podemos conceber um lugar de castigo determinado é precisamente nos mundos de expiação, pois é ao redor desses mundos que pululam os Espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que, permitindo-lhes a reparação do mal que fizeram, os ajudará a progredir.

19º) Como o Espírito conserva sempre o seu livre-arbítrio, melhora às vezes de maneira lenta e sua obstinação no mal é bastante tenaz. Pode persistir nessa situação durante anos e séculos, mas chega sempre o momento em que a sua teimosia em desafiar a justiça de Deus se abate diante do sofrimento, e então, malgrado a sua fanfarronice, ele reconhece o poder superior que o domina. Desde o momento em que manifesta as primeiras luzes do arrependimento, Deus o faz entrever a esperança.

Nenhum Espírito está na condição de nunca se melhorar. Se assim fosse ele estaria fatalmente destinado a uma eterna situação de inferioridade e escaparia à lei da evolução que rege providencialmente todas as criaturas.

20º) Sejam quais forem a inferioridade e a perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona*. Todos têm o seu anjo da guarda que vela por eles, vigia as expansões da sua alma e se esforça para despertar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e de reparar numa nova existência o mal que tenham feito. Não obstante, o guia ou protetor age na maioria das vezes de maneira oculta, sem exercer nenhuma pressão. O Espírito deve melhorar-se *pela força de sua própria vontade* e não por força de qualquer constrangimento. Deve agir bem ou mal em virtude de seu livre-arbítrio, sem ser fatalmente empurrado num sentido ou noutro. Se fizer o mal, sofrerá as suas conseqüências enquanto permanecer no mau caminho. Desde que dê um passo em direção ao bem sentirá imediatamente os seus resultados.

OBSERVAÇÃO: Seria errôneo acreditar que, em virtude da lei do progresso, a certeza de chegar cedo ou tarde à

perfeição e à felicidade pode ser um encorajamento a permanecer no mal, esperando arrepende-se mais tarde. Primeiro, o Espírito inferior não vê a possibilidade de um fim para a sua situação; segundo, sendo ele o artífice da sua própria desgraça, acaba por compreender que dele depende fazê-la cessar e que quanto mais persistir no mal, mais longa será a sua infelicidade, pois o seu sofrimento durará sempre se ele próprio não lhe puser um termo. Esse seria, de sua parte, um cálculo errado, com o qual se enganaria a si mesmo. Se, pelo contrário, segundo o dogma das penas irremissíveis, toda esperança lhe fosse negada, ele não teria nenhum interesse em retornar ao bem, pois isso não lhe daria nenhum proveito.

Perante esta lei cai igualmente a objeção referente à presciência. Deus, ao criar uma alma sabe realmente se em virtude do seu livre-arbítrio ela tomará o bom ou o mau caminho; sabe que ela será punida se praticar o mal; mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de a levar a compreender o seu erro e de a fazer entrar no bom caminho, ao qual cedo ou tarde chegará. Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que a alma falirá, e assim ela já está previamente condenada às torturas sem fim.

21º) Cada um só é responsável pelas suas próprias faltas. Ninguém sofre penalidades pelas faltas alheias, a menos que para isso tenha dado algum motivo, seja provocando-as pelo seu exemplo, seja deixando de impedi-las quando podia fazê-lo.

É assim, por exemplo, que o suicida é sempre punido, mas aquele que, por sua dureza de coração, leva um indivíduo ao desespero e daí ao suicídio, sofre uma pena ainda maior.

22º) Embora a diversidade de punições seja infinita, existem as que são inerentes à inferioridade dos Espíritos e cujas consequências, salvo algumas nuances, são mais ou menos idênticas.

A punição mais comum, entre os que são, sobretudo, apegados à vida material e negligenciam o progresso espiritual, consiste na lentidão com que se processa a separação da alma e do corpo, e portanto nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na duração das perturbações que podem então

durar desde meses até anos. Entre os que, pelo contrário, tendo uma consciência pura, identificam-se durante a vida corpórea com a vida espiritual e libertam-se das coisas materiais, a separação é rápida, sem dificuldades, e o despertar aprazível, sendo a perturbação quase inexistente.

23º) Um fenômeno muito frequente entre os Espíritos de um certo grau de inferioridade moral consiste em se acreditarem ainda vivos após a morte, e essa ilusão pode se prolongar durante anos, através dos quais eles experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida³².

24º) Para o criminoso, a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.

25º) Alguns Espíritos são mergulhados em trevas espessas. Outros são postos num isolamento absoluto, no espaço, atormentados pelo fato de não saberem qual a sua condição e o seu destino. Os maiores culpados sofrem torturas que são tanto mais pungentes, quanto ignoram o seu fim. Muitos ficam privados de verem os seus seres queridos. Todos, em geral, passam por sofrimentos cuja intensidade é relativa aos males que praticaram, às dores e necessidades que fizeram os outros sofrer, até que o arrependimento e o desejo de reparação, venham trazer lhes um abrandamento ao fazê-los entrever a possibilidade de dar, *por si mesmos*, um fim a essa situação.

26º) É um suplício para o orgulhoso ver acima dele, gloriosos e radiantes de alegria, os que ele havia desprezado na Terra, ao mesmo tempo em que ele é relegado aos últimos lugares. Para o hipócrita, ver-se trespassado pela luz que revela os seus mais secretos pensamentos, que todos podem ler, não havendo para ele nenhum meio de se esconder ou se disfarçar. Para o sensual é um suplício passar por todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los. Para o avaro, ver o seu ouro desperdiçado e não poder retê-lo. Para o egoísta, ser

³² As necessidades, os tormentos e as perplexidades da vida, experimentados nas condições de uma existência fictícia, em que o perispírito falsamente representa o corpo material, constituem uma situação bastante dolorosa para o Espírito. Foi dela que certamente se originou o dogma do Inferno material, com o corpo material mas invulnerável, a sofrer sem se destruir. (N. do T.)

abandonado por todos e sofrer tudo aquilo que os outros sofreram dele: terá sede e ninguém lhe dará de beber; terá fome e ninguém lhe dará de comer; nem uma só mão amiga virá apertar a sua, nenhuma voz compassiva virá consolá-lo, pois ele só pensou em si durante a vida e ninguém agora pensa nele nem o lamenta após a sua morte.

27º) O meio de evitar ou atenuar as consequências de suas faltas na vida futura é desfazer-se o mais possível dos seus defeitos na vida presente, reparar aqui mesmo o mal para não ter de repará-lo mais tarde e de maneira mais terrível. Quanto mais demormos a deixar os nossos defeitos, mais as suas consequências se tornarão penosas e mais rigorosa será a reparação que tivermos de fazer.

28º) A situação do Espírito, desde a sua entrada na vida espiritual, é aquela que ele mesmo se preparou durante a sua vida corporal. Mais tarde, outra encarnação lhe é concedida para expiar e reparar a anterior, passando por novas provas. Mas ele a aproveitará em maior ou menor grau, segundo o seu livre-arbítrio. Se não a aproveitar, terá um trabalho a recomeçar, e cada vez em condições mais penosas. Dessa maneira, *aquele que muito sofre na Terra pode dizer que tem muito a expiar*. Os que gozam de uma felicidade aparente, malgrado os seus vícios e sua inutilidade, pagarão caro numa existência posterior. Foi nesse sentido que Jesus disse: *Bem aventurados os aflitos porque serão consolados.* (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. V.)

29º) A misericórdia de Deus é sem dúvida infinita, mas não é cega. O culpado que ela perdoou não está dispensado de satisfazer a justiça, passando pelas consequências de suas faltas. Por misericórdia infinita é necessário entender que Deus não é inexorável, deixando sempre aberta ao culpado a porta de retorno ao bem.

30º) As penas sendo temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da livre vontade do homem, acontece o mesmo com os castigos e os *remédios* que devem ajudar a curar as feridas do mal. Os Espíritos em punição não se encontram na situação dos antigos condenados às galeras, mas como os doentes no hospital. Sofrem a doença que

frequentemente decorre de suas próprias faltas e passam por meios dolorosos de cura de que necessitam, mas têm a esperança de ser curados e se curam tanto mais rapidamente, quanto observarem com exatidão as prescrições do médico que sollicitamente vela por eles. Se eles prolongam os sofrimentos por sua própria culpa, o médico nada tem com isso.

31º) As penas que o Espírito sofre na vida espiritual juntam-se à da vida corporal, que são a consequência das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau emprego de suas faculdades, e a expiação de suas faltas presentes e passadas. É na vida corporal que o Espírito repara o mal de suas existências anteriores, que põe em prática as resoluções tomadas na vida espiritual. É assim que se explicam as misérias e as dificuldades que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, mas na verdade são justas desde que foram determinadas no passado e servem para o nosso adiantamento³³.

32º) Deus, pergunta-se, não demonstraria maior amor por suas criaturas se as criasse infalíveis e portanto isentas das vicissitudes decorrentes da imperfeição? Seria necessário, para isso, que ele criasse seres perfeitos, nada tendo a conquistar, nem em conhecimentos e nem em moralidade. Não há dúvida que o podia fazer, mas se não o fez é porque, na sua sabedoria quis que o progresso fosse uma lei geral. Os homens são imperfeitos e, como tal, sujeitos às vicissitudes mais ou menos penosas. Esse é um fato que temos de aceitar, desde que existe. Mas inferir disso que Deus não é bom nem justo seria uma rebeldia.

Haveria injustiça se ele tivesse criado seres privilegiados, mais favorecidos que os outros, gozando sem esforço da felicidade que os outros só atingem penosamente ou jamais poderiam atingir. A justiça de Deus brilha precisamente na igualdade absoluta que rege a criação de todos os Espíritos. Todos têm o mesmo ponto de partida; não há nenhum que seja, na sua formação, mais bem dotado que os outros; nenhum cuja marcha ascensional seja facilitada por exceção; os que chegam ao alvo passaram, como os outros, pela fieira das provas e da inferioridade.

³³ Ver o capítulo VI, **Purgatório**, números 3 e seguintes. Ver também o capítulo XX, **Exemplos de expiações terrenas**. No *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, **Bem-aventurados os aflitos**. (Nota de Kardec).

Admitindo-se isso, o que haveria de mais justo do que essa liberdade de ação dada a cada um? A via da felicidade está aberta a todos, o objetivo de todos é o mesmo, as condições para atingi-lo são as mesmas para todos e a lei gravada em todas as consciências foi ensinada a todos. Deus fez da felicidade o prêmio do trabalho e não do favoritismo para que cada um tenha o seu mérito. Todos são livres de trabalhar ou de nada fazer para o seu adiantamento. Aquele que trabalha bastante e com rapidez é recompensado mais cedo, mas aquele que se desvia do caminho ou perde o seu tempo, retarda a sua chegada e só pode lamentar de si mesmo. O bem e o mal são facultativos e dependem da vontade de cada um. O homem, por ser livre, não é fatalmente levado, nem para um, nem para o outro.

33º) Apesar da diversidade de gêneros e graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode se resumir nestes três princípios:

1º) O sofrimento é inerente à imperfeição.

2º) Toda imperfeição, e toda a falta que dela decorre, trazem o seu próprio castigo nas suas consequências naturais e inevitáveis, como a doença decorre dos excessos, o tédio da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo.

3º) Todo homem podendo corrigir as suas imperfeições pela sua própria vontade, pode poupar-se os males que delas decorrem e assegurar a sua felicidade futura.

Essa é a lei da justiça divina: a cada um segundo as suas obras, tanto no céu como na Terra³⁴.

³⁴ Algumas pessoas argumentam que as imperfeições vêm de Deus, que nos criou imperfeitos. O princípio da evolução nos mostra que há vários graus de perfeição. Deus nos criou em potência, como sementes que têm em si mesmas todas as potencialidades futuras. Assim, criou-nos perfeitos. Cabe-nos, porém, atualizar, ou seja, desenvolver as nossas potencialidades a fim de atingirmos a perfeição em ato, como seres espirituais. Esse desenvolvimento depende de nós, do nosso livre-arbítrio, sem o qual não teríamos responsabilidade. E sem responsabilidade não seríamos perfeitos como seres espirituais. Veja-se o símbolo bíblico: Adão e Eva eram perfeitos na sua ingenuidade, mas ao desenvolver a razão passaram a agir por si mesmos e erraram. Os erros, porém, serão corrigidos na busca da perfeição. (N. do T.)

CAPÍTULO VIII - OS ANJOS

Os anjos segundo a Igreja

1 – Todas as religiões têm os seus anjos, com diferentes nomes, ou seja, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, negando qualquer existência espiritual além da vida orgânica, naturalmente colocou os anjos entre as ficções e as alegorias. A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja. Eis como ela os define³⁵:

2 – cremos firmemente, proclamou um concílio geral e ecumênico³⁶, que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, o qual, no começo dos tempos tirou juntamente do nada as duas criaturas: a espiritual e a corporal, a angélica e a mundana, e em seguida formou, como intermediária dessas duas, a natureza humana composta de corpo e Espírito.

É esse, segundo a fé, o plano divino na obra da Criação. Plano majestoso e completo, como convém à sabedoria eterna. Assim concebido, ele nos apresenta ao pensamento o ser em todos os graus e em todas as condições. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais. No último plano, a existência e a vida puramente materiais. E no meio que separa a ambos, uma maravilhosa união das duas substâncias, uma vida comum ao mesmo tempo ao espírito inteligente e ao corpo organizado.

Nossa alma é de uma natureza simples e indivisível, mas é limitada nas suas faculdades. A ideia que temos da perfeição nos faz compreender que podem existir outros seres simples como ela e superiores pelas suas qualidades e os seus privilégios. Ela é grande e nobre, mas está ligada à matéria, servida de órgãos frágeis, limitada na sua atividade e na sua potência. Por que não haveria outras naturezas ainda mais nobres, distanciadas dessa escravidão

³⁵ Tiramos este resumo da pastoral de Monsenhor Goussett, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1864. Pode-se pois considerá-la, como aquela referente aos demônios, proveniente da mesma fonte citada no capítulo seguinte, como a última expressão do dogma da Igreja sobre esse assunto. (Nota de Kardec.)

³⁶ Concílio de Latrão.

e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável?

Antes que Deus tivesse posto o homem na Terra para o conhecer, amar e servir, já não devia ter chamado outras criaturas para comporem a sua corte celeste e adorá-lo no esplendor da sua glória? Deus, enfim, recebe das mãos do homem os tributos de honra e a homenagem deste universo. Seria de estranhar que recebesse das mãos do anjo o incenso e a prece do homem? Se, pois, os anjos não existissem, a grandiosa obra do criador não teria o seu coroamento na perfeição de que era susceptível. Esse mundo que atesta a sua onipotência não seria mais a obra prima da sua sabedoria. Nossa razão, por mais impotente que seja, poderia facilmente concebê-lo mais completo e melhor acabado.

Em cada página dos livros sagrados do Antigo e Novo Testamento são mencionadas essas inteligências sublimes, nas invocações piedosas ou nos relatos históricos. Sua intervenção aparece manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus se serve do seu ministério, ora para impor os seus desígnios, ora para anunciar acontecimentos futuros. Ele os faz quase sempre instrumentos da sua justiça ou da sua misericórdia. Sua presença é constante nas diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador. Sua lembrança é inseparável da lembrança dos grandes homens e dos mais importantes acontecimentos da antiguidade religiosa. Podemos mesmo encontrá-los no meio do politeísmo e entre as fábulas da mitologia, porque a crença a seu respeito é tão antiga e tão universal como o próprio mundo. O culto que os pagãos rendiam aos bons e aos maus gênios era apenas uma falsa aplicação da verdade, um resíduo deteriorado do dogma primitivo.

As palavras do santo Concílio de Latrão contém uma distinção fundamental entre os homens e os anjos; elas nos ensinam que os anjos são Espíritos puros, enquanto os homens se constituem de alma e corpo, o que quer dizer que a natureza angélica subsiste por si mesma, não somente sem mistura, mas ainda sem nenhuma associação real possível com a matéria, por ligeira e sutil que se pudesse supô-la. Enquanto isso a nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formarem

ambos uma única e mesma pessoa e essa é essencialmente a sua destinação.

Enquanto dura essa união tão íntima de alma e corpo, essas duas substâncias têm uma vida comum e exercem, uma sobre a outra, influência recíproca. A alma não pode se afastar inteiramente da condição imperfeita que resulta para ela dessa situação: suas ideias lhe chegam através dos sentidos, por comparação dos objetos exteriores e sempre sob imagens mais ou menos aparentes. Disso resulta que ela não pode se contemplar a si mesma e não pode fazer a si mesma a representação de Deus e dos anjos sem os considerar de qualquer maneira em forma visível e palpável. Eis porque os anjos, para se fazerem visíveis aos santos e aos profetas, tiveram de recorrer a figuras corpóreas. Mas essas figuras eram apenas os corpos aéreos que eles movimentavam sem se identificarem com eles, ou os atributos simbólicos relacionados com a missão de que estavam encarregados.

O ser e os movimentos dos anjos não estão localizados e circunscritos num ponto fixo e limitado do espaço. Não estando ligados a nenhum corpo, eles não podem estar parados nem ser limitados, como acontece conosco, por outros corpos. Eles não ocupam nenhum lugar e não preenchem nenhum vazio. Mas, da mesma maneira em que a nossa alma está inteira no nosso corpo e em cada uma de suas partes, eles se encontram inteiros e quase simultaneamente em todos os pontos e em todas as partes do mundo. Mais rápidos do que o pensamento, podem estar por toda a parte no mesmo instante e agir diretamente, sem nenhum obstáculo aos seus desígnios, a não ser a vontade de Deus e a resistência da liberdade humana.

Enquanto estamos reduzidos a ver aos poucos, de maneira limitada, as coisas que estão fora de nós, e que as verdades da ordem sobrenatural nos aparecem de maneira enigmática, como num espelho, segundo a expressão do apóstolo São Paulo, eles veem sem esforço o que desejam saber e estão em relação direta com o objeto de seu pensamento. Seus conhecimentos não resultam da indução e do raciocínio, mas dessa intuição clara e profunda que abrange os princípios e as conseqüências que destes decorrem.

A diversidade dos tempos, a diferença dos lugares, a multiplicidade dos objetos não podem produzir nenhuma confusão no seu Espírito.

A essência divina, sendo infinita, é, para nós, incompreensível. Possui mistérios e profundezas que não podem ser penetradas. Os desígnios mais íntimos da Providência ficam ocultos, mas ela lhes desvenda o seu segredo quando os encarrega, em determinadas circunstâncias, de os anunciar aos homens.

As comunicações de Deus aos anjos e dos anjos entre si não se fazem, como entre nós, por meio de sons articulados e de outros signos sensíveis. As inteligências puras não precisam de olhos para ver nem de ouvidos para ouvir. Elas não possuem também os órgãos vocais para manifestar os seus pensamentos, pois esses intermediários habituais de que nos servimos são para eles inúteis. Comunicam, porém, os seus sentimentos de maneira que lhes é própria e inteiramente espiritual. Para se fazerem compreender, basta-lhes a vontade.

Somente Deus conhece o número dos anjos. Esse número, sem dúvida, não poderia ser infinito e não o é, mas segundo os autores sagrados e os santos doutores, é muito considerável e verdadeiramente prodigioso. Se é natural que os considere na devida proporção o número de habitantes de uma cidade em relação à sua grandeza, e a Terra sendo apenas um átomo em comparação com o firmamento e as imensas regiões do espaço, temos de concluir que o número dos habitantes do céu e do ar é muito maior que o dos homens.

Desde que a majestade dos reis se reflete no número de seus súditos, de seus oficiais e de seus servidores, que haveria de mais apropriado para darmos uma ideia da majestade do Rei dos Reis que essa multidão inumerável de anjos que povoam o céu e a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade dos que permanecem incessantemente prosternados ou em pé diante do seu trono?

Os Pais da Igreja e os teólogos geralmente ensinam que os anjos se distribuem em três grandes hierarquias ou principados, e cada hierarquia em três companhias ou coros. Os da primeira e mais elevada hierarquia são designados por nomes que decorrem das funções de desempenho no

céu. Uns são chamados *Serafins* porque são como que chamejantes perante Deus pelos ardores da caridade; outros se chamam *Querubins* porque são um reflexo luminoso da divina sabedoria; e outros ainda se chamam *Tronos* porque proclamam a grandeza de Deus e a fazem resplandecer.

Os da segunda hierarquia recebem os seus nomes em virtude das operações que lhes são confiadas no governo geral do Universo. São as *Dominações* que determinam aos anjos das ordens inferiores as suas missões e os seus encargos; as *Virtudes* que atendem aos prodígios exigidos pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano; as *Potências* que protegem pelo seu poder e a sua vigilância as leis que regem o mundo físico e moral.

Os da terceira hierarquia exercem em partilha a direção das sociedades e das pessoas. São os *Principados*, propostos dos reinos, das províncias e das dioceses; os *Arcanjos*, que transmitem as mensagens de elevada importância, os *Anjos Guardiães* que acompanham a cada um de nós velando pela nossa segurança e pela nossa santificação.

Refutação

3 – O princípio geral que ressalta dessa doutrina é o de que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, criaturas privilegiadas, votadas à felicidade suprema e perpétua desde a sua formação, dotadas, por sua própria natureza, de todas as virtudes e de todo o saber, sem nada ter feito para os adquirir. Estão no primeiro plano da obra da criação. No último plano, a vida puramente material e, entre os dois, a humanidade formada de almas, seres espirituais inferiores aos anjos e unidos a corpos materiais.

Muitas dificuldades insolúveis resultam desse sistema. Qual é, para começar, essa vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada, não tendo vida por si mesma. Trata-se das plantas e dos animais? Essa seria então uma quarta ordem da criação, pois não se pode negar a superioridade do animal que é inteligente em relação à planta, e desta em relação à pedra. Quanto à alma humana, que representa a transição, está diretamente unida a um corpo

formado de matéria bruta, porque sem alma esse corpo não teria vida e seria como um punhado de terra.

Essa divisão peca evidentemente por falta de clareza e não está de acordo com a observação. Assemelha-se à teoria dos quatro elementos que caiu ante o progresso da ciência. Admitamos, portanto, esses três termos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corpórea. Esse é, dizem, o plano divino, plano majestoso e perfeito como convém à eterna sabedoria. Observemos primeiro que entre esses três termos não há nenhuma ligação necessária. São três criações distintas, formadas sucessivamente. De uma para outra existe solução de continuidade, enquanto na Natureza tudo se encadeia, tudo nos mostra uma admirável lei de unidade em que todos os elementos, nada mais do que transformações uns dos outros, estão ligados entre si. Essa teoria é verdadeira no tocante à existência evidente desses três termos, mas é incompleta: faltam nela os pontos de contato, como é fácil de se demonstrar.

4 – Esses três pontos culminantes da criação, segundo a Igreja, são necessários à harmonia do conjunto, e se houvesse a falta de um só a obra estaria incompleta, não correspondendo à eterna sabedoria. Entretanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol, as estrelas, a própria luz foram criadas e portanto tiradas do nada, há seis mil anos. Antes dessa época não havia, pois, nem criatura humana, nem qualquer criatura corpórea. Durante toda a eternidade anterior, a obra divina permanecia então imperfeita. A criação do Universo remontando há seis mil anos constitui um artigo de fé de tal maneira fundamental, que há poucos anos ainda a ciência foi anatematizada porque vinha destruir a cronologia bíblica, provando por suas investigações a elevada antiguidade da Terra e dos seus habitantes.

Não obstante o Concílio de Latrão, o Concílio Ecumênico, que dita a lei em matéria de doutrina, afirma: “Cremos firmemente que só há um Deus verdadeiro, eterno e infinito, o qual, no começo dos tempos tirou conjunta mente do nada as duas criaturas, a espiritual e a corporal.”

O começo dos tempos só pode ser a eternidade anterior, porque o tempo é infinito como o espaço, não tem começo nem fim. Essa expressão: o começo dos tempos é uma figura que implica a ideia de uma anterioridade ilimitada. O Concílio de Latrão crê, pois,

firmemente que as criaturas espirituais e as criaturas corporais foram formadas ao mesmo tempo e tiradas juntamente do nada numa época indeterminada do passado. O que resta, pois, do texto bíblico que fixou essa criação em seis mil anos dos nossos dias? Admitindo-se que o começo do Universo visível pudesse estar nessa época, não se trataria seguramente do começo dos tempos. Em qual devemos crer, no Concílio ou na Bíblia?

5 – O mesmo Concílio formula ainda uma estranha proposição: “Nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formarem ambos uma só e mesma pessoa, e essa é essencialmente a sua destinação.” Se a finalidade essencial da alma é estar ligada ao corpo, essa constitui o seu estado normal, é o seu objetivo, o seu fim, desde que é essa a sua destinação. Entretanto, a alma é imortal, sua união com o corpo só se realiza uma vez, segundo a Igreja, e mesmo que fosse por um século, o que seria isso ante a eternidade? Para um grande número de criaturas essa união é apenas de algumas horas. Que utilidade teria para a alma essa união efêmera? Quando, em relação à eternidade, a sua maior duração não seria mais do que um minuto imperceptível, seria exato dizer que a sua destinação é essencialmente estar ligada ao corpo? Essa união, na verdade, não é mais do que um incidente, um ponto na vida da alma e não o seu estado essencial.

Se a destinação essencial da alma é estar unida a um corpo material; se por sua natureza e segundo o fim providencial da sua criação essa união é necessária às manifestações de suas faculdades, temos de concluir que sem o corpo a alma humana é um ser incompleto. Sendo assim para permanecer o que ela é pela sua destinação após haver deixado um corpo, é necessário que tome outro, o que nos leva forçosamente à pluralidade das existências, ou seja: à reencarnação eternizada. É verdadeiramente estranho que um Concílio considerado como uma das luminárias da Igreja tenha identificado nesse ponto o ser espiritual com o ser material, de maneira a não poderem existir um sem o outro, desde que a condição essencial de sua criação é o de permanecerem unidos.

6 – O quadro hierárquico dos anjos nos mostra que muitas ordens têm, nas suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade, sendo que foram criados para esse fim. Mas,

segundo a Gênese, o mundo físico e a humanidade só existem há seis mil anos. O que faziam esses anjos antes desta criação, durante a eternidade, se os objetos das suas ocupações não existiam? Os anjos foram criados desde toda a eternidade? Assim deve ser, pois se destinam à glorificação do Altíssimo. Se Deus os criou em alguma época determinada, então ele esteve até essa época, quer dizer, durante uma eternidade, sem adoradores.

7 – Logo mais, está escrito: “Enquanto durar essa união tão íntima da alma com o corpo.” Haverá então um momento em que essa união, não existirá mais? Essa proposição contradiz aquela que faz da união a destinação essencial da alma.

Está escrito ainda: “As ideias lhe chegam pelos sentidos, por uma comparação dos objetos exteriores.” Essa é uma doutrina filosófica em parte verdadeira, mas não em sentido absoluto. Segundo o eminente teólogo, é condição inerente à natureza da alma só receber ideias por meio dos sentidos. Ele se esquece das ideias inatas, das faculdades às vezes bastante transcendentas, da intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que não deve a nenhuma forma de instrução. Por meio de quais sentidos esses jovens pastores, calculadores naturais que espantaram os sábios, adquiriram as ideias necessárias à solução quase instantânea dos mais complicados problemas? O mesmo podemos dizer de certos músicos, pintores e linguistas precoces. “Os conhecimentos dos anjos não resultam da indução e do raciocínio.” Eles sabem, porque são anjos sem terem necessidade de aprender. Deus os criou assim. A alma, pelo contrário, deve aprender. Se a alma só recebe as ideias através dos órgãos corporais (que ideias pode ter a alma de uma criança que morreu poucos dias depois de nascer, admitindo-se com a Igreja que ela não renasce mais?)

8 - Aqui se apresenta uma questão vital. A alma adquire conhecimentos e ideias após a morte do corpo? Se uma vez desligada do corpo ela nada mais pode adquirir, a alma da criança, do selvagem, do cretino, do idiota, do ignorante permanecerão para sempre o que eram por ocasião da morte, e assim estarão votadas a uma eterna inutilidade.

Se a alma adquire novos conhecimentos após a vida atual, é porque ela pode progredir. Sem o progresso posterior da alma chegamos a consequências absurdas. Com o progresso

chegamos à negação de todos os dogmas fundados na sua natureza estacionária: o destino irrevogável, as penas eternas e assim por diante. Se ela progride, qual o limite desse progresso? Não há nenhuma razão para que ela não atinja o grau dos anjos ou dos Espíritos puros.

Se a alma pode chegar a esse plano, não havia nenhuma necessidade de criação de seres especiais e privilegiados, isentos de qualquer trabalho, gozando da felicidade eterna sem nada haver feito para conquistá-la, enquanto outros seres desfavorecidos só conseguiriam a suprema felicidade ao preço de longos e cruéis sofrimentos e das mais rudes provas. Deus pode fazê-lo, sem dúvida, mas se admitimos a infinitude de suas perfeições, sem a qual não haveria Deus, é forçoso admitir também que ele nada faz de inútil, nada que possa desmentir a sua soberana justiça e a sua soberana bondade.

9 – “Desde que a majestade dos reis se reflete no número de seus súditos, de seus oficiais e de seus servidores, que há de mais próprio para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos Reis do que essa multidão inumerável dos anjos que povoam o céu e a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade dos que permanecem incessantemente prosternados ou em pé diante do seu trono?”

Não seria rebaixar a Divindade, assimilá-la na sua glória ao fausto dos soberanos da Terra? Essa ideia, inculcada no Espírito das massas ignorantes transformou-se numa falsa opinião da sua verdadeira grandeza. É sempre Deus reduzido às mesquinhas proporções da humanidade. Supô-lo sempre necessitado de ter milhões de adoradores incessantemente prosternados ou em pé diante d'Ele é emprestar-lhe as fraquezas dos monarcas despóticos e orgulhosos do Oriente.

O que torna os soberanos verdadeiramente grandes? É o número e o brilho dos seus cortesões? Não. É a sua bondade e a sua justiça, é o título merecido de pais dos súditos. Pergunta-se se há alguma coisa mais apropriada a nos dar uma ideia da majestade de Deus que a multidão dos anjos que compõem a sua corte? Sim, certamente há alguma coisa melhor do que isso: é representá-lo soberanamente bom, justo e misericordioso para todas as suas criaturas, e não como um Deus colérico, ciumento, vingativo, inexorável, exterminador, parcial e criando para a sua própria glória esses seres privilegiados, favorecidos com todos os

dons, nascidos para a eterna felicidade, enquanto aos outros condena a conquistar penosamente a felicidade e os pune, por um momento de erro, com uma eternidade de suplícios.

10 – O Espiritismo professa, a respeito da união da alma e do corpo, uma doutrina infinitamente mais espiritualista, para não dizer menos materialista, e que, além disso, está de acordo com a observação e com o destino da alma. Segundo ele nos ensina, a alma é independente do corpo, que constitui apenas um envoltório temporário; sua essência é a espiritualidade; sua vida normal é a vida espiritual. O corpo é somente um instrumento para o exercício de suas faculdades, nas suas relações com o mundo material. Mas, separada do corpo, ela goza de suas faculdades com maior liberdade e em maior amplitude.

11 – Sua união com o corpo, necessária aos seus primeiros desenvolvimentos, realiza-se no período que se pode chamar de infância e adolescência. Quando ela atinge um certo grau de perfeição e desmaterialização, essa união não é mais necessária e a alma continua a progredir na vida espiritual. Por mais numerosas que sejam, de resto, as existências corpóreas, elas são necessariamente limitadas pela própria vida dos corpos e a sua soma total não compreende, em todos os casos, mais do que uma parcela imperceptível da vida espiritual que é infinita.

Os Anjos segundo o Espiritismo

12 – Não há dúvida de que existem seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos. A revelação espírita confirma, nesse ponto, a crença de todos os povos. Mas ao mesmo tempo nos dá a conhecer a natureza e a origem desses seres.

As Almas ou Espíritos são criados simples, ou ignorantes, quer dizer: sem conhecimentos e sem a consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirir tudo isso que lhes falta. Eles o adquirem pelo trabalho. O alvo, que é a perfeição, é o mesmo para todos e eles o atingem com maior ou menor rapidez, de acordo com o uso que fizerem do seu livre-arbítrio e na razão dos seus esforços. Todos têm que percorrer os mesmos graus, com o mesmo trabalho a cumprir.

Deus não dá uma obrigação mais pesada nem mais leve a uns do que a outros, porque todos são seus filhos e sendo Ele justo não tem preferência por nenhum. Deus lhes diz: “Eis a Lei que deve guiar a vossa conduta. Só ela vos pode conduzir ao alvo. Tudo o que estiver de acordo com essa Lei pertence ao bem, tudo o que a contrariar pertence ao mal. Sois livres de a observar ou de a infringir, de maneira que sereis os árbitros da vossa própria sorte.”

Deus, portanto, não criou o mal. Todas as suas Leis conduzem ao bem. Foi o próprio homem quem criou o mal infringindo as Leis de Deus. Se ele as observasse escrupulosamente jamais se afastaria do bom caminho.

13 – Mas a alma, nas primeiras fases da sua existência, da mesma maneira que a criança, não tem experiência e por isso é falível. Deus não lhe dá a experiência, mas lhe concede os meios de adquiri-la. Cada passo falso no caminho do mal representa um atraso para a alma. Ela sofre as consequências de erro e aprende à própria custa o que deve evitar. É assim que pouco a pouco ela se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual até chegar ao estado de Espírito puro ou anjo.

Os anjos são, pois, as almas dos homens que atingiram o grau de perfeição acessível à criatura e gozam da felicidade prometida. Antes de haver atingido o grau supremo, gozam de uma felicidade relativa ao seu adiantamento, mas essa felicidade não é a do prazer ocioso. É, pelo contrário, a das funções que Deus lhes confia, a seu pedido, sentindo-se felizes de desempenhá-las, porque estas ocupações são para elas um meio de progredir. (Ver Cap. III, **O Céu.**)

14 – A Humanidade não está limitada à Terra. Ocupa inumeráveis mundos que circulam no espaço. Ocupou os mundos que já desapareceram e ocupará os que ainda se formarão. Deus criou desde toda a eternidade e cria sem cessar. Muito tempo antes que a Terra existisse, por maior ancianidade que lhe atribuamos, já havia em outros mundos Espíritos encarnados que percorreram as mesmas etapas que nós, Espíritos de formação mais recente, que estamos percorrendo agora o mesmo caminho que eles percorreram, chegando ao seu destino antes mesmo que nós houvéssemos saído das mãos do Criador. Por toda a eternidade sempre houve anjos ou Espíritos puros, mas como a sua

existência humana se perde no infinito do passado, temos a impressão, de que eles sempre foram anjos.

15 – É assim que se nos revela a grande Lei de unidade da Criação. Deus nunca esteve inativo e sempre teve Espíritos puros, experientes e esclarecidos para transmitirem as suas ordens e para dirigirem todo o mecanismo do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos pormenores. Não houve pois necessidade da criação de seres privilegiados, isentos de encargos. Todos, antigos ou novos, conquistaram a sua elevação através da luta e pelos próprios méritos. Todos, enfim, são filhos de suas próprias obras. Assim se cumpre igualmente a soberana justiça de Deus.

CAPITULO IX - OS DEMÔNIOS

Origem da crença nos Demônios

1 – Os demônios desempenharam em todas as épocas um papel nas diversas teogonias. Embora consideravelmente decaídos na opinião geral, a importância que ainda lhes atribuem em nossos dias dá a esta questão uma certa gravidade, porque ela se refere ao próprio fundamento das crenças religiosas. É portanto conveniente que a examinemos em todos os seus aspectos.

A crença na existência de um poder superior é instintiva e podemos encontrá-la entre os homens sob as mais diferentes formas, em todas as épocas. Mas se, no grau de adiantamento intelectual em que hoje se encontram, ainda discutem a natureza e os atributos dessa potência, quanto mais imperfeitas deviam ser suas noções a respeito nas fases iniciais da humanidade!

2 – A representação que hoje fazemos dos povos primitivos deslumbrados com as belezas da Natureza, nas quais admiram a bondade do Criador, é sem dúvida muito poética, mas desprovida de realidade.

Quanto mais próximo se encontra o homem do estado natural, mais é dominado pelo instinto, como ainda podemos ver entre os povos selvagens e bárbaros dos nossos dias. O que mais o preocupa, ou melhor, o que exclusivamente o preocupa é a satisfação das suas necessidades vitais, pois na verdade não possui outras. O senso moral, que lhe torna possível gozar os prazeres dessa ordem, só se desenvolve aos poucos e demoradamente. A alma tem a sua infância, sua adolescência e sua virilidade, como acontece na vida corpórea. Mas, para atingir a virilidade, que a torna capaz de compreender as coisas abstratas, quanto deve ainda percorrer no caminho da evolução humana! Quantas existências terá ainda de cumprir!

Sem remontarmos aos tempos primitivos, vejamos ao nosso redor as populações camponesas e perguntemos que sentimentos de admiração despertam nelas o nascer do Sol com seu esplendor, o céu estrelado, o gorjeio dos pássaros, o marulhar das ondas, os prados verdejantes e floridos. Para elas, o Sol se levanta porque isso é habitual e é necessário que dê o calor para amadurecer as colheitas sem as queimar. É tudo quanto lhes interessa. Se olham

o céu é para saber se fará bom ou mau tempo no dia seguinte. Que os pássaros cantem ou não, isso pouco lhes interessa, desde que não vão comer os grãos das sementeiras. Às melodias do rouxinol preferem o cacarejar das galinhas e os grunhidos dos porcos. O que interessa nas ondas claras ou borbulhantes dos riachos, é que não sequem e não produzam inundações. Quanto aos prados, que lhes deem boa pastagem, com ou sem flores. É tudo quanto desejam, diremos mais, tudo o que compreendem da Natureza e, no entanto, estão já bem distantes dos homens primitivos!

3 – Se nos reportamos aos primitivos, vemo-los ainda mais inteiramente preocupados com a satisfação de seus interesses materiais. Tudo o que serve para os ajudar e tudo o que possa prejudicá-los resumem para eles o bem e o mal neste mundo. Creem num poder extra-humano, mas como o que acarreta prejuízo material é o que mais lhes toca, atribuem esses prejuízos ao poder de que fazem, aliás, uma ideia muito vaga. Nada podendo ainda conceber fora do mundo visível e tangível, imaginam que esse poder se constitui dos seres e das coisas que lhes são prejudiciais.

Os animais daninhos são, assim, para eles, os agentes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, imaginam a personificação do bem nas coisas úteis. Vem daí o culto de certos animais, de certas plantas e mesmo de objetos inanimados. Mas o homem é geralmente mais sensível ao mal do que ao bem, de maneira que o bem lhe parece natural enquanto o mal lhe parece extraordinário. É por isso que, em todos os cultos primitivos, as cerimônias em honra ao poder malfazejo são as mais numerosas: o medo é mais dominante que a gratidão.

Por muito tempo o homem só compreende o bem e o mal do ponto de vista físico. O sentimento do bem moral e do mal moral assinala um progresso da alma humana. Somente então o homem entrevê a espiritualidade e compreende que o poder sobre-humano está fora do mundo visível e não nas coisas materiais. Essa conquista pertence a algumas inteligências privilegiadas, mas que assim mesmo não conseguem ir além de certos limites.

4 – Vendo-se uma luta incessante entre o bem e o mal, este frequentemente vencendo aquele, e não se podendo

racionalmente admitir que o mal seja um poder benfazejo, conclui-se pela existência de dois poderes rivais que governam o mundo. Foi assim que nasceu a doutrina dos dois princípios: o do bem e o do mal, doutrina lógica na ocasião, porque o homem era ainda incapaz de conceber outra e de compreender a natureza do Ser supremo. Como poderia compreender que o mal é uma ocorrência passageira da qual pode sair o bem e que os males que o afligiam deviam levá-lo à felicidade, ajudando o seu adiantamento?

Os limites do seu horizonte moral nada lhe permitiam ver além da vida presente, nem quanto ao futuro, nem quanto ao passado. Ele não podia compreender que havia progredido, nem que teria ainda de progredir individualmente, e menos ainda que as vicissitudes da vida resultam da imperfeição do seu próprio ser espiritual, que preexiste e sobrevive ao corpo, depurando-se numa série de existências até chegar à perfeição. Para compreender que o bem pode sair do mal não lhe bastava ver apenas uma existência, era necessário abranger o conjunto, pois só então se tornam claras as verdadeiras causas e os seus efeitos.

5 – O duplo princípio do bem e do mal foi, durante longos séculos, sob diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado com os nomes de Ormuz e Arimã entre os persas e de Jeová e Satã entre os hebreus. Mas, como todo soberano deve ter os seus ministros, todas as religiões admitiram a existência de poderes secundários que são os gênios bons ou maus. Os pagãos personificaram esses poderes numa multidão de individualidades, tendo, cada uma, atribuições especiais no tocante ao bem e ao mal, as virtudes e aos vícios, dando-lhes a denominação geral de deuses. Os Cristãos e os Muçulmanos herdaram dos Hebreus os anjos e os demônios.

6 – A doutrina dos demônios tem portanto a sua origem na antiga crença no princípio do bem e do mal. Vamos examiná-la aqui somente do ponto de vista cristão, procurando ver se ela está em relação com o conhecimento mais exato que hoje possuímos dos atributos da Divindade.

Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas. Os dogmas, o culto, as cerimônias, as práticas, a moral, tudo nelas se relaciona com a ideia mais ou

menos justa, mais ou menos elevada que fazem de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a natureza de Deus é ainda um mistério para a nossa inteligência, entretanto já aí compreendemos melhor do que nunca, graças aos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo, concordando nisso com os princípios racionais, nos ensina que:

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e todas as suas perfeições são infinitas.

Como dissemos atrás (Cap. VI, **Penas Eternas**): “Se tirarmos a enorme parcela de um só dos atributos de Deus, não teremos mais Deus, pois poderia existir um ser mais perfeito.” Esses atributos, compreendidos na sua mais absoluta plenitude, constituem o critério de todas as religiões, a medida de verdade de cada um dos princípios que elas ensinam. Para que um desses princípios seja verdadeiro é preciso que não atente contra nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se isso acontece no tocante à doutrina vulgar dos demônios.

Os demônios segundo a Igreja

7 – Segundo a Igreja, Satã, o chefe ou rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas um ser real que pratica exclusivamente o mal, enquanto Deus faz exclusivamente o bem. Tomemo-lo, pois, exatamente como no-lo apresentam.

Satã existe desde toda a eternidade, como Deus, ou é posterior a Deus? Se sempre existiu, é *incriado* e portanto igual a Deus. Nesse caso, Deus não é único, pois há o Deus do bem e o Deus do mal.

Satã é posterior? Então é uma criatura de Deus. E desde que só faz o mal, sendo incapaz de praticar o bem e de se arrepender, Deus criou um ser destinado perpetuamente ao mal. Se o mal não é obra de Deus, mas de uma de suas criaturas predestinada a fazê-lo, Deus será sempre o primeiro autor e nesse caso não é infinitamente bom. Acontece o mesmo com todos os seres maus chamados demônios.

8 – Foi essa durante muito tempo a crença a respeito dos demônios. Atualmente se diz:

Deus, que é a bondade e a santidade em essência, não os havia criado maus e malfazejos. Sua mão paternal, que se apraz em expandir sobre todas as suas obras um reflexo das suas infinitas perfeições, lhes havia dado os seus dons mais esplendentes. Às qualidades super excelentes de sua natureza, acrescentou as abundâncias da sua graça: Fê-los em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes que estão na sua glória e felicidade. Distribuídos por todas as ordens e misturados a todos os graus, tinham eles o mesmo objetivo e os mesmos destinos. Seu chefe foi o mais belo dos arcanjos. Eles mesmos teriam podido merecer a sua confirmação de justos para sempre e a sua admissão no eterno gozo da felicidade dos céus. Esta última graça teria completado todos os favores que até então lhes tinham sido feitos, mas deveria ser o preço de sua docilidade e eles se tornaram indignos dela. Perderam-se por uma revolta audaciosa e insensata.

O que os impediu de serem perseverantes? Qual a verdade que não haviam conhecido? Que ato de fé e de adoração recusaram a Deus? A Igreja e os anais da história santa nada dizem a respeito de maneira positiva, mas parece certo que não aceitaram a mediação do Filho de Deus para eles mesmos nem a exaltação da natureza humana em Jesus Cristo.

O Verbo Divino, que fez todas as coisas, é também o único mediador e salvador no Céu e na Terra. O destino sobrenatural só foi dado aos anjos e aos homens na previsão de sua encarnação e de seus méritos. Porque não há nenhuma proporção entre as obras dos Espíritos mais eminentes e essa recompensa que é o próprio Deus em si mesmo. Nenhuma criatura teria podido chegar até esse ponto sem essa intervenção maravilhosa e sublime de caridade. Ora, para cobrir a distância infinita que separa a essência divina das obras de suas próprias mãos, era necessário que ele reunisse na sua pessoa os dois extremos e associasse a sua divindade à natureza do anjo ou à do homem: ele preferiu a natureza humana.

Esse plano, concebido desde toda a eternidade, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização. O Homem-Deus lhes foi mostrado no futuro como Aquele que devia confirmá-los na graça e introduzi-los na glória, com a

condição de que o adorassem na Terra durante a sua missão, e no Céu pelos séculos dos séculos. Revelação inesperada, visão arrebatadora para os corações generosos e reconhecidos, mas mistério profundo e humilhante para os Espíritos soberbos!

Este destino sobrenatural, o peso imenso dessa glória que lhes era proposta não seria unicamente a recompensa de seus méritos pessoais! Jamais se poderiam atribuir, por si mesmos, os títulos da sua posse! Um mediador entre eles e Deus, que ofensa feita à sua dignidade! A preferência gratuita pela natureza humana, que injustiça! Que atentado aos seus direitos! Essa humanidade que lhes era tão inferior, teriam de vê-la um dia endeusada pela sua união com o Verbo e assentada à direita de Deus, sobre um trono resplandecente? Concederão eles a prestar-lhe eternamente as suas homenagens e a sua adoração?

Lúcifer e a terceira parte dos anjos sucumbiram a esses pensamentos de inveja e de orgulho. São Miguel, e com ele a maioria, exclamaram: quem é semelhante a Deus? Ele é o senhor de seus dons e o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro que será imolado para a salvação do mundo! Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo que devia ao seu criador a sua própria nobreza e as suas prerrogativas, preferiu escutar a sua própria temeridade e respondeu: eu mesmo subirei ao céu, estabalecerei a minha morada acima dos astros, me assentarei sobre a montanha da Aliança, nos flancos do Arquilão, dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo. – Os que partilhavam os seus sentimentos acolheram essas palavras com um murmurar de aprovação, e eles estavam em todas as ordens da hierarquia, mas a sua multidão não os livrou do castigo.

9 – Essa doutrina provoca numerosas objeções:

1ª.) Se Satã e os demônios eram anjos, é que eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir, desconhecendo dessa maneira a autoridade de Deus em cuja presença se encontravam? Poder-se-ia ainda conceber que, se tivessem chegado a esta eminência de maneira gradual, após haver passado pelos planos da imperfeição, pudessem ter sofrido uma

queda dolorosa. Mas o que torna o problema mais incompreensível é que são apresentados como tendo sido criados perfeitos³⁷.

A consequência dessa teoria é a seguinte: Deus quis fazê-los seres perfeitos, desde que os criou de todos os dons, mas se enganou. Assim, segundo a Igreja, Deus não é infalível³⁸.

2ª.) Desde que nem a Igreja nem os anais da História Sagrada explicam a causa da revolta dos anjos contra Deus, que somente parece certo que foi a recusa de reconhecer a missão futura do Cristo, que valor pode ter o quadro tão preciso e detalhado da cena que então se passou? Em que fonte encontrou ela as expressões tão precisas que reproduziu, como tendo sido pronunciadas na ocasião e até mesmo os simples murmúrios? De duas, uma: ou a cena é verdadeira ou não é. Se é verdadeira, não há qualquer incerteza. Então, por que a Igreja não decidiu a questão? Se a Igreja e a História se calam, a causa apenas parece certa, tudo não passa de suposição e a descrição da cena é simples obra de imaginação^{39, 40}.

³⁷ Essa doutrina monstruosa foi dada por Moisés quando disse (*Gênese*, Cap, VI, v. 6,7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra. E, tocado de dor até o mais fundo do coração, disse: exterminarei da Terra o homem que criei, exterminarei tudo, desde o homem até os animais, desde os que rastejam no solo até os pássaros do céu, porque eu me arrependo de os haver feito.”

Um Deus que se arrepende daquilo que fez não é perfeito nem infalível: portanto, não é Deus. Essas são, não obstante, as palavras que a Igreja proclama como verdades sagradas. Por outro lado, não se percebe, de maneira alguma, o que havia de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para merecerem aqueles a sua exterminação. (Nota de Kardec)

³⁸ A revolução teológica atualmente em curso dá pouca importância ao problema dos anjos, preocupada quase exclusivamente com o homem. No *Catecismo Holandês*, que apresenta a fé para adultos, a distinção entre os anjos e os homens permanece a mesma do tempo de Kardec. Definindo-os, diz o Catecismo: “São mensageiros ou virtudes que provêm de Deus, espíritos servidores (*Hebreus* 1,14) frequentemente apresentados na Bíblia em forma humana. Dão forma à bondade de Deus e constituem as grandes virtudes boas que colaboram conosco nesta criação. Seria a existência deles hipótese pertencente à concepção do mundo que reina na Sagrada Escritura? Ou faz esta existência parte integrante da revelação de Deus?” – Como se vê, os anjos são um mistério. (N. do T.)

³⁹ Encontra-se em *Isaías*, cap. XVI, v. 11 e seguintes: “Teu orgulho foi precipitado nos infernos, teu corpo morto tombou na Terra, tua cama será a podridão e tua vestimenta será de vermes. Como tombaste do céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante como o sol ao meio-dia? Como foste lançado sobre a Terra, tu que golpeavas e ferias as nações, que dizias no teu coração: eu subirei ao céu e estabalecerei meu trono sobre os astros de Deus, e me assentarei sobre a montanha da Aliança, nos flancos do Aquilão, me colocarei sobre as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo? – E no entanto foste precipitado desta glória para o inferno, até os mais fundos dos

3ª.) As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância que nos assustamos de ver num arcanjo que por sua própria natureza e pelo grau que havia alcançado, não devia participar, no tocante à organização do Universo, dos erros e dos preconceitos que os homens professaram até o momento em que a Ciência veio esclarecê-los. Como poderia ele dizer: “Estabelecerei a minha morada acima dos astros, dominarei as nuvens mais elevadas”? É sempre a antiga crença que tem a Terra como centro do Universo, o céu de nuvens que se estende até as estrelas, a região limitada das estrelas formando a cúpula que a Astronomia nos mostra aberta ao espaço infinito, onde as estrelas se espalham.

Como sabemos hoje as nuvens não se encontram além de duas léguas acima da Terra, para dizer que dominaria as nuvens mais elevadas, referindo-se às montanhas, era necessário que as cenas se passassem na face da Terra e que nesta, portanto, estivesse a morada dos anjos. Se essa morada estiver nas regiões superiores, estaria claro que devia situar-se muito além das nuvens. Atribuir aos anjos uma linguagem tomada de

abismos. – Os que puderem ver-te, aproximando-se de ti, depois de te encararem, dirão: é este o homem que atemorizou a Terra, que encheu de terror os reinos e transformou o mundo num deserto, destruiu as cidades e prendeu em cadeias os que fez prisioneiros?”

Essas palavras do profeta não se referem à revolta dos anjos, mas aludem ao orgulho e à queda do rei de Babilônia que mantinha os judeus no cativeiro, como o provam os últimos versículos. O Rei de Babilônia é designado, por alegoria, sob o nome de Lúcifer, mas não se faz nenhuma referência à cena acima descrita. Essas palavras são do Rei, que as dizia no seu coração e se colocava, pelo seu orgulho, acima de Deus, cujo povo retinha cativo. A predição da libertação dos judeus, da ruína de Babilônia e da derrota dos assírios é, aliás, o objeto exclusivo desse capítulo. (Nota de Kardec)

⁴⁰ Tratando de Satanás, diz o *Catecismo Holandês* simplesmente que ele pode ser considerado da mesma maneira que os anjos “... mas em direção oposta: ele é a força reacionária. Não em pé de igualdade, não tão original nem tão poderoso quanto Deus, como bem nos revela expressamente a Escritura. É ele a malícia tremenda que vemos agir eficazmente na Humanidade. Ultrapassa de tão longe a malícia individual que nos perguntamos: qual é a força que está agindo aqui? Uma força meramente humana?” – Como se vê, a posição teológica dos nossos dias continua ambígua em referência ao problema dos anjos e demônios. A Igreja ainda não conseguiu escapar da dualidade mazdeista, considerando Deus como sendo ao mesmo tempo o Poder Supremo e a sua própria oposição. A crítica de Kardec, portanto, continua válida. (*O Novo Catecismo*, Editora Herder, São Paulo, 1969, com parecer para o *Nihil Obstat et Imprimatur*, do Cardeal Arcebispo, por Mons. Dr. Roberto Mascarenhas Roxo. O parecer lembra que o Concílio Vaticano reafirmou a tese do IV Concílio de Latrão e esclarece: “A fé não define a natureza ‘filosófica’ desses seres. Afirma-os ‘espíritos’, i. e., de natureza diversa, do homem enquanto simultaneamente espiritual e material”), (N. do T.)

empréstimo à ignorância dos homens seria declarar que estes, hoje, sabem mais do que os anjos. A Igreja sempre cometeu o erro de não levar em consideração os progressos da ciência.

10 – A resposta à primeira objeção se encontra na passagem seguinte:

A Escritura e a Tradição designam o Céu como o lugar em que os anjos foram colocados no momento da sua criação. Mas esse não é o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra aos seus eleitos face a face e onde esses eleitos o contemplam sem dificuldades e sem esforços, porque lá não existem mais perigos nem possibilidades de pecar; a tentação e a fraqueza são ali desconhecidas; a justiça, a alegria e a paz reinam com segurança absoluta; a santidade e a glória são imperecíveis. Era portanto outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada em que essas nobres criaturas, largamente favorecidas pelas comunicações divinas, deviam recebê-las e aceitá-las pela humildade da fé, antes de serem admitidas à condição de verem claramente a realidade na própria essência de Deus.

Disto resulta que os anjos falidos pertencem a uma categoria menos elevada, menos perfeita, de maneira que ainda não haviam atingido a região suprema em que a falta é impossível. Seja, mas então há uma contradição manifesta porque está dito no texto que: *“Deus os havia criado **em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes**; que, distribuídos em todas as ordens e misturados a todos os graus, eles tinham o mesmo objetivo e a mesma destinação; que o seu chefe era o mais belo dos arcanjos”*. Se eles foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não podiam ter uma natureza inferior, e se estavam misturados a todos os graus, não podiam estar num lugar especial. A objeção, portanto, subsiste em toda a sua inteireza.

11 – Há ainda outra que é, inegavelmente, a mais grave e a mais séria.

Está escrito: *“Esse plano (a mediação de Cristo) concebido **desde toda a eternidade**, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização.”* Deus sabia, portanto, desde toda a eternidade, que os anjos, tanto quanto os homens, tinham necessidade dessa mediação. Sabia, ou não sabia que certos

anjos falhariam, que a sua queda acarretaria para eles a condenação eterna e sem esperança de retorno; que eles seriam destinados a tentar os homens e que estes, os que se deixassem seduzir, teriam a mesma sorte.

Se Deus sabia tudo isso, então criou os anjos, em conhecimento de causa, para a perda irrevogável e para por a perder a maior parte do gênero humano. Por mais que se faça, é impossível conciliar a sua criação, em face de semelhante previsão, com a sua soberana bondade. Se, por outro lado, ele nada sabia, não era onisciente nem todo-poderoso. Num e noutro caso, temos a negação de atributos, sem a plenitude dos quais, Deus não seria Deus.

12 – Se admitirmos a falibilidade dos anjos, semelhante à dos homens, a punição é uma consequência natural e justa da falta cometida, desde que se admita ao mesmo tempo a possibilidade do resgate para o retorno ao bem, à reintegração na graça após o arrependimento e a expiação. Não haveria nada que então desmentisse a bondade de Deus. Deus sabia que eles faliriam e seriam punidos, mas sabia também que o castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender a própria falta e portanto reverteria em seu benefício.

Assim se cumpririam estas palavras do profeta Ezequiel: *“Deus não quer a morte do pecador, mas a sua salvação.”* (Ver cap. VII, nº 20). O que seria a negação da bondade de Deus é a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade do retorno ao bem. Nessa hipótese é rigorosamente exato dizer-se que: *“Esses anjos, desde a sua criação, pois que Deus não o podia ignorar, foram destinados ao mal pela eternidade e predestinados a se transformarem em demônios para arrastar os homens ao mal”*.

13 – Vejamos agora qual é a sorte destes anjos e o que eles fazem:

Mal eclodira a revolta na linguagem dos Espíritos, quer dizer, nos impulsos dos seus pensamentos, foram eles banidos irrevogavelmente da cidade celeste e precipitados no abismo.

Por essas palavras entendemos que eles foram relegados a um lugar de suplícios onde tivessem de sofrer a penalidade do fogo, conforme o que diz o texto do Evangelho, que procede das próprias palavras do Salvador: “Ide, malditos,

ao fogo eterno que foi preparado para o demônio e seus anjos.” São Pedro diz expressamente: “Que Deus os enviou às cadeias e às torturas do inferno; mas nem todos ficam ali perpetuamente; somente no fim do mundo é que serão encerrados para sempre com os condenados. Atualmente Deus ainda permite que eles ocupem um lugar na criação a que pertencem, ordem das coisas à qual se liga a sua existência, nas relações enfim que eles devem ter com os homens e das quais abusam da maneira mais perniciosa.

Enquanto uns permanecem na sua morada tenebrosa, servindo de instrumento à justiça divina, *contra as almas infortunadas que seduziram*, numerosos outros, formando legiões infinitas e invisíveis, sob a conduta de seus chefes, moram nas camadas inferiores da nossa atmosfera e percorrem todas as partes do globo. Estão infiltrados em tudo que se passa neste mundo e na maioria das vezes desempenham o papel mais ativo.”

No que concerne às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, ver o capítulo IV, intitulado **O Inferno**.

14 — Segundo esta doutrina, uma parte dos demônios fica somente no inferno enquanto a outra erra em liberdade, intrometendo-se em tudo que se passa neste mundo, divertindo-se em praticar o mal, e isso até o fim do mundo, cuja data indeterminada não chegará provavelmente tão cedo. Mas por que essa diversidade? São estes menos culpados? Seguramente não. A menos que se revezem nos seus papéis, o que parece resultar desta passagem: “*Enquanto uns permanecem na sua morada tenebrosa e servem de instrumento à justiça divina contra as almas infortunadas que seduziram*”.

Suas funções consistem, pois, em atormentar *as almas que seduziram*. Assim, não estão encarregados de punir as que são culpadas de faltas livre e involuntariamente cometidas, mas aquelas que caíram pelas suas próprias provocações. São, ao mesmo tempo, *a causa da falta, e o instrumento do castigo*. E, coisa que a justiça humana por mais imperfeita não admitiria, a vítima que sucumbe por fraqueza, na ocasião preparada para isso, é punida tão severamente como o agente provocador que empregou contra ela a artimanha e a astúcia. A punição é até mais severa, porque ela vai ao inferno ao deixar a Terra, para dali nunca mais sair, sofrendo sem trégua nem perdão pela

eternidade, enquanto aquele que foi a causa da sua queda goza de uma dilação de prazo, em liberdade até o fim do mundo! A justiça de Deus não seria então mais perfeita que a dos homens?

15 – Isso não é tudo. *“Deus permite que eles ocupem ainda um lugar na criação, nas relações que devem ter com os homens e das quais abusam da maneira mais perniciosa.”* Deus poderia ignorar que eles iam abusar da liberdade que lhes concedia? Então por que a concedeu? Foi pois em conhecimento de causa que deixou as suas criaturas à mercê dos demônios, sabendo, em virtude da sua infinita presciência, que elas sucumbiriam e teriam a mesma sorte dos tentadores. Não tinham elas a sua própria fraqueza, sem a necessidade de que fossem excitadas ao mal por um inimigo tanto mais perigoso, quanto invisível? Ainda se o castigo fosse apenas temporário e o culpado pudesse salvar-se pela reparação! Mas não: ele é condenado pela eternidade. Seu arrependimento, seu retorno ao bem, suas lamentações, tudo é sem valor.

Os demônios são assim agentes provocadores predestinados a recrutar almas para o inferno, e isso com a permissão de Deus, que sabia, ao criar essas almas, a sorte que lhes estava reservada. Que se diria, aqui na Terra, de um juiz que usasse semelhantes meios para encher as prisões? Estranha ideia que nos dão da Divindade de um Deus cujos atributos essenciais são a soberana justiça e a soberana bondade!

E é em nome de Jesus Cristo, daquele que só pregou o amor, a caridade e o perdão, que se ensinam semelhantes doutrinas! Houve um tempo em que esses absurdos passavam despercebidos. Não podiam ser compreendidos, não chocavam os sentimentos. O homem, arcado ao jugo do despotismo, submetia a sua razão de maneira cega, ou melhor, abdicava da razão. Mas hoje a hora da emancipação já soou. Ele compreende a justiça e deseja tê-la durante a sua vida e após a sua morte. Eis porque ele clama: isso não é assim, não pode ser assim ou Deus não é Deus!

16 – O castigo segue por toda a parte esses seres decaídos e malvistos, que levam sempre consigo o seu próprio inferno: eles não têm paz nem repouso; as próprias doçuras da esperança foram transformadas para eles em amarguras. A esperança lhes é odiosa. A mão de Deus os feriu no ato

mesmo do pecado e a sua vontade se obstinou no mal. Tornados perversos, não querem mais deixar de sê-lo e o são para sempre.

Após o pecado eles são o que o homem é depois da morte. *A reabilitação dos que caíram é pois impossível.* Sua perda é sem reparação e eles perseveram no seu orgulho face a face com Deus, no seu ódio contra Cristo, na sua inveja da humanidade.

Não tendo podido conquistar a glória do céu, pelo excesso de suas ambições, procuram estabelecer o seu império na Terra e dela afastar o reino de Deus. O Verbo feito carne cumpriu, apesar deles, os seus desígnios para a salvação e a glória da humanidade. Empregam, pois, todos os seus meios para levar à perdição às almas resgatadas. A astúcia e a importunação, a mentira e a sedução são utilizadas para as conduzir ao mal e à ruína completa.

Com tais inimigos, a vida do homem, desde o berço até o túmulo, não pode ser, desgraçadamente, senão uma luta perpétua, porque eles são poderosos e infatigáveis.

Esses inimigos, com efeito, são os mesmos que, depois de introduzirem o mal no mundo, cobriram a Terra com as trevas espessas do erro e do vício. São os que, durante muitos séculos, fizeram adorar-se como deuses reinando como senhores sobre os povos da Antiguidade. São, enfim os que ainda exercem o seu império tirânico sobre as regiões idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até mesmo no seio das sociedades cristãs.

Para se compreender todos os recursos *de que eles dispõem* para o serviço da sua maldade, basta notar *que eles nada perderam das prodigiosas faculdades, que são o apanágio da natureza angélica.* Sem dúvida, o futuro e sobretudo a ordem sobrenatural tem mistérios que Deus se reserva e que eles não podem descobrir. Mas a sua inteligência é muito superior à nossa, porque eles percebem num simples olhar os efeitos ainda nas suas causas, e as causas nos seus efeitos. Essa penetração lhes permite anunciar com antecedência acontecimentos que escapam às nossas conjeturas. A diversidade e a distância dos lugares desaparecem diante da sua agilidade. Mais rápidos que o raio, mais instantâneos que os pensamentos, eles se encontram quase ao mesmo tempo sobre diversos pontos

do globo e podem descrever de longe os acontecimentos que testemunham na mesma hora em que eles se verificam. As leis gerais pelas quais Deus rege e governa o Universo não estão ao seu sabor: eles não podem interrogá-las, nem, portanto predizer ou operar verdadeiros milagres, mas possuem a arte de imitar e falsificar as obras divinas dentro de certos limites. Sabem quais os fenômenos que resultam da combinação dos elementos e predizem com segurança os resultados de combinações naturais como os das combinações que podem fazer por si mesmos. Daí esses oráculos numerosos, os vaticínios extraordinários de que os livros sagrados e profanos nos guardaram a lembrança e que serviram de base e de alimento para todas as superstições.

A sua substância simples e imaterial escapa aos nossos olhos. Eles estão ao nosso lado sem que os percebamos; tocam a nossa alma sem tocar os nossos ouvidos; cremos obedecer ao nosso próprio pensamento, quando estamos sofrendo as suas tentações e a sua funesta influência. Ao contrário disso, as nossas disposições são conhecidas por eles, através das impressões que nos fazem sentir, o que lhes permite nos atacarem, em geral pelo nosso lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança costumam apresentar-nos ideias e sugestões de acordo com as nossas tendências. Modificam a sua atitude segundo as circunstâncias e de acordo com os traços característicos de cada temperamento. Mas as suas armas favoritas são a mentira e a hipocrisia.

17 – O castigo, dizem, os segue por toda parte. Não têm mais nem paz nem repouso. Isso não destrói a observação referente ao descanso dos que não estão no inferno, descanso tanto menos justificado, quanto, estando de fora praticam ainda muito maior mal. Sem dúvida, eles não são felizes como os anjos bons, mas seria contada a liberdade de que gozam? Se eles não têm a felicidade moral que a virtude proporciona, são entretanto menos infelizes que os seus cúmplices que se acham nas chamas. Além disso, o malvado sempre desfruta uma espécie de prazer ao praticar o mal com toda a liberdade. Pergunte-se a um criminoso se para ele tanto faz estar na prisão ou percorrer os campos

cometendo os seus crimes à vontade. A situação é exatamente a mesma?

O remorso, dizem, o persegue sem tréguas nem piedade. Mas se esquecem de que o remorso é precursor imediato do arrependimento, quando já não é o próprio arrependimento. Dizem: *“Tornando-se perversos, eles não querem mais deixar esse caminho e o seguem para sempre.”* Mas então, se eles não querem deixar de ser perversos, é que não sofrem remorsos. Se tivessem o menor pesar, cessariam de praticar o mal e clamariam pelo perdão. Assim, o remorso não é um castigo para eles.

18 – *“Eles estão após o pecado como o homem após a morte. A reabilitação dos que caíram é pois impossível.”* De onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que decorra da semelhança de situação com a do homem após a morte, proposição que, aliás, não é bastante clara. Essa impossibilidade virá da sua própria vontade ou da vontade de Deus? Se for da sua vontade, denota extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal. Nesse caso, não se compreende que seres tão essencialmente maus tenham jamais podido estar entre os anjos virtuosos e que, durante o tempo infinito que passaram entre eles, não tenham deixado perceber nenhum sinal de sua maldade natural. Se for da vontade de Deus, ainda menos se compreende que lhes possa ser dado, como castigo, a impossibilidade de voltar ao bem, após a prática da primeira falta. O Evangelho não ensina nada semelhante.

19 – *“Sua perda, acrescenta, é desde então irremediável e eles perseveram no seu orgulho face a face com Deus.”* De que lhes serviria não perseverar desde que todo o arrependimento é inútil? Se tivessem a esperança de uma reabilitação, a qualquer preço que fosse, o bem poderia ser alguma coisa para eles, enquanto dessa maneira não é nada. Se perseveram no mal é porque a porta da esperança foi fechada para eles. E porque Deus a fechou? Para se vingar da ofensa que lhe fizeram ao faltarem com a submissão. Assim, para vingar o seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere vê-los, não somente sofrer, mas continuarem a praticar o mal em lugar do bem, induzindo ao mal e lançando à perdição eterna todas as criaturas do gênero humano, quando bastaria um simples ato de clemência para evitar

tamanho desastre, um desastre já predeterminado desde toda a eternidade?

Seria, por acaso, esse ato de clemência uma graça pura e simples, que pudesse reverter em encorajamento ao mal? Não, mas um perdão condicional, subordinado a um futuro e sincero retorno ao bem. Em lugar de uma palavra de esperança e misericórdia, fizeram Deus dizer: pereça toda a raça humana, ante a minha vingança! E admiram-se que com uma tal doutrina haja incrédulos e ateus! Foi assim que Jesus nos apresentou o seu Pai? Ele que nos fez do esquecimento e do perdão das ofensas uma lei expressa, que nos ensinou a pagar o mal com o bem, que colocou o amor pelos inimigos no primeiro lugar entre as virtudes que devem nos conduzir ao céu, queria então que os homens fossem mais justos, melhores, mais compassivos que o próprio Deus?

Os demônios segundo o Espiritismo

20 – Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte: a criação dos seres inteligentes é una. Ligados a corpos materiais, esses seres constituem a humanidade que povoa a Terra e os outros planetas habitados; sem esses corpos, constitui o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os espaços. Deus os criou perfectíveis, dando-lhes por objetivo a perfeição com uma conseqüente felicidade, mas *não lhes deu a perfeição*. Deus quis que eles devessem a perfeição ao seu esforço pessoal, a fim de que tivessem o seu próprio mérito. Desde o instante da sua formação eles começam a progredir, seja a través da encarnação, seja no estado espiritual. Chegados ao apogeu, tornam-se Espíritos puros ou anjos, segundo a denominação vulgar. Dessa maneira, desde o embrião do ser inteligente até o anjo, há uma cadeia contínua em que cada elo representa um grau de progresso.

Disso resulta que existem espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, segundo os quais eles se encontram no alto, em baixo ou no meio da escala. Há espíritos, portanto, em todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de maldade. Nas camadas inferiores há os que são ainda profundamente inclinados ao mal e nele se comprazem. Podem chamá-los *demônios*, se o quiserem porque são capazes

de todas as maldades atribuídas a estes. Se o Espiritismo não lhes dá esse nome é para não ligá-los à ideia de seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente perversa, destinada eternamente ao mal e incapazes de progredir para o bem.

21 – Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e se tornaram maus por sua desobediência: são os anjos decaídos, que tentaram colocar-se em lugar de Deus no alto da escala e dela caíram. Segundo o Espiritismo, são espíritos imperfeitos mas que terão de melhorar-se; encontram-se ainda embaixo da escala, mas subirão.

Os que, por sua apatia, sua negligência, sua obstinação e má vontade permanecem por mais tempo nos planos inferiores, sofrem as consequências dessa situação e o hábito do mal lhes torna mais difícil saírem dali. Mas chega o tempo em que se cansam dessa existência penosa e dos sofrimentos que nela enfrentam. É então que, comparando sua situação à dos bons Espíritos, compreendem que o seu interesse está na prática do bem e procuram melhorar-se. Mas o fazem de sua própria vontade, sem serem constrangidos a isso.

Eles estão submetidos à lei do progresso em virtude da sua própria aptidão para progredir, mas não podem progredir contra a sua própria vontade. Deus lhes concede incessantemente os meios de progredir, mas eles são livres de os aproveitar ou não. Se o progresso fosse obrigatório, eles não teriam mérito algum, e Deus quer que eles tenham o mérito de seus esforços. Ele não eleva ninguém por meio de privilégio, mas o primeiro lugar está sempre aberto a todos e ninguém chega a ele sem os próprios esforços. Os anjos mais elevados conquistaram o seu grau como os outros, passando pela rota comum.

22 – Chegados a um certo grau de evolução, os Espíritos recebem missões que estão em relação com seu adiantamento. Cumprem todas aquelas que são atribuídas aos anjos das diversas ordens. Como Deus tem sempre criado, desde toda a eternidade, também de toda a eternidade se encontram espíritos em condições de satisfazer a todas as necessidades do governo universal. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é pois suficiente. Essa unidade da criação, tendo todos o mesmo ponto de partida, o mesmo caminho a seguir e

elevando-se pelo seu mérito, corresponde bem melhor à justiça de Deus que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dons naturais que representariam outros tantos privilégios.

23 – A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas, não admitindo a lei do progresso e considerando os seres, não obstante, em diversos graus, nos leva à conclusão de que eles são o produto de diversas criações especiais. Ela faz assim, de Deus, um Pai parcial, concedendo tudo a alguns de seus filhos, enquanto impõe a outros o mais rude trabalho.

Não é de se admirar que durante muito tempo os homens nada tenham visto de chocante nessas preferências, pois que eles também procediam assim com seus próprios filhos através do direito da primogenitura e dos privilégios de nascença. Poderiam eles pensar que erravam mais do que Deus? Mas hoje as ideias se ampliaram e eles veem as coisas com mais clareza, têm noções mais precisas de justiça e as desejam para si mesmos. Se não encontram sempre essa justiça na Terra, esperam pelo menos encontrá-la no céu. Eis porque toda doutrina cuja justiça divina não lhes seja apresentada na sua maior pureza repugna-lhes a razão⁴¹.

⁴¹ Não houve modificações fundamentais na Teologia Católica no tocante a essas questões. Se Teilhard de Chardin admite, na sua revolução teológica, que a alma condenada fica em tempo de espera, não é expulsa do “pleroma”, o mesmo não acontece na doutrina oficial. O *Catecismo Holandês* avançou um pouco, mas o parecer da Comissão Cardinalícia, assinado por Monsenhor Mascarenhas Roxo, é taxativo a respeito: “Em resumo as almas que não necessitam de purificação entram na posse imediata da vida eterna, como presença “face a face” com a trindade (a visão beatífica). Aquelas que necessitam de purificação devem cumpri-la no purgatório. As que são afetadas por pecado grave ou mortal sofrem imediatamente a condenação eterna do inferno.” – O relator acentua que o Catecismo não nega nem põe em dúvida “nada disso”, mas adverte que “a ressurreição final será no fim da História”, o que vale dizer, no fim do mundo, quando se dará a “*parusia* ou segunda vinda do Senhor”. Porque isso, o Catecismo pôs em dúvida. A crítica de Kardec, portanto, permanece válida. (N. do T.)

CAPÍTULO X - INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS

1 – Os fenômenos espíritas modernos chamaram a atenção sobre fatos semelhantes que se deram em todas as épocas, e nunca a História foi mais consultada a esse respeito do que nos últimos tempos. Das semelhanças dos efeitos conclui-se pela identidade da causa. Como para todos os fatos extraordinários cuja razão era desconhecida, a ignorância viu sempre uma causa sobrenatural e a superstição os ampliou, acrescentando-lhes credices absurdas; disso resultou uma infinidade de lendas que, na sua maioria, representam uma mistura de um pouco de verdade com muita falsidade.

2 – As doutrinas sobre os demônios, que prevaleceram por muito tempo, haviam de tal maneira exagerado o poder desses seres, que eles, por assim dizer, haviam posto Deus no esquecimento. Foi por isso que lhes atribuíram tudo que parecia sobrepassar o poder humano. Por toda parte aparecia a mão de Satã. As melhores coisas, as mais úteis descobertas, sobretudo as que pudessem arrancar o homem da ignorância e ampliar as suas ideias, foram muitas vezes consideradas como diabólicas. Os fenômenos espíritas, multiplicando-se nos nossos dias e, sobretudo, melhor observados com a ajuda das luzes da razão e dos dados da Ciência confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas, mas agindo sempre nos limites das leis naturais e revelando, na sua ação, uma nova força e leis até então desconhecidas. A questão se reduz, pois, a saber de que ordem são essas inteligências.

Enquanto só havia sobre o mundo espiritual noções imprecisas ou sistemáticas, era possível o engano. Mas hoje que as observações rigorosas e os estudos experimentais lançaram luz sobre a natureza dos Espíritos, sua origem e seu destino, seu papel no Universo e seu modo de ação, a questão foi resolvida pelos fatos. Sabe-se hoje que são as almas dos que viveram na Terra. Sabe-se também que as diversas categorias de Espíritos bons e maus não representam seres de diferentes espécies, assinalando apenas os seus diversos graus de evolução. Segundo o lugar que ocupam, na razão do seu desenvolvimento intelectual e moral, os que se manifestam o fazem sob os aspectos mais contraditórios, o que não os impede de

pertencerem à grande família humana, tanto como o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

3 – Sobre esse ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém suas velhas crenças no tocante aos demônios. Diz ela: *“Possuímos princípios que não se modificaram há dezoito séculos e são imutáveis.”*

Seu erro está precisamente em não levar em conta o desenvolvimento das ideias, considerando Deus tão pouco sábio para não proporcionar a revelação aos homens de acordo com o desenvolvimento da sua inteligência, usando para os homens primitivos a mesma linguagem que usa com os homens civilizados. Se, enquanto a Humanidade avança, a religião se entrincheira nos seus velhos erros, tanto no tocante às coisas espirituais quanto às científicas, chega o momento em que ela é ultrapassada pela incredulidade.

4 – Eis como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas⁴².

Intervindo nas coisas exteriores, os demônios não descuidam em disfarçar a sua presença, para afastar suspeitas. Sempre astutos e pérfidos, atraem os homens para as suas ciladas antes de lhes impor as cadeias da opressão e da escravidão. Aqui, despertam a curiosidade por meio de fenômenos e brincadeiras pueris; ali, produzem coisas espantosas e subjagam pela atração do maravilhoso. Se o sobrenatural aparece, se o seu poder os desmascara, eles se acalmam e afastam as apreensões, pedem confiança e provocam a familiaridade. Ora se fazem passar por divindades e bons gênios, ora tomam os nomes e mesmo os traços dos mortos que deixaram sua lembrança entre os vivos. Graças a essas fraudes dignas da antiga serpente, falam e são escutados, dogmatizam e são creditados, misturam algumas verdades às suas mentiras e fazem que o erro seja aceito sob todas as formas. É então que se completam as pretensas revelações do além-túmulo. É para chegar a esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das

⁴² As citações acima foram extraídas da mesma pastoral citada no capítulo precedente, sendo a sua sequência e pertencendo à mesma autoridade (Nota de Kardec.)

mesas e as mãos das crianças se tornam oráculos. É para isso que a pitonisa profetiza no seu delírio e que o ignorante, num sono misterioso torna-se de repente um doutor da ciência. Enganar e perverter, tal é por toda parte e em todos os tempos o objetivo final dessas estranhas manifestações. Os resultados surpreendentes dessas práticas ou desses atos, na maioria bizarros e ridículos, não podendo proceder de sua própria virtude, nem da ordem estabelecida por Deus, só se pode esperar que venham do concurso de poderes ocultos. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos em nossos dias pelos processos aparentemente inofensivos do magnetismo e pelo órgão inteligente das mesas falantes.

Através das práticas da magia moderna vemos hoje reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e os sortilégios que celebrizaram os templos idólatras e as grutas das sibilas. Como outrora, dão-se ordens à madeira e a madeira obedece, fazem-lhe perguntas e ela responde em todas as línguas e sobre todos os assuntos. Estamos em presença de seres invisíveis que usurpam os nomes dos mortos, com o que as pretensas revelações são marcadas com o cunho da contradição e da mentira. Formas leves e sem consistência aparecem rapidamente e se evolvem dotadas de uma força sobre-humana.

Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam o desempenho desses papéis indignos e nem se prestariam a todos os caprichos de uma curiosidade vã. As almas dos mortos, que Deus nos proíbe de consultar, permanecem na morada que a sua justiça lhes assinalou e não podem, sem a sua permissão, pôr-se às ordens dos vivos. Os seres misteriosos que atendem assim ao primeiro chamado *do herege e do ímpio, bem como do fiel*, ou seja, tanto do crime como da inocência, não são os enviados de Deus, nem os apóstolos da verdade e da salvação, mas os agentes do erro e do inferno.

Malgrado o cuidado que tomam de se esconderem sob os nomes mais venerados, eles se traem pelo vazio das suas doutrinas, e não menos pela baixez de seus atos e a incoerência das suas palavras. Esforçam-se para fazer

desaparecerem os símbolos religiosos, os dogmas do pecado original, da ressurreição dos corpos, da eternidade das penas e toda a revelação divina, a fim de tirarem às leis a sua verdadeira sanção e romper todas as barreiras aos vícios. Se as suas sugestões pudessem prevalecer, eles formariam uma religião cômoda para o uso do socialismo e de todos aqueles para quem a noção do dever e da consciência é importuna. A incredulidade do nosso século lhes preparou o caminho. Possam as sociedades Cristãs, por um retorno sincero à fé Católica, escapar ao perigo dessa nova e temível invasão!

5 – Toda essa teoria repousa no princípio de que os anjos e os demônios são seres diferentes das almas humanas e que estas constituem uma criação especial, inferior mesmo aos demônios em inteligência, em conhecimentos e em todas as espécies de faculdades. Ela conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus nas manifestações antigas e modernas, atribuídas aos Espíritos dos mortos.

A possibilidade das almas se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, que resulta da experiência e da observação e não a discutiremos aqui. Mas admitamos, por hipótese, a doutrina acima e vejamos se ela não se destrói a si mesma por seus próprios argumentos.

6 – Das três categorias de anjos, segundo a Igreja, uma se ocupa exclusivamente do Céu; outra, do governo do Universo; e a terceira é encarregada da Terra, encontrando-se nela os anjos guardiães incumbidos da proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos dessa categoria envolveu-se na revolta, sendo eles transformados em demônios. Se Deus permitiu a estes últimos levarem os homens à perdição pelas sugestões de toda espécie e pelas manifestações ostensivas, por que, se Ele é soberanamente justo e bom, lhes teria dado o imenso poder de que desfrutam, uma liberdade de que fazem uso tão pernicioso, sem permitir aos anjos bons contrabalançarem isso com manifestações semelhantes mas orientadas para o bem?

Admitamos que Deus tenha dado igual poder aos bons e aos maus, o que já seria um favor exorbitante para estes últimos. O homem, pelo menos, devia ser livre para escolher. Mas dar-lhes o monopólio da tentação, com a faculdade de simular o bem para

enganar, para seduzir com mais segurança, isto seria uma verdadeira armadilha colocada ante a fraqueza humana, a inexperiência e a boa fé. Dizemos mais: isso seria abusar da confiança do homem em Deus. A razão se recusa a admitir semelhante parcialidade em proveito do mal. Vejamos os fatos.

7 – Concedem-se aos demônios as faculdades transcendentais, eles nada perderam de sua natureza angélica. Possuem o saber, a perspicácia, a providência, a clarividência dos anjos, e além disso a astúcia, a sagacidade e manha no mais alto grau. Seu objetivo é desviar os homens do bem e sobretudo afastá-los de Deus para levá-los ao inferno, do qual são os provedores e os recrutadores.

Compreende-se que eles se dirijam aos que estão no bom caminho e que se deixam perder por eles diante da sua insistência. Compreende-se a sedução através da simulação do bem para os atrair às suas fileiras. Mas o incompreensível é que eles se dirijam aos que já lhes pertence de corpo e de alma para os encaminhar a Deus e ao bem. Ora, quem poderia estar mais nas suas garras do que aquele que renega a Deus e blasfema contra ele, mergulhando-se no vício e nas paixões desordenadas? Esse não está já no caminho do inferno?

Pode-se compreender que, estando seguro de sua presa, o demônio a leva a adorar a Deus, convida-a a submeter-se à sua divina vontade e a renunciar ao mal? Que exalte aos seus olhos a ventura da vida dos Espíritos bons, pintando com horror a posição dos maus? Já se viu um comerciante elogiar para os seus clientes as mercadorias do seu vizinho, em prejuízo das suas, mandando-os comprar do outro? Viu-se um recrutador depreciar a vida militar e louvar o descanso da vida doméstica? Dizer aos conscritos que eles terão vida de fadigas e de privações, que eles têm dez possibilidades contra uma de serem mortos ou pelo menos de terem os braços e as pernas arrancados?

Não obstante, é esse o papel estúpido que atribuem ao demônio, pois é fato notório que em consequência das instruções provenientes do mundo invisível, diariamente se veem os incrédulos e os ateus retornando a Deus e orando com fervor, o que há muito não faziam, ao mesmo tempo em que pessoas viciosas lutam com ardor para se melhorarem. Pretender que seja essa uma obra das artimanhas do demônio, seria transformá-lo

num verdadeiro pobre diabo. Como isso não é uma suposição, mas um resultado da experiência, e como contra fatos não há argumentos, temos de concluir que o demônio é um desastrado de primeira, não sendo tão esperto nem tão mau como se pretende, e portanto que não é justo temê-lo, desde que ele trabalha contra os seus próprios interesses, ou então que nem todas as manifestações são produzidas por ele.

8 – *“Eles propagam o erro de todas as formas, e é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as pontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas, as mãos das crianças se tornam oráculos.”*

Qual é então, diante disso, o valor destas palavras do Evangelho: *“Eu derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesse dia eu derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e servas, e eles profetizarão.”* (**Atos dos Apóstolos**, cap. II, v. 17, 18.). Não é essa a predição da mediunidade concedida a todos, mesmo às crianças, e que se cumpre nos nossos dias?

Os apóstolos lançaram o anátema sobre esta faculdade? Não. Eles a anunciaram como uma graça de Deus e não como obra do demônio. Os teólogos de hoje saberiam mais sobre essa questão que os apóstolos? Não deveriam ver o dedo de Deus no cumprimento dessas palavras?

9 – *“Através dessas práticas da magia moderna vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e os sortilégios que celebrizaram os templos idólatras e as grutas das sibilas.”*

Quem viu práticas de magia nas evocações espíritas? Houve um tempo em que se podia crer na sua eficácia, mas hoje elas se tornaram ridículas. Ninguém mais crê nessas coisas e o Espiritismo as condena. Na época em que a magia florescia tinha-se apenas uma ideia muito imperfeita sobre a natureza dos Espíritos, que se consideravam como seres dotados de poder sobre-humano. Eram evocados para obter-se, mesmo que ao preço da própria alma, os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de tesouros, a revelação do futuro ou os filtros. A magia, com a ajuda de seus símbolos, fórmulas e práticas cabalísticas, era considerada capaz de revelar pretensos segredos para realizar prodígios, constranger os Espíritos a se

submeterem às ordens dos homens e satisfazerem os seus desejos.

Eis o que diz o Espiritismo a esse respeito:

10 – Não há nenhum meio de se constranger um Espírito a nos atender contra a sua vontade. Se ele vos iguala ou vos é superior em moralidade, não tendes nenhuma autoridade sobre ele. Se vos é inferior só podeis agir sobre ele se for para o seu bem, porque nesse caso outros Espíritos vos ajudam. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– A principal disposição para as evocações é o recolhimento, quando se pretende estabelecer relações com os Espíritos sérios. Tendo-se fé e o desejo de fazer o bem, obtém-se mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando-se a alma, em alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, consegue-se identificar com os Espíritos bons e dispô-los a se manifestarem. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– Nenhum objeto, medalha ou talismã tem a propriedade de atrair ou de repelir os Espíritos. As coisas materiais não tem nenhum poder sobre eles. Jamais um Espírito aconselha essas práticas absurdas. A virtude dos talismãs nunca existiu, a não ser na imaginação das pessoas crédulas. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– Não há nenhuma fórmula sacramental para a evocação dos Espíritos. Quem pretendesse oferecer uma poderia ser justamente chamado de charlatão, porque para os Espíritos a forma nada é. Entretanto, a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVII.)

– Os Espíritos que marcam encontros em lugares lúgubres e a altas horas querem divertir-se à custa dos que lhes dão ouvido. É sempre inútil e frequentemente perigoso atender a essas sugestões. Inútil porque nada se ganha em ser mistificado, e perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode ter sobre as pessoas de cérebro fraco. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– Não há dias nem horas que sejam mais propícios às evocações. Isso é completamente indiferente para os Espíritos, como tudo o que é material, e crer nessa influência seria simples superstição. Os momentos mais favoráveis são aqueles em que o evocador pode estar menos preocupado com as suas ocupações

habituais, ou em que o seu corpo e o seu Espírito se acham mais tranquilos. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– A crítica malévola representa as comunicações espíritas cercadas de práticas ridículas e supersticiosas da magia e a necromancia. Se os que falam do Espiritismo sem o conhecer se dessem ao trabalho de o estudar, poupariam muito gasto de imaginação e evitariam alegações que só servem para demonstrar a sua ignorância ou a sua má fé. Para esclarecimento das pessoas estranhas a esta ciência diremos que, para se comunicar com os Espíritos, não há dias nem horas, nem lugares mais propícios do que outros, para evocá-los não há necessidade de fórmulas nem de palavras sacramentais ou cabalísticas. Nenhuma preparação e nenhuma iniciação também são necessárias. O emprego de qualquer símbolo ou objeto material, seja para os atrair, seja para os repelir, não tem nenhum efeito, bastando para isto o pensamento. Enfim, os médiuns recebem as suas comunicações sem saírem do estado normal, tão simples e naturalmente como se elas fossem ditadas por uma pessoa viva. Só o charlatanismo poderia afetar maneiras excêntricas e acrescentar acessórios ridículos a esses momentos. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, n° 49.)

– Em princípio, o futuro deve estar oculto ao homem. Somente em casos raros e excepcionais Deus permite a sua revelação. Se o homem conhecesse o futuro descuidaria do presente e não teria a mesma liberdade de ação, pois seria dominado pelo pensamento de que se uma coisa deve acontecer não adianta preocupar-se com ela, ou procuraria alguma maneira de impedi-la. Deus não quis que assim fosse, para que cada um concorra na realização dos seus desígnios, mesmo dos que se pretendesse afastar. Deus permite a revelação do futuro quando esse conhecimento antecipado pode facilitar a ocorrência, ao invés de a impedir, levando o homem a agir de maneira favorável e não contrária. (*O Livro dos Espíritos*, livro II, cap. X, n° 868 a 871.)

– Os Espíritos não podem orientar pesquisas científicas nem fazer descobertas. A ciência é trabalho do homem e só pode ser adquirida através do trabalho, pois somente por este o homem consegue progredir. Que mérito lhe caberia se lhe bastasse interrogar os Espíritos para tudo saber? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio dessa maneira. O mesmo acontece no tocante às invenções e às descobertas no campo da técnica.

Quando chega o tempo de uma descoberta, os Espíritos encarregados de produzirem o seu aparecimento procuram o homem capaz de a realizar, inspirando-lhe as ideias necessárias, mas deixando-lhe todo o mérito da sua efetivação. Essas ideias, ele as têm de elaborar para pô-las em prática. Assim acontece com todas as grandes realizações da inteligência humana.

Os Espíritos respeitam a situação natural de cada homem. Daquele que cuida de lavrar a terra eles não farão depositário dos segredos de Deus, mas saberão tirar da obscuridade o homem capaz de auxiliá-los na consecução dos seus desígnios. Não vos deixeis pois levar, pela curiosidade ou pela ambição, por um caminho que não corresponde ao objetivo do Espiritismo. Isso vos sujeitaria às mais ridículas mistificações. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI.)

– Os Espíritos não podem levar ninguém à descoberta de tesouros. Os Espíritos superiores não se preocupam com essas coisas, mas os Espíritos brincalhões frequentemente indicam tesouros inexistentes ou podem mostrá-los numa direção, quando se encontram na direção oposta. Isso, por sinal, tem a sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a providência destina riquezas ocultas a alguém, este a encontrará naturalmente e não por meio dos Espíritos. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI.)

– Esclarecendo-nos a respeito das propriedades dos fluidos, que são os agentes e os meios de ação do mundo invisível, constituindo uma das forças da Natureza, o Espiritismo nos dá a chave de uma infinidade de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que passaram nos tempos antigos por milagres ou prodígios. À maneira do magnetismo, ele nos revela uma lei desconhecida ou pelo menos mal compreendida, ou melhor, da qual conhecíamos os efeitos porque foram produzidos em todos os tempos, mas não conhecíamos a lei que os produz. A ignorância dessa lei deu origem às superstições. Conhecida essa lei o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais.

Eis porque os Espíritos não realizam nenhum milagre ao movimentarem uma mesa ou nos transmitirem a escrita dos mortos, da mesma maneira que o médico ao devolver um agonizante à vida ou um físico ao provocar um raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda da Ciência Espírita, produzir milagres

seria um ignorante desta Ciência ou um charlatão interessado em enganar os outros. (*O Livro dos Médiuns*, cap. II.)

Algumas pessoas fazem ideia muito falsa das evocações. Há as que pensam que elas consistem em fazer os mortos voltarem do túmulo com suas vestes fúnebres. Somente nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro é que se veem os mortos saírem descarnados da sepultura, envoltos em seus lençóis e chocalhando os ossos. O Espiritismo, que jamais produziu milagres, não produz essas fantasias nem outras. Jamais ele fez reviver um morto no seu corpo. Quando o corpo foi enterrado ali fica em definitivo, mas o ser espiritual, fluídico e inteligente, não permanece enterrado com o seu envoltório grosseiro. Separa-se dele no momento da morte e desde a separação nada mais há de comum entre eles. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, nº. 48.)

11 — Estendemo-nos nestas citações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm nenhuma relação com a magia. Assim, nada de Espíritos às ordens dos homens, nada de meios para constrangê-los, nada de signos ou fórmulas cabalísticas, nada de descobertas de tesouros ou de processos para enriquecimento, nada de milagres ou prodígios, de adivinhações ou de aparições fantásticas. Enfim, nada do que constitui o fim e os elementos essenciais da magia. O Espiritismo não somente desaprova todas essas coisas, como demonstra o absurdo da sua prática e a sua ineficácia. Não há, pois, nenhuma analogia entre o fim e os meios da magia e os do Espiritismo. Querer assimilá-los só pode ser obra de ignorância ou de má-fé. E como os princípios do Espiritismo nada têm de secreto, estando formulados em termos claros e sem possibilidades de equívocos, nenhum engano a respeito poderia prevalecer.

Quanto aos casos de curas, reconhecidos como reais pela pastoral que citamos, o exemplo foi mal escolhido para afastar as pessoas das relações com os Espíritos. Constituem esses casos um dos benefícios que tocam de perto às pessoas e que todas podem apreciar. Serão poucas as que se disporão a renunciar a essas possibilidades, sobretudo depois de haverem recorrido a todos os outros meios, simplesmente pelo temor de serem

curadas pelo diabo. Pelo contrário, existem mesmo as que dirão que se o diabo as curar praticará uma boa ação⁴³.

12 – “*Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam desempenhar esses papéis indignos e não se prestariam a todos os caprichos de uma vã curiosidade.*”

O autor se refere às manifestações físicas dos Espíritos. Entre elas há evidentemente as que não seriam dignas de Espíritos superiores. Se, pela palavra *anjos*, entendermos *Espíritos puros* ou *Espíritos superiores* teremos exatamente o que diz o Espiritismo. Mas não se poderia considerar no mesmo plano as comunicações inteligentes dadas pela escrita, pela palavra, pela audição ou por qualquer outro meio, que não são menos dignas dos Espíritos bons do que dos homens mais eminentes da Terra, nem as aparições, as curas e uma infinidade de outras que os livros sagrados citam em profusão como sendo produzidas pelos anjos ou pelos santos.

Se, pois, os anjos e os santos puderam produzir no passado semelhantes fenômenos, por que não os produziram hoje? Por que os mesmos seriam hoje produzidos pelo demônio, através das mãos de certas pessoas, enquanto são considerados milagres sagrados através de outras pessoas? Sustentar semelhante tese é abdicar inteiramente da lógica.

O autor da pastoral errou ao dizer que esses fenômenos são inexplicáveis. Hoje eles são, pelo contrário, perfeitamente explicáveis e é por isso que não mais são encarados como maravilhosos ou sobrenaturais. E mesmo que ainda permanecessem inexplicados, não seria mais lógico atribuí-los ao diabo, do que não foi, no passado, atribuir ao diabo todos os fenômenos naturais que não se podiam compreender.

Pela expressão *papéis indignos* devemos entender os papéis ridículos e os atos malignos. Mas não se podem qualificar assim os atos dos Espíritos que praticam o bem e conduzem os homens a Deus e às virtudes. Ora, o Espiritismo diz *expressamente* que os papéis indignos não figuram nas atribuições dos Espíritos superiores, como o provam os preceitos seguintes:

⁴³ Ao quererem persuadir as pessoas curadas pelos Espíritos de que o foram pelo diabo os que isso tentaram só conseguiram afastar radicalmente da Igreja grande número de criaturas que jamais haviam sequer pensado em deixá-la. (N. de Kardec).

13 – Reconhece-se a categoria dos Espíritos pela sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, livre de contradições. É uma linguagem que revela sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral, sendo concisa e sem palavrórios inúteis. Quanto aos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, a falta de ideias é quase sempre suprida pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à verdadeira moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, todo o sinal de malevolência, de presunção ou de arrogância são provas incontestáveis da inferioridade do Espírito.

– Os Espíritos superiores só se ocupam das comunicações inteligentes destinadas à nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais pertencem mais especialmente às atribuições dos Espíritos inferiores, vulgarmente designados por Espíritos batedores. Como entre nós, os trabalhos pesados cabem aos carregadores e não aos sábios. Seria absurdo que os Espíritos, mesmos os que ainda são pouco elevados, gostassem de fazer demonstrações. (*O que é o Espiritismo*, cap. II n.º. 37 a 40 e 60. Ver também: *O Livro dos Espíritos*, livro II, cap. I, *Diferentes Ordens de Espíritos, Escala Espírita*; *O Livro dos Médiuns*, parte II, cap. XXIV, *Identidade dos Espíritos, Distinção dos bons e dos maus Espíritos*.)

Qual o homem de boa fé que poderia ver nesses preceitos algum papel indigno atribuído aos Espíritos elevados? O Espiritismo não somente não confunde os Espíritos, como também, ao contrário dos que atribuem aos demônios uma inteligência semelhante à dos anjos, constata, pela observação dos fatos, que os Espíritos inferiores são tanto mais ignorantes quanto mais limitado é o seu horizonte moral e menor a sua perspicácia. Frequentemente eles fazem das coisas uma ideia falsa e incompleta, sendo incapazes de resolver certas questões, o que os coloca na impossibilidade de fazerem tudo o que se atribui aos demônios.

14 – “*As almas dos mortos, que Deus proíbe de serem consultadas, permanecem no lugar que a sua justiça lhes determinou e não podem, sem a sua permissão, pôr-se às ordens dos vivos.*”

O Espiritismo diz também que elas não podem manifestar-se sem a permissão de Deus. Mas ele é bem mais rigoroso, porque diz que nenhum espírito bom ou mau pode comunicar-se sem essa permissão, enquanto a Igreja atribui aos demônios o poder de dispensá-la. Vai ainda mais longe o Espiritismo, pois afirma mesmo que apesar desta permissão quando eles atendem ao chamado dos vivos não é *para se colocarem às suas ordens*.

O Espírito evocado atende espontaneamente ou é constrangido a fazê-lo? – Ele obedece à vontade de Deus, quer dizer à lei geral que rege o Universo. Julga se é útil atender, e nisso está também o seu livre-arbítrio. O Espírito superior sempre atende quando é chamado por um motivo útil, e só se recusa a responder quando interpelado por pessoas pouco sérias que levam a reunião em brincadeira. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

– O Espírito evocado pode se recusar a atender? – Perfeitamente. Sem isso, onde estaria o seu livre-arbítrio? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? E vós mesmos vos julgais obrigados a responder a todos os que vos chamam pelo nome? Quando digo que ele pode se recusar, entendo sob a ordem do evocador, porque um Espírito inferior pode ser obrigado a manifestar-se por um Espírito superior. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

Os espíritas estão de tal maneira convencidos de não terem nenhum poder direto sobre os Espíritos, e de nada poderem obter sem a permissão de Deus, que, quando chamam algum Espírito, dizem: “Peço a Deus todo-poderoso permitir a um bom Espírito que se comunique comigo; peço também a meu anjo da guarda que me assista e afaste de mim os maus Espíritos.” E quando se trata de chamar um Espírito determinado, dizem: “Peço a Deus todo poderoso permitir ao Espírito de fulano que se comunique comigo.” (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVII, nº 203)

15 – As acusações da Igreja contra a prática das evocações não se aplicam ao Espiritismo, pois se referem principalmente às práticas da magia com as quais o Espiritismo nada tem de comum. O Espiritismo condena essas práticas da mesma forma que a Igreja, não atribui nenhum papel indigno aos Espíritos bons e declara, por fim, nada pedir nem obter sem a permissão de Deus.

Pode haver sem dúvida pessoas que abusam das evocações, que brincam com elas, que as desviam do seu fim providencial

para as submeter aos seus interesses pessoais, que, por ignorância, leviandade, orgulho ou cupidez se afastam dos verdadeiros princípios da doutrina. Mas o Espiritismo as desaprova, como a verdadeira religião desaprova os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Não é, pois, nem lógico nem justo imputar ao Espiritismo os abusos que ele condena ou as faltas daqueles que não o compreendem. Antes de formular uma acusação é necessário verificar se ela é justa.

Diremos, pois: a censura da Igreja cai sobre os charlatães, os exploradores, as práticas da magia e da feitiçaria. Nesse sentido, ela tem razão. Quando a crítica religiosa castiga os abusos e estigmatiza o charlatanismo, na verdade faz melhor ressaltar a pureza da verdadeira doutrina que, assim ajuda a se desembaraçar das escórias prejudiciais. Com isso, ela facilita a nossa tarefa. Seu erro está em confundir o bem e o mal, na maioria das vezes por ignorância, e em algumas por má fé. Mas a distinção que nesses casos ela deixa de fazer, outros a fazem.

De qualquer maneira, essa censura, à qual todo espírita sincero se associa, desde que aplicada ao mal, não pode atingir a doutrina.

16 – *“Os seres misteriosos que atendem assim ao primeiro apelo do herético e do ímpio como do fiel, do crime como da inocência, não são os enviados de Deus nem os apóstolos da verdade, mas os agentes do erro e do inferno.”*

Assim, ao herético, ao ímpio, ao criminoso Deus não permite que os Espíritos bons venham desviar do erro para salvá-los da perdição eterna! Envia-lhes apenas os agentes do inferno para mais os afundar na lama! Ao mesmo tempo, só envia à inocência seres perversos para a perverter! Não se encontra então entre os anjos, essas criaturas privilegiadas de Deus, nenhum ser bastante compassivo para vir em socorro das almas perdidas? A que título lhes foram dadas as brilhantes qualidades que possuem, se elas servem apenas para o seu gozo pessoal? São realmente bons esses anjos que, mergulhados nas delícias da contemplação, vendo essas almas no caminho do inferno, não querem deixar a sua situação para ir socorrê-las? Não é essa a imagem do rico egoísta que tudo possuindo deixa sem piedade que o pobre morra de fome à sua porta? Não é isso o egoísmo erigido em virtude e colocado aos próprios pés do Eterno?

Admirai-vos de que os Espíritos bons socorram o herético e o ímpio. Esquecei-vos então destas palavras do Cristo: *“Não é o que está cheio de saúde que necessita de médico!”* Não tendes então uma visão mais elevada que a dos fariseus do tempo de Jesus? E vós mesmos, se fosseis chamados por um descrente, recusaríeis socorrê-lo e colocá-lo no bom caminho? Os Espíritos bons fazem, pois, o que faríeis também. Procuram o ímpio levando-lhe palavras amigas. Ao invés de anatematizar as comunicações de além-túmulo, bendizei os desígnios do Senhor, admirando a sua onipotência e a sua infinita bondade.

17 – Dirão que há anjos guardiães. Mas quando esses anjos guardiães não podem se fazer ouvir através da voz misteriosa da consciência ou por meio da inspiração, por que não empregariam outros meios mais diretos e materiais, capazes de ferir os sentidos, se esses meios existem? Deus põe esses meios, que pertencem a sua própria obra, desde que tudo provém dele e nada acontece sem a sua permissão, à disposição exclusiva dos Espíritos maus, recusando aos bons o direito de usá-los? Teríamos então de concluir que Deus concede aos demônios mais recursos para perderem homens, do que os dá aos anjos guardiães para os salvar.

Pois bem, o que os anjos guardiães não podem fazer, segundo a Igreja, os demônios fazem por eles. Por meio dessas mesmas comunicações consideradas infernais, eles conduzem a Deus os que o haviam renegado, e ao bem os que estavam mergulhados no mal; dão-nos o estranho espetáculo de milhões de homens que creem em Deus pelo poder do diabo, em virtude de ter a Igreja se mostrado impotente para os converter.

Quantos homens que jamais oraram e que hoje oram com fervor graças às instruções desses mesmos demônios! Quantos não vemos que de orgulhosos, egoístas e devassos se tornaram humildes, caridosos e comedidos! E dizem que isso é obra dos demônios! Se assim é, temos de convir que o demônio lhes prestou um grande serviço e que os assistiu melhor do que os anjos. É necessário considerar bem desprovidos de juízo os homens deste século para acreditar que possam aceitar cegamente essas ideias.

Uma religião que faz de semelhante doutrina a sua pedra angular, que se declara abalada em sua base se lhe tirarmos os

demônios, o inferno, as penas eternas e o seu Deus impiedoso, é uma religião que se suicida.

18 – Dizem que Deus enviou o Cristo para salvar os homens, provando assim o seu amor pelas suas criaturas. Como, então, as teria deixado sem proteção? Não há dúvida de que o Cristo é o divino Messias, enviado para ensinar aos homens a verdade e lhes mostrar o bom caminho. Mas contai, somente depois da sua vinda, quantos homens não puderam ouvir a sua palavra, quantos morreram e quantos morrem ainda hoje sem a conhecer, e entre mesmo os que a conhecem, quantos são os que a põem em prática! Por que Deus, na sua solicitude pela salvação dos filhos, não lhes enviaria outros mensageiros, abrangendo toda a terra, penetrando nos mais humildes lugares, entre grandes e pequenos, entre sábios e ignorantes, entre incrédulos e crentes para ensinar a verdade aos que não a conhecem, para torná-la compreensível aos que não a podem compreender, suprimindo pelo seu ensino direto e múltiplo a insuficiência da propagação do Evangelho, abreviando assim o advento do Reino de Deus?

E quando esses mensageiros chegam em falanges inumeráveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos como fazia Jesus, vós os repelis, repudiais o bem que eles fazem chamando-os de demônios! Essa era também a linguagem dos fariseus a respeito de Jesus, porque eles também diziam que Jesus fazia o bem pelo poder do diabo. E o que lhes respondeu Jesus? – *Reconhecei a árvore pelos frutos; uma árvore má não pode dar bons frutos.*

Para eles, os frutos produzidos por Jesus eram maus porque vinham destruir os seus abusos e proclamar a liberdade que devia arruinar a sua autoridade. Se ele tivesse vindo para lisonjear o seu orgulho, aprovar as suas prevaricações e sustentar o seu poder, então sim, seria aos seus olhos o Messias tão esperado pelos Judeus. Ele estava só, era pobre e fraco, e eles o fizeram perecer acreditando que matavam também as suas palavras. Mas as suas palavras eram divinas e sobreviveram a ele. Não obstante propagou-se de maneira lenta e após dezoito séculos é conhecida apenas por uma décima parte do gênero humano. Numerosos cismas eclodiram entre os seus próprios discípulos. Foi então que Deus, na sua misericórdia, enviou os Espíritos para confirmarem, completarem e colocarem, ao

alcance de todos, as suas palavras, expandindo-as por sobre toda a Terra.

Mas os Espíritos não se encarnaram num único homem, cuja voz seria de alcance limitado. Eles são inumeráveis, vão por toda parte e ninguém os pode deter. Eis porque o seu ensino se expande com a rapidez do raio. Eles falam ao coração e à razão e por isso são compreendidos pelos mais humildes.

19 – *“Não é indigno de mensageiro celeste, dizei, transmitir as suas instruções por um meio tão vulgar como os das mesas falantes? Não é um ultraje supor que eles se divirtam com trivialidades, deixando a sua morada de luz para se porem à disposição do primeiro interessado?”*

Jesus não deixou a morada do Pai para nascer num estábulo? Mas onde ouvistes que o Espiritismo atribua práticas triviais a espíritos superiores? Pelo contrário, ele ensina que as práticas vulgares são produzidas por espíritos vulgares. Mas, pela sua própria vulgaridade, elas excitam as imaginações, servem para provar a existência do mundo espiritual e mostrar que esse mundo é muito diferente da pintura que dele haviam feito. Era apenas o princípio, e esse princípio era tão simples como todos os demais. Mas a árvore que surge de uma pequena semente estende mais tarde os seus ramos a grande distância. *“Quem poderia crer que da miserável manjedoura de Belém sairia um dia a palavra que devia transformar o mundo?”*

Sim, o Cristo é o Messias divino e a sua palavra é a da verdade. Sim, a religião fundada sobre a sua palavra será inabalável, mas com a condição de se seguir e praticar os seus sublimes ensinamentos e de não fazer do Deus justo e bom que ele nos deu a conhecer um Deus parcial, vingativo e impiedoso⁴⁴.

⁴⁴ As sérias conquistas da Metapsíquica, as investigações dos cientistas ingleses e alemães, ultimamente o desenvolvimento da Parapsicologia, forçaram a Igreja, nos meados do século, a mudar sua posição no tocante aos fenômenos espíritas. A intervenção dos demônios nas manifestações espíritas, por outro lado, perdeu prestígio perante o povo, diante da realidade inegável dos benefícios da prática espírita. Ao mesmo tempo a figura de Satanás esfumou-se na mente popular, diante da expansão da cultura científica e filosófica. A Igreja apelou então para a explicação científica dos fenômenos negando-lhes a condição de manifestação espiritual.

O **Catecismo Holandês** toca no problema de maneira evasiva, enumerando alguns fenômenos e acentuando:

“Tal enumeração é só pequena seleção de inúmeros fenômenos existentes, extremamente divergentes, que ainda não puderam ser suficientemente analisados e reconhecidos pela Ciência atual. Ai está diante de nós, vasto campo de experiência pré-

científica, a evocar, no homem, a ideia de que a Criação, bem como a observação da mesma, é muito mais rica do que podemos controlar. Podem, entretantes, essas coisas dar a impressão de realidades particularmente misteriosas, como se o véu que cobre o mistério da vida fosse afastado por momentos.”

Várias sociedades parapsicológicas foram criadas por católicos e protestantes em todo o mundo, com a finalidade de investigar os fenômenos parapsicológicos, e vários sacerdotes saíram a campo para ensinar ao povo que esses fenômenos, que são naturais e não sobrenaturais, constituem precisamente o *campo enganoso das chamadas manifestações espíritas*. A *Imago Mundi*, por exemplo, instituição católica internacional, tem promovido pesquisas e congressos na Europa e sua posição é contrária à explicação espírita. Todos esses fenômenos, segundo elas, devem ser explicados como provenientes de causas materiais. É exatamente a posição assumida pelos parapsicólogos materialistas e pela escola soviética.

Na França destaca-se o trabalho de Robert Amadou, que em seu livro *Os Grandes Médiums* procura reduzir a fenomenologia espírita a uma questão de fraudes e escamoteações, enquanto no livro *Parapsicologia* nega qualquer relação dos fenômenos parapsicológicos com o espírito humano, afirmando que eles decorrem apenas do psiquismo inferior e animal do homem. Certos sacerdotes chegam a substituir a intervenção dos demônios pela manifestação do inconsciente, ao qual atribuem toda a esperteza, inteligência e malícia atribuída até agora àquelas entidades maléficas. Acusam o Espiritismo de desconhecer os problemas do inconsciente, como se a questão do animismo e das manifestações anímicas já não figurasse no **O Livro dos Espíritos** desde 1857, quando Sigmund Freud contava apenas um ano de existência.

Apesar disso, a maioria do clero continua a considerar as manifestações espíritas como demoníacas. Dessa maneira, a crítica de Kardec, no capítulo acima, continua válida em dois sentidos: 1º) correspondendo a uma realidade religiosa que ainda se sustenta em grandes áreas do Catolicismo, do Protestantismo e de numerosas seitas evangélicas mais recentes; 2º) correspondendo às evidentes manobras pseudocientíficas que hoje se realizam para negar a verdadeira natureza das manifestações.

Convém assinalar que as pesquisas parapsicológicas atuais não são, de maneira alguma, um simples campo de experiência pré-científica e já demonstraram, de maneira positiva, a realidade dos fenômenos espíritas numa vasta escala, que vai desde a telepatia e da clarividência até à comunicação de espíritos (fenômenos *theta*) e por fim à própria reencarnação (memória extracerebral). Nenhuma das comprovações científicas da Parapsicologia negou até agora um só dos princípios espíritas. Pelo contrário, essa Ciência referendou até o momento todas as provas da sobrevivência dadas pelo Espiritismo, desde os trabalhos de Kardec no século passado. (N. do T.)

CAPÍTULO XI - DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

1 – A Igreja não nega de maneira alguma a existência das manifestações. Pelo contrário, ela as admite todas, como vimos nas citações precedentes, mas atribuindo-as à intervenção exclusiva dos demônios. É por engano que alguns invocam o Evangelho para as proibir, porque o Evangelho não diz uma só palavra nesse sentido. O supremo argumento que se apresenta é a proibição de Moisés.

Eis em que termos se refere ao assunto a pastoral mencionada nos capítulos precedentes:

Não é permitido entrar em relação com eles (os Espíritos) seja imediatamente, seja por intermédio dos que os invocam e os interrogam. A lei mosaica punia com a morte essas práticas detestáveis, em uso entre os gentios. — Não procureis os mágicos, diz o livro do *Levítico*, e não façais aos adivinhos nenhuma pergunta, para não incorrerdes na contaminação de vos dirigirdes a eles. (Cap. XIX, v. 31.) – Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Píton ou de adivinhação, que sejam punidos com a morte; serão lapidados e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. (Cap. XX, v. 27.) E no livro do *Deuterônômio*: Que não haja entre vós pessoas que consultem os adivinhos, ou que observem os sonhos e os augúrios, ou que usem de malefícios, de sortilégios ou de encantamentos, ou quem consultem o Espírito de Píton e quem pratique a adivinhação ou interroge os mortos para saber a verdade; porque o Senhor considera em abominação todas essas coisas e destruirá com a vossa chegada as nações que cometem esses crimes. (Cap. XVIII, v. 10, 11, 12.)

2 – É conveniente, para compreensão do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, lembrar o texto completo, que foi um tanto abreviado nessas citações:

Não vos desvieis do vosso Deus para procurar os mágicos e não consulteis os adivinhos para não vos contaminardes ao vos dirigir a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus. (*Levítico*, cap. XIX, v. 31.)

Se um homem ou uma mulher tem o Espírito de Píton ou um Espírito de adivinhação, que sejam punidos com a morte: eles serão lapidados e o seu sangue cairá sobre as suas cabeças. (*Levítico*, cap. XX, v. 27.)

Quando tiverdes entrado no país que o Senhor vosso Deus vos dará, guardai-vos de imitar as abominações daqueles povos: — E que não se encontre entre vós quem pretenda purificar seu filho ou sua filha fazendo-os passar pelo fogo ou quem consulte os adivinhos ou observe os sonhos e os augúrios, ou pratique malefícios, sortilégios e encantamentos, ou quem consulte os que têm o Espírito de Píton, e quem se ponha a adivinhar ou a interrogar os mortos para saber a verdade. — Porque o Senhor considera em abominação todas essas coisas e exterminará todos esses povos na vossa chegada, por causa dessas espécies de crimes que eles têm cometido. (*Deuteronômio*, cap. XVIII, v. 9.10, 11 e 12.)

3 – Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente observada nesse ponto, deve sê-lo igualmente sobre todos os outros, pois como seria ela boa no concernente às evocações e má no tocante a outros assuntos? É necessário ser consequente: se reconhecermos que essa lei não está mais de acordo com o nosso costume e a nossa época por alguns motivos, não haverá razão para que o mesmo não aconteça no tocante à proibição de que tratamos.

É necessário que nos reportemos aos motivos determinantes dessa proibição, motivos que tinham na ocasião a sua razão de ser, mas que hoje seguramente não existem mais. O legislador hebreu desejava que seu povo rompesse com todos os costumes trazidos do Egito, onde as evocações eram usadas de maneira abusiva como o provam estas palavras de Isaías: “*O Espírito do Egito se aniquilará por si mesmo e eu precipitarei o seu conselho; eles consultaram os seus ídolos, os seus adivinhos, as suas pitonisas e os seus mágicos.*” (Cap. XIX, v. 3.)

Além disso, os Israelitas não deviam contrair nenhuma aliança com as nações estrangeiras. Eles iriam encontrar as mesmas práticas entre esses povos a que se dirigiam e que deviam combater. Moisés devia, assim, por motivos políticos, inspirar ao povo hebreu a aversão por todos os seus costumes que tivessem pontos de contato com os assimilados no Egito. Para motivar

essa aversão devia apresentar esses costumes como reprovados pelo próprio Deus. Eis porque ele disse: “O Senhor considera em abominação todas essas coisas e destruirá, **na vossa chegada**, as nações que cometem esses crimes.”

4 – A defesa de Moisés era tanto mais justificada quanto os mortos não eram evocados em virtude do respeito e da afeição por eles, nem por um sentimento de piedade, mas para fins de adivinhação, da mesma maneira que se consultavam os augúrios e os presságios, explorados pelo charlatanismo e a superstição. Por mais que fizesse, entretanto, não conseguiu arrancar do povo esses costumes que se haviam transformado em objeto de comércio, como o atestam as seguintes passagens do mesmo profeta:

E quando eles vos disserem: Consultai os mágicos e os adivinhos que murmuram nos seus encantamentos; respondi-lhes: cada povo não consulta o seu Deus? E deve-se falar aos mortos do que respeita aos vivos? (*Isaías*, cap. VII, v. 19.)

Sou eu que faço ver a falsidade dos prodígios da magia, que tornam insensatos os que se atrevem a adivinhar, que transtorna o Espírito dos sábios e converte em loucura a sua ciência vã. (Cap. XLIV, v. 25.)

Que esses adivinhos que estudam o céu, que contemplam os astros e contam os meses para fazer predições, que desejam revelar-vos o futuro, venham agora e vos salvem. – Eles se transformaram como em palha e o fogo os devorou; não puderam livrar suas almas das chamas ardentes; não restará do fogo em que se abrasarão nem mesmo os carvões com os quais alguém se possa esquentar, nem fogo ante o qual alguém se possa sentar. – Eis no que se transformarão todas essas coisas, às quais vos entregastes com tanto trabalho; esses comerciantes que negociaram convosco desde a vossa juventude se foram todos, um de um lado, outro de outro lado, sem que se encontre um só que vos livre dos vossos males. (Cap. XLVII, v. 13, 14, 15.)

Nesse capítulo Isaías se dirige aos babilônios, usando a figura alegórica da *Virgem Filha da Babilônia, filha dos Caldeus*. (Vers. I.) Diz que os encantamentos não impedirão a ruína da sua monarquia. No capítulo seguinte ele se dirige diretamente aos Israelitas:

Vinde aqui, vós outros, filhos de uma feiticeira, raça de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. — Com quem divertistes? Contra quem abristes a boca e lançastes as vossas línguas perfurantes. Não sois os filhos pérfidos e os bastardos rejeitados, vós que procurais vossa consolação nos vossos deuses sob todas as árvores frondosas em que sacrificais os vossos filhos pequenos, nas torrentes, ante as rochas elevadas? — Pusestes a vossa confiança nas pedras da torrente; derramastes licores em sua honra; oferecestes sacrifícios a ela. Depois disso a minha indignação não devia explodir? (Cap. LVII, 3, 4, 5, 6.)

Estas palavras são inequívocas. Elas provam claramente que naquele tempo as evocações tinham por fim a adivinhação, fazendo-se delas um comércio. Estavam associadas às práticas mágicas e supersticiosas sendo até mesmo acompanhadas de sacrifícios humanos.

Moisés, portanto, tinha razão de proibir estas práticas, dizendo que Deus as considerava abomináveis. Aliás, essas práticas supersticiosas sobreviveram até a Idade Média, mas hoje a razão as afugentou e o Espiritismo veio demonstrar que as relações com o além-túmulo têm um sentido exclusivamente moral, consolador e portanto religioso. Desde que os espíritas *não fazem sacrifícios de crianças e não derramam licores em homenagem aos deuses*, desde que não interrogam os astros, nem os mortos, nem os adivinhos para conhecer o futuro que Deus prudentemente ocultou aos homens, e desde que eles repudiam toda a forma de comércio da faculdade que alguns possuem, de comunicar-se com os Espíritos, não sendo movidos por curiosidade nem por cupidez, mas por um sentimento de piedade e pelo desejo único de se instruírem e se melhorarem e de aliviarem as almas sofredoras, — a proibição de Moisés não se refere a eles de maneira alguma. Para isso é que deviam atentar os que invocam essa proibição contra os espíritas. Se eles aprofundassem melhor o sentido dessas palavras bíblicas, teriam reconhecido que não existe nenhuma analogia entre o que se passava com os hebreus e os princípios atuais do Espiritismo, tanto mais que o Espiritismo condena precisamente tudo o que dera motivo à proibição de Moisés. Mas, cegos pelo desejo de encontrar argumentos contra as ideias novas, não chegam a perceber que essas acusações soam de maneira completamente falsa.

A lei civil dos nossos dias pune os abusos que Moisés queria reprimir. Quando Moisés estabeleceu a pena de morte contra os delinquentes, era porque necessitava de meios rigorosos para governar um povo indisciplinado. Aliás, essa pena figurava constantemente na sua legislação, porque não havia muito que escolher no tocante aos meios de repressão. Não existiam prisões nem casas de correção no deserto e seu povo não era de natureza a se atemorizar somente com as penas disciplinares. Ele não podia estabelecer as graduações penais, como fazemos em nossos dias.

É errôneo querer-se apoiar na severidade daquele castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Deveríamos, simplesmente por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital para todos os casos em que ela a aplicava? Nesse caso, por que reviver com tanta insistência apenas esse artigo, passando em silêncio o começo do capítulo que proíbe: *aos padres possuir bens terrenos e participar de qualquer herança, porque o Senhor é em si mesmo a sua herança?* (Ver. *Deuterônimo*, cap. XXVIII, v. 1 e 2.)

5 – Há duas partes distintas na lei de Moisés: a Lei de Deus propriamente dita, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar apropriada aos costumes e ao caráter do povo. Uma é invariável, a outra se modifica segundo os tempos e não pode passar pelo pensamento de ninguém que tenhamos de ser governados hoje da mesma maneira que os hebreus em sua caminhada através do deserto. Assim também os capitulares de Carlos Magno não poderiam aplicar-se à França do nosso século. Quem pensaria, por exemplo, em reviver hoje este artigo da lei Mosaica: *Se um boi chifrar um homem e uma mulher, que venham a morrer disso, o boi será lapidado e ninguém comerá da sua carne, mas o dono do boi será julgado inocente.* (*Êxodo*, cap. XXI, v. 28 e seguintes.)

Este artigo que nos parece tão absurdo não tinha por objetivo punir o boi e inocentar o seu dono, pois equivalia praticamente à confiscação do animal causador do acidente para obrigar o proprietário a ter maior cuidado. A perda do boi representava a punição do dono, que devia ser bastante grave num povo de pastores, impedindo os descuidados de caírem em outra falta. Mas como ela não devia aproveitar a ninguém, era proibido comer

a carne. Outros artigos estipulam penalidades para os donos responsáveis.

Tudo tinha a sua razão de ser na legislação de Moisés, porque tudo nela estava previsto, até os menores detalhes. Mas a forma e o fundo estavam de acordo com as circunstâncias em que os hebreus se encontravam. Claro que se Moisés voltasse hoje e tivesse de dar um novo código a uma nação civilizada da Europa, não recorreria mais àquele dos hebreus.

6 – Objeta-se a isso que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, como as recebidas no Sinai. Mas se considerarmos todas de origem divina, por que os mandamentos de Deus formam apenas o decálogo? É que se faz a distinção. Se todas emanassem de Deus, todas seriam igualmente obrigatórias. Por que, pois, não observar a todas? Por que, por exemplo, não foi observada a circuncisão que o próprio Jesus sofreu e não aboliu? Esquecem-se de que todos os legisladores antigos, para darem maior autoridade às suas leis, diziam tê-las recebido de uma divindade. Moisés, mais do que qualquer outro, necessitava desse apoio em virtude do caráter do seu povo. Se apesar disso lhe foi tão difícil fazer-se obedecer, quanto pior não seria se tivesse promulgado essas leis em seu próprio nome.

Jesus não veio modificar a lei mosaica, mas a sua lei não é hoje o código dos cristãos? Não disse ele: “Sabeis que foi dito aos antigos tal e tal coisa, mas eu vos digo esta outra coisa? Mas, assim dizendo, tocou ele na lei do Sinai? De maneira alguma, pois a sancionou e toda a sua doutrina moral não é mais do que o desenvolvimento daquela. Ora, em nenhum momento ele se refere à proibição de evocar os mortos, entretanto era essa uma questão bastante grave para que ele a tivesse omitido nas suas instruções, quando tratou de outros assuntos de natureza secundária.

7 – Em resumo: trata-se de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da lei evangélica, ou melhor dito, se ela é mais Judia do que Cristã. É mesmo de se notar que de todas as religiões a que menos se opôs ao Espiritismo foi a Judia, que não invocou contra

as relações com os mortos a lei de Moisés, sobre a qual entretanto se apoiam as seitas Cristãs⁴⁵.

8 – Há outra contradição. Se Moisés proibiu a evocação dos Espíritos dos mortos, é que esses Espíritos podem manifestar-se, pois de outra maneira a sua proibição seria inútil. Se eles podiam manifestar-se no seu tempo, é claro que o podem ainda hoje. Se se trata dos Espíritos dos mortos, não são exclusivamente os demônios que se manifestam. De resto, Moisés não faz nenhuma referência a esses últimos.

É pois evidente que não se poderia apoiar logicamente na lei de Moisés nesta circunstância, pelo duplo motivo de que ela não rege o Cristianismo e não é apropriada aos costumes da nossa época. Mas, mesmo supondo-se que tenha toda a autoridade que alguns lhe dão, ela não pode, como acabamos de ver, aplicar-se ao Espiritismo⁴⁶.

Moisés, é verdade, abrange na sua proibição a interrogação dos mortos. Mas isso apenas de maneira secundária, como um acessório das práticas de feitiçaria. A palavra interrogar, colocada ao lado das palavras *adivinhos e augures*, prova que entre os hebreus as evocações constituíam um meio de adivinhação. Ora, os espíritas não evocam os mortos para obter revelações ilícitas, mas para receberem os seus conselhos e procurar o alívio dos que sofrem. É claro que se os hebreus não se tivessem servido das comunicações de além-túmulo com esse fim, longe de as proibir, Moisés as encorajaria, porque elas teriam tornado melhor o seu povo.

⁴⁵ Esta observação de Kardec é das mais significativas e tem a sua explicação na própria História da religião judaica, toda ela, como se vê na Bíblia, na Kabala, no Talmud e na Literatura do povo hebreu, antiga e moderna, – fundada nas manifestações espirituais. O teatro e a ficção modernas de Israel, como a antiga literatura hebraica e a moderna literatura ídiche não escapam à tradição das visões, das aparições e até mesmo das materializações, que marcam toda a cultura judaica. No próprio texto bíblico encontramos passagens em que Moisés, como no caso típico de Eldad e Medad (*Números*, cap.13 v 24 a 29) se declara francamente favorável à mediunidade. Além disso, sabe-se que a tenda de Moisés era uma câmara mediúnica em que o Espírito de Jeová chegava a materializar-se. (N. do T.)

⁴⁶ As leis civis de Moisés pertencem a uma época bem definida da História, que é a das civilizações agrárias. O próprio decálogo traz as marcas dessa fase histórica e em nossos dias é divulgado com a supressão dos pormenores que o tornariam ridículo aos nossos olhos. Trata-se, pois, de legislação anacrônica. (N. do T.)

9 – Se alguns críticos irônicos ou mal intencionados têm apresentado as reuniões espíritas como assembleias de feiticeiros e necromantes, e os médiuns como ledores da sorte; se, por outro lado, alguns charlatães misturam o nome do Espiritismo a práticas ridículas que ele desaprova, entretanto muita gente sabe como considerar o caráter essencialmente moral e sério das reuniões espíritas. Aliás, a doutrina escrita e divulgada por todo o mundo protesta suficientemente contra os abusos de toda espécie para que a calúnia possa recair sobre quem realmente a merece.

10 – Dizem que a evocação é uma falta de respeito para com os mortos, cujas cinzas não devemos perturbar. Quem diz isso? Os adversários dos dois campos opostos, que nesse momento se dão as mãos: os incrédulos que não creem nas almas e os que, embora crendo, pretendem que *elas não podem manifestar-se e que o demônio é quem se manifesta*.

Quando a evocação é feita religiosamente, com o devido recolhimento; quando os Espíritos são chamados com afeto e simpatia, pelo desejo sincero de instrução e de aperfeiçoamento moral, e não por curiosidade, não se percebe o que haveria de falta de respeito, e isso tanto ao chamar as pessoas *depois de mortas como durante a vida*.

Mas há uma outra resposta decisiva a essa objeção. *É que os Espíritos se manifestam livremente e não de maneira forçada*. Eles costumam vir espontaneamente até nós, sem serem chamados, e revelam a satisfação de poderem comunicar-se com os homens, lamentando frequentemente o esquecimento em que às vezes os deixam. Se eles fossem perturbados na sua paz ou não gostassem de ser chamados, declararíamos isso ou não nos atenderiam. Desde que são livres, quando nos atendem é porque isso lhes convém.

11 — Alega-se ainda: *“As almas moram no lugar que a justiça de Deus lhes determinou, seja no Inferno ou no Paraíso.”* Assim, as que estão no Inferno não podem sair, embora toda liberdade seja dada aos demônios nesse sentido. As que estão no Paraíso acham-se inteiramente entregues à beatitude e estão muito acima dos mortais para se preocuparem conosco, sendo muito felizes para voltar a esta Terra de misérias, interessando-se pelos parentes e amigos que aqui deixaram. Essas almas seriam como

os ricos que desviam a vista dos pobres, com receio de que eles lhes perturbem a digestão? Se assim fosse, elas seriam bem pouco dignas da felicidade suprema, que seria, por sua vez, o prêmio do egoísmo.

Restam aquelas que estão no Purgatório. Mas essas são almas sofredoras e têm de pensar antes de tudo na própria salvação. Dessa maneira, nenhuma delas podendo nos atender, é somente o diabo que se apresenta. Mas se elas não podem vir, não há nenhum motivo para temermos perturbar o seu repouso.

12 – Aqui se apresenta outra dificuldade. Se as almas que estão na beatitude não podem abandonar a sua morada feliz para socorrer os mortais, por que a Igreja invoca a assistência dos santos, que devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que aconselha ela aos fiéis que os invoquem nas doenças, aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a própria Virgem mostram-se aos homens através de visões e fazem milagres? Eles deixam, então, o céu para vir à Terra. Se esses Espíritos que se encontram no mais alto dos céus podem deixá-lo, por que motivo os que estão mais embaixo não o poderiam?

13 – Que os incrédulos neguem a manifestação das almas, isso se concebe em razão da sua própria descrença. Mas o que estranha é ver aqueles cuja crença repousa precisamente na existência da alma e no seu futuro, se encarniçarem contra os meios de se provar que ela existe, esforçando-se por demonstrar que isso é impossível. Pareceria natural, ao contrário, que os que têm maior interesse na sua existência aceitassem com alegria e como uma graça da Providência o aparecimento dos meios de confundir os negadores por provas irrecusáveis, desde que são eles os negadores da própria religião.

Deploram essas pessoas, incessantemente, a propagação da incredulidade que aniquila o rebanho de fiéis, mas quando se lhes apresenta o mais poderoso meio de combatê-la, repelem-no com mais obstinação do que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas se multiplicam a ponto de não deixarem nenhuma dúvida, recorrem como argumento supremo à proibição de tratar do assunto, e procuram para justificá-la um artigo da lei de Moisés de que ninguém se lembrava e ao qual pretendem dar, de qualquer maneira, uma aplicação que não pode ter. E ficam muito

felizes com essa descoberta, sem perceberem que esse mesmo artigo constitui uma justificação da Doutrina Espírita.

14 – Todos os motivos alegados contra as relações com os Espíritos não podem suportar um exame sério. Do próprio empenho com que se entregam a essa luta pode-se deduzir que a questão envolve grandes interesses, pois do contrário não haveria tamanha insistência. Ao ver esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, poderíamos dizer que eles estão atemorizados. O verdadeiro motivo poderia ser o temor de que os Espíritos, demasiado clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre os pontos que eles tentam manter na obscuridade, fazendo os homens conhecerem de maneira precisa o que se refere ao outro mundo e *as verdadeiras condições para nele serem felizes ou infelizes*.

É por isso que, da mesma maneira que se diz a uma criança: *não vá lá porque existe um lobisomem*, dizem aos homens: *não evoqueis os Espíritos, pois quem atende é o Diabo*. Mas não haverá dificuldade: se proibirem aos homens de evocar os Espíritos, não poderão impedir os Espíritos de virem até os homens para *tirar a lâmpada debaixo do alqueire*.

O culto religioso que estiver de posse da verdade absoluta nada terá a temer da luz, porque a luz fará ressaltar a verdade e o demônio não poderia prevalecer contra a verdade.

15 – Repelir as comunicações de além-túmulo seria rejeitar o poderoso meio de instrução que resulta da iniciação no conhecimento da vida futura e dos exemplos que elas nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, como podemos fazer o bem desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os sofredores a se libertarem da matéria e a se melhorarem, e proibir isso seria privar as almas infelizes da assistência que lhes podemos dar. A seguinte comunicação de um Espírito resume admiravelmente os efeitos da evocação, quando praticada com uma finalidade caridosa:

Cada Espírito sofredor e desesperado vos contará a causa de sua queda, os arrastamentos a que não resistiu, e vos dirá das suas esperanças, das suas lutas, dos seus terrores. Ele vos dirá também dos seus remorsos, das suas dores, dos seus desesperos, e vos mostrará Deus, justamente

irritado, punindo o culpado com toda a severidade da sua justiça.

Ao escutá-lo, sereis movidos de compaixão por ele e de temor por vós mesmos. Ao seguir os seus lamentos, vereis Deus não o perdendo de vista, esperando o pecador arrependido, abrindo os braços tão logo ele comece a avançar em sua direção. Vereis os progressos do culpado, para os quais tereis a felicidade e a glória de haver contribuído. Acompanhareis com solicitude a sua reforma; como o cirurgião acompanha a cicatrização da ferida de que cuida diariamente. (Bordéus, 1861)⁴⁷.

⁴⁷ Proibir as relações do homem com o mundo invisível é um contrassenso e revela ignorância da natureza humana e da própria História Universal. Em todos os tempos, desde os primitivos, como o atestam de maneira inegável as pesquisas paleontológicas, arqueológicas, antropológicas, etnológicas e históricas, os homens mantiveram relações com entidades espirituais, sempre considerando-as humanas, diabólicas e divinas. O que são as religiões senão as formas institucionalizadas dessas relações? O que é a Bíblia, no seu conjunto e em cada um dos seus livros, senão um testemunho maciço e imponente dessa realidade inegável? E poderemos acaso negar que os próprios Evangelhos testemunham esse fato e nos instruem a respeito da maneira por que devemos proceder nessas relações? (Veja-se *I Coríntios*, cap. 12 e *I João* 4:1-6).

O Prof. Ernesto Bozzano, apoiado especialmente em pesquisas etnológicas de Andrew Lang e Max Freedom Long, em seu livro *Popoli primitivi e manifestazione supernormale*, formulou a tese da origem mediúnica das religiões. Os fundamentos dessa tese são científicos e filosóficos. As pesquisas metapsíquicas e parapsicológicas vêm confirmando a sua validade ao provarem que as funções *psi* (ou mediúnicas) são uma faculdade humana natural. Os avanços da Ciência em nosso tempo, e particularmente os da Física – revelação da estrutura atômica da matéria, descoberta da antimatéria e aceitação teórica da existência do antiuniverso – ampliam no plano físico as consequências das investigações psicofisiológicas. É hoje inegável que vivemos num Universo fechado pelas limitações de nossas percepções sensoriais, mas que se abre ante as possibilidades da percepção extrassensorial e dos novos recursos da Ciência para penetrar nos arcanos da Natureza.

Quando Pasteur descobriu o mundo invisível dos micróbios teve de lutar contra a ignorância dos doutos e sábios do tempo. Kardec é o Pasteur do Espírito – descobriu o mundo invisível dos espíritos e demonstrou que estes, à maneira das bactérias, dividem-se em benéficos e maléficos, podendo produzir infestações (que são infecções espirituais) ocasionando doenças mentais e orgânicas. Contra ele se levantaram da mesma maneira os doutos e os sábios do tempo, mas ainda mais fortemente apoiados pelos clérigos e teólogos das religiões dominantes do que no caso de Pasteur. A luta era mais difícil, porque contra Kardec se conjugavam preconceitos, superstições e interesses materiais muito maiores e mais arraigados. Mas mesmo assim a verdade não pôde ser obscurecida.

Mas deixando de lado a questão científica – e também a questão filosófica, a que nem nos referimos aqui – para tratar da questão religiosa, que é o assunto deste livro, podemos assegurar que a condenação de Moisés, erroneamente aplicada ao Espiritismo, redundaria na eliminação pura e simples de todas as religiões. Porque todas elas desde as primitivas até as mais culturalmente refinadas, apoiam-se na relação do homem com o mundo invisível e dela se alimentam. Os fatos espíritas estão

na raiz e na seiva da Religião, que tem sua origem na Revelação e se desenvolve graças à seiva mediúnica da permanente comunicação dos homens com os espíritos. A evocação – contra a qual se levantam os maiores protestos – é também uma constante na história, na teoria e na prática das religiões. Como Kardec explica, basta pensarmos num espírito para o evocarmos. Mas isso não o obriga a atender-nos. Os espíritos são mais livres do que nós, os encarnados, e a evocação é um simples apelo nunca uma tentativa mágica de sujeitar o espírito ao homem. Ao contrário disso, há práticas religiosas em nosso tempo que pretendem sujeitar o próprio Deus às exigências formalistas e convencionais de um sacerdote. Proibir essas práticas seria mais fácil, porque são criações humanas e dependem apenas dos homens, mas proibir as evocações espíritas e as manifestações espontâneas que se dão por toda parte através da mediunidade é impossível, porque estas dependem dos espíritos, que não estão ao alcance das determinações humanas.

Além disso é preciso considerar o problema da evolução espiritual do homem, que cada dia mais o aproxima dos espíritos, abrindo-lhe as possibilidades da percepção extrassensorial. Rompendo a clausura dos sentidos, a rede do sensório-orgânico, o homem de hoje aumenta cada vez mais, e com evidente aceleração evolutiva, as suas possibilidades de comunicação com o mundo invisível. Os dois planos da vida humana – o visível e o invisível – tornam-se mais próximos e se familiarizam na proporção em que a alma (espírito encarnado) aguça as suas faculdades para uma percepção mais dinâmica e real do mundo em que vive. (N. do T.)

SEGUNDA PARTE – EJEMPLOS

CAPÍTULO I - A TRANSIÇÃO

1 – A confiança na existência da vida futura não exclui as apreensões pela transição desta vida para a outra. Muitas pessoas não temem propriamente a morte, o que temem é o momento da transição. Sofremos ou não ao fazer essa passagem? É isso o que as inquieta e com tanto mais razão quanto ninguém pode escapar a esse momento. Podemos deixar de fazer qualquer outra viagem, mas quanto a esta, tanto os ricos como os pobres terão de fazê-la e se ela for dolorosa, nem a posição e nem a fortuna poderiam suavizar a sua amargura.

2 – Ao ver a tranquilidade de algumas mortes e as terríveis convulsões da agonia em outras, já podemos perceber que as sensações não são sempre as mesmas, mas quem pode nos esclarecer a respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação da alma e do corpo? Quem nos relatará as sensações desse instante supremo? Sobre isso, a Ciência e a Religião se calam.

Mas por que se calam? Porque falta a uma e a outra o conhecimento das leis que regem as relações do Espírito com a matéria. Uma para no limiar da vida espiritual, a outra no da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas. Somente ele pode revelar como se opera a transição, seja em virtude das noções positivas que oferece sobre a natureza da alma, seja com as informações dadas pelos que deixaram a vida. O conhecimento do elemento fluídico que une a alma ao corpo é a chave desse fenômeno, como de muitos outros.

3 – A matéria inerte é insensível: este é um fato positivo. Só a alma experimenta as sensações de prazer e dor. Durante a vida qualquer desagregação da matéria repercute na alma através de uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma que sofre e não o corpo, pois este é apenas o instrumento da dor e a alma é o paciente. Após a morte, estando o corpo separado da alma, pode ser livremente mutilado que nada sente. A alma, estando isolada do corpo, não é atingida por nenhum efeito da destruição deste. Ela tem as suas próprias sensações, cuja fonte não está na matéria tangível.

O perispírito é o envoltório físico da alma, da qual não se separa nem antes nem depois da morte, e com a qual se pode dizer que

forma um todo. Porque não se pode conceber um sem a outra. Durante a vida o fluido perispiritual impregna todo o corpo, servindo de veículo das sensações físicas para a alma. É também por esse intermediário que a alma age sobre o corpo e dirige os seus movimentos⁴⁸.

4 — A extinção da vida orgânica produz a separação da alma e do corpo pelo rompimento da ligação fluídica, mas essa separação nunca se verifica de maneira brusca. O fluido perispiritual se desprende pouco a pouco de todos os órgãos, de maneira que a separação só se completa quando não resta mais um único átomo, do perispírito, unido a uma molécula do corpo. A sensação dolorosa que a alma experimenta nesse momento está na razão da quantidade de pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, determinando a maior ou menor dificuldade ou lentidão da separação. Não se deve pois querer dissimular que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas diversas circunstâncias que vamos examinar.

5 – Coloquemos primeiramente, em princípio, os quatro casos seguintes, que podemos encarar como as situações extremas entre as quais existe uma infinidade de variações:

1º) Se no momento de extinção da vida orgânica o desprendimento do perispírito já se tiver completado, a alma não sentirá absolutamente nada;

⁴⁸ Somente agora, mais de um século após a explicação científica do Espiritismo a esse respeito, as Ciências materiais conseguiram confirmá-la através de suas pesquisas. Apesar das provas obtidas, entretanto, a cegueira materialista levantou celeumas a propósito e os religiosos antiespíritas, por mero sectarismo, fazer coro com os negativistas. A escola parapsicológica liderada pelo prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos, sustenta a existência no homem de um elemento extrafísico e defende a tese de que: a mente, que não é física, age sobre a matéria por vias não físicas. Esta é uma das asserções mais graves de Rhine e que maiores controvérsias provocou no meio científico de todo o mundo. Whately Carington, na Universidade de Cambridge, Inglaterra, formulou uma teoria da sobrevivência da mente após a morte e da sua possibilidade de agir sobre a matéria produzindo os fenômenos físicos paranormais. O prof. S. G. Soal, da Universidade de Londres, formulou também uma hipótese da sobrevivência da alma. Em pesquisas realizadas a partir de 1965, os físicos e biólogos soviéticos conseguiram obter provas concretas (fotografias e visão através de aparelhos óticos especiais) da existência do perispírito, a que deram o nome de *corpo bioplástico*. (N. do T.)

2º) Se nesse momento a união dos dois elementos ainda estiver em toda a sua força, se verificará uma espécie de ruptura;

3º) Se a união já estiver enfraquecida, a separação será fácil e se dará sem choque;

4º) Se, após a completa extinção da vida orgânica ainda existirem numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo até que as ligações sejam completamente rompidas.

Disso resulta que o sofrimento que acompanha a morte decorre do estado de aderência do perispírito ao corpo, e que tudo o que possa facilitar a diminuição desse estado e acelerar a separação torna a passagem menos penosa. Enfim, que se o desprendimento se verificar sem nenhuma dificuldade, a alma não experimenta nenhuma sensação desagradável.

6 – Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual ocorre ainda outro fenômeno de capital importância: o da perturbação. Nesse momento a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as suas sensações. Ela fica, por assim dizer, em estado cataléptico, de maneira que quase nunca tem consciência do seu derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca porque há um caso em que ela pode ter consciência desse último instante, como logo veremos.

A perturbação pode, pois, ser considerada como um fato normal no momento da morte. Sua duração é indeterminada, pois ela varia de algumas horas para alguns anos. À medida que ela se dissipa a alma se sente na situação de um homem que acorda de um sono profundo. Suas ideias são confusas, vagas e incertas, a sua visão é como se ela estivesse num nevoeiro; pouco a pouco a visão vai-se esclarecendo, a memória se reaviva, mas isso de acordo com as situações individuais. Para uns, esse despertar é calmo e proporciona uma sensação deliciosa, mas para outros é bem diferente, cheio de terror e angústia, semelhante a horrível pesadelo.

7 – O momento do derradeiro suspiro não é, pois, o mais penoso, porque em geral a alma não chega a percebê-lo. Mas antes ela

sofre os efeitos da desagregação da matéria durante as convulsões da agonia, e depois as angústias da perturbação. Apressememo-nos a esclarecer que essa situação não é generalizada. A intensidade e a duração de sofrimento, como dissemos, estão na razão da afinidade existente entre o corpo e o perispírito. Quanto maior for essa afinidade, mais demorados e penosos serão os esforços do Espírito para se libertar. Mas há casos em que a união é tão fraca que a libertação se realiza naturalmente, sem dificuldades. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro que cai do ramo. É o caso das mortes tranquilas que levam a um despertar pacífico.

8 – O estado moral da alma é a causa principal que determina a maior ou menor facilidade de desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito decorre do apego do Espírito à matéria. Chega ao máximo no homem que concentra todas as suas preocupações na vida e nos prazeres materiais que ela oferece. É quase nula naquele cuja alma purificada se identifica por antecipação com a vida espiritual. Como a lentidão e a dificuldade da separação resultam do grau de depuração e desmaterialização da alma, depende de cada um tornar mais fácil ou mais penoso, agradável ou doloroso, o momento de sua passagem. Assim posta a questão, ao mesmo tempo no plano teórico e como resultado da observação, resta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no derradeiro momento.

9 – Na morte natural, a que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, o desprendimento se opera gradualmente. No homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se desprenderam da atração das coisas terrenas, o desprendimento quase que se completa antes da morte real. O corpo vive ainda a vida orgânica, mas a alma já penetrou na vida espiritual e somente a ligam ao corpo liames tão frágeis que se rompem sem dificuldade com a última pancada do coração. Nessa situação o Espírito já pode haver recobrado a lucidez e testemunhar conscientemente a extinção da vida no seu próprio corpo, do qual se sente feliz por se livrar. Para ele quase não existe perturbação. Este não é mais do que um momento de sono tranquilo do qual ele acorda com uma indizível sensação de felicidade e de esperança.

No homem material e sensual, que viveu mais para o corpo do que para as coisas espirituais, para quem a vida espiritual nada era, que nem mesmo a admitia em pensamento, tudo contribui para estreitar os laços que ligam a alma à matéria, pois nada contribuiu para os relaxar durante a vida. À aproximação da morte, o desprendimento se opera também de maneira gradual, mas através de contínuos esforços. As convulsões da agonia revelam a luta que o Espírito sustenta, tentando às vezes romper os laços que o seguram e de outras vezes apegando-se ao corpo do qual uma força irresistível o vai arrancando com violência, mas parte a parte.

10 – O Espírito se apega tanto mais à vida material quando nada vê além dela. Sente que ela lhe escapa e quer retê-la. Ao invés de se entregar às forças que o arrastam, resiste com todas as suas energias. Essa luta pode se prolongar por dias, semanas e meses. Não há dúvida, nesse momento o Espírito não goza de toda a sua lucidez. A perturbação já terá começado bem antes da morte, mas nem por isso é menor o seu sofrimento, e o estado de vacuidade mental em que se encontra, a incerteza quanto ao que lhe acontecerá depois aumentam as suas angústias. A morte chega e nada se acabou, pois a perturbação continua. Ele sente que está vivo, mas não sabe se essa vida é a material ou a espiritual. Luta ainda até que as últimas ligações do perispírito com o corpo sejam rompidas. A morte pôs termo à moléstia que ele sofria, mas não sustou as suas consequências, de maneira que enquanto existirem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito é atingido por essas consequências e sofre com elas.

Bem diferente a situação do Espírito que já se desmaterializou, mesmo no caso das doenças mais cruéis. As ligações fluídicas com o corpo tendo se enfraquecido, rompem-se sem nenhuma dificuldade, e, além disso, a sua confiança no futuro, que ele já entrevê mentalmente e às vezes mesmo de maneira real, o leva a encarar a morte como uma libertação e os seus males como uma prova. Daí a tranquilidade moral e a resignação que suavizam os seus sofrimentos. Após a morte, tendo as ligações sido rompidas de maneira instantânea, ele não sente nenhuma reação dolorosa. Pelo contrário, ao despertar sente-se livre, disposto, aliviado de um grande peso e muito feliz por não estar mais sofrendo.

12 – Na morte violenta as condições não são sempre as mesmas. Nenhuma desagregação parcial tendo podido levar a uma separação antecipada entre o corpo e o perispírito, a vida orgânica é subitamente sustada, ainda na plenitude da sua força. O desprendimento do perispírito só começa depois da morte. Nesse caso como nos outros não pode realizar-se instantaneamente. O Espírito, colhido de surpresa, sente-se como aturdido, mas ao perceber que pensa ainda, acredita-se vivo. Essa ilusão dura até que ele possa tomar conhecimento de sua nova situação.

Esse estado intermediário entre a vida corpórea e a vida espiritual é um dos mais interessantes como objeto de estudo, pois apresenta a singular situação de um Espírito que toma o seu corpo fluídico pelo seu corpo material, experimentando todas as sensações da vida orgânica. Apresenta-se uma variedade de nuances que dependem do caráter, dos conhecimentos e do grau do desenvolvimento moral do Espírito. É de curta duração para aqueles de alma mais pura, porque nestes sempre há um desprendimento antecipado que a morte, mesmo a mais inesperada, vem apenas completar. Para outros pode prolongar-se durante anos. Esse estado é também muito frequente nos casos de morte ordinária, mas para alguns nada tem de penoso, dependendo das qualidades do Espírito, enquanto para outros representa uma situação terrível.

É sobretudo nos casos de suicídios que essa situação se faz penosa. O corpo continuando ligado ao perispírito por todas as suas fibras, faz que repercutam na alma todas as suas convulsões, produzindo-lhes sofrimentos atrozes.

13 – A situação do Espírito no momento da morte pode se resumir assim:

O Espírito sofre tanto mais, quanto mais lento for o desprendimento do perispírito. A presteza do desprendimento depende do grau de desenvolvimento moral do Espírito. Para o Espírito desmaterializado, cuja consciência é pura, a morte é apenas um sono passageiro, sem nenhum sofrimento, e o seu despertar é cheio de suavidade.

14 – Para que a gente se esforce pela própria purificação, reprimindo as más tendências e vencendo as paixões, é necessário conheceras vantagens do futuro. Para se identificar

com a vida futura, desejando-a e preferindo-a à vida terrena, não basta acreditar que ela existe, mas é preciso compreendê-la. E para tudo isso é necessário apresentá-la sob um aspecto satisfatório para a razão, de pleno acordo com a lógica, o bom senso e a ideia que se faz da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. De todas as doutrinas filosóficas, o Espiritismo é a que exerce, a respeito, a mais poderosa influência, graças à fé inabalável que proporciona.

O espírita sério não se contenta em crer: ele crê porque compreende, e só pode compreender recorrendo ao raciocínio. A vida futura é então uma realidade que se desenrola incessantemente aos seus olhos. Ele a vê e a toca, por assim dizer, a todos os instantes. A dúvida não pode penetrar na sua mente. A vida corpórea, demasiado limitada, se apaga para ele ante a vida espiritual que se apresenta como a verdadeira vida. Essa a razão da pouca importância que dá aos incidentes do caminho, e de enfrentar com resignação todas as vicissitudes, compreendendo as suas causas e a sua utilidade. As relações diretas que mantém com o mundo invisível elevam-lhe a alma. As ligações fluídicas que o ligam à matéria se enfraquecem. E é assim que vai se operando o desligamento parcial que facilita a sua passagem desta vida para a outra. A perturbação que é inseparável da transição torna-se de curta duração porque, tão pronto atravessou a fronteira logo se reconhece: nada lhe é estranho e ele compreende a sua nova situação.

15 – O Espiritismo não é certamente indispensável para se chegar a esse resultado. Nem tem a pretensão de ser o único a assegurar a salvação da alma. Mas a facilita, pelos conhecimentos que proporciona, pelos sentimentos que inspira e pelas disposições que dá ao espírito, fazendo-o compreender a necessidade de melhorar-se. Além disso, dá a cada um os meios de facilitar o desprendimento alheio na hora da partida e os meios de abreviar o tempo de perturbação através da prece e da evocação.

Por meio da prece sincera, que é uma forma de magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação, mais rápida do fluido perispiritual. Por uma evocação dirigida com conhecimento e prudência, através de palavras de benevolência e encorajamento, tira-se o Espírito do entorpecimento em que se encontra e consegue-se ajudá-lo a compreender mais rapidamente o que se

passa. Se for um Espírito sofredor, provoca-se o arrependimento que é o único meio de abreviar os seus sofrimentos.⁴⁹

⁴⁹ Os exemplos que vamos citar apresentam os Espíritos nas diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. Não os procuramos entre os personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, cuja situação se poderia considerar modificada após a existência em que foram conhecidos, não oferecendo, por isso mesmo, provas suficientes de autenticidade. Tomamo-los das circunstâncias mais comuns da vida contemporânea, por serem aquelas em que podemos encontrar maiores possibilidades de comparações e das quais se podem tirar as mais aproveitáveis instruções. Quanto mais a existência terrena dos Espíritos se aproxima da nossa, seja pela posição social ou pelas relações ou laços de parentescos, mais nos interessam e mais fácil se torna controlar a identidade dos comunicantes. As situações vulgares são naturalmente em maior número e é por isso que delas todos podem tirar mais facilmente as aplicações necessárias. As situações excepcionais nos tocam menos, por escaparem à esfera dos nossos hábitos. Não são essas, portanto, as ilustrações que procuramos. Se nesses exemplos se encontram algum as individualidades conhecidas, a maioria é de criaturas inteiramente obscuras. Os nomes retumbantes nada acrescentariam no tocante à instrução e poderiam ferir suscetibilidades. Não nos dirigimos aos curiosos nem aos amantes de escândalos, mas aos que desejam seriamente instruir-se. Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, mas, forçados a limitar o seu número, escolhemos os que pudessem lançar mais luz sobre o estado do mundo espiritual, seja em virtude da situação do Espírito, seja pelas explicações que ele estava em condições de dar. Na maioria essas comunicações são inéditas. Apenas algumas foram publicadas na *Revista Espírita*. Dessas, suprimimos os detalhes supérfluos, conservando apenas os pontos essenciais ao objetivo que nos propusemos aqui. Acrescentamos a elas as instruções complementares que provocaram posteriormente. (Nota de Kardec)

CAPÍTULO II – ESPÍRITOS FELIZES

Sr. Sanson

O Sr. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, morreu a 21 de abril de 1862, após um ano de cruéis padecimentos. Prevendo o seu fim ele havia dirigido ao presidente da sociedade uma carta contendo a seguinte passagem:

No caso de uma súbita separação de minha alma e meu corpo, venho lembrar-vos uma solicitação que já vos fiz há cerca de um ano. É a de evocar o meu Espírito o mais rapidamente possível e sempre que julgardes conveniente, a fim de que, membro bastante inútil da nossa sociedade durante a minha permanência na Terra, eu possa servir para alguma coisa além do túmulo, proporcionando-vos os meios de estudar fase por fase, através das evocações, as diversas circunstâncias decorrentes do que o vulgo chama de morte, mas que para nós, espíritas, é apenas uma transformação, segundo os desígnios impenetráveis de Deus, mas sempre útil ao fim que ele se propôs.

Além desta autorização e pedido para me dardes a honra dessa espécie de autópsia espiritual, que o meu tão reduzido adiantamento espiritual tornará talvez estéril, caso em que a vossa prudência vos levará naturalmente a não ir muito além de um certo número de experiências, ousou vos pedir pessoalmente, bem como a todos os meus colegas, suplicarem ao Todo Poderoso permitir aos bons Espíritos que me assistam com os seus conselhos benevolentes. Em particular a São Luís, nosso presidente espiritual, no sentido de me guiar na escolha e na época de uma reencarnação. Porque desde o presente isso me preocupa muito. Temo enganar-me quanto às minhas forças espirituais, pedindo a Deus demasiado cedo e presunçosamente uma vida corporal na qual não pudesse justificar a bondade divina, ou que, em lugar de servir ao meu adiantamento prolongasse a minha permanência na Terra ou algures, caso eu viesse a fracassar.

Para atender ao seu desejo de ser evocado o mais cedo possível, após o seu passamento dirigimo-nos à câmara mortuária com alguns membros da sociedade e, na presença do corpo, deu-se a comunicação seguinte, uma hora antes do enterro.

Tínhamos com isso um duplo objetivo: o de cumprir a sua última vontade e o de observar mais uma vez a situação da alma num instante assim tão próximo da morte. E isso com um homem eminentemente inteligente, esclarecido e profundamente convicto dos princípios espíritas. Interessava-nos verificar a influência dessas convicções sobre a situação do Espírito, colhendo para isso as suas primeiras impressões.

Nossa expectativa não foi frustrada. O Sr. Sanson relatou com perfeita lucidez o instante da transição. Ele havia assistido à sua própria morte, vendo-se também renascer, circunstância pouco comum e que se deve à elevação do seu Espírito.

1

(Câmara mortuária, 23 de Abril de 1862.)

1. Evocação.

– *Atendo ao vosso chamado para cumprir a minha promessa.*

2. Meu caro Sr. Sanson, cumprimos um dever e sentimos um prazer ao vos evocar o mais cedo possível após a vossa morte, como era do vosso desejo.

– *É uma graça especial de Deus que permite ao meu Espírito poder comunicar-se. Agradeço a vossa boa vontade, mas estou fraco e **tremo**.*

3. Sofrestes tanto que podemos, segundo penso, perguntar como estais agora. Sentis ainda as vossas dores? O que sentis ao comparar a vossa situação presente com a de há dois dias?

– *Minha situação é bem feliz, pois nada sinto de minhas antigas dores. Estou recuperado e renovado, como costumais dizer. A transição da vida terrena para a vida espiritual devia me tornar tudo incompreensível, de início, pois às vezes permanecemos muitos dias sem recobrar a lucidez. Mas, antes de morrer fiz uma prece a Deus pedindo-lhe que me permitisse falar aos que quero bem. E Deus me ouviu.*

4. Quanto tempo levastes para recobrar a lucidez mental?

– Oito horas. Deus, repito, me havia dado uma prova da sua bondade. Julgou-me bastante digno e jamais poderei agradecer-lhe como devo.

5. Estais bem certo de não pertencer mais ao nosso mundo? Como o constatastes?

– Oh! claro que não sou mais do vosso mundo. Mas estarei sempre perto de vós para vos proteger e vos sustentar na pregação da caridade e da abnegação que orientaram a minha vida. Além disso, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita que deve elevar a crença do justo e do bom. Sinto-me forte, bastante forte. Numa palavra, estou transformado. Não reconhecereis mais o velho inseguro que devia afastar-se de tudo, abandonando qualquer prazer e alegria. **Sou Espírito. Minha pátria é o espaço e o meu futuro é Deus que irradia pela imensidade.** Queria muito falar aos meus filhos para lhes ensinar o que eles sempre mostraram má vontade de acreditar.

6. Que efeito vos produz a visão do vosso corpo aqui ao lado?

– Meu corpo, pobre e mísero despojo, tens de voltar à poeira, mas guardo comigo a boa lembrança de todos os que me estimularam quando encarnado. Olho esta pobre carne deformada que foi habitação do meu Espírito e a prova de tantos anos. Obrigado, meu pobre corpo! Purificaste o meu Espírito. O sofrimento dez vezes santo proporcionou-me boa recompensa, pois encontro tão depressa a possibilidade de falar-vos.

7. Conservastes as vossas ideias até o último instante?

– Sim. Meu Espírito conservou as suas faculdades. Perdi a visão, mas pressentia. Toda a minha vida se desenrolou na minha memória e a minha última lembrança, meu derradeiro pedido foi o de poder falar convosco, como o faço. Depois pedi a Deus para vos proteger, a fim de que o sonho da minha vida se realizasse.

8. Tivestes consciência do momento em que o vosso corpo dava o último suspiro? O que se passou convosco nesse momento? Que sensações experimentastes?

– A vida se extingue e a vista, ou antes a vista do Espírito se apaga. Encontra-se o vácuo, o desconhecido, e levado por não sei que sortilégio a gente se encontra num mundo onde tudo é alegria e grandeza. Eu não sentia mais, não dava mais conta de

mim mesmo, e não obstante uma inefável felicidade me envolvia, não sentia mais o agulhão da dor.

9. Tendes ciência... (do que me propus a ler no vosso túmulo?)
Pronunciadas apenas as primeiras palavras, o Espírito respondeu, antes que eu acabasse a leitura. Respondeu também, sem que nada lhe perguntassem, ao que discutiam os assistentes sobre a conveniência de se ler a sua comunicação no cemitério, em virtude da presença de pessoas que poderiam ou não participar das suas opiniões.

“– Oh, meu amigo, eu o sei, pois já estive ontem convosco, como já estive hoje. Minha satisfação é muito grande! Obrigado, obrigado! Falai, para que possam me compreender e vos apreciar. Nada temais, pois todos respeitam a morte. Falai, pois, para que os incrédulos adquiram a fé. Adeus. Falai, coragem, confiança, que possam os meus filhos converter-se a uma crença tão honrosa!

J. Sanson.”

Durante a cerimônia do cemitério ele ditou as seguintes palavras:

Que a morte não mais vos atemorize, meus amigos. Ela é para vós apenas uma etapa, se tiverdes sabido viver bem. É uma felicidade, se a tiverdes merecido dignamente, cumprindo bem as vossas provas. Repito-vos: Coragem e boa vontade! Não deis mais do que um medíocre valor aos bens terrenos e sereis recompensados. Não se pode gozar muito, sem roubar o bem estar dos outros, praticando moralmente um imenso mal. Que a terra me seja leve!

2

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de Abril de 1862.)

1. Evocação.

– *Meus amigos, estou perto de vós.*

2. Ficamos felizes com a conversa que mantivemos convosco no dia do vosso enterro. E desde de que o aceiteis, seremos felizes de completar o assunto para nossa instrução.

– *Estou ao vosso dispor, contente porque pensais em mim.*

3. Tudo o que nos puder esclarecer sobre as condições do mundo invisível, fazendo-nos compreendê-lo, representa elevado ensinamento, pois é a falsa ideia que se tem a seu respeito que leva frequentemente à incredulidade. Não vos admireis, pois, com as perguntas que vos fizemos.

– *Não me admirarei e espero as vossas perguntas.*

4. Descrevestes com bastante clareza a passagem da vida para a morte. Dissestes que no momento em que o corpo exala o último suspiro a vida se extingue e a vista do Espírito se apaga. Esse momento é seguido de uma sensação penosa e dolorosa?⁵⁰

– *Sem dúvida, porque a vida é uma sequência incessante de dores e a morte é o complemento de todas essas dores. É por isso que se verifica uma ruptura violenta como se o Espírito tivesse de fazer um esforço sobre-humano para escapar do seu envoltório. É esse esforço que absorve todo o nosso ser, não lhe permitindo compreender a transformação porque passa.*

Essa não é a regra geral. A experiência mostra que muitos Espíritos perdem a consciência antes de expirar, mas que entre os que chegaram a um certo grau de espiritualização a separação se realiza sem esforços.

5. Sabeis se – há Espíritos que sofrem mais nesse momento? Ele é mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que crê que tudo então se acaba para ele?

– *Isso é certo, porque o Espírito preparado já superou os sofrimentos anteriores, ou melhor, habituou-se a sofrer e a serenidade com que aguarda a morte o livra de sofrer duplamente, mesmo porque ele sabe o que o aguarda. O sofrimento moral é o mais doloroso e a sua ausência no instante da morte representa grande alívio. Aquele que não crê se parece ao condenado à pena capital, que no seu pensamento vê a lâmina e ao mesmo tempo o **desconhecido**. Há uma semelhança entre essa morte e a do ateu.*

⁵⁰ “A vista do espírito se apaga.” Este dado é importante porque se relaciona com o problema da percepção espiritual. O Espírito não percebe por órgãos especiais, mas por todo o seu corpo. A transferência da visão, de um campo específico para o geral, requer algum tempo de adaptação. Veja-se, no *O Livro dos Espíritos*, o capítulo **Ensaio teórico sobre as sensações nos espíritos**. (N. do T.)

6. Há materialistas bastante endurecidos para acreditarem seriamente, nesse momento supremo, que vão ser reduzidos a nada?

– *Sem dúvida, há os que creem nisso até a última hora. Mas no momento da separação o Espírito sofre um retorno às profundezas de si mesmo, a dúvida então o envolve e o tortura, levando-o a se perguntar no que irá se transformar. Ele quer compreender alguma coisa e não consegue. A separação nunca se faz sem essa impressão.*

Um Espírito nos deu, em outra ocasião, o quadro seguinte do fim do incrédulo:

O incrédulo endurecido experimenta nos seus últimos momentos as angústias desses terríveis pesadelos em que nos vemos à beira de um precipício, prestes a cair no abismo, fazendo inúteis esforços para escapar, sem conseguir recuar. Nesses momentos queremos agarrar a alguma coisa, encontrar um ponto de apoio, mas nos sentimos deslizar. Queremos gritar e não podemos articular palavras. É assim que vemos o moribundo se contorcer, crisar as mãos e emitir sons angustiados, sinais certos do pesadelo em que se encontra. No pesadelo comum o despertar nos livra do desespero e ficamos felizes ao constatar que tudo foi apenas um sonho. Mas o pesadelo da morte se prolonga, às vezes por longo tempo, até mesmo por anos, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que ele às vezes se vê mergulhado.

7. Dissestes que no momento de morrer perdestes a vista, mas que podíeis pressentir. Compreende-se que não tínheis a visão corporal, mas antes que essa visão se apagasse já entrevíeis a claridade do mundo espiritual?

– *Foi o que eu disse anteriormente: o instante da morte torna o Espírito clarividente. Os olhos deixam de ver, mas o Espírito, que possui visão mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade que assim lhe aparece subitamente lhe confere, embora por momentos, uma grande*

alegria ou uma tristeza inexplicável segundo o estado da sua consciência e a lembrança da sua vida passada.

Trata-se do instante anterior àquele em que o Espírito perde a consciência. Isso explica o emprego da expressão *por momentos*, pois as mesmas impressões agradáveis ou penosas prosseguem após o despertar.

8. Quereis dizer o que, no momento em que os vossos olhos se reabriram para a luz, vos emocionou entre tudo o que vistes? Quereis descrever-nos, se possível, o aspecto das coisas que então se apresentaram a vós?

*– Quando pude voltar a mim e ver o que havia diante dos meus olhos, estava como ofuscado e não percebi bem as coisas porque a lucidez não se restabelece instantaneamente. Mas Deus, que me deu uma profunda prova da sua bondade, permitiu que eu logo recobrasse as minhas faculdades. Vi-me cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos assistem me cercaram sorridentes. Uma felicidade sem par os animava e eu mesmo, forte e bem disposto, senti que podia transportar-me sem dificuldades através do espaço. **O que então vi, não há palavras para que eu possa explicá-las nas línguas humanas.***

Voltarei para vos falar mais amplamente de todas as minhas venturas, sem entretanto ultrapassar o limite estabelecido por Deus. Sabei que a felicidade, como a entendeis, é apenas uma ficção. Vivei prudentemente, santamente, no espírito de caridade e amor e estareis preparados para as sensações que os vossos maiores poetas não poderiam cantar.

Os contos de fadas estão sem dúvida cheios de coisas absurdas. Mas não seriam eles, em alguns pontos, a pintura do que se passa no mundo dos Espíritos? O relato do Sr. Sanson não se assemelha a de um homem que, tendo dormido numa cabana pobre e obscura, de repente acordasse num esplêndido palácio, em meio de uma corte brilhante?

3

9. Sob que aspecto os Espíritos se vos apresentaram? Sob o da forma humana?

– Sim, meu caro amigo, os Espíritos nos haviam ensinado, aí na Terra, que eles conservam no outro mundo a forma transitória que tinham nesse. E essa é a verdade. Mas que diferença entre a máquina informe que se arrasta penosamente ao peso das provas e a fluidez maravilhosa dos corpos dos Espíritos! A fealdade não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão **que caracteriza a raça humana**. Deus abençoou todos esses corpos graciosos que se movem com todos os encantos da forma. A linguagem tem entonações intraduzíveis para vós e o olhar possui o mistério das estrelas. Procurai ver, pelo pensamento, o que Deus poderia fazer em sua onipotência, como o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma frágil ideia da forma dos Espíritos.

10. Como vedes a vós mesmo? Reconhecei-vos dotado de uma forma limitada, circunscrita, embora fluidica? Possuis uma cabeça, um tronco, braços e pernas?

– O Espírito, tendo conservado a forma humana, mas divinizada, idealizada, tem sem dúvida todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, pois podemos, por nossa vontade, aparecer-vos e apertar-vos as mãos. Estou próximo a vós todos e apertei as vossas mãos amigas, sem que o percebêsseis. Nossa fluidez nos permite estar em qualquer lugar sem ocupar espaço e sem provocar nenhuma sensação nas pessoas, se for esse o nosso desejo. Neste momento tendes as mãos cruzadas e tenho as minhas nas vossas. Digo-vos: eu vos amo, mas o meu corpo não toma espaço, a luz o atravessa sem torná-lo visível. E o que chamaríeis um milagre, se ele fosse visível, é para os Espíritos a continuidade de um fato comum de todos os instantes.

A visão dos Espíritos não pode ser comparada com a visão humana, da mesma maneira que os seus corpos não têm semelhança real, pois tudo se modifica no conjunto e na essência. O Espírito, repito, tem uma perspicácia divina que a tudo atinge, podendo mesmo adivinhar o vosso pensamento. Por outro lado, pode tomar a forma que melhor lhe convenha para despertar as vossas lembranças. Mas, neste ponto, **o Espírito superior que terminou as suas provas prefere a forma da existência que pode fazê-lo aproximar-se de Deus.**

11. Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como ainda há poucos dias éreis um homem, tendes neste novo estado uma natureza mais masculina do que feminina? Acontece o mesmo com um Espírito que tivesse deixado o seu corpo há muito tempo?

– *Não temos de possuir natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou pela sua vontade e se, nos seus maravilhosos desígnios, quis que os Espíritos se reencarnem na Terra, teve de acrescentar para isso a reprodução das espécies por meio das condições próprias do macho e da fêmea. Mas vós o sentis, sem necessidade de nenhuma explicação – os Espíritos não podem ter sexo.*

Sempre tem sido afirmado que os Espíritos não têm sexo, pois este só é necessário para a reprodução dos corpos. Como os Espíritos não se reproduzem, o sexo para eles seria inútil. Nossa pergunta não tinha por fim obter a confirmação desse fato. Mas, em virtude da morte recente do Sr. Sanson, quisemos saber se ele ainda conservava, nesse sentido, uma impressão da sua condição terrena. Os Espíritos purificados compreendem perfeitamente a sua nova natureza, mas entre os Espíritos inferiores, não espiritualizados, há muitos que ainda se acreditam na mesma condição terrena, conservando as suas antigas paixões e os seus desejos. Alguns ainda consideram como homens ou mulheres e é por isso que dizem que os Espíritos têm sexo. É assim que certas contradições decorrem do estado mais ou menos adiantado dos Espíritos que se comunicam. O erro não provém dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam sem se darem ao trabalho de aprofundar as questões.

12. Que aspecto vos apresenta a nossa sessão? Para a vossa nova visão tem o mesmo aspecto do tempo em que estáveis entre nós? As pessoas mostram-se com a mesma aparência? Tudo é claro e nítido como antes?

– *Bem mais claro, pois eu posso ler no pensamento de vós todos e sou muito feliz, graças, com a boa sensação que me causa a boa vontade de todos os Espíritos aqui reunidos. Desejo que essa mesma harmonia possa existir não apenas em Paris, na reunião de todos os grupos, mas em toda a França, onde os grupos são desunidos e se invejam, instigados por Espíritos perturbadores que se divertem com a desordem, quando o Espiritismo deve ser o esquecimento completo e absoluto do **eu**.*

13. Dissestes que podeis ler no nosso pensamento. Podereis nos explicar como se opera essa transmissão de pensamento?

– *Isso não é fácil. Para vos explicar esse estranho prodígio da visão dos Espíritos seria necessário lançar mão de todo um arsenal de elementos novos, para o que teríeis de conhecer tudo o que conhecemos, o que não é possível, pois as vossas faculdades estão limitadas pela matéria.*

Paciência! Tornai-vos bons e conseguireis isso. Tendes atualmente apenas o que Deus vos concedeu, mas com a possibilidade de progresso contínuo. Mais tarde sereis como nós.

Tratai de morrer bem para saberdes muito.

A curiosidade que estimula a atividade pensante do homem vos acompanha certamente até a morte, reservando-vos para então a satisfação de todas as vossas curiosidades passadas, presentes e futuras.

Nessa expectativa eu vos direi, para responder mal ou bem a vossa pergunta: o ar que vos envolve, impalpável como nós, os Espíritos, está marcado pelos vossos pensamentos; o vosso próprio hausto é, por assim dizer, a página escrita dos vossos pensamentos. Essas páginas são lidas e comentadas por Espíritos que constantemente se acercam de vós. São eles os mensageiros de uma telegrafia divina a que nada escapa⁵¹.

A Morte do Justo

⁵¹ Todo este item 13 é uma verdadeira aula sobre telepatia, que os atuais parapsicólogos deviam ler. Toda a dificuldade encontrada pela Parapsicologia, na tentativa de controlar o processo telepático de maneira a poder utilizá-lo na vida prática, se resume nisso que o Sr. Sanson revelou, ou seja: a telepatia depende da capacidade de libertação do espírito, da maior ou menor facilidade com que ele se desprende do corpo. A frase: *Tratai de morrer bem para saberdes muito* encerra uma filosofia de vida e uma explicação científica da chamada visão paranormal. A faculdade da visão é do espírito e não do corpo. Uma vida espiritualizada liberta o espírito das limitações da matéria e conseqüentemente amplia a visão espiritual do homem, que cientificamente se conhece hoje como visão mental. Quando a morte chega, o espírito, já semiliberto em vida, não encontra dificuldade no uso natural de suas faculdades normais. Por outro lado, os pensamentos são formas energéticas, segundo a própria Parapsicologia hoje admite, explicando-se portanto que se apresentem “escritos” ou “impressos” no elemento fluídico ou mais sutil da atmosfera e conseqüentemente do próprio hausto humano, que fisicamente serve para a articulação das palavras, traduzindo e transmitindo pensamentos no plano material. (N. do T.)

Após a primeira comunicação do Sr. Sanson, dada na Sociedade de Paris, um Espírito transmitiu, sob o título acima, a comunicação seguinte:

“A morte do homem de que vos ocupais neste momento foi a do justo, quer dizer, uma morte calma e cheia de esperança. Como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida Espírita sucedeu para ele à vida terrena, sem abalo, sem ruptura, e o seu último suspiro foi exalado num verdadeiro hino de reconhecimento e de amor. Como são poucos os que fazem assim essa difícil passagem! Como são poucos os que após as ilusões e os desesperos da vida percebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como o homem saudável, quando mutilado, sofre ainda a sensação dos membros perdidos, a alma do homem que morre sem fé e sem esperança se sente dilacerada e aflita ao escapar do corpo, lançando-se no espaço inconsciente de si mesma.

Orai por essas almas perturbadas, orai por todos os que sofrem. A caridade não se restringe à humanidade visível: socorre e consola também os seres que povoam o espaço. Tivestes a prova disso pela súbita conversão do Espírito tocado pelas preces espíritas que fizestes no túmulo desse homem de bem que deveis interrogar, pois deseja vos fazer progredir no caminho reto.

O amor não tem limites. Expande-se no espaço dando e recebendo ao mesmo tempo as suas divinas consolações. O mar se estende numa perspectiva infinita. Seu limite no horizonte parece confundir-se com o céu e o Espírito se deslumbra com o magnífico espetáculo dessas duas imensidades. Assim o amor, mais profundo do que o mar e infinito como o espaço, deve ligar-vos a todos, homens e Espíritos, na mesma comunhão da caridade, realizando a admirável fusão do efêmero com o eterno.

Georges.”

Sr. Jobard

(Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas, nascido em Baissey, Alto Marne, e falecido em Bruxelas de um ataque de apoplexia fulminante a 27 de outubro de 1861, com a idade de 69 anos.)

O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris. Pensávamos em evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando ele nos antecipou dando espontaneamente a seguinte comunicação:

“Eis-me aqui, eu que querieis evocar e que desejei manifestar-me antes por este médium, ao qual inutilmente solicitei esse favor até agora.

Desejo contar-vos primeiramente as minhas impressões do momento da libertação de minha alma. Senti uma comoção inexprimível. Revi subitamente o meu nascimento, a minha juventude, o meu envelhecimento: toda a minha vida se apresentou nitidamente na minha memória. Eu sentia, entretanto, o desejo de me encontrar nas regiões reveladas pela nossa querida doutrina. Depois, toda essa agitação se apaziguou. Sentia-me livre enquanto o meu corpo permanecia inerte.

Ah! Meus caros amigos, que alegria livrar-se do peso do corpo! Que embriaguez na amplidão do espaço. Mas não acrediteis que eu me tornasse de súbito um eleito do Senhor. Não, estou entre os Espíritos que, tendo assimilado pouco, têm ainda muito que aprender. Não me demorei a lembrar-me de vós, meus irmãos no exílio, e vos asseguro toda a minha simpatia, vos envolvo nos meus melhores votos.

Quereis saber quais os Espíritos que me receberam? Quais foram as minhas impressões? Meus amigos eram todos aqueles que nós evocamos, todos os irmãos que participaram dos nossos trabalhos. Vi o esplendor mas não o posso descrever. Dediquei-me ao trabalho de discernir o que havia de verdadeiro nas comunicações, pronto a rejeitar todas as asserções errôneas, pronto a ser no outro mundo o mesmo cavaleiro da verdade que havia sido no vosso.

Jobard.”

1. Quando vivo, nos recomendastes para vos evocar quando houvésseis deixado a Terra. Fazemo-lo, não só para atender ao vosso desejo, mas sobretudo para vos renovar o testemunho de nossa viva e sincera simpatia e também interessados na nossa instrução, porque vós, melhor do que ninguém, estais em condições de nos dar informações precisas sobre o mundo em

que agora vos encontrais. Seríamos felizes se quisésseis responder às nossas perguntas.

– Neste momento o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo e já não a percebo somente pela impressão dos ouvidos, o que representa para mim um grande progresso.

2. Para firmar os nossos propósitos e não falar vagamente, perguntaremos primeiro em que lugar estais aqui e como vos veríamos caso o pudéssemos fazer.

– *Estou perto do médium. Vós me veríeis com a aparência do Jobard que sentava à vossa mesa, pois **os vossos olhos mortais, ainda vendados, só podem ver os Espíritos sob a aparência mortal***⁵².

3. Teríeis a possibilidade de vos fazer visível para nós, e se não a tendes, o que é que se opõe a isso?

– *A condição que vos é própria. Um médium vidente me veria, os outros não.*

4. Esse lugar era o mesmo que ocupáveis quando vivo, assistindo as nossas sessões, e que nós sempre reservávamos. Assim, os que então vos viam devem imaginar-vos e ver-vos da mesma maneira. Se não tendes agora o corpo material, tendes o corpo fluídico que possui a mesma forma daquele. Se não vos vemos com os olhos do corpo, vemos com os olhos do pensamento. Se não podeis falar-nos de viva voz, podeis fazê-lo pela escrita com a ajuda do médium. Nossas relações não estão, portanto, absolutamente interrompidas por causa da morte, e podemos conversar convosco tão fácil e perfeitamente como outrora. É realmente assim que se passam as coisas?

⁵² O grifo é nosso. – Essa explicação de Jobard, tão simples, é de grande importância, implicando problemas relacionados com o nosso condicionamento aos sentidos orgânicos e às aparências do mundo físico, bem como referentes às questões de “padronização de memória”, hoje pesquisados pela Parapsicologia. Também o problema de “condicionamento à crença”, levantado por Richet e atualmente em foco no meio parapsicológico, relaciona-se com essa referência de Jobard. A questão de natureza do Espírito e da sua constituição energética é levantada por Jobard de maneira clara. O perispírito é semelhante ao corpo físico, mas não é idêntico a ele em tudo. A forma mortal é uma e a imortal é outra. (N. do T.)

– *Sim, e o sabeis desde muito tempo. Ocuparei este lugar frequentemente e mesmo que não o percebais, porque o meu Espírito habitará entre vós.*

Chamamos a atenção para esta última frase: *Meu Espírito habitará entre vós*. Na circunstância em causa ela não constitui uma figura, mas corresponde à realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos dá sobre a natureza dos Espíritos, sabemos que um Espírito pode estar entre nós, não só pelo pensamento, mas em pessoa, graças ao seu corpo etéreo que lhe dá a necessária distinção individual. Um Espírito pode pois habitar entre nós depois da morte, como quando estava na vida corpórea, e ainda com mais facilidade, desde que pode fazê-lo quando quiser. Temos assim uma multidão de companheiros invisíveis, uns indiferentes e outros ligados a nós pela afeição. É sobretudo a estes últimos que se aplicam as palavras: eles habitam entre nós, que podemos traduzir assim: eles nos assistem, nos inspiram e nos protegem.

5. Não faz muito tempo que vínheis sentar nesse mesmo lugar com o vosso corpo. As condições atuais em que fazeis o mesmo não vos parecem estranhas? Que efeitos essa modificação produziu em vós? – Essas condições atuais não me parecem estranhas, porque, desencarnado, o meu Espírito goza de uma lucidez que lhe permite compreender todas as questões referentes ao assunto.

6. Lembrai-vos de haver estado nessas mesmas condições antes da vossa última existência e percebeis agora qualquer modificação?

– *Lembro-me das existências anteriores e vejo que melhorei. Agora eu vejo e compreendo em toda a extensão o que estou vendo. Quando de minhas encarnações anteriores, Espírito perturbado, eu só me apercebia de cada existência terrena que havia deixado*⁵³.

⁵³ A evolução do Espírito aumenta a sua capacidade de ver no passado, sem que isso o prejudique diante dos erros cometidos. É o que o Sr. Jobard explica nesta passagem, ao escrever: *Lors de mes précédents incarnations, Esprit troublé, je ne m'apercevois des lacunes terrestres*. Alguns tradutores não perceberam bem o sentido desta frase e consequentemente de todo o texto do nº7. As lacunas terrestres são as existências materiais na vida passada do Espírito. O Espírito inferior só vê as suas lacunas, ou seja,

7. Lembrai-vos da vossa penúltima existência, a que precedeu a do Sr. Jobard?

– *Na minha penúltima existência eu era um mecânico atormentado pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o meu ofício. Como Jobard realizei os sonhos desse pobre operário. Agora louvo a Deus cuja infinita bondade fez germinar a pequenina semente que havia depositado em meu cérebro.*

8. Já vos comunicastes em outro lugar?

– *Até agora pouco me comuniquei. Em muitos lugares um Espírito tem se servido de meu nome. Algumas vezes eu estava perto dele sem poder comunicar-me diretamente. Minha morte é tão recente que ainda sofro algumas influências terrenas. É necessário haver uma perfeita simpatia para que eu possa exprimir o meu pensamento. Dentro em breve poderei agir indistintamente no tocante aos médiuns. Por enquanto, ainda não o posso. Quando um homem um tanto conhecido morre, é sempre chamado de todos os lados. Então, muitos Espíritos se apressam a imitar a sua individualidade. Foi o que aconteceu comigo em muitas circunstâncias. Asseguro-vos que assim tão próximo da libertação poucos Espíritos podem comunicar-se, mesmo através de um médium de sua preferência.*

9. Vedes os Espíritos que aqui se encontram conosco?

– *Vejo sobretudo Lázaro e Erasto. Depois, mais distanciados, o Espírito de Verdade que paira no espaço. Depois, ainda, uma multidão de Espíritos amigos que vos cercam, prestimosos e benevolentes. Sois felizes, amigos, porque boas influências vos livram das calamidades do erro.*

10. Em vida participáveis da opinião que nos foi transmitida de que a Terra se formou pela incrustação de quatro planetas que teriam sido soldados num só. Sois ainda da mesma opinião?

– *Isso é errado. As novas descobertas geológicas revelam os períodos de convulsão da Terra e a sua formação progressiva. A Terra, como os outros planetas, teve o seu próprio desenvolvimento. Deus não precisou lançar mão desse recurso*

depois de cada encarnação só se apercebe do que nela foi, não tendo conhecimento do seu passado espiritual. (N. do T.)

violento, dessa grande desordem que seria a agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11. Acreditáveis também que os homens podiam cair em catalepsia durante um tempo ilimitado e que a espécie humana foi trazida dessa maneira para a Terra.

– Ilusão da minha imaginação, que ultrapassava sempre o objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas exageradas pela imaginação oriental! Meus amigos, já sofri bastante ao lembrar as ilusões que o meu Espírito alimentou: não vos enganeis. Eu havia estudado muito e posso vos dizer que a minha inteligência, apta a observar tão vastos e diversos estudos, havia trazido, entretanto, da minha última encarnação o amor pelo maravilhoso e pelo imaginoso, que hauriu no contato com a imaginação popular.

Estou agora pouco ocupado com as questões puramente intelectuais, no sentido em que as considerais. Como o poderia fazer, ofuscado, arrebatado como me encontro pelo maravilhoso espetáculo que me envolve? Somente a atração do Espiritismo, mais poderosa do que vós, homens, podeis conceber, pode fazer o meu Espírito voltar para esta Terra que deixei, não com alegria, pois isso seria uma impiedade, mas com a profunda gratidão da libertação.

Quando da abertura da subscrição, pela Sociedade, em favor dos operários de Lyon, em fevereiro de 1862, um associado assinou 50 francos, sendo 25 em seu nome e 25 em nome do Sr. Jobard. A respeito disso, este último deu a seguinte comunicação:

“Estou orgulhoso e reconhecido por não ter sido olvidado entre os meus irmãos Espíritas. Agradeço ao coração generoso que fez a oferta que eu teria feito se ainda estivesse no vosso mundo. Naquele em que agora me encontro, não temos necessidade de dinheiro. Eu teria, pois, de recorrer à bolsa da amizade para demonstrar materialmente que havia sido tocado pelo infortúnio dos meus irmãos de Lyon. Bravos trabalhadores, que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, como deveis estar certos de que a caridade não é uma palavra vã, pois todos, pequenos e grandes vos demonstram simpatia e amor fraterno. Estais na ampla via humanitária do progresso. Que Deus possa

vos conservar nela, e que possais ser mais felizes. Os Espíritos amigos vos sustentaram e triunfareis.

Começo agora a viver espiritualmente, mais tranquilo e menos perturbado pelas evocações que de todos os lados choviam sobre mim. A moda impera até mesmo entre os Espíritos. Quando a moda Jobard for substituída por outra e eu tiver caído no esquecimento humano, pedirei então aos meus verdadeiros amigos, pelos quais entendo os que não se esquecem da nossa convivência, eu lhes pedirei que me evoquem. Apuraremos então os problemas tratados muito superficialmente, e o vosso Jobard, completamente transfigurado, poderá vos ser útil, o que ele deseja de todo o coração.

Jobard.”

Após os primeiros tempos, consagrados a tranquilizar os seus amigos, o Sr. Jobard tomou lugar entre os Espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, enquanto espera o seu próximo retorno entre os vivos para mais diretamente agir nesse sentido. Desde então, tem dado frequentemente à Sociedade de Paris, da qual continua a ser membro, comunicações de superioridade incontestável, sem se afastar da originalidade e do bom humor espiritual que constituíam o fundo do seu caráter e nos permitem reconhecê-lo antes mesmo da sua assinatura.

Samuel Philippe

Samuel Philippe era um homem de bem em toda a acepção do termo. Ninguém se lembraria de tê-lo visto cometer uma ação má nem de ter feito voluntariamente qualquer coisa errada. De um devotamento sem limites para com os seus amigos, todos estavam sempre certos de o encontrar às ordens quando dele precisassem, mesmo em prejuízo dos seus interesses particulares. Trabalhos, fadigas, sacrifícios, nada lhe custavam para ser útil e ele os fazia naturalmente, sem ostentação, admirando-se de lhe atribuírem algum mérito por isso.

Jamais quis mal aos que o tivessem prejudicado e procurava obsequiá-los com tanto préstimo como se lhe tivessem feito o bem. Quando sofria com os ingratos costumava dizer: “*Não é a*

mim que se deve lamentar, mas a eles.” Embora muito inteligente e naturalmente dotado de muito espírito, sua vida, muito laboriosa, foi obscura e cheia de rudes provas.

Era uma dessas naturezas de elite que florescem na sombra, que o mundo não conhece e cuja luz não se expande sobre a Terra. Havia adquirido, pelo conhecimento do Espiritismo, uma ardente fé na vida futura e uma grande resignação perante os males da vida terrena. Morreu em Dezembro de 1862, com a idade de 50 anos, após uma dolorosa moléstia, sendo sinceramente chorado pela família e pelos amigos. Foi evocado muitos meses após a morte.

P. – Lembrai-vos com clareza de vossos últimos instantes na Terra?

– *Perfeitamente. Essa lembrança me veio pouco a pouco, porque no momento as minhas ideias ainda estavam confusas.*

P. – Quereis descrever-nos, para nossa instrução e pelo interesse que nos desperta a vossa vida exemplar, como se verificou a vossa passagem da vida corpórea para a vida espiritual, bem como a situação em que vos encontrais no mundo dos Espíritos?

– *De boa vontade. Este relato não será útil somente para vós, mas também para mim. Voltando os meus pensamentos para a Terra, a comparação me permitirá apreciar ainda mais a bondade do Criador.*

Sabeis de quantas tribulações foi cheia a minha vida. Mas jamais me faltou a coragem na adversidade, graças a Deus, e hoje me felicito por isso. Quanto eu teria perdido se houvesse fraquejado! Só ao pensar nisso senti-me desfalecer, vendo que meus sofrimentos teriam ficado sem proveito e deveria recomeçar. Oh! Meus amigos, pudésseis compenetrar-vos bem desta verdade: ela interessa à vossa felicidade futura. Não, certamente não é pagar muito caro por essa felicidade com alguns anos de sofrimento. Se soubésseis como são poucos alguns anos em face do infinito!

Se minha última existência teve qualquer mérito aos vossos olhos, na verdade não poderíeis dizer o mesmo daquelas que a precederam. Somente por grande esforço sobre mim mesmo consegui tornar-me no que sou agora. Para fazer desaparecerem os últimos traços de minhas faltas anteriores, era-me ainda

necessário sofrer essas derradeiras provas que voluntariamente aceitei. Tirei da própria firmeza das minhas decisões a força para suportá-las sem lamentar. Hoje as bendigo, a todas essas provas. Graças a elas rompi minhas ligações com o passado que se tornou para mim apenas uma lembrança. Posso agora contemplar com legítima satisfação o caminho percorrido.

Oh, vós que me fizestes sofrer na Terra, que fostes duros e maldosos para comigo, que me humilhastes e me cobristes de amargura, cuja má-fé frequentemente me levou às mais ásperas privações, eu não só vos perdoo, mas vos agradeço! Querendo fazer-me o mal, não suspeitáveis que na verdade me fazíeis o bem. Dessa maneira, é a vós que devo em grande parte a felicidade que hoje desfruto, porque me proporcionastes a ocasião de perdoar, retribuindo o mal com o bem. Deus vos pôs no meu caminho para provar a minha paciência e me exercitar na prática da caridade mais difícil: a de amar aos nossos inimigos. Não nos impacientes com essa digressão. Chegarei ao que me pedistes.

Embora tivesse sofrido cruelmente com a minha doença final, não passei pela agonia. A morte foi para mim como um sono, como um sono tranquilo. Não tendo preocupações com o futuro, não me apeguei à vida. Não tive, por conseguinte, de me debater nos últimos instantes. A separação se operou sem esforços, sem dor e sem que eu houvesse sequer me apercebido.

Não sei quanto durou este último sono, mas foi breve. O despertar foi tão calmo que contrastava com a minha situação anterior. Eu não sentia mais dores e me regozijava com isso. Desejava levantar-me, andar, mas uma espécie de suave entorpecimento, que nada tinha de desagradável, que tinha mesmo um certo encanto, me retinha e eu me entregava a um certo deleite sem ter consciência da minha situação e sem duvidar que já houvesse deixado a Terra.

Tudo o que me cercava me aparecia como num sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados e chorando no meu quarto e disse para mim mesmo que sem dúvida me consideravam morto. Quis desenganá-los, mas não consegui articular nenhuma palavra, donde concluí que devia estar sonhando. O que me confirmou nessa ideia foi ver-me cercado de muitas criaturas amadas que haviam morrido há muito tempo e de outras que eu não reconhecia imediatamente, mas que pareciam velar por mim, esperando o meu despertar.

Esse estado era entretecido de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia alternadamente a consciência do meu eu. Pouco a pouco minhas ideias foram adquirindo mais clareza. A luz que eu só entrevia através de um nevoeiro se fez mais brilhante. Então, comecei a reconhecer o meu estado e compreendi que já não pertencia mais ao mundo terreno. Se eu não tivesse conhecido o Espiritismo, a ilusão se teria sem dúvida prolongado, por muito tempo.

Meus despojos mortais não haviam sido ainda enterrados, mas eu os considerava com piedade e me sentia feliz de haver me desembaraçado deles. Era muito feliz de estar livre! Eu respirava com a facilidade de quem sai de uma atmosfera asfíxiante. Uma invisível sensação de felicidade impregnava todo o meu ser. A presença das criaturas que eu amava me enchia de alegria e eu não estava surpreso de vê-las. Isso me parecia muito natural, mas eu tinha a impressão de as rever após uma longa viagem. Uma coisa me surpreendeu a princípio, o fato de nos compreendermos sem dizer palavra. Nossos pensamentos se transmitiam pelo simples olhar e como por uma espécie de penetração fluídica.

Entretanto, eu ainda não estava completamente desligado das ideias terrenas. A lembrança do que eu havia sofrido me voltava de quando em quando à memória, como para me fazer melhor apreciar a nova situação. Eu havia sofrido fisicamente, mas sobretudo moralmente. Havia sido alvo da malevolência, suportando essas mil perplexidades talvez mais penosas do que as desgraças positivas, porque nos mantêm numa constante ansiedade. Essa sensação não se havia apagado inteiramente e às vezes eu me perguntava se já estava realmente desembaraçado. Parecia-me ouvir ainda algumas vozes desagradáveis. Preocupava-me com as dificuldades que elas me haviam produzido tantas vezes e tremia sem querer. Eu me tateava, por assim dizer, para me assegurar de que não era o juguete de um sonho. E quando a certeza de que tudo isso havia acabado, me pareceu que me haviam aliviado de um peso enorme.

É bem verdade, dizia-me, que estou enfim liberto de todas essas preocupações que fazem o tormento da vida, e rendo graças a Deus por esse fato. Era como um pobre que houvesse recebido de repente uma grande fortuna e que durante algum tempo duvida da realidade, sentindo ainda preocupações pelas suas

necessidades. Oh! Se os homens compreendessem a vida futura, quanta força, quanta coragem essa compreensão lhes daria nas adversidades! O que não fariam, durante sua existência na Terra, para se garantirem a felicidade que Deus reserva aos filhos que são dóceis às suas leis! Veriam então como são insignificantes os prazeres que invejam nessa vida, em face daqueles que desprezam!

P. – Esse mundo, tão novo para vós e perante o qual o nosso nada vale. E os numerosos amigos que reencontrastes vos fizeram esquecer a família e os amigos que deixastes na Terra?

– Se os houvesse esquecido eu seria indigno da felicidade que desfruto. Deus não recompensa o egoísmo. Ele o pune. O mundo em que me encontro pode me levar a desdenhar a Terra, mas não os Espíritos que nela vivem encarnados. Somente entre os homens é que vemos a prosperidade levar ao esquecimento dos companheiros de infortúnio. Quero sempre rever os meus, sinto-me feliz com a saudade que eles sentem de mim, seu pensamento me atrai para eles. Assisto às suas conversas, gozo com as suas alegrias, suas preocupações me entristecem, mas não se trata dessa tristeza cheia de ansiedade que sofremos na vida humana, porque compreendo que as suas dificuldades são passageiras e têm por fim levá-los ao bem.

Sinto-me feliz de pensar que um dia eles também virão para este plano feliz em que a dor é desconhecida. Empenho-me em ajudá-los a se tomarem dignos disso. Esforço-me para lhes sugerir bons pensamentos e sobretudo a resignação que eu mesmo tive perante a vontade de Deus. Minha maior tristeza é vê-los retardar esse momento por sua falta de coragem, por suas lamentações, sua dúvida sobre o futuro, ou por qualquer ação repreensível.

Trato então de os afastar do mau caminho. Se o conseguir, isso é para mim uma grande felicidade e todos nós aqui nos regozijamos. Se eu fracasso, digo a mim mesmo com tristeza: ainda uma vez retardaram o seu momento feliz. Mas me consolo pensando que nem tudo está perdido de maneira irremediável.

Van Durst

Pouco tempo após a sua morte um médium perguntou ao seu guia espiritual se poderia evocá-lo e lhe foi respondido:

– *Esse Espírito sai lentamente da sua perturbação. Ele poderia atender desde já, mas a sua comunicação lhe custaria muito. Peço-vos esperar ainda quatro dias e ele vos responderá. Daqui até lá ele ficará sabendo das vossas boas intenções a seu respeito e vos atenderá reconhecido e como bom amigo.*

Quatro dias mais tarde o Espírito ditou o seguinte:

“Meu amigo, minha vida pesou muito pouco na balança da eternidade. Apesar disso, estou bem longe de ser infeliz. Estou na condição humilde, mas relativamente feliz daquele que praticou poucos males, sem, entretanto, visar à perfeição. Se há criaturas felizes numa região inferior, pois bem: eu sou uma delas. Lamento apenas uma coisa, que é não ter conhecido o que hoje sabeis, porque minha perturbação teria sido mais rápida e menos penosa.

Com efeito, ela foi grande. Viver e não viver, ver o corpo e sentir-se fortemente ligado a ele, sem poder utilizá-lo. Ver aqueles que amamos e sentir apagar-se o pensamento que nos ligava.

Isso é terrível! Oh, que momento cruel! Que momento é esse, quando o aturdimento vos toma em suas garras e vos estrangula! E logo a seguir, as trevas. Sentir, e um momento depois estar aniquilado.

Quer-se ter a consciência de si mesmo, e não se consegue recobrá-la. Não se é mais, e entretanto se sente que é. Estamos numa perturbação profunda. E depois, transcorrido um tempo inavaliável, tempo de angústias sufocadas, porque não temos a possibilidade de as compreender, após esse tempo que parece interminável, renascer lentamente para a nova existência, acordar num mundo novo!

Nada de corpo material, nada de vida terrena: a vida imortal! Nada de homens carnais, mas formas leves de Espíritos que deslizam de todos os lados, circulando ao vosso redor sem que os possais ver a todos, porque é no infinito que eles flutuam! Ter o espaço diante de nós e poder percorrê-lo à vontade. Comunicarmos pelo pensamento com tudo o que nos cerca. Amigo, que vida inteiramente nova! Que vida brilhante! Que vida de venturas! Salve, oh! salve eternidade que me acolheste em teu seio! Adeus, oh! Terra que me retinhas por tanto tempo afastado da minha verdadeira natureza espiritual! Não, eu nada mais

quereria de ti, porque és a terra do exílio e a maior das tuas felicidades nada é mais para mim!

Mas se eu soubesse o que sabeis, quanto mais fácil me seria esta iniciação na outra vida, e quanto mais agradável! Eu já saberia antes de morrer o que tive de aprender mais tarde, no momento da separação, e minha alma então se libertaria mais facilmente. Estais no caminho, mas jamais, por mais que puderdes fazer, jamais tereis feito muito! Dizei isso ao meu filho, mas dizei-o tantas vezes que ele creia e se esclareça, porque então ao chegar aqui não ficaremos separados.

Adeus a todos vós, meus amigos, adeus. Eu vos espero e durante o tempo em que permanecerdes na Terra virei sempre me instruir junto a vós, porque ainda não sei tanto como sabeis. Mas aprenderei logo, pois aqui não tenho mais as dificuldades que aí me embaraçavam e a velhice que me diminuía as forças. Aqui se vive amplamente e se avança porque os horizontes se alargam tão belos aos nossos olhos que nos sentimos ansiosos de franqueá-los. Adeus, eu vos deixo, adeus.

Van Durst.”

Sixdeniers

(Homem de bem, morto por acidente e conhecido do médium quando vivo.)

(Bordeaux, 11 de fevereiro de 1861.)

P. – Poderias dar-me alguns detalhes da tua morte?

– *Depois do afogamento, sim.*

P. – Por que depois?

– Por que já os conheces. (O médium realmente conhecia os detalhes do afogamento.)

P. – Queres então descrever as vossas sensações após a morte?

– *Permaneci muito tempo sem dar conta de mim mesmo, mas com a graça de Deus e a ajuda dos que me cercavam, quando a luz se fez fiquei deslumbrado. Podes esperar: encontrarás sempre mais do que pensavas. Nada de material. Tudo toca os sentidos ocultos. Trata-se do que não podemos tocar nem com os*

olhos nem com as mãos. Compreendes-me? É uma surpresa espiritual que ultrapassa o teu entendimento, pois não há palavras para explicá-la. Só podemos senti-la através da alma.

Meu acordar foi bastante feliz. A vida é um desses sonhos que, malgrado a ideia grotesca ligada a essa palavra, só posso qualificar como pesadelo horrível. Imagina que foste encerrado numa prisão infecta, que teu corpo está sendo devorado pelos vermes que penetram até a medula dos ossos e que te suspenderam sobre uma fornalha em chamas. Imagina ainda que a tua boca ressecada não tem sequer para refrescá-la a pureza do ar, que teu Espírito horrorizado só vê ao seu redor monstros que ameaçam devorar-te. Imagina, por fim, tudo quanto um sonho assim fantástico pode produzir de mais hediondo, de mais horrível, e transporta-te subitamente a um éden delicioso. Acorda, então, cercado por todos os seres queridos que choravas. Vê ao teu redor os rostos adorados que te sorriem felizes. Respira os mais suaves perfumes, refresca tua ressecada garganta na fonte da água pura. Sente o teu corpo elevado no espaço infinito que o acolhe e embala como faz a brisa com uma pétala arrancada da árvore. Sente-te envolvido pelo amor de Deus como a criança que ao nascer é envolvida pelo amor da mãe, – e não terás mais do que uma ideia imperfeita da transição da morte.

Quis explicar-te a felicidade da vida que espera o homem após a morte do corpo, mas não consegui fazê-lo. Podes explicar o infinito a quem tem os olhos fechados para a luz e jamais pode sair do círculo estreito em que vive fechado? Para explicar-te a felicidade eterna direi apenas: ama! Porque só o amor nos pode fazer pressenti-la. E quem diz amor, diz ausência do egoísmo.

P. – A tua situação foi feliz desde o princípio no mundo dos Espíritos?

– Não. Eu tinha de pagar a dívida do homem. Meu coração não me havia feito pressentir o futuro do Espírito, e além disso eu não possuía a fé. Tive de expiar a minha indiferença para com o Criador, mas a sua misericórdia levou em conta o pouco de bem que eu havia podido fazer, das dores que eu havia suportado com resignação apesar do meu sofrimento. E a sua justiça, que é pesada numa balança que os homens jamais compreenderão, pesou o bem para mim com tanta bondade e amor que o mal prontamente desapareceu.

P. – Podes me dar notícias da tua filha? (Morta quatro ou cinco anos antes do pai.)

– *Está em missão na Terra.*

P. – Ela se sente feliz como encarnada? Posso fazer-te uma pergunta indiscreta?

– *Já o sei. Não vês o teu pensamento colocado diante dos meus olhos como num quadro? Não, como encarnada ela não é feliz. Pelo contrário, todas as misérias da vida terrena devem esperá-la. Mas ela deverá pregar pelo exemplo essas grandes virtudes que se traduzem entre vós por grandes palavras. Eu a ajudarei, porque devo velar por ela. Mas ela não terá grande dificuldade para vencer os obstáculos. Não está em expiação, mas em missão. Tranquiliza-te, pois, quanto a ela. E obrigado pela tua lembrança.*

Nesse momento, o médium sentiu dificuldade para escrever e disse:

P. – Se é um Espírito sofredor que me embaraça, eu lhe peço que assine o seu nome.

– *Uma infeliz.*

P. – Não queres dizer o teu nome?

– *Valéria.*

P. – Queres dizer o que provocou o teu castigo?

– *Não.*

P. – Não te arrependes das tuas faltas?

– *Estás vendo.*

P. – Quem te trouxe aqui?

– *Sixdeniers.*

P. – Com que fim?

– *Para que me ajudes.*

P. – Foste tu que me impediste de escrever há pouco?

– *Ele me pôs em seu lugar.*

P. – Que relação há entre vós?

– *Ele me conduz.*

P. – Pergunte a ele se quer acompanhar-nos na prece?

– (Após a prece, Sixdeniers volta a escrever.) *Agradeço por ela. Compreendeste. Não te esquecerei. Pense nela.*

P. – (A Sixdeniers.) Como Espírito, tens muitos Espíritos sofredores para guiar?

– *Não. Mas tão logo conseguimos reconduzir um deles ao bem, nos incumbimos de outro, sem entretanto abandonar os primeiros.*

P. – Como podes atender a uma vigilância que deve se multiplicar pelo infinito através dos séculos?

– *Compreende que os que reconduzimos ao bem se purificam e progridem. Assim, não nos dão mais trabalho. Ao mesmo tempo nós também nos elevamos, e ao fazê-lo as nossas faculdades se desenvolvem e o nosso poder se amplia na proporção da nossa pureza.*

Observação: Os Espíritos inferiores são portanto assistidos por Espíritos bons, incumbidos da missão de orientá-los. Essa tarefa não pertence exclusivamente aos encarnados, mas estes devem contribuir para a sua execução, porque isso os ajuda a progredir. Quando um Espírito inferior interfere numa boa comunicação, como no caso presente, não o faz certamente, sempre, de boa intenção. Mas os Espíritos bons o permitem, seja para experimentar os encarnados, seja para que estes o ajudem a se melhorar.

É verdade que a sua persistência pode degenerar em obsessão, mas quanto mais tenaz ela for, maior é a prova da sua grande necessidade de assistência. É um erro repelir o Espírito. É necessário encará-lo como um pobre que vem nos pedir esmola e considerar que é um Espírito infeliz mandado pelos Espíritos bons, que o enviam para o esclarecermos. Se o conseguirmos, teremos a alegria de haver encaminhado uma alma ao bem, abreviando os seus sofrimentos.

Essa tarefa é frequentemente penosa. Seria, sem dúvida, mais agradável receber sempre boas comunicações e conversar apenas com os Espíritos de nossa preferência. Mas não é

buscando somente a nossa satisfação e rejeitando as ocasiões que nos oferecem de praticar o bem que merecemos a proteção dos Espíritos bons.

Dr. Demeure

Demeure era um médico homeopata muito considerado em Albi. O seu caráter e o seu saber lhe haviam conquistado a estima e a veneração dos seus concidadãos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis. Malgrado sua avançada idade, não sentia fadiga quando se tratava de dispensar os seus cuidados a pobres doentes.

O pagamento de suas visitas era o que menos lhe importava. Ele se considerava menos incomodado pelos infelizes do que pelos clientes que sabia poderem pagá-lo. E isso porque, dizia ele, estes últimos podiam sempre, na falta dele, procurar outro médico.

Aos infelizes ele não somente dava receitas e remédios sem cobrar, mas frequentemente acrescentava o necessário para suprir às suas necessidades materiais, o que às vezes é o mais eficaz dos medicamentos. Podemos dizer que era o *Cura D'Ars da Medicina*⁵⁴.

Demeure havia abraçado com ardor a doutrina espírita, na qual encontrara a chave dos mais graves problemas que havia inutilmente procurado na ciência e na filosofia. Seu Espírito profundo e investigador compreendeu imediatamente todo o alcance da doutrina de que se tornou um dos mais zelosos propagadores. Relações da mais viva e mútua simpatia estabeleceram-se entre nós por meio da correspondência.

Soubemos da sua morte a 30 de janeiro. Nosso primeiro pensamento foi o de obtermos uma conversação com ele. Eis a comunicação que nos deu no mesmo dia:

“Eis-me aqui. Prometi a mim mesmo, quando vivo, que ao morrer viria, se me fosse possível, apertar a mão do meu querido mestre e amigo, o Sr. Allan Kardec.

⁵⁴ Jean Baptiste Marie Vianney (1786-1859) foi cura em Ars durante 41 anos, tornando-se famoso pelas suas curas mediúnicas e seu cuidado com os pobres, canonizado pela Igreja em 1931. Ver sua comunicação no cap. VIII de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. (N. do T.)

A morte deixou a minha alma nesse pesado sono que chamamos letargia, mas o meu pensamento velava. Sacudi esse torpor funesto que prolonga a perturbação de após morte e me despertei, fazendo de um salto a travessia.

Como sou feliz! Não estou mais enfermo nem velho. Meu corpo era apenas uma vestimenta necessária. Sou jovem e belo, dessa eterna beleza juvenil dos Espíritos, em que as rugas jamais assinalam o rosto e os cabelos não embranquecem com o passar do tempo. Estou leve como o pássaro que atravessa em rápido voo o horizonte de vosso céu nebuloso. E admiro, contemplo, bendigo e me inclino, átomo que sou, ante a grandeza, a sabedoria e a ciência de nosso Criador, ante as maravilhas que me cercam.

Estou feliz, estou na glória! Oh! Quem poderá jamais traduzir as esplêndidas belezas da terra dos eleitos! Os céus, os mundos, os sóis e seu papel no grande concurso da harmonia universal? Pois bem, eu tentarei, oh! Meu mestre; vou fazer o estudo e virei depositar aos vossos pés a homenagem dos meus trabalhos de Espírito, que desde já vos dedico. Até breve.

Demeure.”

As duas comunicações seguintes, dadas a 1 e 2 de fevereiro, são relativas a doenças que nos haviam então acometido. Embora sejam pessoais, reproduzimo-las porque elas provam que o Sr. Demeure continua tão bom como Espírito quanto o era como homem.

“Meu bom amigo, tenha confiança em nós e bastante coragem. Essa crise, embora fatigante e dolorosa, não será longa. Com os tratamentos prescritos poderás logo, segundo desejas, completar a obra que é o principal objetivo da tua existência. Sou eu quem estou sempre aqui, ao teu lado, com o Espírito da Verdade, que me permite falar em seu nome, como o último dos teus amigos que chegou ao mundo dos Espíritos. Eles me fazem as honras da recepção.

Caro mestre, como sou feliz de haver morrido a tempo de estar com eles neste momento! Se eu tivesse morrido mais cedo, talvez tivesse podido evitar essa crise que não previa. Era tão recente a minha desencarnação que não pude ocupar-me de outras coisas além do problema espiritual. Mas agora velarei por ti, caro mestre.

Sou o teu irmão e amigo que se sente feliz de ser Espírito para estar ao teu lado cuidando da tua doença. Conheces o provérbio: ajuda-te e o céu te ajudará. Ajuda, pois, os bons Espíritos nos seus cuidados contigo, seguindo rigorosamente as suas prescrições.

Está muito quente aqui. Esse carvão é fatigante. Enquanto estás doente, não acendas mais o carvão. Ele aumenta a tua opressão. Os gases que desprende são deletérios.

Teu amigo, Demeure.”

“Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava junto dele quando lhe sobreveio o acidente que poderia ter sido funesto sem a intervenção eficaz para a qual tive a felicidade de contribuir. Segundo as minhas observações e as informações colhidas em boa fonte, parece-me que, quanto mais cedo se der a sua reencarnação, mais cedo poderá se dar também a reencarnação que lhe permitirá acabar a sua obra.

Entretanto, é necessário que ele dê, antes de partir, a derradeira mão nas obras que devem completar a teoria doutrinária de que foi iniciador. E será culpável de suicídio se contribuir, por excesso de trabalho, para o aniquilamento do seu organismo que o ameaça de uma partida súbita para o nosso mundo. Não se deve temer dizer-lhe toda a verdade, para que tome as suas providências e siga à risca as nossas prescrições,

Demeure.”

A seguinte comunicação foi obtida em Montalban, a 26 de janeiro, no dia seguinte ao da sua morte, no círculo dos amigos Espíritas que ele possuía nessa cidade:

“Antoine Demeure. Eu não estou morto para vós, meus bons amigos, mas somente para aqueles que não conhecem, como vós, esta santa doutrina que reúne os que se amaram na Terra, tendo os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e caridade.

Estou feliz, mais feliz do que podeis supor, porque gozo de uma lucidez rara entre os Espíritos tão recentemente libertos da matéria. Tende coragem meus bons amigos. Estarei sempre junto a vós e não deixarei de vos instruir sobre tantas coisas que

ignoramos quando estamos ligados à nossa pobre matéria, que nos oculta tantas magnificências e impede tantas alegrias. Pedi pelos que estão privados dessa felicidade, pois não sabem o mal que fazem a si mesmos.

Não me demorarei hoje por mais tempo, mas quero dizer-vos que não me sinto inteiramente estranho a este mundo dos invisíveis, pois me parece que sempre o habitei. Sou feliz, porque vejo daqui os meus amigos e posso comunicar-me com eles sempre que o desejar.

Não choreis, meus amigos. Isso me faria lamentar de vos haver conhecido. Deixai passar o tempo e Deus vos trará a este plano onde todos nos devemos reunir. Boa noite. Que Deus vos console. Eu estou convosco.

Demeure.”

Outra carta de Montalban contém o relato seguinte:

Havíamos ocultado à senhora G., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do senhor Demeure, para poupar a sua extrema sensibilidade. O bom doutor, compreendendo sem dúvida as nossas intenções, evitara se manifestar a ela.

A 10 de fevereiro último estávamos reunidos a convite dos nossos guias que diziam querer aliviar a senhora G. de uma luxação que a fazia sofrer cruelmente desde a véspera. Nada havíamos percebido e estávamos longe de pensar na surpresa que eles nos reservavam. Logo que essa senhora entrou em sonambulismo, começou a soltar gritos lancinantes, mostrando o próprio pé.

Eis o que se passava:

A senhora G. via um Espírito curvado para a sua perna, e cujo rosto permanecia oculto, fazendo fricções e massagens, e de vez em quando produzindo uma tração longitudinal, absolutamente como o faria qualquer médico. Essa operação era tão dolorosa que a paciente vociferava e gesticulava desordenadamente. Mas isso passou logo. Dentro de dez minutos toda a luxação havia desaparecido, como a sua inflamação e o pé haviam voltado à aparência normal. A senhora G. estava curada.

Entretanto o Espírito continuava desconhecido da médium e insistia em não lhe mostrar o rosto. Tinha mesmo o ar de querer fugir, quando a nossa doente, que alguns minutos antes não podia dar um passo, se lançou de um salto no meio do quarto para apertar a mão do seu médico espiritual. Ainda dessa vez o Espírito desviava o rosto deixando apenas a sua mão nas mãos da médium. Nesse momento a senhora G. deu um grito e caiu desfalecida no soalho. Acabara de reconhecer o doutor Demeure no Espírito curador.

Durante a síncope ela recebia os cuidados atenciosos de muitos Espíritos simpáticos. Voltando, por fim, à lucidez sonambúlica conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do médico, que respondia às suas provas de afeição envolvendo-a em fluidos reparadores.

Esta cena não é surpreendente e dramática, dando-nos a impressão de ver todos os personagens desempenhando o seu papel na própria vida humana? Não constitui mais uma prova, entre tantas, de que os Espíritos são seres bastante reais, dotados de corpos e agindo como se estivessem na Terra? Ficamos felizes de reencontrar o nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua mesma delicada solicitude. Ele havia sido, durante a vida, o médico da médium. Conhecia sua extrema sensibilidade e a havia tratado como sua própria filha. Essa prova de identidade concedida aos que o Espírito amava não é surpreendente e ao mesmo tempo suficiente para nos fazer encarar a vida futura sob o seu aspecto mais consolador?

Observação: A situação do doutor Demeure, como Espírito, é exatamente a que podíamos prever pela sua vida tão digna e utilmente empregada. Mas outro fato, não menos instrutivo, ressalta dessas comunicações. É a atividade que ele desenvolve quase imediatamente após a sua morte, para ser útil. Por sua elevada inteligência e suas qualidades morais ele pertence à ordem dos Espíritos mais adiantados. Ele é feliz, mas a sua felicidade não se faz de inação.

Alguns dias antes ele cuidava dos doentes como médico. Apenas libertado, apressa-se em cuidar deles como Espírito. Que adianta, então, ir para o outro mundo, dirão algumas pessoas, se ali não

se pode repousar? A isso também lhes perguntaremos, primeiro, se o fato de não termos mais preocupações, nem necessidades, nem estarmos sujeitos às enfermidades da vida humana, de nos tornarmos livres e podermos, sem cansaço, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, indo ver os nossos amigos a qualquer momento e a qualquer distância em que eles se encontrem, se tudo isso nada representa? Depois acrescentaremos: quando estiverdes no outro mundo nada vos forçará a fazer o que quer que seja; sereis perfeitamente livres de permanecer numa ociosidade beatífica quanto quiserdes; mas logo vos cansareis desse repouso egoísta e sereis os primeiros a pedir alguma ocupação.

Então vos será respondido: se vos enjoais de nada fazer, procurai por vós mesmos fazer alguma coisa. As ocasiões de ser útil não faltam no mundo dos Espíritos, como não faltam entre os homens. É assim que a atividade espiritual não representa um constrangimento, mas uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações segundo os seus gostos e as suas aptidões, preferindo aquelas que podem ajudá-los mais no seu desenvolvimento.

A Viúva Foulon

A senhora Foulon, morta em Antibes a 3 de fevereiro de 1865, morou durante muito tempo no Havre, onde conquistou reputação como miniaturista habilidosa. Seu talento notável serviu-lhe de início, apenas como uma distração de amador. Mais tarde, porém, quando chegaram os maus dias, ela soube aproveitá-lo como precioso recurso. O que a tornava sobretudo amada e estimada, o que torna a sua memória bastante cara a todos que a conheceram, é a amenidade do caráter, são as suas qualidades pessoais, que só os que a conheciam na intimidade puderam apreciar em toda a amplitude. Porque, como todos os que possuem o sentimento inato do bem, ela não alardeava as suas qualidades e talvez nem mesmo as percebesse.

Se houve alguém que não se deixou dominar pelo egoísmo, foi sem dúvida ela. Jamais, talvez, o sentimento da abnegação pessoal foi levado tão longe. Estava sempre pronta a sacrificar o seu repouso, a sua saúde, os seus interesses por aqueles a quem podia servir. Sua vida foi uma longa sequência de atos de

abnegação, assim como, desde a juventude foi marcada por provas rudes e cruéis, diante das quais a sua coragem, a sua resignação e a sua perseverança jamais fraquejavam. Mas, por desgraça a sua vista, cansada por um trabalho minucioso, extinguiu-se de dia para dia. Dentro de pouco tempo a cegueira, já bastante avançada, completou-se.

Quando a senhora Foulon tomou conhecimento da doutrina espírita, esta lhe pareceu como um raio de luz. Pareceu-lhe que um véu se levantava deixando-lhe ver alguma coisa que não lhe era estranha, mas da qual tinha apenas uma vaga intuição. Estudou-a com ardor, mas ao mesmo tempo com essa lucidez de espírito e essa justeza de apreciação que eram próprias da sua elevada inteligência. Seria preciso conhecer todas as perplexidades da sua vida, perplexidades que nunca se referiam a ela mesma, mas aos seres que amava, para se compreender quanto de consolações encontrou nessa revelação sublime que lhe dava uma fé inabalável no futuro e lhe demonstrava o vazio das coisas terrenas.

Sua morte foi digna da sua vida. Ela sentiu a sua aproximação sem nenhuma apreensão penosa. Para ela, era a libertação dos liames terrenos que devia abrir-lhe a via espiritual e bem-aventurada com a qual se havia identificado pelo estudo do Espiritismo. Morreu em paz, porque tinha a consciência de haver cumprido a missão que aceitara ao vir para a Terra, de haver escrupulosamente cumprido os seus deveres de esposa e mãe de família. E também porque ela havia, durante a sua vida, afastado todo ressentimento contra os que a ofenderam, os que lhe haviam pago com a ingratidão. Pagou sempre o mal com o bem e deixou a vida perdoando a todos para se entregar, ela mesma, à bondade e à justiça de Deus.

Morreu, enfim, com a serenidade de uma consciência pura e a certeza de que estaria menos separada dos seus filhos do que durante a vida corpórea, desde que poderia dali por diante estar com eles em Espírito, onde quer que se encontrassem, para os ajudar com os seus conselhos e os cobrir com a sua proteção.

Desde que tivemos conhecimento da morte da Senhora Foulon, nosso primeiro desejo foi o de conversar com ela. As relações de amizade e de simpatia que a doutrina espírita fizera nascer entre nós explicam algumas de suas expressões e a familiaridade de sua linguagem.

(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após a sua morte)

“Eu estava segura de que ias me evocar logo após a minha libertação e estava pronta a atender, porque não passei pela perturbação. Somente os que se atemorizam e são envolvidos pelas espessas trevas do medo é que se perturbam.

Pois bem, meu amigo, agora estou feliz. Estes pobres olhos que se haviam enfraquecido e só guardavam a lembrança das visões que haviam colorido a minha juventude com suas luminosidades, reabriram-se aqui e reencontraram os esplêndidos horizontes que alguns dos vossos grandes artistas idealizam em suas vagas reproduções, mas cuja realidade majestosa, severa e não obstante cheia de encantos, constitui a mais positiva realidade.

Há apenas três dias que morri e sinto que sou artista. Minhas aspirações no tocante ao ideal da beleza na arte eram intuições de faculdades adquiridas e exercidas em outras existências, tendo-se desenvolvido na última.

Mas o que devo fazer para reproduzir numa obra-prima, digna da grandeza que me toca o espírito, o cenário que encontramos na região da luz? Pincéis, pincéis, e eu provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que agora está em perigo, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu esplendor sobre o vosso mundo em crise.

Basta para a artista. Chegou a vez da amiga:

Por que, boa amiga (senhora Allan Kardec) incomodar-se assim com a minha morte? Sobretudo conhecendo como conheces as decepções e as amarguras da minha vida, devias ao contrário alegrar-te de ver que agora já não tenho mais de beber na taça amarga das dores terrestres, que esvaziei até o fim. Podes crer que os mortos são mais felizes que os vivos e chorá-los seria duvidar da verdade do Espiritismo. Terás de me rever, podes estar segura. Parti primeiro porque a minha tarefa nesse mundo já estava terminada. Cada um tem a sua e deve realizá-la na Terra. Quando acabares a tua, virás descansar um pouco junto a mim para depois recomeçar, se necessário, considerando-se que não é natural permanecer sem fazer nada.

Cada qual tem as suas tendências e as segue. Essa é uma lei suprema, que prova o poder do livre-arbítrio. Mas também, minha boa amiga, todos temos necessidade de indulgência e caridade

recíprocas, seja no mundo visível ou no mundo invisível. Com essa divisa, tudo irá bem.

Não irás me dizer que chega. Sabes que é a primeira vez que converso tão longamente? Assim vou deixar-te. Chegou a vez do meu excelente amigo senhor Kardec.

Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que dirigiu à amiga que o antecipou na tumba, pois devíamos partir juntos para o mundo onde agora me encontro, meu bom amigo! (Alusão à doença de Kardec de que falou o doutor Demeure.) Que diria então a companheira querida dos vossos dias, se os bons Espíritos não o tivessem socorrido em tempo? Então, sim, ela teria chorado e clamado, o que se compreende. Mas agora é preciso que ela vele por ti, evitando que te exponhas de novo ao perigo antes de haver terminado o trabalho de iniciação espírita.

Sem isso corres o perigo de chegar muito cedo entre nós e assim não ver, como Moisés, a Terra Prometida senão à distância. Põe-te, pois, em guarda; é uma amiga que te previne.

Agora me vou. Volto para junto de meus queridos filhos. Depois irei ver, para lá dos mares, se a minha ovelha viajora chegou enfim ao porto ou está à mercê da tempestade. (Uma de suas filhas morava na América.) Que os bons Espíritos a protejam. Vou reunir-me a eles para isso. Voltarei a conversar convosco, porque sou uma infatigável conversadora, como certamente vos lembrais. Até a vista, meus bons e caros amigos. Até logo.

Viúva Foulon.”

II

(8 de fevereiro de 1865.)

P. – Cara senhora Foulon, fiquei muito contente com a comunicação que me deste outro dia e com a promessa de continuar a conversar conosco.

Eu te reconheci perfeitamente na comunicação. Falaste de coisas que o médium não sabia e só podiam vir de ti mesma. Além disso, a tua linguagem afetuosa para conosco era bem aquela da tua alma amorosa. Mas havia nas tuas palavras uma segurança, um equilíbrio, uma firmeza que eu não percebera durante tua vida. Sabes que me permiti, a esse respeito, advertir-te em algumas ocasiões.

– É verdade. Mas desde que me vi gravemente enferma recuperei o equilíbrio espiritual que havia perdido com os desgostos e as vicissitudes que às vezes me tornavam insegura na vida. Eu me disse a mim mesma: Tu és Espírito; esquece a Terra; prepara-te para a transformação do teu ser; vê, pelo pensamento, a senda luminosa que tua alma deve seguir ao deixar o corpo e que a conduzirá, liberta e feliz, às esferas celestes onde deves viver de agora em diante.

Dirás que fui um tanto presunçosa, contando com a felicidade perfeita ao deixar a Terra, mas tanto eu havia sofrido que já devia ter expiado as minhas faltas dessa existência e das anteriores. Essa intuição não me enganara. Foi ela que me deu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos instantes. Essa firmeza aumentou naturalmente quando, após a minha libertação, vi que as minhas esperanças estavam realizadas.

P. – Queres agora nos descrever a vossa passagem, o vosso despertar e as vossas primeiras impressões?

– Eu sofri, mas o meu Espírito foi mais forte que o sofrimento material do desprendimento. Após o último suspiro, passei por uma espécie de síncope perdendo a consciência, nada percebendo, numa vaga sonolência que não era o sono do corpo nem o despertar da alma.

Durante longo tempo permaneci assim. Depois, como se saísse de um longo desfalecimento, fui me despertando pouco a pouco em meio de irmãos que não conhecia. Eles me prodigalizavam os seus cuidados e as atenções. Mostraram-me um ponto no espaço que se assemelhava a uma estrela brilhante e disseram: “**É para lá que vais conosco, pois não pertences mais à Terra.**” Então eu me lembrei. Amparada por eles, como um grupo gracioso que se lança em direção às esferas desconhecidas, mas com a certeza de lá encontrar a felicidade, subimos, subimos enquanto a estrela crescia à nossa frente.

Era um mundo feliz, um mundo superior em que a vossa boa amiga vai por fim encontrar o repouso. Quero dizer o repouso em relação às fadigas corporais que sofri e às vicissitudes da vida terrena, mas não à indolência do Espírito, porque a atividade espiritual é o fluir de uma aventura.

P. – Então deixaste definitivamente a Terra?

– Deixo aí muitos seres queridos para poder abandoná-la em definitivo. Voltarei a ela em Espírito, pois tenho uma missão a

cumprir junto de meus filhos. Sabes muito bem que nenhum obstáculo se opõe à visita dos Espíritos dos mundos superiores à Terra.

P. – A tua posição atual não parece enfraquecer as tuas relações com os que deixastes neste mundo?

– Não, meu amigo, o amor aproxima as almas. Creia-me, pode-se estar, na Terra, mais próximo dos que atingiram a perfeição do que daqueles que a inferioridade e egoísmo fazem turbilhonar em torno da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motivos de poderosa atração. Formam o liame que mantém a união das almas, fazendo-a continuar independentemente das distâncias e dos lugares. Só há distância para os corpos materiais, pois ela não existe para os Espíritos.

P. – Que ideia fazes agora dos meus trabalhos referentes ao Espiritismo?

– Vejo que estás encarregado do problema das almas e que o fardo é difícil de carregar, mas vejo o alvo e sei que o atingirás. Eu te ajudarei no que puder com os meus conselhos espirituais para que possas vencer todas as dificuldades sugerindo-vos certas medidas apropriadas a ativar, durante a tua vida, o movimento renovador do Espiritismo. Teu amigo Demeure, unido ao Espírito da Verdade, te prestará maior concurso ainda. Ele é mais sábio e mais prudente do que eu. Mas como sei que a assistência dos bons Espíritos te fortalece e sustenta na luta, podes crer que o meu concurso não te faltará por toda a parte e sempre.

P. – De algumas das tuas palavras pode-se deduzir que não darás uma colaboração pessoal bastante ativa à obra do Espiritismo.

– Estás enganado. É que vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu de tratar desta importante questão, que um sentimento de invencível timidez me impede no momento de responder-te como desejas. Mas isso talvez aconteça. Terei mais coragem e audácia, quando melhor conhecer esses Espíritos. Há apenas quatro dias que morri. Estou ainda sob o fascínio e o deslumbramento de tudo o que me cerca. Meu amigo, não compreendes? Não sou capaz de exprimir as sensações novas que experimento. Tenho de esforçar-me para vencer a fascinação

que exercem sobre mim as maravilhas que admiro. Só posso bendizer e adorar a Deus nas suas obras. Mas isso passará. Os Espíritos me asseguram que logo estarei acostumada a todas essas magnificências e então poderei, com minha lucidez espiritual, tratar de todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois, além de tudo isso, lembra-te de que tenho, sobretudo, neste momento, uma família a consolar. Adeus e até logo. A boa amiga que te ama e te amará sempre, meu mestre, pois te deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou na Terra.

Viúva Foulon.

(Esta comunicação foi dada aos seus filhos, a 9 de fevereiro.)

“Meus filhos, meus queridos. Deus me tirou de junto de vós, mas a recompensa que me concedeu é muito grande em comparação com o pouco que fiz na Terra. Tende resignação, meus bons filhos, ante os desígnios do Altíssimo. Tirai de tudo quanto ele vos permitiu receberdes a força de suportar as provas da vida. Mantende sempre firme no vosso coração essa crença que tanto me facilitou a passagem da vida terrena para a vida que nos espera ao sair desse mundo inferior.

Deus me amparou, após a morte, em sua inesgotável bondade, como havia feito quando me encontrava na Terra. Agradecei-lhe todos os benefícios que vos tem concedido. Bendizei-o, meus filhos, bendizei-o sempre, a todos os instantes. Nunca percais de vista o vosso alvo, nem a rota que deveis seguir. Pensai no emprego que tendes dado ao tempo que Deus vos concede na Terra. Sereis felizes, meus queridos, felicitando-vos uns aos outros, se permanecerdes unidos. Sereis felizes com os vossos filhos, se os educardes no bom caminho, naquele que Deus permitiu vos fosse revelado.

Oh! Se não podeis me ver, sabeis entretanto que o laço que nos ligava nesse mundo não se rompeu com a morte do corpo, porque não era o invólucro que nos ligava, mas o Espírito. É por isso, meus queridos, que eu poderei, graças à bondade do Todo-Poderoso, guiar-vos ainda e encorajar-vos na vossa marcha, para nos juntarmos mais tarde.

Avante, meus filhos, cultivai com o mesmo amor essa crença sublime. Bons dias vos estão reservados, a vós que credes. Já

vos disseram isso, mas eu não devia ver esses dias na Terra. É de mais alto que apreciarei esses tempos felizes prometidos pelo Deus bom, justo e misericordioso.

Não choreis, meus filhos. Que estas comunicações fortaleçam a vossa fé, o vosso amor a Deus, que tantos dons vos concedeu, que tantas vezes enviou o socorro da fé à vossa mãe. Orai sempre: a prece fortalece. Segui as instruções que tão ardentemente eu segui na vida que Deus nos concedeu.

Voltarei até vós, meus filhos, mas agora preciso amparar a minha pobre filha, que tanto ainda necessita de mim. Adeus, até breve. Crede na bondade do Todo-Poderoso. Eu peço por vós. Até a vista.

Viúva Foulon.”

Observação: Qualquer pessoa séria e esclarecida facilmente verá os ensinamentos que ressaltam dessas comunicações, mas não obstante chamaremos a atenção sobre dois pontos. O primeiro, é o fato de que este exemplo nos mostra a possibilidade de não voltarmos a encarnação terrena, passando deste mundo para outro superior, sem por isso ficarmos separados das criaturas queridas que aqui deixamos. Os que, pois, temem a reencarnação por causa das dificuldades da vida, podem afastar esse temor empenhando-se em trabalhar para se melhorarem. É como aquele que não quer vegetar nas posições inferiores, devendo instruir-se e trabalhar para alcançar situações melhores. O segundo ponto é a confirmação do princípio de que após a morte estamos menos separados dos entes queridos, do que durante a vida. A senhora Foulon, retida pela idade e a enfermidade numa cidadezinha do sul, só tinha ao seu lado uma parte da sua família. A maioria de seus filhos e de seus amigos estava longe, dispersos, de maneira que os obstáculos materiais se opunham a que ela pudesse vê-los com a frequência que desejasse. As grandes distâncias tornavam rara e difícil a própria correspondência com alguns deles.

Mal se desembaraçou do seu corpo e eis que, ligeira, corre para junto de cada um, vencendo as distâncias sem fadiga, com a rapidez do relâmpago. Pode então vê-los, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os na sua proteção, e pode, através da mediunidade, conversar com eles a todo instante como se

estivesse viva. E dizer que a esta consoladora ideia, há gente que prefere a de uma separação indefinida!

Um Médico Russo

O senhor P. era um médico de Moscou, tão distinto pelas suas eminentes qualidades morais quanto pelo saber. A pessoa que o evocou só o conhecia pela reputação, não tendo tido relações diretas com ele. A comunicação original foi dada na língua russa.

P. – (Após a evocação.) Estás aqui?

– *Sim. No dia da minha morte insisti em apresentar-me mas resisti a todas as minhas tentativas de fazer-te escrever. Ouvi as palavras que dizias a meu respeito. Isso me fez conhecer-te e tive então o desejo de conversar contigo e poder servir-te.*

P. – Por que, tendo sido tão bom, sofreste tanto?

– *Isso foi uma graça do Senhor que desejava me fazer sentir dessa maneira, o valor da minha libertação e fazer-me avançar o mais possível neste mundo.*

P. – A ideia de morrer te aterrorizou?

– *Não, eu tinha muita fé em Deus para isso.*

P. – A separação foi dolorosa?

– *Não. O que chamam de último momento não é nada. Senti apenas um estremecimento muito rápido e logo após já me encontrava muito feliz de haver me desembaraçado da minha miserável carcaça.*

P. – O que aconteceu então?

– *Tive a ventura de ver que numerosos amigos vinham ao meu encontro desejando-me as boas vindas, principalmente aqueles que eu tivera a satisfação de ajudar.*

P. – Em que região estás? Em algum planeta?

– *Ao redor dos planetas há o que chamas espaço. É aí que me encontro. Mas quantas graduações existem nesta imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia! Quantos degraus existem nesta escada de Jacó que vai da terra ao céu, ou seja, do*

aviltamento da encarnação num mundo inferior como o vosso até a depuração completa da alma! Aqui, onde me encontro, não se chega senão depois de muitas provas, o que vale dizer de muitas encarnações.

P. – Então, deves ter tido muitas existências?

– Como poderia ser de outra maneira? Não há exceções na ordem imutável estabelecida por Deus. A recompensa só pode ser dada após a vitória na luta. E quando a recompensa é grande, necessariamente a luta também o foi. Mas a vida humana é tão curta que a luta só se realiza de fato através de intervalos, e esses intervalos são as diferentes existências sucessivas. Ora, desde que estou num degrau elevado é certo que atingi essa felicidade por uma sucessão de combates, nos quais Deus me permitiu a vitória algumas vezes.

P. – Em que consiste a tua felicidade?

– Isso é mais difícil de te dar a compreender. A felicidade que sinto é um contentamento extremo de mim mesmo. Não pelos meus méritos, o que seria orgulho, e o orgulho é a marca dos Espíritos réprobos, mas um contentamento, por assim dizer, imerso no amor de Deus, no reconhecimento da sua infinita bondade. É a alegria profunda de ver o bom e o bem, de poder dizer: talvez eu tenha contribuído para o melhoramento de algumas criaturas que se elevaram ao Senhor. A gente se sente como que identificada com a felicidade. É uma espécie de fusão do Espírito com a bondade divina. Tem-se o dom de ver os Espíritos mais puros, de compreendê-los em suas missões, sabendo que também se chegará lá. Pode-se entrever, no infinito incomensurável, as regiões resplandecentes do fogo divino, chegando-se mesmo a ofuscar-se ao contemplá-las através do véu que ainda as envolve.

Mas, que digo? Compreendes as minhas palavras? Esse fogo de que falo, pensas que seja, por exemplo, semelhante ao sol? Não, não. É alguma coisa indizível para o homem, pois as palavras só exprimem os objetos, as coisas físicas ou metafísicas de que se tem conhecimento pela memória ou pela intuição da alma, enquanto não podendo ter nenhuma memória do desconhecido absoluto, não se dispõe de termos que possam dar essa compreensão. Mas fica sabendo que é já uma felicidade imensa pensar que se pode subir infinitamente.

P. – Tiveste a bondade de dizer que me queres ser útil. Em que, pergunto?

– *Posso ajudar-te nos momentos de desânimo, amparar-te nas fraquezas, consolar-te nas angústias. Se a tua fé for abalada por alguma perturbação e te sentires vacilante, chama-me, chama-me. Deus me dará as palavras necessárias para lembrá-lo a ti e reconduzir-te a ele. Se te sentires prestes a sucumbir sob o peso das tendências de que tu mesmo te reconheces culpado, chama-me. Eu te ajudarei a carregar a tua cruz, como Jesus foi ajudado a carregar a dele, aquela em que devia tão altamente nos proclamar a verdade, a caridade. Se fracassares ao peso das amarguras, se o desespero te dominar, chama-me. Eu virei tirar-te desse abismo falando-te de Espírito a Espírito, lembrando-te o cumprimento dos deveres que te competem, não em virtude de considerações sociais e materiais, mas pelo amor que sentirás em mim, amor que Deus dispensou ao meu ser para que o transmita aos que ele pode salvar.*

Tens, sem dúvida, amigos na Terra. Eles partilham talvez das tuas dores e talvez já te socorreram. Nas aflições vais procurá-los, levar-lhes os teus lamentos e as tuas lágrimas, e eles te dão em troca essa prova de afeição que são os seus conselhos, o seu apoio, as suas atenções. Pois bem, não pensas que um amigo daqui seja também um bom achado? Não é consolador poder dizer: quando eu morrer, os meus amigos da Terra estarão à minha cabeceira orando por mim e chorando sobre mim, mas os meus amigos do espaço estarão no limiar da nova vida e virão sorridentes ao meu encontro para me conduzirem ao lugar que eu tiver merecido pelas minhas virtudes?

P. – Porque mereci a proteção que me queres dar?

– *Eis porque me liguei a ti desde o dia da minha morte. Eu te vi como espírita, bom médium e adepto sincero. Entre os que deixei nesse mundo não vi ninguém em melhores condições. Então resolvi contribuir para o teu progresso, sem dúvida no teu interesse, mas ainda mais no interesse de todos os que chamaste para os encaminhar à verdade. Vês que Deus te ama bastante para fazer-te missionário. Todos, ao teu redor, pouco a pouco vão partilhando das tuas crenças. Os mais rebeldes não deixam de te ouvir e um dia verás que te aceitam. Não os abandones. Prossiga*

sempre, malgrado as pedras do caminho. Toma-me como bordão na tua fraqueza.

P. – Não me considero digno de tão grande favor.

– Não há dúvida que estás longe da perfeição. Mas o teu ardor na difusão das boas doutrinas, no alento à fé dos que te ouvem, na pregação da caridade, da bondade, da benevolência, mesmo quando procedem mal contigo, tua resistência aos impulsos da cólera que facilmente podias satisfazer, contra os que te aborrecem ou menosprezam as tuas intenções, tudo isso felizmente serve de contrapeso ao que ainda possuís de mau, é um poderoso contrapeso, como o perdão.

Deus te cobre com as suas graças através da faculdade que te deu e que cabe a ti desenvolver pelos teus esforços a fim de trabalhar eficazmente para a salvação do próximo. Deixo-te, mas conta comigo. Trata de moderar os teus caprichos terrenos e de viver mais frequentemente com os teus amigos deste lado.

P.

**Bernardin
(Bordeaux, abril de 1862.)**

Sou um Espírito esquecido há muitos séculos. Vivi na Terra em miséria e opróbrio. Trabalhei sem descanso para dar cada dia à minha família um pedaço de pão insuficiente. Mas eu amava o verdadeiro Mestre, e quando aquele que me sobrecarregava na Terra fazia aumentar o meu fardo de dores, eu dizia: meu Deus, dai-me a força para suportar esse peso sem me lamentar.

Eu estava em expiação, meus amigos, mas ao sair dessa rude prova o Senhor me recebeu na sua paz e o meu desejo mais caro é o de reunir todos vós ao redor de mim, meus filhos, meus irmãos, e dizer-vos: qualquer que seja o preço pago na Terra, a felicidade que vos espera está muito acima dele.

Nunca tive posição. Filho de numerosa família, servi aos que podiam me ajudar a suportar a vida. Nascido numa época em que a servidão era cruel, suportei todas as injustiças, todas as cargas e todos os excessos que os auxiliares do patrão quiseram impor-me.

Vi minha mulher ultrajada, minhas filhas raptadas e depois rejeitadas, sem que pudesse queixar-me. Vi meus filhos envolvidos em roubos e outros crimes, sem o quererem, e depois enforcados por crimes que não cometeram.

Se soubésseis, pobres amigos, o que sofri numa tão longa existência! Mas eu esperava, eu esperava a felicidade que não é da Terra e que o Senhor por fim me concedeu. A todos vós, portanto, meus irmãos, desejo coragem, paciência e resignação.

Meu filho, podes guardar o que te dei: é um ensinamento prático. Aquele que prega é melhor ouvido quando pode dizer: eu suportei mais do que vós, e suportei sem me queixar.

P. – Em que época viveste?

– De 1400 a 1460.

P. – Tiveste nova existência depois?

– *Sim, vivi ainda como missionário entre vós. Sim, um missionário da fé, mas da verdadeira, da pura, daquela que nos vem da mão de Deus e não daquela que os homens fizeram.*

P. – Agora, como Espírito, ainda tens ocupações?

– Poderias pensar que os Espíritos ficam inativos? A inatividade, a inutilidade seria para eles um suplício. Minha missão é a de guiar centros de trabalhadores no Espiritismo. Inspiro-lhes bons pensamentos e me esforço para neutralizar aqueles que os maus Espíritos tentam sugerir.

Bernardin.

A Condessa Paula

Era uma jovem mulher, bela, rica, nascida em família ilustre e, além disso, um modelo completo de todas as virtudes de coração e espírito. Morreu aos 36 anos, em 1851. Era uma dessas criaturas cuja morte põe em todas as bocas as seguintes palavras: “Por que Deus retira tão cedo pessoas como essa da Terra?”

Felizes os que fazem assim abençoada, a própria memória! Ela era boa, doce, indulgente para com todos. Sempre pronta a desculpar ou atenuar o mal, em vez de aumentá-lo. Jamais a

maledicência lhe manchou os lábios. Sem arrogância nem estupidez, tratava os seus inferiores com uma benevolência que não descia a excessos de familiaridade, sem distanciá-los com ares de superioridade ou de uma proteção humilhante.

Compreendendo que as pessoas que vivem do seu trabalho não possuem outros rendimentos e precisam do dinheiro que ganham, seja por sua posição, seja para viverem, jamais retardou o pagamento de um salário. O simples pensamento de que alguém pudesse passar necessidade pela falta de pagamento lhe produziria um peso na consciência. Não era dessas pessoas que sempre dispõem de dinheiro para satisfazer as suas fantasias, mas não para pagarem aos que devem. Não compreendia que pudesse ser de bom gosto para o rico fazer dívidas, e se sentiria humilhada se alguém pudesse dizer que os seus fornecedores eram obrigados a temporizar os pagamentos. Assim, a sua morte provocou muitas lamentações, mas nenhuma reclamação.

Sua caridade era inesgotável, mas não dessa caridade convencional que se ostenta em pleno dia. Era a caridade do coração e não a da ostentação. Só Deus sabe as lágrimas que ela enxugou e os desesperos que acalmou, pois as suas boas ações só eram testemunhadas por ela e pelos infelizes a que assistia. Sabia sobretudo descobrir os infortúnios ocultos, que são os mais pungentes, socorrendo-os com a delicadeza que reergue moralmente e ajudando em vez de rebaixá-lo.

Sua posição e as elevadas funções do marido a obrigavam a uma despesa caseira a que não podia furtar-se. Mas, satisfazendo inteiramente as exigências da sua posição, sem mesquinhez, ela o fazia com método, conseguindo evitar desperdícios ruinosos e despesas supérfluas, o que lhe permitia reduzir pela metade o que outros teriam gasto sem fazerem melhor.

Podia assim reservar da sua fortuna uma parte maior para os necessitados. Havia destinado uma parte importante de seus recursos exclusivamente para este fim, e essa destinação era sagrada para ela, considerando-a como redução a fazer nas despesas caseiras. Encontrou assim o meio de conciliar os seus deveres sociais com os seus deveres na assistência aos infelizes⁵⁵.

⁵⁵ Pode-se dizer que era um vivo retrato da mulher caridosa apresentada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIII. (Nota de Kardec). – Fazer dívidas e ser displicente no pagamento era uma forma de mostrar superioridade usada pelos ricos e os nobres. Por isso é que Kardec se refere ao assunto ao tratar da Condessa Paula.

Evocada doze anos após a morte por um parente iniciado no Espiritismo, deu a seguinte comunicação, respondendo a diversas perguntas que lhe foram feitas. Foram tiradas desta comunicação, dada em língua alemã, os tópicos que interessam ao nosso assunto, deixando-se de lado os de interesse da família.

“Tens razão, meu amigo, de pensar que sou feliz. Eu o sou, com efeito, além de tudo o que se pudesse conceber, e não obstante estou ainda longe do plano superior. Eu pertencia aos felizes da Terra, pois não me lembro de ter experimentado nenhum sofrimento real. Juventude, saúde, fortuna, homenagens, eu tinha tudo o que constitui a felicidade entre vós. Mas o que é essa felicidade ao lado da que se encontra aqui? Que são as vossas festas mais esplêndidas, em que se exibem as mais ricas joias, comparadas às assembleias dos Espíritos que resplandecem de uma luz que os vossos olhos não poderiam suportar e que é o apanágio da sua pureza?

O que são os vossos palácios e os vossos salões dourados ante as moradas aéreas, o vasto campo do espaço matizado de cores que fariam empalidecer o arco-íris? Que são os vossos passeios passo a passo nos parques, ante a viagens através da imensidão, mais rápidas do que o relâmpago? O que são os vossos horizontes limitados e carregados de nuvens, ante o grandioso espetáculo dos mundos a se moverem no universo sem limites, sob a poderosa mão do Altíssimo?

Como os vossos concertos mais melódiosos são tristes e ruidosos, ante esta harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma? Como as vossas grandes alegrias são tristes e insípidas ante a inefável sensação de felicidade que incessantemente satura o nosso ser à maneira de um eflúvio benfazejo, sem nenhuma mescla de inquietação, nenhuma preocupação, nenhum sofrimento! Aqui tudo respira amor e confiança e sinceridade. Por toda parte corações amantes, por toda parte vemos amigos, nada de invejosos e ciumentos. Esse é o mundo em que me encontro, meu amigo, e todos vós o atingireis infalivelmente seguindo o caminho certo.

Entretanto uma felicidade uniforme logo aborreceria. Não penses que a nossa felicidade esteja livre de vicissitudes. Não se trata de

Ainda hoje algumas pessoas de posse acham elegante tratar com displicência os seus credores pobres, tripudiando sobre as necessidades do próximo. (N do T.)

um concerto perpétuo, nem de uma festa sem fim, nem de beatífica contemplação através da eternidade. Não. É o movimento, a vida, a atividade. As ocupações, embora isentas de fadigas, apresentam incessante variedade de aspectos e de emoções, pelos mil incidentes que as continuam. Cada qual tem a sua missão a cumprir, seus protegidos a assistir, amigos da Terra a visitar, processos da Natureza a dirigir, almas sofredoras a consolar. Há um vaivém, não de uma rua para outra, mas de um mundo para outro. As criaturas se reúnem, se separam para novamente se juntarem; encontram-se aqui e ali, conversam sobre o que fazem, felicitam-se pelos sucessos obtidos; entendem-se, assistem-se mutuamente nos casos difíceis. Enfim, asseguro-te que ninguém dispõe de um segundo de tempo para se enfadar.

Neste momento a Terra é a nossa grande preocupação. Que movimento entre os Espíritos! Que numerosas falanges afluem a ela a fim de concorrerem para a sua transformação! Dir-se-ia uma multidão de trabalhadores ocupados em destrinçar uma floresta sob o comando de chefes experimentados. Uns abatem as velhas árvores a golpes violentos, arrancam-lhes as profundas raízes; outros desbastam o terreno; estes preparam a terra que semeiam e aqueles edificam a nova cidade sobre as ruínas palpitantes do mundo destruído. Durante esse tempo, os chefes se reúnem, discutem e enviam mensageiros com suas ordens a todas as direções. A Terra deve ser regenerada dentro de um tempo determinado. É necessário que se cumpram os desígnios da Providência. Eis porque todos se esforçam. Não penses que eu seja apenas espectadora desse grande trabalho. Eu me envergonharia de permanecer inativa quando todos estão ocupados. Importante missão me foi confiada e me esforço para cumpri-la da melhor maneira possível.

Não foi sem lutas que cheguei à posição que ocupo na vida espiritual. Sabes que a minha última existência, por mais meritória que te pareça, não seria suficiente para isso. Durante muitas existências passei pelas provas do trabalho e da miséria, que voluntariamente escolherei para fortificar e depurar a minha alma. Tive a felicidade de sair vitoriosa dessas provas, mas restava ainda uma a enfrentar, a mais perigosa de todas: a da fortuna e do bem-estar material, de um bem-estar sem mistura de amarguras. Nela estava o perigo. Antes de tentá-la, desejei sentir-me suficientemente forte para não sucumbir. Deus levou em

conta a minha boa intenção e me concedeu a graça de me amparar. Muitos Espíritos, seduzidos pelas aparências, se precipitam na escolha e, que desgraça. Demasiado fracos para enfrentar o perigo, as seduções triunfam sobre a sua inexperiência⁵⁶.

Trabalhadores, estou nas vossas fileiras! Eu, a dama nobre, ganhei, como vós, o meu pão com o suor da minha frente. Sofri nas privações, passei pelos maus tempos e foi isso que desenvolveu as forças viris de minha alma. Sem isso eu teria provavelmente fracassado na minha última prova, o que me afastaria bem longe da atual situação. Como eu, tereis também a vez de passar pela prova da fortuna, mas não vos precipiteis pedindo-a muito cedo. E vós, os que sois ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imperecível não está na Terra, e compreendi porque preço podereis merecer as graças do Todo-Poderoso.

Paula, na Terra Condessa de..."

Jean Reynaud

"Meus amigos, como esta vida nova é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta no seu curso imenso as almas inebriadas de infinito. Após o rompimento dos liames carnis, meus olhos abarcaram os novos horizontes que me cercam e gozei das esplêndidas maravilhas do Infinito. Passei das sombras da matéria à alvorada cintilante que anuncia o Todo-Poderoso. Estou salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas lançadas pela ignorância na pobre Humanidade. Bendita foi a minha morte. Meus biógrafos a julgaram prematura, os cegos! Lamentaram-na por alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão quanto o silêncio em torno da minha tumba recém-fechada será útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra estava realizada. Os meus sucessores avançavam na rota.

⁵⁶ Essa passagem explica bem claramente o motivo da falência de Espíritos incumbidos de grandes missões. Veja-se em **Obras Póstumas** que o próprio Kardec foi sempre advertido quanto ao perigo de falir. Em *A Caminho da Luz*, obra psicográfica de Francisco Cândido Xavier, Emmanuel refere vários exemplos de grandes missionários falidos em sua passagem pela Terra. No campo da mediunidade esses fracassos são mesmo comuns e os exemplos enxameiam ao nosso redor. (N. do T.)

Eu já havia atingido esse ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor e nada mais faz do que repetir. Minha morte faz voltar-se a atenção dos letrados para a minha obra capital, referente à questão espírita que eles fingem desconhecer e que em breve os envolverá. Glória a Deus! Ajudado pelos Espíritos superiores que protegem a vossa doutrina, vou ser um dos pioneiros que balizam a vossa rota.

Jean Reynaud.”

(Paris, reunião familiar: outra comunicação espontânea)

O Espírito responde a um pensamento formulado sobre a sua morte inesperada, em idade pouco avançada, e que surpreendera muita gente:

“Quem te disse que a minha morte não foi um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para o seu desenvolvimento? Notaste, meu amigo, a linha seguida pelo seu progresso, o rumo que toma a fé espírita? Deus concedeu primeiro as provas materiais: a dança das mesas, as pancadas e toda a espécie de fenômenos. Isso para chamar a atenção, uma introdução divertida. Os homens necessitam de provas palpáveis para crer. Agora é bem diferente! Após as provas materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à razão fria. E não mais através de fatos estranhos, mas de coisas racionais que devem convencer e atrair até mesmo os incrédulos, os mais sistemáticos. E isso ainda é apenas o começo.

Prestai bem atenção no que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes e irrefutáveis vão se dar, e o número dos adeptos da fé espírita, já grande, vai ainda aumentar. Deus vai se impor às inteligências de elite, às sumidades do pensamento, do talento e do saber. Será essa uma irradiação luminosa que se expandirá por toda a Terra como um fluido irresistível e arrastará os mais recalcitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes.

Todos se agruparão ao vosso redor e, fazendo abstração do título de gênio que lhes tenham dado, tornar-se-ão humildes e pequenos para aprender e para se convencerem. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, empregarão a sua autoridade e a notoriedade dos seus nomes para avançar mais e atingir os últimos limites do alvo que vos foi

proposto: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento racional e aprofundado das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo⁵⁷.”

Em Bordeaux

Evocação.

– *Atendo com prazer ao vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão, a perturbação espírita não poderia, por assim dizer, existir para mim (isto respondia ao pensamento do médium): exilado voluntário na vossa Terra, eu deveria lançar a primeira semente séria das verdades que envolvem o mundo neste momento, e guardava sempre comigo a consciência da pátria⁵⁸, de maneira que logo me reconheci no meio de meus irmãos.*

P. – Eu vos agradeço por ter querido vir, mas não acreditaria que o meu desejo de conversar convosco tivesse exercido influência nisso. Deve, necessariamente, haver uma distância tão grande entre nós que só penso nisso com respeito.

R. – *Agradeço esse bom pensamento, meu filho, mas deveis saber também que, seja qual for a distância que a conclusão mais ou menos pronta e mais ou menos feliz das provas possa estabelecer entre nós, há sempre um laço poderoso que nos une: a simpatia. E esse liame haveis estreitado, pela constância do vosso pensamento.*

P. – Embora muitos Espíritos tenham explicado as suas primeiras sensações ao acordar, seria muito bom me dizerdes o que experimentastes ao tomar consciência da situação e como a separação de vosso Espírito e do vosso corpo se processou⁵⁹.

⁵⁷ Conferindo esta mensagem com as traduções correntes em nossa língua, o leitor encontrará diversas diferenças de texto, mas cotejando-a com o original francês verá que fizemos o possível para ser bem fiéis à letra e ao espírito. As traduções literais nem sempre são fiéis, pois esquecem a diversidade de sentido das palavras e das expressões de uma língua para outra. (N. do T.)

⁵⁸ A consciência da pátria, no caso, não se refere à França, mas à pátria espiritual, como se depreende facilmente do texto, onde o espírito afirma a sua condição de exilado voluntário na vossa Terra. A palavra *nossa*, nesse caso, tem grande importância por acentuar a diferença entre o mundo espiritual e o dos encarnados. (N. do T.)

⁵⁹ A frase *ao tomar consciência* da situação corresponde no texto francês a esta: *en vous reconnaissant*, que traduzida literalmente em português não daria o mesmo sentido. (N. do T.)

R. – *Como para todos. Senti aproximar-se o momento da libertação, mas fui mais feliz que muitos, porque isso não me causou angústias, pois eu já conhecia as suas consequências, embora elas fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo entrava as faculdades espirituais, e sejam quais forem as luzes que o espírito tenha conservado, elas são sempre mais ou menos abafadas pelo contato da matéria.*⁶⁰ *Eu adormeci esperando um despertar feliz, e o sono foi curto, mas o espanto foi imenso. Os esplendores celestes se desenrolaram aos meus olhos, brilhando em todo o seu fulgor. Minha vista mergulhava espantada nas imensidades desses mundos cuja existência e habitabilidade eu havia afirmado. Era uma miragem que me revelava e confirmava a veracidade dos meus sentimentos. Por mais que se creia seguro, o homem quando fala tem no fundo do seu coração, quase sempre, momentos de dúvida e de incerteza. Desconfia, senão da verdade que proclama, pelo menos, com frequência, dos meios imperfeitos que emprega para demonstrá-la. Convencido da verdade que desejava fazer admitida, tive muitas vezes de lutar comigo mesmo contra a falta de coragem para ver, para tocar, por assim dizer, a verdade, e para torná-la palpável aos que tinham tanta necessidade de nela crer, para seguirem com segurança o caminho que lhes convinha.*⁶¹

P. – Na vida professastes o Espiritismo?

R. – *Entre professar e praticar há grande diferença. Muita gente professa doutrina que não pratica. Eu praticava e não professava. Da mesma maneira que todo homem que segue a lei do Cristo é cristão, mesmo que o faça sem conhecimento, pode ser espírita todo aquele que crê na alma imortal, nas suas existências, na sua marcha progressiva incessante, nas provações terrenas –*

⁶⁰ Esta explicação corresponde ao ensino dado pelos Espíritos não só no Espiritismo, mas também nas diversas religiões e ordens espiritualistas que trataram do problema. Por mais evoluído que seja, o espírito encarnado está sempre sujeito a essa asfixia dos seus dons, produzida pelo contato da matéria. Por isso mesmo o Espiritismo define a matéria como o liame que prende o espírito. Ver **O Livro dos Espíritos**, perguntas 22 e 22a. (N. do T.)

⁶¹ Essa dificuldade de exprimir a verdade entrevista é conhecida de todos os que conseguem elevar-se acima do nível comum. Jean Reynaud conseguiu, nesse trecho, precisar os diversos aspectos dessa luta íntima pela comunicação, de que já falavam os gregos. Platão, no final da sua existência, declarou que não podia traduzir em palavras, as mais belas percepções de sua alma no mundo das ideias. Todos os estudiosos que são interpelados sobre questões espíritas ou discorrem sobre elas conhecem essas dificuldades. (N. do T.)

abluições necessárias para se purificar. Eu acreditava e portanto era espírita. Compreendi a erraticidade, essa fase de ligação entre as encarnações, esse purgatório em que o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para envergar uma nova roupa, onde o Espírito em evolução tece com cuidado a roupa nova que vai usar e deseja conservar limpa. Compreendi, já vos disse, e embora sem professar, continuei a praticar.

Observação: Essas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos uns aos outros. A semelhança dos pensamentos e a forma da linguagem permitem admitir-se pelo menos a presunção da identidade. A expressão: *tece com cuidado a roupa nova que vai usar*, é encantadora figura que exprime a solicitude com que o Espírito em progresso prepara a nova existência em que deve continuar progredindo. Os Espíritos atrasados são menos precavidos e fazem às vezes escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

Antoine Costeau

Membro da Sociedade Espírita de Paris, foi sepultado em 12 de setembro de 1863 em uma vala comum no cemitério de Montmartre. Era um homem de bom coração que o espiritismo reconduziu a Deus; sua fé no porvir era completa, sincera e profunda. Modesto calceteiro, praticava a caridade em pensamentos, palavras e ações, conforme seus poucos recursos permitiam, e ainda encontrava meios de auxiliar aqueles que tinham menos do que ele. Se a Sociedade resolveu não lhe pagar as taxas de um túmulo particular, foi por que havia um emprego mais útil a se fazer de tais fundos, destinados aos vivos necessitados em vez de a uma vã satisfação de amor-próprio, pois os espíritas, sobretudo, sabem que a vala comum é uma porta que conduz ao céu, tanto quanto o mais suntuoso mausoléu.

O Senhor Canu, secretário da Sociedade, outrora profundo materialista, pronunciou sobre a sua tumba a seguinte alocução:

“Caro irmão Costeau, há pouco mais de alguns anos, muitos dentre nós e, confesso, eu em primeiro lugar, teríamos visto diante desta tumba aberta apenas o fim das misérias humanas, e

depois disto: o nada, o temível nada, quer dizer, nenhuma alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nenhum Deus para castigar, perdoar ou recompensar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, vemos na morte o fim das provas, e para você, meu caro irmão, cujo despojo mortal devolvemos à terra, o triunfo dos seus labores e o começo das recompensas que fizeram por merecer sua coragem, sua resignação, sua caridade, em uma palavra, suas virtudes, e acima disso, toda a glorificação de um Deus sábio, todo-poderoso, justo e bom. Leve, então, caro irmão, nossas ações de graça aos pés do Eterno, que quis afastar de nós as trevas do erro e da incredulidade, pois pouco tempo atrás nós ainda teríamos dito a você nesta mesma circunstância, com a cabeça baixa e desencorajados: ‘Adeus, meu amigo, para sempre’. Hoje nós dizemos a você, de frente erguida e irradiada de esperança, com o coração repleto de coragem e de amor: ‘Caro irmão, até logo mais, e ore por nós’⁶².”

Um dos médiuns da Sociedade obteve ainda com a cova aberta a seguinte comunicação, lida e ouvida por todos os assistentes, inclusive os coveiros, de forma respeitosa e com profunda emoção. Ouvir as palavras de um morto, tomadas no próprio local do sepultamento era, de fato, um espetáculo novo e cativante.

“Obrigado, amigos, obrigado; minha tumba ainda não está fechada e, no entanto, mais alguns segundos e a terra vai cobrir os meus restos mortais. Mas vocês sabem que a minha alma não será enterrada sob esta poeira; ela vai planar no espaço no intento de se elevar a Deus!

Quão consolador é poder dizer ainda, a despeito do invólucro exaurido: Não! Eu não estou morto! Eu vivo a verdadeira vida, a vida eterna!

O funeral do pobre não é nada perto daquele dos grandes nomes; não há ostentações orgulhosas em sua tumba; em contrapartida, amigos, acreditem, não falta uma imensa multidão por aqui; bons Espíritos seguiram com vocês e as mulheres piedosas o corpo daquele que está aí, estirado! Ao menos todos vocês, creiam e amem o bom Deus!

⁶² Para maiores detalhes e as outras alocações, ver a *Revista Espírita* de outubro de 1863.

Oh, claro que não! Nós não morremos com o fim do nosso corpo, mulher amada! De agora em diante estarei sempre ao teu lado, para te consolar e te ajudar a suportar as provações. A vida será dura para ti, mas com a noção da eternidade e o amor de Deus preenchedo o teu coração, como os teus sofrimentos serão suavizados!

Parentes que convivem com a minha bem-amada companheira, amem-na, respeitem-na, sejam para ela irmãos e irmãs! Não se esqueçam de que para entrar na morada do Senhor, vocês devem assistir-se mutuamente na Terra.

E vocês, espíritos, irmãos, amigos, obrigado por terem vindo me dizer adeus neste local de lama e poeira; mas vocês sabem, sabem muito bem que a minha alma é imortal, e que ela irá pedir algumas vezes preces para vocês, que jamais me serão recusadas, para me ajudar a trilhar essa rota magnífica que vocês me mostraram durante a vida.

Adeus a todos os que se encontram aqui. Nós poderemos nos rever em outros lugares além desta tumba. Almas me chamam para um encontro. Adeus. Orem por aqueles que sofrem. Até breve!”

Costeau.”

Três dias depois, o espírito do Senhor Costeau, evocado em um grupo particular, ditou o que se segue por intermédio de outro médium:

“A morte é a vida. Posso apenas estar repetindo o que já foi dito antes, mas para vocês, não há expressão melhor do que esta, a despeito do que dizem os materialistas, os que insistem em permanecer cegos. Oh, meus amigos, que bela visão o desfraldar do estandarte do espiritismo sobre a Terra! Ciência grandiosa que ainda mal lhes forneceu as primeiras palavras. Quanta claridade ela traz aos homens de boa vontade, àqueles que romperam com as terríveis correntes do orgulho para proclamar em alta voz sua crença em Deus! Orem, homens, agradeçam a Deus por todos os seus benefícios. Pobre humanidade! Se pudessem compreender...! Mas não, ainda não é chegado o tempo em que a misericórdia do Senhor deve prevalecer em meio a todos os homens, a fim de que eles reconheçam as suas vontades e a elas se submetam.

É por teus raios luminosos, ciência bendita, que os homens chegarão e compreenderão. É em teu calor benevolente que eles virão esquentar seus corações no fogo divino que contém a fé e as consolações. É sob teus raios revigorantes que **o patrão e o operário** se fundirão em apenas um, pois compreenderão a caridade fraternal pregada pelo divino Messias.

Oh, meus irmãos, pensem na felicidade imensa que vocês possuem por terem sido os primeiros iniciados na obra regeneradora. Honrados sejam vocês, amigos! Continuem e, como eu, um dia, ao virem para a pátria dos espíritos, vocês dirão: **A morte é a vida**. Ou antes, é um sonho, uma espécie de pesadelo que dura o espectro de um minuto, do qual se sai para se ver rodeado de amigos que os felicitam e que estão felizes por lhes estenderem os braços. Minha felicidade era tão grande que eu não podia compreender como Deus me concedeu tantas graças em troca de eu ter feito tão pouco. Parecia que eu estava sonhando, e como algumas vezes me aconteceu de sonhar que estava morto, por um instante temi ser obrigado a retornar àquele miserável corpo. Mas não demorei em me dar conta da realidade, e agradei a Deus. Eu bendizia o mestre que tão bem tinha sabido despertar em mim os deveres do homem que acredita na vida futura. Sim, eu o bendizia e agradecia, pois **O Livro dos Espíritos** tinha despertado em minha alma os elãs do amor pelo meu criador.

Obrigado, meus bons amigos, por terem me evocado. Digam aos nossos irmãos que eu sempre estou junto do nosso amigo Sanson. Até logo, coragem! A vitória os espera. Felizes aqueles que tenham participado do combate!”

Desde então, o Sr. Costeau vem se manifestando frequentemente, seja na Sociedade, seja em outras reuniões, onde sempre ele dá provas dessa elevação de pensamentos que caracteriza os espíritos avançados.

Srta. Emma⁶³

Jovem mulher morta em razão de um acidente causado pelo fogo e depois de cruéis sofrimentos. Alguém se havia proposto a solicitar sua evocação na Sociedade Espírita de Paris quando,

⁶³ Srta. Emma Livry.

espontaneamente, ela se apresentou em 31 de julho de 1863, pouco tempo após a sua morte.

“Eis-me ainda no teatro do mundo, eu que me cria sepultada para sempre em meu véu de inocência e juventude. O fogo da terra salvou-me do fogo do inferno: assim eu pensava segundo minha fé católica, e quando eu ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma oscilante refugiava-se na expiação do Purgatório, e eu orava, eu sofria, eu chorava. Mas quem dava à minha fraqueza a força de suportar minhas angústias? Quem, nas longas noites de insônia e de febres dolorosas, velava por mim no leito de morte? Quem refrescava meus lábios sedentos? Era você, meu anjo guardião, cuja auréola branca me envolvia; eram vocês também, caros Espíritos amigos, que vinham sussurrar aos meus ouvidos palavras de esperança e de amor.

*A chama que consumiu meu frágil corpo despojou-me do apego àquilo que é passageiro; por isso **morri já viva da verdadeira vida**. Não passei pela perturbação e entrei serena e tranquila no dia radioso que acerca aqueles que, depois de terem sofrido muito, souberam esperar um pouco. Minha mãe, minha querida mãe, foi sua a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Como gostaria que ela se tornasse espírita!*

Desprendi-me da árvore terrestre como se fosse um fruto amadurecido antes do tempo. Nem bem havia sido tocada pelo demônio do orgulho, que infesta as almas de infelicidades acarretadas pelo sucesso brilhante e a embriaguez da juventude. Bendigo a chama, os sofrimentos, a provação, que eram uma expiação. Semelhante a leves fios brancos do outono, paio arrebatada em meio a uma corrente luminosa; não são mais as estrelas de diamante que reluzem em minha frente, mas as estrelas de ouro do bom Deus.”

Emma.”

Em outro centro, em Havre, o mesmo espírito, também espontaneamente, deu a comunicação seguinte, no dia 30 de julho de 1863.

“Os que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é pleno de justiça e misericórdia para aqueles que sofrem aqui. Ele concede uma alegria tão pura, uma felicidade tão perfeita que

se fosse possível às pobres criaturas humanas sondar os misteriosos desígnios de nosso criador, nem os sofrimentos nem a morte deviam ser temidos. Mas a Terra é um local de provações geralmente grandes, semeadas de dores bem pungentes. Sejam resignados quando experimentarem as aflições; prostrem-se diante da bondade suprema de Deus, que é todo-poderoso, se ele lhes der um fardo pesado para carregar. Se ele lhes chamar depois de grandes sofrimentos, vocês verão na outra vida, na vida feliz, ao verem a recompensa que Deus lhes reserva, quão pouco essas dores e penas da Terra representam, se nenhuma queixa, nenhum murmúrio penetrar em seus corações. Bem jovem deixei a Terra; Deus quis me perdoar e me dar a vida daqueles que respeitaram as suas vontades. Venerem sempre a Deus; amem-no de todo o coração; orem-lhe, sobretudo, orem-lhe firmemente; nisso reside o seu sustentáculo na Terra, a sua esperança, a sua salvação.

Emma.”

O Doutor Vignal

Antigo membro da Sociedade de Paris, morto em 17 de março de 1865. Na véspera do enterro, um sonâmbulo muito lúcido e que enxergava com perfeição os Espíritos, instado a se transportar até ele e informar o que visse, respondeu:

“Vejo um cadáver que atravessa um tormento extraordinário; parece que há uma massa que se agita, e alguma coisa se esforça para se libertar dessa massa, mas que, com muita dificuldade consegue vencer a resistência. Não distingo uma forma espiritual muito determinada.”

Ele foi evocado na Sociedade de Paris em 31 de março.

P. – Caro senhor Vignal, todos os seus antigos colegas da Sociedade de Paris guardaram de você as melhores lembranças, e eu, em particular, as excelentes relações que não cessaram entre nós. Ao lhe chamar entre nós, temos de início como finalidade dar-lhe um testemunho de simpatia, e nos seria muito prazeroso se você quisesse, ou pudesse vir conversar conosco.

R. – *Caro amigo e digno mestre, sua boa lembrança e seus testemunhos de simpatia me sensibilizam bastante. Se hoje eu pude vir até vocês e assistir livre e desimpedido a esta reunião com todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas, é graças ao seu bom pensamento e à assistência que suas preces me trouxeram. Como dizia com justiça meu jovem auxiliar, eu estava impaciente para me comunicar; desde o início desta noite eu empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar esse desejo. Meu vivo interesse por seus diálogos e pelas graves questões que lhes tocam tornou minha espera menos penosa. Perdoe-me, caro amigo, mas tinha que manifestar o meu reconhecimento.*

P. – *Queira nos dizer, antes de tudo, como você se encontra no mundo dos Espíritos. Queira também nos descrever o tormento da separação, suas sensações naquele instante, e nos dizer depois de quanto tempo você se reconheceu.*

R. – *Sou tão feliz quanto posso ser por ver confirmarem-se plenamente todos os pensamentos secretos que pude ter tido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Eu sou feliz! Sim, eu sou, pois agora eu vejo sem nenhum obstáculo desenvolver-se diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.*

Mas deixemos por hoje essas digressões inoportunas; eu virei novamente conversar sobre esse assunto, sabendo que minha presença lhes proporciona a mesma satisfação que eu experimento ao lhes visitar.

O desligamento foi bastante rápido; mais rápido do que meu pouco merecimento faria esperar. Fui ajudado enormemente pelos seus concursos, e o médium vidente deu-lhes uma ideia muito clara do fenômeno da separação, de modo que não haja por que insistir nisso. Foi um tipo de oscilação descontínua, como se me puxassem em sentidos opostos; por fim o Espírito triunfou, já que me encontro aqui. Eu deixei completamente o corpo apenas no instante em que ele foi depositado na terra e acompanhei você.

P. – *O que achou do modo pelo qual ocorreu seu funeral? Para mim era uma obrigação estar presente nele. Naquele momento você se encontrava liberto a ponto de conseguir vê-lo, e as preces que eu fiz por você (não de maneira ostentatória, que fique bem claro) chegaram até você?*

R. – *Sim, conforme já tinha lhe dito, sua assistência foi, em parte, fundamental, e eu o acompanhei, abandonando completamente a minha velha crisálida. As coisas materiais pouco me importam, você sabe disso. Eu só pensava na alma e em Deus.*

P. – *Você se lembra de que me pediu há cinco anos, em fevereiro de 1860, para que fizéssemos um estudo com você ainda vivo?*⁶⁴ *Naquele momento seu Espírito se desprendeu do corpo para se encontrar conosco. Queira nos descrever, na medida do possível, a diferença existente entre o seu desprendimento atual e aquele.*

R. – *Sim, claro que me recordo daquilo; mas quanta diferença há entre o meu estado atual e aquele! Naquele instante a matéria ainda me cingia com seus laços inflexíveis; eu queria desprender-me de um modo mais absoluto, e não podia. Hoje sou livre; um vasto campo, o do desconhecido, abre-se diante de mim, e eu espero, com a sua ajuda e a dos bons Espíritos com os quais me aconselho, avançar e compenetrar-me o mais rapidamente possível dos sentimentos que devo perseguir e das ações que eu devo realizar para trilhar a senda da provação e merecer o mundo das recompensas. Que majestade! Que grandeza! É quase como se um sentimento de temor nos dominasse, pois, a despeito de nossas fraquezas, desejamos divisar as sublimes claridades.*

P. – *Em outra ocasião ficaremos felizes em continuar esta conversa, quando você quiser retornar até nós.*

R. – *Respondi sucinta e desordenadamente às suas diversas questões. Não peçam, por ora, grandes coisas de seu fiel discípulo: eu ainda não me encontro inteiramente liberto. Prosear, prosear ainda mais me deixaria feliz; meu guia modera meu entusiasmo; já pude apreciar bastante sua bondade e sua justiça ao me submeter inteiramente à sua decisão, por mais que lamente o fato da interrupção. Consolo-me ao pensar que poderei vir frequentemente assistir incógnito às suas reuniões. Algumas vezes falarei; eu os amo e quero lhes provar. Mas outros Espíritos, mais avançados do que eu, reivindicam a prioridade, e devo eclipsar-me diante daqueles que de tão bom grado permitiram ao meu Espírito dar livre vazão à torrente de pensamentos guardados que tinha aqui comigo.*

⁶⁴ Ver a *Revista Espírita* de março de 1860.

Eu os deixo, amigos, e devo agradecer duplamente, não apenas a vocês, espíritas, que me invocaram, mas também a este Espírito que de bom grado permitiu que eu tomasse seu lugar e que, quando vivo, trazia o ilustre nome de Pascal. Aquele que foi e que será para sempre o mais devotado de seus adeptos.

Dr. Vignal.

Victor Lebufle

Jovem barqueiro que trabalhava no porto de Havre, morto na idade de vinte anos. Morava com sua mãe, pequena comerciante empobrecida, a quem ele prodigalizava os mais tenros e afetuosos cuidados e sustentava com o produto de seus rudes trabalhos. Jamais alguém o viu frequentar cabarés nem se entregar aos excessos tão costumeiros em sua profissão, pois ele não desejava desviar a menor parte de seu ganho do piedoso emprego ao qual o consagrava. Dedicava todo o tempo longe do serviço à sua mãe, a fim de poupá-la do cansaço. Tomado havia muito tempo por uma doença da que ele pressentia que morreria, escondeu seus sofrimentos pelo medo de causar à mãe preocupações e de que ela própria não quisesse encarregar-se de fazer suas tarefas. Eram necessários a esse jovem um grande fundamento de qualidades naturais e uma grande força de vontade para resistir, na era das paixões, aos perniciosos arrastamentos provenientes do meio em que ele vivia. Ele era de uma piedade sincera, e sua morte foi edificante.

Na véspera de sua morte, ele exigiu de sua mãe que ela fosse repousar um pouco, dizendo que ele mesmo sentia vontade de dormir. Ela teve, então, uma visão; ela disse que se encontrava em completa *escuridão*; em seguida ela viu um ponto luminoso que aumentava pouco a pouco, e o quarto foi iluminado por uma intensa claridade, na qual se destacava a figura de seu filho, radiante e elevando-se no espaço infinito. Ela compreendeu que o fim dele estava próximo; de fato, no dia seguinte sua bela alma havia deixado a Terra no instante em que seus lábios murmuravam uma prece.

Uma família espírita que conhecia sua bela conduta e se interessava pela sua mãe, que ficou só, tivera a vontade de evocá-lo pouco tempo após sua morte, mas ele manifestou-se espontaneamente pela seguinte comunicação:

“Vocês desejam saber como estou agora; muito feliz, oh! Muito feliz! Não levem em conta os sofrimentos e as angústias, pois são a fonte de bênçãos e de felicidade depois do túmulo. Felicidade! Vocês não compreendem o que esta palavra significa. Os felizes da Terra estão tão distantes do que nós experimentamos, se retornarmos ao Mestre com a consciência pura, com a confiança do servidor que desempenhou bem o seu dever e que espera cheio de alegria a aprovação daquele que é tudo!

“Oh, meus amigos, a vida é penosa e difícil se não se olhar o fim; mas eu digo-lhes em verdade, que quando se encontrarem entre nós, se as suas vidas estiveram de acordo com a lei de Deus, vocês serão recompensados além, muito além dos sofrimentos e dos méritos que vocês imaginam que o céu lhes deva. Sejam bons, sejam caridosos, dessa caridade desconhecida pela maioria dos homens, que se chama benevolência. Sejam devotados aos seus semelhantes, façam por eles mais do que gostariam que fizessem por vocês, pois vocês ignoram a miséria íntima de cada um, mas conhecem as suas. Ajudem a minha mãe, minha pobre mãe, meu único pesar da Terra. Ela deve suportar outras provações, pois é necessário que ela chegue ao céu. Adeus, eu vou até ela.

Victor.”

O guia do médium. – Os sofrimentos suportados durante uma encarnação terrestre nem sempre são uma punição. Os Espíritos que, pela vontade de Deus, vêm cumprir uma missão sobre a Terra, como o que acaba de se comunicar com vocês, enfrentam felizes o mal que, para outros, seria uma expiação. O sono revigorante os conduz ao Altíssimo e lhes fornece a força de tudo suportar em nome de sua grande glória. A missão desse Espírito em sua última existência não era de destaque; no entanto, o fato de ela ter sido obscura não quer dizer que não tenha tido tanto mérito quanto as outras, pois ele poderia ter sido tocado pelo orgulho. Ele tinha, de início, que cumprir um dever de reconhecimento diante daquela que foi sua mãe; em seguida ele

tinha que mostrar que mesmo nos meios mais nocivos era possível encontrar almas puras, de sentimentos nobres e elevados e que, com força de vontade se resiste a todas as tentações. É uma prova de que as qualidades provêm de uma causa anterior, e seu exemplo não terá sido em vão.

Srta. Anais Gourdon

Moça muito jovem, notável pela doçura de seu caráter e pelas qualidades morais mais eminentes, morta em novembro de 1860. Ela pertencia a uma família de mineradores de carvão dos arredores de Saint-Etienne, dado importante para compreender sua posição como espírito.

Evocação.

R. – *Estou aqui.*

P. – Seu marido e seu pai me pediram para chamá-la, e eles ficarão muito felizes se tiverem uma comunicação de você.

R. – *Estou muito feliz também por poder lhes falar.*

P. – Por que você foi tirada tão cedo da convivência de sua família?

R. – *Porque eu havia terminado minhas provações terrestres.*

P. – Você os visita algumas vezes?

R. – *Oh! Estou sempre ao lado deles.*

P. – Você é feliz como Espírito?

R. – *Eu sou feliz, eu confio, eu espero, eu amo; os céus não se afiguram como um terror para mim, e eu espero com confiança e amor que as asas brancas me elevem.*

P. – O que você entende por essas asas?

R. – *Tornar-me um Espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes que me fascinam.*

As asas dos anjos, arcanjos, serafins, isto é, Espíritos puros são, evidentemente, apenas um atributo imaginado pelos homens para descrever a rapidez com a qual eles se transportam, pois sua

natureza etérea os dispensa de qualquer suporte para percorrer os espaços. Eles podem, no entanto, se fazer visíveis aos homens com tal acessório para corresponder às suas concepções, assim como outros Espíritos tomam a aparência que eles tinham na Terra para se tornarem reconhecíveis.

P. – Seus pais podem fazer alguma coisa para lhe agradar?

R. – *Eles podem, esses queridos seres, não me deixar mais triste com a visão de suas lamentações, já que eles sabem que não me perderam para sempre; que se lembrem de mim de forma doce, leve e perfumada pelas suas recordações. Passei por esta vida como uma flor, e nenhuma tristeza deve subsistir por causa de minha rápida passagem.*

P. – De onde vem essa sua linguagem tão poética, que tão pouco tem a ver com a posição que você ocupava na Terra?

R. – *É a minha alma que fala. Sim, eu tinha conhecimentos outrora adquiridos, e em geral Deus **permite que espíritos delicados encarnem-se em meio a homens mais rudes para lhes ensinar o pressentimento das delicadezas que eles atingirão e compreenderão mais tarde.***

Sem essa explicação tão lógica e de acordo com a solicitude de Deus para suas criaturas, seria difícil de compreender aquilo que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. De fato, pode haver algo mais gracioso e poético do que a linguagem dessa jovem moça, crescida em meio aos mais rudes trabalhos? A contrapartida se vê com frequência; são Espíritos inferiores encarnados entre os homens mais avançados, mas com uma finalidade oposta: é em vista da própria evolução deles que Deus os coloca em contato com um mundo esclarecido, e algumas vezes também para servir de provação a esse mesmo mundo. Qual outra filosofia pode resolver tais problemas?

Maurice Gontran

Era filho único, morto aos dezoito anos de idade por uma infecção pulmonar. Inteligência rara, razão precoce, grande amor pelos estudos, caráter ameno, amoroso e simpático, possuía todas as qualidades que fornecem as mais legítimas esperanças para um futuro brilhante. Adiantou-se no término de seus estudos com o

maior sucesso, e estudava para entrar na Escola Politécnica. Para os pais sua morte causou uma dessas dores que deixam feridas profundas, e mais lamentosos e responsabilizados ficaram por atribuírem o fim prematuro do filho aos trabalhos que lhe tinham imposto, haja vista ele sempre ter possuído uma saúde delicada. *“A que, diziam, lhe serve agora tudo o que ele aprendeu? Antes ele tivesse permanecido ignorante, pois não há necessidade de sabedoria para se sobreviver, e certamente ainda estaria entre nós; ele teria sido a consolação de nossos dias derradeiros”*. Se tivessem conhecido o Espiritismo, sem dúvida teriam raciocinado de outra forma; e mais tarde encontraram no Espiritismo a verdadeira consolação. A comunicação seguinte foi dada pelo filho deles a um de seus amigos, alguns meses depois de sua morte:

P. – Meu caro amigo Maurice, a terna afeição que você tinha para com seus pais faz com que eu não duvide do seu desejo em suscitar-lhes a coragem, caso isso esteja em seu alcance. A aflição, diria mesmo o desespero no qual a sua morte os mergulhou, altera visivelmente a saúde deles e lhes faz enxergarem a vida com desgosto. Algumas boas palavras vindas de você poderiam, sem dúvida, infundir-lhes a esperança.

R. – *Meu velho amigo, esperava com impaciência a ocasião que você me oferece para me comunicar. A dor de meus pais me aflige, mas ela se acalmará quando eles tiverem a certeza de que não estou perdido para eles; convencê-los desta verdade é a tarefa de que vocês devem se incumbir, e certamente vocês a realizarão. Este acontecimento era necessário para conduzi-los a uma crença que os tornará felizes, pois os impedirá de murmurar contra os decretos da Providência. Meu pai, você o sabe, ele era bem cético em relação à vida futura; **Deus permitiu que ele provasse essa aflição para tirá-lo de seu erro.***

*Nós nos encontraremos aqui, neste mundo em que não se conhecem mais as aflições da vida, e onde eu os precedi; mas lhes diga que a satisfação em me rever lhes seria recusada como punição pela falta de confiança deles na bondade de Deus. Até isto ocorrer, não me seria permitida a comunicação com eles enquanto ainda estivessem na Terra. O desespero é uma revolta contra a vontade do Todo-Poderoso e sempre é punido **pelo prolongamento da causa que o suscitou** até que, enfim, a pessoa se submeta [à vontade de Deus]. O desespero é um*

verdadeiro suicídio, pois ele mina as forças do corpo, e aquele que abrevia seus dias com o pensamento de escapar mais rápido às constrictões da dor, prepare-se para as mais cruéis decepções; pelo contrário, é nutrindo as forças do corpo que se suportará mais facilmente o peso das provações.

Meus bons pais, é a vocês que eu me dirijo. Desde que deixei meu despojo mortal não parei de estar junto a vocês, e aí me encontro com mais frequência do que quando vivia na Terra. Consolem-se, portanto, pois não estou morto; estou mais vivo do que vocês; só o meu corpo está morto, mas meu Espírito vive para sempre. Ele está livre, feliz, doravante ao abrigo de doenças, das enfermidades e da dor. Em vez de se afligirem, felicitem-se por saber que me encontro em um meio isento de preocupações e de inquietudes, onde o coração está embriagado de uma alegria pura e transparente.

Oh, meus amigos, não se queixem por aquele que morre prematuramente; é uma graça que Deus lhe concede para poupá-lo das tribulações da vida. Minha existência desta vez não devia prolongar-se por mais tempo na Terra; tinha adquirido tudo o que tinha para adquirir aí a fim de me preparar para cumprir no futuro uma missão mais importante. Se tivesse vivido durante muitos anos, vocês sabem a quais perigos, a quais seduções eu teria sido exposto? Vocês sabem que se não fosse forte o bastante para resistir e tivesse sucumbido, isso podia representar para mim um atraso de muitos séculos? Por que, então, lamentar o que me é vantajoso? Uma dor inconsolável, neste caso, acusaria uma falta de fé que só poderia ser legitimada pela crença no nada. Oh! Sim, eles se queixam, aqueles que possuem essa crença desesperadora, pois para eles não existe consolação possível; os seres que lhes são caros estão perdidos para sempre; o túmulo levou sua última esperança!

P. – Sua morte foi dolorosa?

R. Não, meu amigo, sofri apenas antes de morrer da doença que me levou, **mas esse sofrimento diminuía à medida que o último momento se aproximava**; depois, certo dia, eu adormeci sem imaginar a morte. Tive um sonho: oh! Um sonho delicioso! Sonhei que estava curado; não sofria mais, respirava a plenos pulmões e com volúpia um ar perfumado e fortificante; era transportado através do espaço por uma força desconhecida; uma luz cintilante resplandecia em torno de mim, mas sem cansar

a minha vista. Vi meu avô; ele não tinha mais a aparência envelhecida, mas um ar de juventude e de vivacidade; ele me estendeu os braços e me apertou com afeto em seu coração. Uma multidão de outras pessoas, de rostos sorridentes, o acompanhava; todos me acolhiam com bondade e benevolência; parecia que eu os reconhecia, estava feliz por revê-los, e todos nós trocávamos palavras e testemunhos de amizade. Eis então! O que eu imaginava ser um sonho era a realidade; eu não iria mais acordar na Terra: eu já estava acordado no mundo dos Espíritos.

P. – Sua doença não teria sido causada pela sua dedicação exagerada ao estudo?

R. – Oh, não, estejam bem convictos disso! O tempo em que eu devia viver na Terra estava estabelecido, e nada podia me reter aí por um maior período. Meu Espírito, nesses momentos de desprendimento, tinha ciência disso, e ficava feliz, sonhando com a libertação que se aproximava. Mas o tempo que passei aí não foi sem proveito, e hoje me felicito por não o ter perdido. Os estudos sérios a que me dediquei fortificaram minha alma e aumentaram meus conhecimentos; aprendi muito, e se não pude aplicar meu conhecimento na minha curta estadia entre vocês, eu os aplicarei mais tarde, com mais efetividade. Adeus, caro amigo, vou visitar meus pais, dispô-los a receber esta comunicação.

Maurice.

CAPÍTULO III - ESPÍRITOS EM CONDIÇÃO MEDIANA

Joseph Bre

Morto em 1840, evocado em Bordeaux em 1862 pela sua neta.

O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens

1. Caro avô, o senhor quer me dizer como se encontra entre os Espíritos, e me dar alguns detalhes instrutivos para o nosso avanço?

R. – *Tudo o que você quiser, minha querida filha. Expio minha falta de fé; mas a bondade de Deus é grande: ele leva em consideração as circunstâncias. Sofro, não do modo pelo qual você poderia entender, mas do remorso de não ter empregado bem o meu tempo na Terra.*

2. Como o senhor não o empregou bem? O senhor sempre viveu como um homem honesto.

R. – *Sim, de acordo com o ponto de vista dos homens; mas há um abismo entre **o homem honesto diante dos homens, e o homem honesto diante de Deus**. Você quer se instruir, querida filha; vou esforçar-me para fazê-la sentir a diferença.*

Entre vocês, um homem honesto é estimado quando respeita a lei de seu país, respeito arbitrário para muitos; quando não lesa ostensivamente o próximo; mas é frequente prejudicarem sem escrúpulos a honra, a felicidade do próximo, haja vista que o código penal ou a opinião pública são incapazes de apontar a culpa do hipócrita. Ao se permitirem inscrever na pedra tumular enxurradas de virtudes que se arrogam, crêem terem pago suas dívidas com a humanidade. Que equívoco! Para ser honesto diante de Deus, não basta não ter infringido as leis dos homens, é necessário, antes de tudo, não ter transgredido as leis divinas.

O homem honesto diante de Deus é aquele que, cheio de devotamento e de amor, consagra a sua vida ao bem, ao progresso dos semelhantes; aquele que, animado de um zelo que vai até o fim, é ativo na vida; ativo em cumprir a tarefa material que lhe foi imposta, pois deve ensinar aos seus irmãos o amor ao trabalho; ativo nas boas obras, pois não deve esquecer que é apenas um servidor de quem o mestre pedirá contas um dia do

emprego de seu tempo; ativo até o fim, pois ele deve pregar o exemplo do amor ao Senhor e ao próximo. O homem honesto diante de Deus deve evitar cuidadosamente as palavras mordazes, veneno escondido sob as flores que destrói as reputações e que, com frequência, mata moralmente o homem, ridicularizando-o. O homem honesto diante de Deus deve sempre ter o coração fechado ao menor estopim do orgulho, da inveja, da ambição. Ele deve ser paciente e doce com aqueles que o atacam; ele deve perdoar do fundo de seu coração, sem esforço e, sobretudo, sem ostentação a qualquer um que o tenha ofendido; ele deve amar seu criador em todas as criaturas; ele deve, enfim, colocar em prática este resumo tão conciso e tão grande de deveres do homem: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

Eis, minha querida filha, algo próximo daquilo em que deve consistir o homem honesto diante de Deus. Pois bem: eu fiz tudo isso? Não; faltaram-me muitas dessas condições, confesso aqui sem rubor; não tive o dinamismo que o homem deve ter; o esquecimento do Senhor arrastou-me a outros esquecimentos que, embora não sejam passíveis de punição pela lei humana, nem por isso se trata de pequenas prevaricações com respeito à lei de Deus. Sofri muito em razão desses atos quando eu os senti; eis por que hoje espero, mas com a consoladora esperança na bondade de Deus, que vê meu arrependimento. Diga-lhes, querida filha; repita isso àqueles que têm a consciência pesada; que eles cubram seus erros por meio de boas obras, e a misericórdia divina chegará à superfície; seus olhos paternais levarão em conta as expiações, e sua mão potente apagará os erros.

Sra. Hélène Michel

Jovem mulher de vinte e cinco anos, falecida subitamente em casa em alguns minutos, sem sofrimentos e sem causa previamente conhecida. Era rica, um pouco fútil e, em consequência da leviandade de seu caráter, ocupava-se mais das frivolidades da vida do que de coisas sérias. A despeito disso, seu coração era bom: ela era terna, benevolente e caridosa.

Evocada três dias após a sua morte por pessoas que a tinham conhecido, exprimiu-se assim:

“Não sei onde estou... que perturbação me envolve! Você me chamou, e eu vim... não compreendo por que não estou em minha casa... choram pela minha ausência, mas estou aí, e não posso fazer com que me vejam... meu corpo não me pertence mais, no entanto sinto um frio gélido... quero o deixar, mas me sinto presa a ele; sempre acabo voltando a ele... Sou duas pessoas... Oh! Quando compreenderei o que está acontecendo comigo? Eu ainda tenho que ir lá... meu outro eu, o que será dele sem mim?... Adeus.”

O sentimento de dualidade que ainda não se encontra rompido por uma separação completa é evidente. De personalidade pouco séria, a posse de uma fortuna, permitindo-lhe satisfazer seus caprichos, favorecia suas tendências à frivolidade. Não é espantoso, portanto, que seu desprendimento tenha se dado lentamente e que, três dias após sua morte, ela sentiu-se ainda ligada ao seu envoltório corporal. Mas como não tinha nenhum vício grave e era, no fundo, boa, a situação não tinha nada de muito aflitiva e não durou muito tempo. Evocada novamente dali a alguns dias, suas idéias já tinham mudado bastante. Eis o que ela disse:

“Obrigada por terem orado por mim. Reconheço a bondade de Deus, que me poupou dos sofrimentos e da apreensão do momento da separação do meu corpo do Espírito. Minha pobre mãe terá que se resignar pelo muito sofrimento; mas ela será sustentada, e o que aos seus olhos parece uma infelicidade terrível, era indispensável para que as coisas do céu se tornassem para elas o que elas devem ser: tudo. Estarei junto a ela até o fim de sua provação terrestre, e ajudarei a lhe dar suporte. Não sou infeliz, mas ainda tenho muito que fazer para alcançar o reino da felicidade. Rogarei a Deus para que me permita voltar a esta Terra, pois devo reparar o tempo que perdi nessa existência. Que a fé os sustente, meus amigos; tenham confiança na eficácia da prece, se ela parte verdadeiramente do coração. Deus é bom.”

P. – Você demorou muito tempo para tomar consciência da situação?

R. – *Compreendi a morte no dia em que você orou por mim.*

P. – Esse estado de perturbação era de sofrimento?

R. – *Não, eu não sofria; eu acreditava estar sonhando, e esperava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado aqui deve sofrer; resignei-me à vontade de Deus, e ele me levou isso em consideração. Sou-lhes grata pelas preces que me ajudaram a tomar consciência da minha situação. Obrigada; eu sempre voltarei com prazer. Adeus.*

Hélène.

O Marquês de Saint-Paul

(Morto em 1860, evocado em razão do pedido de sua irmã, membro da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861.)

1 – Evocação.

R. – *Eis-me aqui.*

2 – Embora a senhora sua irmã seja médium, ela rogou-nos para que o evocássemos, pois ainda não se encontra desenvolvida o bastante.

R. – *Incumbir-me-ei de responder da melhor forma.*

3 – Ela deseja primeiramente saber se você é feliz.

R. – *Sou errante, e esse estado transitório não me traz nem a felicidade, nem o suplício absolutos.*

4 – Demorou muito tempo para se despertar?

R. – *Fiquei muito tempo perturbado, e só consegui sair desse estado ao abençoar a piedade daqueles que não se esqueceram e que oraram por mim.*

P. – Você pode precisar quanto durou a sua perturbação?

R. – *Não.*

5 – Quais dos seus parentes você logo reconheceu?

R. – *Reconheci minha mãe e meu pai, que me receberam ao despertar; eles me iniciaram na vida nova.*

6 – Como explicar que ao final de sua doença você parecia conversar com aqueles que havia amado na Terra?

R. – *Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo em que eu ia habitar. Estava vendo [a outra realidade] antes de morrer, e meus olhos se cerraram na passagem da separação definitiva do corpo, porque os laços carnis ainda eram muito vigorosos.*

7 – O que acontecia com as suas lembranças de infância, que pareciam voltar de preferência para você?

R. – *Porque o começo está mais próximo do fim do que do meio da vida.*

P. – Como você compreende isso?

R. – *Quer dizer que os mortos se lembram e veem, como em uma miragem de consolação, os jovens e puros anos.*

É provavelmente por um motivo providencial semelhante que os idosos, à medida que se aproximam do final da vida, têm por vezes uma lembrança tão precisa dos menores detalhes de seus primeiros anos.

8 – Por que, ao falar de seu corpo, você sempre falava na terceira pessoa?

R. – *Porque estava vendo [a outra realidade], conforme eu lhe disse, e sentia nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral; essas diferenças, religadas entre elas pelo fluido da vida, tornam-se muito evidenciadas aos olhos dos agonizantes clarividentes.*

Eis uma particularidade singular que a morte deste senhor apresentou. Em seus últimos momentos, ele sempre dizia: “Ele está com sede, deve-se dar de beber a ele; ele tem frio, deve-se esquentá-lo; ele sofre em tal lugar etc.”. E quando lhe diziam: “Mas é você quem tem sede”, ele respondia: “não, é ele”. Aqui se desenham perfeitamente as duas existências: o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, já em parte liberto, considerava seu corpo como uma outra individualidade que não era a *dele*, propriamente falando. Era, portanto, a seu corpo que devia dar de beber, e não a seu Espírito. Este fenômeno é notado também entre alguns sonâmbulos.

9 – O que você disse sobre seu estado errante e a duração da sua perturbação fariam crer que você não é feliz, e, no entanto, suas qualidades levariam a supor o contrário. Há, aliás, Espíritos errantes que são felizes, como também os há infelizes.

R. – *Encontro-me em um estado transitório; as virtudes humanas adquirem aqui seu verdadeiro preço. Sem dúvida meu estado é mil vezes preferível ao da encarnação terrestre, mas sempre trago comigo as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma não estará sossegada até se elevar aos pés de seu Criador.*

Sr. Cardon, médico

O Sr. Cardon passou uma parte de sua vida na marinha mercante como médico de bordo, e lá havia adquirido hábitos e ideias um tanto materialistas; retirou-se ao vilarejo de J..., exercendo a modesta profissão de médico de província. Depois de certo tempo, ele estava certo de que sofria de uma hipertrofia do coração e, sabedor de que esta doença era incurável, o pensamento da morte o mergulhava em obscura melancolia, da qual nada podia retirá-lo. Com mais ou menos dois meses de antecedência, ele predisse seu fim em um dia determinado; quando se viu perto de morrer, reuniu sua família ao seu lado para lhe dizer um último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam agrupados em torno de seu leito; no instante em que sua mulher tentava o levantar, ele tomou a cor de um azul lívido, seus olhos se fecharam e o creram morto; sua mulher se interpôs diante dele para esconder essa cena de seus filhos. Depois de alguns minutos ele reabriu os olhos; seu semblante, por assim dizer iluminado, tomou uma expressão de radiante satisfação total, e ele exclamou:

“Oh, meus filhos, como é belo! Como é sublime! Oh! A morte! Que graça! Que coisa suave! Estava morto, e senti minha alma elevar-se bem alto, bem alto; mas Deus permitiu-me voltar para lhes dizer: ‘Não duvidem da morte, é a libertação...’ Se pudesse descrever-lhes a magnificência do que vi e as impressões de que me senti penetrado! Mas vocês não poderiam compreendê-las... Oh, meus filhos, ajam sempre de modo a merecer essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivam segundo a

caridade; se vocês tiverem alguma coisa, doem uma parte àqueles que não dispõem do necessário... Minha querida mulher, deixo-te em uma posição que não é de felicidade; devem-nos dinheiro, mas eu te suplico, não atormente aqueles que nos devem; se eles estão na pior, espere até que eles possam quitar a dívida, e aqueles que não puderem saldar, faça um sacrifício: Deus te recompensará. Você, meu filho, trabalhe para sustentar sua mãe. Seja sempre um homem honesto e não faça nada que possa desonrar a nossa família. Carregue essa cruz da parte de sua mãe; não a deixe, e que ela te recorde sempre dos meus últimos conselhos... Meus filhos, ajudem-se e sustentem-se mutuamente; que a boa harmonia reine entre vocês; não sejam fúteis nem orgulhosos; perdoem seus inimigos se quiserem que Deus os perdoe...” Depois, tendo pedido a seus filhos que se aproximassem, estendeu suas mãos a eles e complementou: *“Meus filhos, eu os abençoo”*. E seus olhos se fecharam desta feita para sempre; mas seu semblante conservou uma expressão tão majestosa que, até o momento em que ele foi sepultado, uma multidão numerosa veio contemplá-lo com admiração.

Esses detalhes interessantes nos foram relatados por um amigo da família. Cremos que esta evocação podia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo em que seria útil ao Espírito.

1. Evocação.

R. – *Estou aqui.*

2. Contaram-nos sobre seus últimos instantes, o que nos deixou tomados de admiração. Você poderia ter a gentileza de nos descrever da melhor maneira possível o que você viu no intervalo do que se poderia chamar de suas duas mortes?

R. – *Vocês poderiam compreender o que eu vi? Não sei, pois pode ser que não encontrem expressões capazes de tornar compreensível o que pude ver nos instantes em que eu deixava meu despojo mortal.*

3. Você se deu conta de onde estava? É longe da Terra, em outro planeta ou no espaço?

R. – *O Espírito não conhece o valor das distâncias do modo pelo qual vocês imaginam. Levado por não sei qual agente maravilhoso, vi o esplendor de um céu como somente nos sonhos*

se poderia conceber. Esta viagem através do infinito foi feita tão rapidamente que não pude precisar os instantes empregados pelo meu Espírito.

4. Atualmente você se regozija da felicidade que entreviu?

R. – Não; queria muito poder desfrutar dela, mas Deus não pode me recompensar assim. Frequentemente me revoltei contra os pensamentos benignos que meu coração ditava, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, da arte de curar sucedia-me uma aversão contra a segunda natureza, que é o nosso movimento inteligente, divino; a imortalidade da alma era uma ficção própria a seduzir as naturezas pouco elevadas; entretanto, o vazio me apavorava, haja vista eu maldizer muitas vezes esse agente misterioso que aflige sempre mais. A filosofia tinha me desviado do caminho sem fazer com que compreendesse toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensinamento da humanidade.

5. Ao morrer de fato, você logo tomou consciência de seu estado?

R. – Não. Tomei consciência durante a transição vivenciada pelo meu Espírito ao percorrer os lugares etéreos; mas depois da morte real, não; levaram alguns dias até eu despertar.

Deus me havia concedido uma graça; vou lhes dizer a razão:

Minha incredulidade anterior não existia mais; antes mesmo de minha morte eu já havia acreditado, dado que depois de ter investigado cientificamente a grave questão que me consumia, esgotando as razões terrestres, havia encontrado apenas a razão divina; ela me havia inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte do que minha dor. Bendizia o que antes havia maldito; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! Que suprema consolação encontra-se na oração, que suscita a compaixão inefável; ela é o elemento mais evidente de nossa natureza imaterial; por ela compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isto que Deus, conhecendo minhas boas ações, quis recompensar-me antes de findar com a minha encarnação.

6. Poderíamos dizer que na primeira vez [que o espírito libertou-se do corpo] você já tivesse morrido?

R. – Sim e não; o Espírito, ao deixar o corpo, naturalmente acarreta a extinção da carne; mas retomando minha morada

terrestre, a vida tornou ao corpo que tinha passado por uma transição, por um adormecimento.

7. Nesse momento, você sentia os laços que o ligavam ao seu corpo?

R. – *Sem dúvida; o Espírito tem um laço difícil de romper, há a necessidade de um último sobressalto da carne para entrar em sua vida natural.*

8. Como explicar que, durante a sua morte aparente de alguns minutos, seu Espírito tenha podido libertar-se instantaneamente e sem perturbação, ao passo que a morte real foi seguida de uma perturbação de vários dias? Parece que, no primeiro caso, pelos laços entre a alma e o corpo subsistirem mais do que no segundo, a separação deveria ser mais lenta, e foi o contrário que ocorreu.

R. – *Com frequência você tem evocado um Espírito encarnado, e costuma receber da parte deles respostas reais; pois bem, encontrava-me na posição desses Espíritos. Deus me chamava, e seus servidores me diziam: “vem...”. Obedeci, e agradeço a Deus a graça especial que ele quis proporcionar-me; pude ver o infinito de sua grandeza e me dar conta dela. Obrigado àquele que me permitiu, antes da morte real, dizer aos meus parentes que eles fossem pessoas boas e justas.*

9. De onde lhes vinham as belas e boas palavras que, no instante de seu retorno à vida, você dirigiu à sua família?

R. – *Elas eram o reflexo do que eu tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam minha voz e animavam meu aspecto.*

10. Que impressão você acredita que sua revelação tenha deixado nos assistentes e em seus filhos, em particular?

R. – *Chocante, profunda; a morte não é mentira; os filhos, por mais ingratos que possam ser, dobram-se diante da encarnação que se vai. Se pudéssemos perscrutar o coração desses filhos, ao lado de um túmulo entreaberto, se perceberia a vibração de sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela mão secreta dos Espíritos que sugerem a todos esses pensamentos: Estremeça, se você está em dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus, e eu lhes asseguro, a despeito dos incrédulos, que meus amigos e minha família crerão nas palavras que minha*

voz pronunciou antes de morrer. Eu era intérprete de outro mundo.

11. Você disse que não se regozija da felicidade que pôde entrever; você é infeliz?

R. – Não, dado que eu acreditava antes de morrer, e acreditava de alma e consciência. A dor constrange aqui na terra, mas ela impulsiona para o futuro espírita. Notem que Deus soube ter em consideração minhas preces e minha crença absoluta nele; estou na rota da perfeição, e atingirei o alvo que ele me permitiu entrever. Orem, meus amigos, para este mundo invisível que preside seus destinos; esse intercâmbio fraternal é a caridade; é uma alavanca potente que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12. Gostaria de dirigir algumas palavras à sua esposa e aos seus filhos?

R. – Rogo a eles para que creiam em Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia, na caridade que é o ato mais puro da encarnação humana; que eles se recordem de que se pode doar pouco: o óbolo do pobre é mais meritório aos olhos de Deus, que sabe que um pobre doa muito de seu pouco; o rico deve doar muito e frequentemente para merecer o mesmo que o pobre.

O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os Espíritos são irmãos, não prevalecendo jamais as pueris vaidades.

Família bem-amada, vocês terão rudes provações; mas saibam enfrentá-las corajosamente, pensando que Deus os vê.

Digam sempre esta prece:

Deus de amor e bondade, que dá tudo e sempre, conceda-nos a força que não recua diante de nenhum sofrimento; torne-nos bons, clementes e caridosos, pequenos em fortuna, grandes em coração. Que nosso Espírito seja espírita sobre a Terra para melhor o compreender e amar.

Que seu nome, meu Deus, emblema da liberdade, seja a meta consoladora de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, de perdoar e de crer.

Cardon.

Eric Stanislas
(Comunicação espontânea; Sociedade de Paris; agosto de 1863.)

“Como as emoções emanadas vivamente por corações calorosos nos proporcionam felicidade! Oh, doces pensamentos que vêm abrir uma via de salvação a todos os que vivem, a todos os que respiram materialmente e espiritualmente, que seu bálsamo salvador não pare de se expandir em largos haustos sobre vocês e sobre nós! Que expressões escolher para traduzir a felicidade que experimentam todos seus irmãos de além-túmulo na contemplação do puro amor que os une a todos?

Ah, irmãos, quanto bem a espalhar, quantos doces sentimentos elevados e simples como vocês, como a sua doutrina, vocês têm a semear sobra a longa estrada ainda a percorrer; mas também quanto de tudo isso lhes será restituído antes mesmo do instante em que vocês teriam direito à paga!

Assisti à toda esta reunião; ouvi, percebi, compreendi, e vou poder também, de minha parte, cumprir o meu dever e instruir a classe dos Espíritos imperfeitos.

*Ouçam: estava longe de ser feliz; mergulhado na imensidão, no infinito, meus sofrimentos eram mais pungentes à medida que não me dava conta exatamente deles. Deus seja bendito! Ele me permitiu vir a um santuário que não pode ser franqueado **impunemente** aos maus. Amigos, quanto eu lhes sou reconhecido, quanta força pude colher de vocês!*

Oh, homens de bem, reúnam-se com frequência; instruem-se, pois vocês nem imaginam a profusão de frutos oriundos das reuniões sérias em que vocês tomam parte; os Espíritos que ainda têm muito a aprender, os que permanecem voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos de seus deveres podem se encontrar entre vocês, seja por uma circunstância fortuita, seja de outra maneira; agitados por um choque terrível eles podem, e é o que ocorre com frequência, verter-se sobre si próprios, reconhecer-se, entrever a meta a ser alcançada, e levados pelo exemplo que vocês lhes fornecem, procurar os meios que podem lhes fazer sair do estado lamentável em que se encontram. Faço-me, com grande felicidade, intérprete das almas sofredoras, posto que me dirijo a homens de bom coração e sei que não me repelirão.

Queiram, portanto, ainda uma vez, oh! homens generosos, receber a expressão de meu reconhecimento particular e a de todos os nossos amigos a quem vocês têm proporcionado, talvez sem saber, tanto bem.

Eric Stanislas.”

O guia do médium: *Meus filhos, ele foi um Espírito muito infeliz, pois permaneceu perdido durante muito tempo. Agora, ele compreendeu seus erros, arrependeu-se e, enfim, tornou seus olhos a Deus, que ele havia desconhecido; sua posição não é a da felicidade, mas ele aspira a ela e não sofre mais. Deus lhe permitiu vir aqui participar depois de ele ter ido a uma esfera inferior e auxiliar no avanço dos Espíritos que, como ele, transgrediram as leis do Eterno; é a reparação que lhe é demandada. De agora em diante ele conquistará a felicidade, porque ele demonstra vontade para tanto.*

Sra. Anna Belleville.

Jovem mulher morta aos trinta e cinco anos depois de longa e cruel doença. Viva, espirituosa, dotada de rara inteligência, de uma grande retidão de juízo e de eminentes qualidades morais, esposa e mãe de família devotada, ela tinha, além disso tudo, uma força de caráter pouco comum e um espírito fecundo em recursos que não a deixava jamais desprovida, mesmo nas circunstâncias mais críticas da vida. Sem rancor para com aqueles com os quais mais tinha a se queixar, ela estava sempre disposta a lhes prestar serviço em qualquer ocasião. Intimamente ligada a ela desde longos anos, pudemos seguir todas as fases de sua existência e todas as peripécias de seu fim.

Um acidente suscitou a terrível doença que a levaria deste mundo e que a reteve três anos em sua cama, presa a atrozes sofrimentos suportados por ela até o último momento com uma coragem heroica e em meio aos quais sua alegria natural não a abandonou. Ela acreditava firmemente na alma e na vida futura, mas se preocupava muito pouco com isso; todos seus pensamentos voltavam-se à vida presente, que muito lhe atraía. Não temia, no entanto, a morte, nem buscava os gozos materiais, visto que sua vida era bastante simples e ela se mantinha, sem

dificuldade, sem o que ela não podia obter; mas ela possuía instintivamente o gosto pelo bem e pelo belo, que ela sabia manifestar até mesmo pelas coisas mais insignificantes. Ela queria viver, menos para ela do que para seus filhos, a quem ela sentia ser necessária; motivo pelo qual ela se agarrava à vida. Ela conhecia o Espiritismo sem o ter estudado a fundo; ela interessava-se por ele, e no entanto ele não chegou a fixar seus pensamentos sobre o devir; para ela era uma ideia verdadeira, mas que não deixava nenhuma impressão profunda em seu espírito. O que ela fazia de bem era o resultado de um movimento natural, espontâneo, e não inspirado pelo pensamento de uma recompensa ou de penas futuras.

Desde há muito seu estado já era gravíssimo, e se esperava que ela partisse a qualquer momento; ela mesma não tinha ilusões a esse respeito. Um dia, em que seu marido estava ausente, ela sentiu-se desfalecer, e compreendeu que sua hora tinha chegado; sua visão se apagava, a perturbação a invadia, e ela experimentava todas as angústias da separação. Contudo, custava-lhe morrer antes do retorno de seu marido. Fazendo um supremo esforço, ela disse a si própria: *“Não, eu não quero morrer!”* Ela sentiu então a vida renascer em si e recuperou o uso pleno de suas faculdades. Quando seu marido retornou, ela lhe disse: *“la morrer, mas quis esperar que você estivesse perto de mim, pois ainda tinha muitas recomendações a te dar”*. A luta entre a vida e a morte prolongou-se assim durante três meses, que não passaram de longa e dolorosa agonia.

Evocação, o dia seguinte à sua morte: – *Meus bons amigos, obrigado por se preocuparem comigo; no mais, vocês foram para mim como bons pais. E olhem, regozijem-se, sou feliz. Tranquilizem meu pobre marido e velem por meus filhos. Eu estive com eles agora mesmo.*

P. – Parece que a perturbação não foi longa, já que você nos responde com lucidez.

R. – *Meus amigos, eu sofri tanto, e vocês sabem que sofri com resignação! E até que enfim minha expiação terminou. Dizer-lhes que estou completamente liberta, não; mas não sofro mais, e isto é para mim um grande alívio! Por ora estou completamente curada, asseguro-lhes, mas tenho necessidade de que me*

ajudem por meio do recurso das preces, para vir em seguida trabalhar com vocês.

P. – Qual pode ter sido a causa de seus longos sofrimentos?

R. – *Um passado terrível, meu amigo.*

P. – Pode nos contar qual foi esse passado?

R. – *Oh! Deixem-me esquecê-lo um pouco; paguei-o tão caro!*

Um mês após sua morte. P. – Agora, que você deve estar completamente liberta e que tem melhor consciência de si, ficaríamos muito felizes se tivéssemos com você uma conversa mais explícita. Você poderia nos dizer qual foi a causa de sua longa agonia? Pois você ficou durante três meses entre a vida e a morte.

R. – *Obrigada, meus bons amigos, pela lembrança e pelas suas boas preces. Como elas me são salutares, e quanto elas contribuíram à minha libertação! Ainda necessito ser amparada; continuem a orar por mim. Vocês compreendem a prece. Não são fórmulas banais que vocês dizem, como tantos outros que não percebem o efeito que produz uma boa oração.*

Sofri muito, mas meus sofrimentos me foram largamente contabilizados e me permitiram estar frequentemente com meus filhos, que deixava com tanto pesar!

Eu mesma prolonguei meus sofrimentos; meu ardente desejo de viver pelos meus filhos fazia com que me obstinasse de alguma maneira em permanecer na matéria e, ao contrário dos outros, me retorcia e não queria abandonar o corpo infeliz que devia deixar, e que era para mim, por outro lado, o instrumento de tantas torturas. Eis a verdadeira causa de minha agonia. Minha doença, os sofrimentos que suportei: expiação do passado, mais uma dívida paga.

Infelizmente! Meus bons amigos, se eu tivesse os escutado, que imensa mudança em minha vida presente! Que suavidade teria experimentado em meus derradeiros instantes, e como essa separação teria sido facilitada se, em lugar de a contrariar, tivesse me deixado ir com confiança na vontade de Deus, na corrente que me arrastava! Mas em vez de voltar meu olhar para o futuro que me esperava, via apenas o presente que deixava!

Quando voltar à Terra serei espírita, lhes garanto. Que ciência imensa! Assisto às suas reuniões e às instruções que lhes são

dadas com bastante frequência. Se tivesse podido compreender quando estava sobre a Terra, meus sofrimentos teriam sido bem suavizados; mas ainda não era o momento. Hoje compreendo a vontade de Deus e sua justiça; mas ainda não me encontro evoluída a ponto de não me preocupar mais com as coisas da vida; meus filhos, sobretudo, ainda me prendem aí, não mais para mimá-los, mas sim para velar por eles e fazer com que eles sigam a rota que o Espiritismo trace neste momento. Sim, meus bons amigos, ainda nutro graves preocupações; sobretudo uma, a que diz respeito ao futuro de meus filhos.

P. – Você poderia nos fornecer algumas explicações sobre o passado que você deplora?

R. – *Infelizmente! Meus bons amigos, estou inteiramente preparada para lhes confessar. Havia desconhecido o sofrimento; tinha visto a minha mãe sofrer sem ter piedade dela; tinha pensado que não passasse de uma doença imaginária. Não a tendo visto nunca acamada, supunha que ela não sofresse e ria de seus sofrimentos. Eis como Deus pune.*

Seis meses após a sua morte. P. – Agora que se passou um tempo bastante longo desde que você deixou seu invólucro terrestre, você pode nos descrever sua situação e suas ocupações no mundo dos Espíritos?

R. – *Durante minha vida terrestre era o que se chamava, de modo geral, uma pessoa boa, mas amava meu bem-estar antes de tudo; por mais que fosse compassiva por natureza, talvez não seria capaz de um sacrifício penoso para aliviar uma infortuna. Hoje tudo mudou; permaneço eu mesma, mas esse eu de outrora passou por modificações. Evoluí; percebo que não há nem posições sociais nem outras condições para além do mérito pessoal no mundo invisível, onde um pobre caridoso e bom está acima do rico orgulhoso que o humilhava por meio de sua esmola. Velo especialmente pela classe dos atingidos pelos tormentos de família, pela perda dos parentes ou da fortuna; tenho por missão consolá-los e os encorajar, e sou feliz por fazer isso.*

Anna

Uma importante questão que surge a partir dos fatos acima é esta: uma pessoa pode, por um esforço de sua vontade, retardar o momento da separação da alma e do corpo?

Resposta do Espírito de São Luís. – *“Esta questão, resolvida de maneira afirmativa e sem restrição poderia dar lugar a falsas consequências. Certamente um Espírito encarnado pode, em algumas condições, prolongar a existência corporal para pôr termo a instruções indispensáveis ou a algo que imagine como tais; isto pode lhe ser permitido, como no caso em pauta e como em muitos outros exemplos. Essa prolongação da vida seria apenas, em todo caso, de curta duração, pois não é concedida ao homem a intervenção na ordem das leis da natureza nem suscitar um retorno real à vida quando esta chegou ao seu final; trata-se de mera prorrogação temporária. No entanto, em razão da possibilidade desse fato existir, não se deve concluir que ele possa ser geral nem crer que depende de cada um prolongar assim sua existência. Como **provação para o Espírito** ou no interesse de uma missão a ser terminada, os órgãos gastos podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita acrescentar alguns instantes para a manifestação material do pensamento; os casos semelhantes são exceções e não a regra. Não se deve ver neste fato, além do mais, uma derrogação de Deus à imutabilidade de suas leis, mas uma consequência do livre-arbítrio da alma humana que, no último instante, tem consciência da missão a que foi encarregada e quis, a despeito da morte, cumprir o que ela não pôde atingir. Isso pode ser também, às vezes, um tipo de punição infligido ao Espírito que duvida do futuro, como uma concessão do prolongamento de sua vitalidade que suscitasse um sofrimento necessário.*

São Luís.”

Seria possível ainda o espanto com a rapidez da libertação que esse Espírito experimentou, considerando seu apego à vida corporal; mas se deve obtemperar que esse apego não tinha nada de sensual nem de material; possuía mesmo seu lado moral, visto que se nutria pelo interesse de seus filhos pequenos. Era, além disso, um Espírito avançado em inteligência e moralidade: um grau a mais e ele teria se posicionado entre os Espíritos muito felizes. Não havia, portanto, em seus laços

perispirituais a tenacidade que resulta da identificação com a matéria; pode-se dizer que a vida, enfraquecida por uma longa doença, não se segurava por mais do que poucos liames, e eram esses liames que ele queria impedir que se rompessem. No entanto, ele foi punido por sua resistência com o prolongamento de seus sofrimentos, cujas origens estavam na doença e não na dificuldade do desprendimento; motivo pelo qual, depois da libertação, a perturbação foi de curta duração.

Um fato igualmente importante que resulta dessa evocação, assim como da maior parte daquelas que são efetuadas em períodos mais ou menos distanciados da morte, é a mudança que se processa gradualmente nas ideias do Espírito, e que serve de parâmetro para se perceber o progresso; aqui, ele se traduz não por meio de melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais sã das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é assim um fato constatado pela experiência; a vida corporal é o terreno da prática desse progresso; é a provação de suas resoluções, o cadinho em que se purifica.

Desde o instante em que a alma progride após a morte, sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, pois a fixação definitiva da sorte é, como dissemos anteriormente, a negação do progresso. Ao não poderem existir simultaneamente as duas coisas, sobra a que tem a sanção dos fatos e da razão.

CAPÍTULO IV - ESPÍRITOS SOFREDORES

O Castigo

(Exposição geral ditada à Sociedade Espírita de Paris em outubro de 1860 sobre o estado dos culpados em sua entrada no mundo dos Espíritos.)

“Os Espíritos maus, egoístas e duros são, tão logo após a morte, entregues a uma dúvida cruel sobre sua destinação presente e futura; eles olham ao redor deles e não encontram nenhuma pessoa sobre a qual possam exercer a sua maldade e o desespero acaba tomando conta deles, pois o isolamento e a inação são intoleráveis aos maus Espíritos. Eles não elevam seus olhares aos lugares habitados pelos Espíritos puros. Verificam o que está à sua volta e logo se agitam ao se deparar com o abatimento dos Espíritos fracos e culposos; agarram-se a eles como a uma presa, fazendo-os recordar de seus erros passados incessantemente, ao mesmo tempo em que os fazem revivê-los por meio de gestos derrisórios. Não lhes bastando tal zombaria, mergulham sobre a Terra como abutres famintos a fim de procurarem entre os homens a alma que abrirá um acesso mais fácil às suas tentações; ao se apoderarem de alguém, exaltam sua cobiça, terminam por abafar sua fé em Deus e quando, enfim, conseguem dominar uma consciência e veem sua presa assegurada, estendem a todos os que se aproximam de sua vítima o contágio fatal.

O Espírito mau que exerce sua raiva é quase feliz; sofre apenas nos momentos em que não está agindo e nos quais o bem triunfa sobre o mal.

Entretanto, os séculos passam; o Espírito mau sente de uma só vez as trevas o invadirem; seu raio de ação diminui; sua consciência, impassível até então, lhe faz sentir as pontas afiadas do arrependimento. Inerte, levado pelo turbilhão, ele vaga, sentindo, como dizem as Escrituras, seus pelos arrepiarem-se de pavor. Logo um grande vazio se instala nele; é chegado o momento, ele deve expiar: a reencarnação está logo aí, ameaçadora; ele vê, como em uma miragem, as terríveis provas que o esperam; ele queria recuar, mas avança, e precipitado no enorme abismo da vida, é jogado de um lado para o outro até que o véu da ignorância caia de seus olhos. Ele vive, age, ainda é

culpado, sente nele mesmo alguma lembrança que o inquieta, alguns pressentimentos que o fazem tremer, mas que não o fazem recuar diante da via do mal. Ao cabo de tantas ações e crimes, vai morrer. Estendido sobre um catre ou sua cama, que importa! O homem culpado sente, sob sua aparente imobilidade, transtornar-se e viver um mundo de sensações esquecidas. Sob suas pálpebras fechadas vê despontar um clarão, ouve sons estranhos; sua alma, deixando seu corpo, agita-se impaciente, ao passo que seus punhos cerrados procuram agarrar-se aos lençóis; ele queria falar, ele queria gritar a todos os que estão lá: mantenham-me aqui! Eu entrevejo o castigo! Não consegue; a morte pousa sobre seus lábios descarnados e os que lhe assistem dizem: Descanse em paz!

No entanto, ele ouve tudo; paira em torno de seu corpo, corpo que não queria abandonar; uma força secreta o atrai; ele vê, reconhece aquilo que já viveu. Perplexo, lança-se ao espaço na intenção de se esconder. Mas nada de abrigo! Nada de repouso! Outros Espíritos devolvem-lhe o mal que outrora fez e, castigado, escarnecido, confuso, ele vaga e vagará até que a claridade divina penetre em seu endurecimento e o ilumine no intento de lhe mostrar o Deus vingador, o Deus triunfante sobre todo o mal, de lhe mostrar que ele apenas será aliviado à custa de choros e expiações.

Georges.”

Jamais havia sido desenhado um quadro do destino do mau tão eloquente, tão terrível e tão verdadeiro; faz-se necessário, desse modo, empregar o recurso da fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

Novel

(O Espírito se dirige ao médium, quem ele havia conhecido quando vivo.)

“Vou contar a você o que sofri quando morri. Meu Espírito, retido ao corpo por laços materiais, teve que fazer um grande esforço para se libertar, tendo sido uma primeira e rude angústia. A vida que havia deixado aos vinte e quatro anos de idade fazia-se ainda

tão forte em mim que não conseguia acreditar em sua perda. Procurava meu corpo e ficava surpreso e apavorado por me ver perdido em meio a essa multidão de sombras. Por fim, a consciência do meu estado e a revelação dos erros que havia cometido em todas as minhas encarnações me atingiram de repente; uma luz implacável clareou os mais secretos recônditos de minha alma, que se sentiu **nua** e, depois, tomada de uma vergonha arrasadora. Buscava escapar a isso me interessando por objetos novos e, no entanto, conhecidos que me rodeavam; os Espíritos radiantes pairando no espaço davam-me a ideia de uma felicidade a que não podia aspirar; formas escuras e desoladas, umas mergulhadas em um morno desespero, outras irônicas ou furiosas arrastavam-se em torno de mim e da Terra, à qual permanecia preso. Via a agitação humana, de quem invejava a ignorância; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou reencontradas, me invadiu de uma só vez. Arrastado por certa força irresistível, buscando escapar dessa dor encarniçada, transpunha distâncias, elementos, obstáculos materiais sem que as belezas da natureza nem os esplendores celestes pudessem acalmar por um só instante a laceração de minha consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas suas frágeis dores, suavizadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento não poderão jamais fazê-los compreender as angústias de uma alma que sofre sem trégua, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo sem poder apreciar a duração, invejando os eleitos de quem entrevia o esplendor, detestando os maus Espíritos que me perseguiram por meio de suas zombarias, desprezando os humanos cujas torpezas eu enxergava, passando de um profundo desânimo a uma revolta insensata. Enfim, você me chamou e, pela primeira vez um sentimento suave e terno me apaziguou; escutei os ensinamentos que seus guias lhe dão; a verdade penetrou-me. Orei: Deus me escutou; Ele revelou-se a mim pela sua clemência, como se fosse revelado pela por sua justiça.

Novel.”

Auguste Michel
(Le Havre, março de 1863.)

Era um jovem rico, gozador, que aproveitava muito e exclusivamente a vida material. Embora inteligente, a despreocupação com as coisas sérias marcava o fundo de seu caráter. Despido de maldade, mais para bom do que para mau, ele era adorado pelos seus companheiros de prazer e solicitado na alta sociedade pelas suas qualidades de homem do mundo; sem ter feito mal, tampouco tinha realizado o bem. Morreu em razão da queda de uma carruagem em um passeio. Evocado alguns dias após sua morte por um médium que o conhecia indiretamente, ele deu sucessivamente as comunicações que seguem:

8 de março de 1863. – *Mal me libertei de meu corpo; falo com dificuldade com vocês. A terrível queda que matou meu corpo pôs meu Espírito em uma grande perturbação. Estou inquieto pelo que será, e essa incerteza é cruel. O terrível sofrimento que meu corpo experimentou nada é em comparação com a perturbação em que me encontro. Orem para que Deus me perdoe. Oh! Que dor! Oh! Graças, meu Deus! Que dor! Adeus.*

18 de março. – *Já vim até vocês antes, mas pude apenas falar com muita dificuldade. Neste momento posso me comunicar com vocês ainda com dificuldades. Você é o único médium a quem eu posso pedir orações para que a bondade de Deus me tire da perturbação em que me encontro. Por que sofrer, mesmo quando meu corpo já não sofre mais? Por que essa dor horrorosa, essa angústia terrível ainda persiste? Orem, oh! Orem para que Deus me conceda o repouso... Oh! Que incerteza cruel! Ainda estou atado ao meu corpo. Apenas vislumbro dificilmente onde eu possa estar; meu corpo está ali, e por que eu também ainda estou? Venham orar **sobre ele** para que eu seja libertado desse enlace cruel. Espero que Deus me perdoe. Vejo os Espíritos que estão perto de vocês e, por meio deles, eu posso conversar com vocês. Orem por mim.*

6 de abril. – *Sou eu que venho para pedir que orem por mim. Vocês devem ir ao local em que meu corpo jaz orar para que o Todo-Poderoso acalme meus sofrimentos. Sofro! É necessário que vão a esse local endereçar ao Senhor uma prece para que*

ele me conceda o perdão. Vejo que poderia estar mais tranquilo, mas volto incessantemente ao lugar em que depositaram aquilo que fui eu.

O médium não havia se dado conta da insistência do Espírito que lhe solicitava a ida para orar em seu túmulo e negligenciou o pedido. No entanto, ele se dirigiu ao local mais tarde e recebeu a comunicação abaixo:

11 de maio. – *Eu o aguardava. Esperava pelo instante em que você viesse ao local em que meu Espírito parece colado ao seu envoltório para implorar ao Deus de misericórdia que sua bondade acalme meus sofrimentos. Você pode me fazer bem por meio de suas preces; não desista delas, eu suplico. Vejo o quanto minha vida foi oposta à que eu deveria levar; vejo os erros que cometi. Fui um ser inútil no mundo; não fiz nenhum bom emprego das minhas faculdades; minha fortuna serviu apenas para satisfazer minhas paixões, meus desejos de luxo e minha vaidade; pensei apenas nos gozos corporais, não em minha alma. A misericórdia de Deus se estenderá sobre mim, pobre Espírito que ainda sofre pelos erros terrestres? Orem para que ele me perdoe e que eu seja aliviado das dores que ainda sinto. Eu lhe agradeço por ter vindo orar por mim.*

8 de junho. – *Posso falar com você e agradeço a Deus pela permissão. Enxerguei meus erros e espero que Deus me perdoe. Siga sempre sua vida segundo a crença que o anima, pois ela reserva ao devir um repouso que eu ainda não obtive. Obrigado pelas suas preces. Até logo.*

A insistência do Espírito para que fossem orar em seu túmulo é uma particularidade interessante que tem a sua razão de ser ao se considerar quão tenazes eram os laços que o retinham ao seu corpo, e quão longa e difícil era a separação em razão da materialidade de sua existência. Compreende-se que ao se aproximar ao corpo, a oração podia exercer uma espécie de ação magnética mais potente para auxiliar o desprendimento. O costume quase geral de se orar junto aos corpos dos mortos não proviria da intuição inconsciente que se tem desse efeito? A eficácia da prece, neste caso, teria um resultado tanto moral quanto material.

30 de julho. – *Encontro-me presente menos infeliz, dado que não sinto mais o grilhão que me atava ao meu corpo; estou livre, enfim, mas não dei o menor termo à expiação; devo reparar o tempo perdido, caso não queira ver meus sofrimentos se prolongarem. Deus, espero, verá meu arrependimento sincero e me concederá seu perdão de bom grado. Orem ainda por mim, eu suplico.*⁶⁵

**Lamentos de um hedonista.
(Bordeaux, 19 de abril de 1862.)**

*“Homens, meus irmãos, vivi tão-somente para mim mesmo; hoje expio e sofro! Que Deus conceda-lhes a graça de evitar os espinhos que me machucam. Caminhem na via larga do Senhor e orem por mim, pois abusei dos bens que Deus **empresta** às suas criaturas!*

Aquele que sacrifica a inteligência e os bons sentimentos que Deus depositou nele em favor dos instintos brutais faz como o animal que com frequência se maltrata. O homem deve usar com sobriedade os bens de que é depositário. Deve habituar-se a viver apenas em vista da eternidade que o aguarda, e por consequência desprender-se dos gozos materiais. Sua alimentação não deve ter outra finalidade a não ser a da manutenção da vida; seu luxo deve subordinar-se às necessidades estritas de sua posição; seus gostos, suas tendências naturais devem ser regidas pela mais forte razão, sem o quê ele se materializa no lugar de se depurar. As paixões humanas são um forte liame que se aprofunda na carne: não o estreite ainda mais. Vivam, mas não sejam hedonistas. Vocês não sabem o quanto isso pode custar quando vocês voltarem à pátria espiritual! As paixões terrestres espoliam-nos antes de partir, e vocês chegarão ao Senhor nus, inteiramente nus. Ah! Cubram-se de boas obras; elas lhes ajudarão a transpor o espaço que os separa da eternidade. Vestimenta radiante, elas

⁶⁵ No original francês, este parágrafo consta logo no início da parte seguinte, intitulada “Lamento de um Hedonista”; no entanto, creio que se trate de equívoco editorial, pois claramente é o término da comunicação do espírito acima, Auguste Michel. Tomei a liberdade, assim, de corrigir esta falha na tradução proposta. (N. do T.)

esconderão suas torpezas humanas. Envolvam-se na caridade e no amor, roupas divinas que duram para sempre.”

Instrução do guia ao médium. – *Esse Espírito está em um bom caminho, haja vista que ao se arrepender ele se preocupa em dar conselhos para alertar sobre os perigos da rota que seguiu. Reconhecer seus erros já é um mérito, e um passo de fato em direção ao bem; por isso sua situação, sem ser a da felicidade, não é mais a de um Espírito sofredor. Ele se arrepende; resta-lhe a reparação, que ele cumprirá em outra existência de provação. Mas antes disso, vocês sabem qual é a situação desses homens de vida completamente sensual, que deram aos seus espíritos apenas a atividade de inventar novos gozos sem parar? A influência da matéria segue-os para além do túmulo e a morte não põe termo aos apetites que suas vistas, tão limitadas quanto na Terra, buscam em vão os meios de satisfazer. Não tendo ansiado jamais pelo alimento espiritual, sua alma erra no vazio sem finalidade, sem esperança, atormentada pela ansiedade do homem que tem diante dele apenas a perspectiva de um deserto sem fim. A inexistência de suas ocupações intelectuais durante a vida do corpo conduz naturalmente à inexistência do trabalho espiritual depois da morte; não podendo mais satisfazer o corpo, não lhe resta nada para satisfazer o Espírito; daí decorre um tédio mortal que parece não ter fim, ao que seria preferido o nada. Mas o nada não existe; pode-se matar o corpo, mas não se pode matar o Espírito; é necessário assim que eles vivam essas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, decidam-se a lançar um olhar a Deus.*

Lisbeth
(Bordeaux, 13 de fevereiro de 1862.)

Um Espírito sofredor inscreve-se sob o nome de Lisbeth.

1. Você quer me revelar alguns detalhes sobre sua posição e a causa de seus sofrimentos?

R. – *Seja humilde de coração, submissa à vontade de Deus, paciente nas provações, caridosa para com os pobres, encorajadora para com os fracos, calorosa para com todos os sofrimentos e você não passará pelas torturas que suporto.*

2. Se os defeitos opostos às qualidades sublinhados por você arrastaram-na, você parece os lamentar. Seu arrependimento pode aliviá-la?

R. – *Não; o arrependimento é estéril quando é apenas a consequência do sofrimento. O arrependimento produtivo é o que tem por base o lamento de ter ofendido a Deus e o ardente desejo do reparo. Eu ainda não o atingi, infelizmente. Citem-me nas preces e a todos os que estão mergulhados nos sofrimentos; tenho necessidade delas.*

Isto é uma grande verdade; o sofrimento, por vezes, arranca um grito de arrependimento, mas não a expressão sincera do lamento de ter feito mal, pois se o Espírito não sofresse mais, ele estaria disposto a recomeçá-lo. Eis por que o arrependimento não conduz sempre à libertação imediata do Espírito; ele apenas dispõe o Espírito à libertação, eis tudo. Mas lhe resta provar a sinceridade e a solidez de suas resoluções por meio de novas provações, que são a reparação do mal que ele fez. Ao se meditar com atenção sobre todos os exemplos que citamos, encontrar-se-ão, mesmo nas palavras dos Espíritos mais inferiores, importantes pautas de instrução, haja vista elas nos introduzirem os detalhes mais íntimos da vida espiritual. Ao passo que o homem superficial não verá nesses exemplos nada para além de narrativas pitorescas, o homem sério e reflexivo encontrará uma fonte abundante de estudos.

3. Farei o que você deseja. Você me informaria alguns detalhes sobre sua última existência? Disso pode resultar um ensinamento útil para nós e tornar seu arrependimento produtivo para você mesma.

(O Espírito apresenta uma grande indecisão ao responder a esta questão e a algumas seguintes.)

R. – *Nasci em uma condição elevada. Tinha tudo aquilo que os homens enxergam como a fonte da felicidade. Rica, fui egoísta; bela, fui sensual, indiferente e enganadora; nobre, fui ambiciosa. Esmaguei por meio de meu poder aqueles que não se prosternavam completamente diante de mim, e esmagava ainda aqueles que se encontravam sob meus pés, sem pensar que a fúria do Senhor também esmaga, cedo ou tarde, as cabeças mais erguidas.*

4. Em que época você viveu?

R. – *Há cento e cinquenta anos, na Prússia.*

5. Desde esse tempo você não fez nenhum progresso enquanto Espírito?

R. – *Não. A matéria revoltava-se sempre. Você não pode compreender a influência que ela ainda exerce, a despeito da separação do corpo e do Espírito. O orgulho, veja você, enlaça em grilhões de bronze cujas argolas se estreitam cada vez mais em volta do miserável que lhe abandona seu coração. O orgulho! Essa hidra de cem cabeças sempre reinantes que sabe modular seus sibilos envenenados de maneira a aparentar uma sinfonia celeste! O orgulho! Esse demônio múltiplo que se prostra a todas as aberrações do seu Espírito, que se esconde nas dobras do seu coração, que penetra em suas veias, envolve-os, absorve-os e os arrasta em seguida às trevas da Geena eterna!... Sim, eterna!*

Sem dúvida o Espírito diz que não obteve nenhum progresso porque sua situação sempre foi lastimável; mas o modo pelo qual ele descreve o orgulho e dele deplora as consequências é incontestavelmente um progresso; pois certamente quando vivo ou logo após a sua morte ele não teria podido raciocinar dessa forma. Ele compreende o mal, e isso já é alguma coisa. A coragem e a vontade de evitá-lo lhe advirão em seguida.

6. Deus é bom demais para condenar suas criaturas a penas eternas; creia em sua misericórdia.

R. – *Ele pode dar um fim a elas; eu o sei, mas onde? Eu o procuro desde há muito tempo e somente vejo sofrimento, sempre! Sempre! Sempre!*

7. Como você chegou aqui hoje?

R. – *Um Espírito que me segue com frequência me conduziu até aqui.* – Desde quando você vê esse Espírito? R. – *Não faz muito tempo.* – E desde quando você se deu conta dos erros que cometeu? R. (Após longa reflexão.) – *Sim, você tem razão; foi aí que eu o vi.*

8. Você não consegue entender agora a relação que há entre o seu arrependimento e a ajuda visível que seu Espírito protetor lhe

concede? Veja como a origem desse apoio o amor de Deus, e como finalidade, o seu perdão e sua misericórdia infinita. R. – *Oh! Como queria que fosse assim!* – Acredito poder lhe prometer pelo nome sagrado daquele que jamais ficou surdo à voz de seus filhos em aflição. Peça desde o fundo de seu arrependimento; ele o escutará. R. – *Não posso. Tenho medo.*

9. Oremos juntos, ele nos escutará. (Após a oração). Você ainda está aqui? R. – *Sim, obrigada! Não se esqueça de mim.*

10. Venha até aqui tomar parte dos trabalhos todos os dias. R. – *Sim, sim, voltarei sempre.*

O guia do médium. “– *Não se esqueçam jamais dos ensinamentos tirados dos sofrimentos dos seus protegidos, e sobretudo das causas dos seus sofrimentos; que ela sirva a todos vocês de ensinamentos para os preservar dos mesmos perigos e dos mesmos castigos. Purifiquem seus corações, sejam humildes, amem-se, ajudem-se, e que os seus corações reconhecidos não se esqueçam jamais da fonte de todas as graças, fonte inesgotável em que cada um de vocês pode desfrutar com abundância; fonte de água viva que mata a sede e alimenta ao mesmo tempo; fonte de vida e de felicidade eternas. Vão a ela, meus bem-amados; bebam dela com fé; levem a ela seus recipientes, e eles sairão de suas ondas carregados de bênçãos; avisem seus irmãos, advertindo-os dos perigos que eles podem encontrar. Difundam as bênçãos do Senhor; elas renascem incessantemente; quanto mais vocês espalharem ao redor de si, mais elas se multiplicarão. Vocês as têm em suas mãos, pois ao dizerem aos seus irmãos: aí estão os perigos, aí estão os escolhos; sigam-nos para evitá-los; **imitem-nos, nós, que damos o exemplo**, vocês difundirão as bênçãos do Senhor aos que os escutam.*

Benditos sejam seus esforços, meus bem-amados. O Senhor ama os corações puros; façam por merecer o seu amor.

Saint Paulin.”

Príncipe Ouran
(Bordeaux, 1862.)

Um Espírito sofredor se apresenta sob o nome de *Ouran*, outrora príncipe russo.

P. – Você quer dar alguns detalhes sobre sua situação?

R. – *Oh! Bem-aventurados os humildes de coração, o reino dos céus lhes pertence! Orem por mim. Bem-aventurados são aqueles que, humildes de coração, escolheram passar suas provas em uma posição modesta! Vocês não imaginam, vocês todos a que a inveja devora, a qual estado foi reduzido um dos que vocês chamam de os felizes da Terra; vocês não imaginam os carvões ardentes que se amontoam sobre suas cabeças; vocês não imaginam os sacrifícios que a riqueza impõe quando se quer aproveitar dela para a salvação eterna! Que o Senhor me permita, a mim, um orgulhoso déspota, vir expiar em meio àqueles que esmaguei pela minha tirania, os crimes que o orgulho me fez cometer! Orgulho! Repitam esta palavra incessantemente para não se esquecerem jamais de que ele é a fonte de todos os sofrimentos que nos acometem. Sim, abusei do poder e do favor de que dispunha; fui duro, cruel para com meus inferiores, que deviam se dobrar ante todos os meus caprichos, satisfazer todas as minhas depravações. Quis para mim a nobreza, as honras, a fortuna e sucumbi ao peso que excedia minhas forças.*

Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a dizer que tinham uma carga além de suas forças; trata-se de um meio de se desculparem aos próprios olhos e ainda um resto de orgulho: não querem admitir a queda por conta de seus erros. Deus não dá a ninguém um peso maior do que se pode suportar, não pede a ninguém mais do que pode lhe dar; não exige que a árvore tenra dê frutos como a que já se desenvolveu. Deus dá aos Espíritos a liberdade; o que lhes falta é a vontade, e a vontade depende somente deles; com a vontade não há tendências viciantes que não possam ser vencidas; mas quando alguém se compraz em um arrastamento, é natural que não faça esforços para ultrapassá-lo. Deve-se, portanto, tomar somente como responsabilidade individual as consequências resultantes desses arrastamentos.

P. – Você tem a consciência de seus erros; é um primeiro passo para seu melhoramento.

R. – *Essa consciência ainda é um sofrimento. Para muitos Espíritos, o sofrimento é um efeito quase material, dado que ainda mantêm a humanidade de sua última existência e não percebem, assim, as sensações morais. Meu Espírito desprendeuse da matéria, e o sentimento moral relativo a tudo o que as sensações físicas mais cruas tinham de horrível aumentou.*

P. – Você entrevê um término aos seus sofrimentos?

R. – *Sei que eles não serão eternos; ainda não entrevejo o término, mas devo, antes, recomeçar a provação.*

P. – Você espera recomeçar logo?

R. – *Ainda não sei.*

P. – Você tem a lembrança dos seus antecedentes? Pergunto com a finalidade da instrução.

R. – *Sim, seus guias estão aí e sabem do que você necessita. Vivi na era de Marco Aurélio. Poderoso, desde lá sucumbi ao orgulho, causa de todas as quedas. Após ter vagado durante séculos, quis tentar uma vida obscura. Pobre estudante, mendiguei meu pão, mas mesmo assim o orgulho ainda esteve sempre presente; o Espírito havia adquirido em ciência, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, vendi minha alma aos que mais me ofertaram, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede das honras, das riquezas abafava os gritos de minha consciência. A expiação ainda foi longa e cruel. Enfim quis, em minha última encarnação, recomeçar uma vida de luxo e de poder. Pensando dominar todos os perigos, não ouvi os avisos: o orgulho novamente me levou a confiar mais em meu próprio arbítrio do que no dos amigos protetores que não se cansam de velar por nós; você conhece o resultado dessa última tentativa.*

Hoje compreendi, enfim, e aguardo pela misericórdia do Senhor. Depositei a seus pés meu orgulho dominado e lhe pedi para que pusesse sobre meus ombros o mais pesado dos fardos da humildade; auxiliado pela sua graça, tal peso se me fará leve. Orem comigo e por mim. Orem também para que esse demônio

de fogo não devore em vocês os instintos que os elevam a Deus. Irmãos em sofrimento, que meu exemplo lhes sirva, e não se esqueçam nunca de que o orgulho é o inimigo da felicidade, pois é dele que decorrem todos os males que assaltam a humanidade e a perseguem até as regiões celestes.

O guia do médium. – *Você levantou dúvidas sobre esse Espírito por que a linguagem dele não parecia estar de acordo com o estado de sofrimento que lhe acusava a inferioridade. Não tenha receio: você recebeu uma instrução séria; por mais sofrimento que seja esse Espírito, ele é bastante elevado em inteligência para falar como ele fala. Faltava-lhe apenas a humildade, sem a qual nenhum Espírito pode chegar a Deus. Essa humildade não foi conquistada por ele agora, e esperamos que, com perseverança, ele saia triunfante de uma nova provação.*

Nosso Pai celeste é pleno de justiça, em sua sabedoria ele leva em consideração os esforços que o homem faz para domar seus maus instintos. Cada vitória conquistada sobre vocês mesmos representa um degrau a mais na escalada cujo início encontra-se sobre a Terra e o término aos pés do Juiz supremo. Suba cada degrau corajosamente; aos que têm força de vontade, eles são fáceis de ultrapassar. Olhem sempre para o alto para tomarem coragem! Pois infeliz daquele que para e volta sua cabeça para trás! Esse será tomado por transtornos; o vazio que o envolverá o espanta; ele se encontrará sem forças e dirá: para que querer avançar ainda mais se tanto caminhei e quase não saí do lugar? Não, meus amigos, não voltem suas cabeças para trás. O orgulho está incorporado no homem; pois bem! Empreguem esse orgulho para lhes fornecer força e coragem no intento de atingirem a sua ascensão. Empreguem-no para dominar as suas fraquezas, e subam ao topo da montanha eterna.

Pascal Lavie
(Le Havre, 9 de agosto de 1863.)

Esse Espírito comunicou-se espontaneamente com o médium sem que este último o tivesse conhecido em vida ou pelo nome.

“Creio na bondade de Deus, que terá de bom grado misericórdia de meu pobre Espírito. Sofri, sofri demais, e meu corpo pereceu

no mar. Meu Espírito ainda estava muito ligado ao meu corpo, e por muito tempo permaneceu errante sobre as ondas. Deus...”

A comunicação é interrompida; no dia seguinte, o Espírito continuou:

“... quis permitir que as preces dos que deixei sobre a Terra tirassem-me do estado de perturbação e de incerteza em que meu Espírito estava mergulhado. Esperaram-me durante muito tempo, e puderam por fim encontrar meu corpo; ele descansa no presente, e meu Espírito liberto com dificuldades enxerga os erros cometidos, a provação consumada. Deus julga com justiça e sua bondade estende-se sobre os arrependidos.

Se por muito tempo meu Espírito vagou acompanhando meu corpo, é por que eu tinha algo a expiar. Sigam a rota correta, caso queiram que Deus retire prontamente o Espírito de seu envoltório. Vivam cultivando o amor a ele; orem, e a morte, tão pavorosa para alguns, será suavizada para vocês, haja vista vocês conhecerem a vida que os espera. Sucumbi no mar e por muito tempo me aguardaram. Não poder libertar-me de meu corpo era para mim uma terrível provação; daí eu necessitar de suas preces, de vocês, que abraçaram a crença que salva; de vocês, que podem orar ao Deus justo por mim. Arrependo-me e espero que ele possa perdoar-me. Foi em 6 de agosto que meu corpo foi encontrado; eu era um pobre marinheiro e morri há muito tempo. Orem por mim!

Pascal Lavic.”

P. – Onde você foi encontrado?

R. – *Perto de vocês.*

O *Journal du Havre* de 11 de agosto de 1863 continha o seguinte artigo, de que o médium não podia ter tomado conhecimento:

“Anunciamos que foi encontrado aos seis deste mês parte de um cadáver enalhado entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto estavam amputados; no entanto, sua identidade pôde ser constatada pelo calçado que ainda estava atado aos seus pés. Reconheceu-se assim que era o corpo do pescador Lavic, que faleceu em 11 de

dezembro a bordo do barco *l'Alerte*, desaparecido em Trouville por causa de uma onda. Lavie tinha quarenta e nove anos e era nascido em Calais. Foi a viúva do defunto quem constatou sua identidade.”

Como estavam falando justamente desse evento no dia 12 de agosto no círculo em que o Espírito havia se manifestado pela primeira vez, ele se comunicou novamente de forma espontânea:

“Sou o próprio Pascal Lavie e necessito de suas preces. Vocês podem fazer o bem por mim, pois a provação que sofri foi terrível. A separação entre meu Espírito e meu corpo fez-se somente quando reconheci meus erros; e mesmo assim ele ainda não tinha se libertado completamente: ele o seguia sobre o mar que o havia tragado. Orem assim a Deus para que me perdoe; orem para que ele me dê repouso. Orem, eu suplico-lhes. Que esse terrível fim de uma existência terrestre infeliz seja para vocês um grande ensinamento! Vocês devem sonhar com a vida futura e jamais deixar de pedir a Deus por sua misericórdia. Orem por mim; necessito de que Deus tenha piedade de mim.”

Pascal Lavie.”

Ferdinand Bertin

Um médium habitante do Havre evocava o Espírito de uma pessoa que conhecia. Esse Espírito respondeu: *“Quero me comunicar, mas não posso vencer o obstáculo que há entre nós; sou obrigado a deixar esses infelizes que sofrem a se aproximar de vocês”*. Ele recebeu então a seguinte comunicação:

“Estou em um tenebroso abismo! Ajudem-me... Oh, meu Deus! Quem me retirará deste precipício?... quem estenderá uma mão segura ao infeliz que o mar tragou?... a noite está tão escura que tenho medo... Em todas as partes [ouço] o rugir das ondas e nenhuma palavra amiga para me consolar, me ajudar neste momento supremo; pois esta noite profunda é a morte em todo o seu horror, e não quero morrer!... Oh, meu Deus! Isso não é a morte que virá, mas a morte que passou! Encontro-me como nunca estive antes, separado daqueles que amo... vejo meu corpo, e o que eu experimentei ali foi apenas a lembrança da

penosa angústia da separação... tenham piedade de mim, vocês que conhecem meus sofrimentos; orem por mim, pois não quero sentir, assim como tem ocorrido desde essa noite fatal, todas as lacerações da agonia! Aí está, no entanto, a minha punição: eu a pressinto... Orem, eu suplico-lhes! Oh!... o mar... o frio... vou ser tragado!... Socorro!... Tenham piedade; não me repilam!... Nós dois conseguiremos escapar sobre esses destroços!... Oh! Estou me afogando!... as ondas vão me tragar, e meus parentes não terão nem a triste consolação de me rever... mas não; vejo que meu corpo não está mais sendo chacoalhado pelas ondas... As preces de minha mãe serão escutadas... Minha pobre mãe! Se ela pudesse se dar conta do quão miserável seu filho é, na realidade ela oraria mais ainda; mas ela acredita que a causa de minha morte santificou o passado; ela chora por mim como se eu fosse um mártir, e não um infeliz e castigado!... Oh! Vocês que sabem, não terão piedade? Não, vocês orarão.

François Bertin.”

Esse nome, certamente desconhecido do médium, não lhe suscitava nenhuma lembrança; ele disse que, sem dúvida, era o Espírito de algum infeliz náufrago que vinha manifestar-se espontaneamente, da mesma forma que já lhe tinha acontecido outras vezes. Ele soube um pouco depois de se tratava de fato do nome de uma das vítimas de um grande desastre marítimo que havia ocorrido nessas paragens no dia 2 de dezembro de 1863. A comunicação havia sido dada no dia 8 do mesmo mês, seis dias após a catástrofe. O indivíduo havia falecido tentando inutilmente salvar o barco, em um instante em que ele acreditava que sua vida estivesse a salvo.

Esse indivíduo não mantinha com o médium laço de parentesco nem de conhecimento; por que então se manifestou a ele antes mesmo do que a qualquer membro de sua família? É que os Espíritos não encontram em qualquer lugar as condições fluídicas necessárias para este feito; na perturbação em que estava, não lhe restava, aliás, a liberdade de escolha; ele foi conduzido instintivamente e por atração até esse médium, dotado, ao que tudo indica, de um dom especial para as comunicações espontâneas desse tipo. Ele sem dúvida também pressentia que ali ele encontraria uma simpatia particular do mesmo modo que outros haviam encontrado em circunstâncias similares. Sua

família, desconhecadora do Espiritismo, antipática talvez a esta crença, não teria acolhido sua revelação como o médium o fez. Embora a morte remontasse há apenas alguns dias, o Espírito ainda conservava dela todas as angústias. Evidente que ele não se apercebia de nada em relação a esta situação; ele ainda se acreditava vivo, lutando contra as ondas, e no entanto ele fala de seu corpo como se estivesse separado dele; ele pede socorro; ele diz que não quer morrer, e no instante seguinte fala da causa de sua morte, que reconhece como um castigo; tudo isso denota a confusão de ideias que sempre se segue às mortes violentas. Dois meses à frente, em dois de fevereiro de 1864, ele comunicou-se novamente de forma espontânea ao mesmo médium, e lhe ditou o que se segue:

*“A piedade que você teve para com os meus sofrimentos tão horríveis aliviou-me. Compreendo a **esperança**; entrevejo o perdão, mas depois de passar pelo castigo correspondente ao erro cometido. Sofro permanentemente, mas se Deus permite que durante alguns instantes eu entreveja o fim de minha infelicidade, esta suavização se deve tão-somente às preces das almas caridosas, tocadas pela minha situação. Oh, esperança, raio de luz do céu, como és benigna quando te sinto nascer em minha alma!... Mas eis que infelizmente o abismo se abre; o terror e o sofrimento fazem com que a lembrança da misericórdia se apague... A noite; sempre a noite!... a água, o barulho das ondas que tragaram meu corpo, não são mais do que uma pálida imagem do horror que envolve meu pobre Espírito... Estou mais calmo agora do que quando pude estar ao lado de você da primeira vez; pois, da mesma forma que contar a um amigo um terrível segredo guardado no peito pode aliviar aquele que estava se sentindo oprimido, sua piedade, motivada pela confiança de minha miséria, acalmou meu mal e fez repousar meu Espírito... Suas preces me fazem bem; não me as negue. Não quero voltar a esse terrível sonho que se faz realidade quando o vejo... Pegue o lápis com mais frequência; comunicar-me por meio de você me faz tão bem!”*

Depois de alguns dias, a esse mesmo Espírito, tendo sido convocado em uma reunião espírita, de Paris, foram dirigidas as seguintes questões, às quais ele respondeu por uma só comunicação, e por meio de um outro médium.

Quem o levou a se manifestar espontaneamente por meio do primeiro médium? – Quanto tempo fazia que você tinha morrido quando se manifestou? – Quando você se comunicou, você parecia incerto sobre se ainda estava morto ou vivo, e você provava todas as angústias de uma morte terrível; você agora percebe melhor a sua situação? – Você diz positivamente que sua morte era uma expiação; queira nos dizer a causa: será instrutivo para nós e um alívio para você. Fazemos o voto sincero de que você atraia a misericórdia de Deus, que solicitaremos em nossas preces.

Resposta. – *Parece impossível à primeira vista que uma criatura pudesse sofrer tão cruelmente. Deus! Como é penoso ver-se constantemente em meio às ondas furiosas e sentir sem parar essa amargura, esse frio glacial que aumenta, que aperta o estômago!*

*Mas de que serve entretê-los com tais acontecimentos? Deveria é começar obedecendo às leis de reconhecimento ao agradecer a todos vocês que guardam tal interesse por meus tormentos! Perguntam-me se me comuniquei muito tempo após minha morte? Não posso responder a isso facilmente. Pensem e julguem em que situação horrível ainda me encontro! No entanto, fui conduzido até o médium, acredito, por uma vontade estranha à minha; e, coisa impossível de entender, **servia-me do braço dele com a mesma facilidade que me sirvo do seu neste momento, persuadido de que ele me pertence.** Experimento agora mesmo uma alegria muito grande, bem como uma leveza particular que, infelizmente, logo acabará. Mas, oh, meu Deus, tenho uma confissão a fazer: teria forças para isso?*

Depois de muito encorajamento, o Espírito completa: Tenho muita culpa! O que me dá muito desgosto é que me consideram um mártir, e não é nada disso... Em uma existência precedente, fiz com que colocassem muitas vítimas em um saco e que os jogassem ao mar... Orem por mim!

Instrução de São Luiz sobre esta comunicação: Esta confissão será para este Espírito uma causa de grande alívio. Sim, ele tem muita culpa! Mas a existência que ele acaba de deixar foi honrosa; foi amado e estimado por seus chefes, fruto de seu arrependimento e das boas resoluções que havia tomado antes de voltar à Terra, onde ele quis ser humano o tanto quanto havia

sido cruel. O devotamento demonstrado por ele era uma reparação, mas ele ainda devia se redimir dos erros passados por meio de uma última expiação, a da morte cruel que ele suportou. Ele mesmo quis se purificar, aguentando as torturas que tinha feito os outros sofrerem. E notem que uma ideia o perseguia: o arrependimento de ser considerado indevidamente um mártir. Creiam que Ihe será levado em consideração esse sentimento de humildade. Doravante ele deixou a via da expiação para entrar na da reabilitação; por meio de suas preces vocês podem sustentá-lo nesta jornada, e fazê-lo caminhar com um passo mais firme e seguro.

François Riquier

François Riquier, um homem comum, era um velho avaro e solteiro que morreu em C..., em 1857, tendo deixado uma fortuna bem considerável aos seus parentes. Tinha sido outrora o senhorio de uma mulher que o esqueceu completamente e que ignorava se ele ainda estava vivo ou não. Em 1862, a filha desta senhora, que sofria de crises de catalepsia seguidas de um sono magnético espontâneo e que, além disso, era ótima médium psicógrafa, viu em um sonho o Senhor Riquier, quem disse a ela que queria se dirigir à sua mãe. Depois de alguns dias que ele havia se manifestado espontaneamente e testemunhado o desejo de conversar com esta senhora, tivemos com ele a seguinte interação:

P. – O que você quer de nós?

R. – *Meu dinheiro, que eles pegaram todo, eles, os miseráveis, para dividir entre eles! Eles venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo, para dividir entre eles. Eles dilapidaram meus bens, como se não fossem meus. Façam justiça por mim, pois eles não me escutam e não desejo ver tais infâmias. Eles dizem que eu era um usurário e pegam meu dinheiro! Por que eles não querem me devolver, já que o consideram sujo?*

P. – Mas você está morto, meu caro; você não tem mais necessidade de dinheiro. Peça a Deus para ter uma nova existência pobre que possibilite a expiação da avareza que teve nesta.

R. – *Não, não poderia viver pobre. Necessito do meu dinheiro para estar vivo. No mais, não tenho necessidade de pedir por outra vida, pois estou vivo agora.*

P. – (A questão que se segue foi feita no intento de chamá-lo à realidade.) Você sofre?

R. – *Oh, sim, sofro de torturas piores do que a doença mais cruel, pois é minha alma que aguenta essas torturas. Tenho sempre comigo o pensamento da iniquidade que foi a minha vida, que foi motivo de escândalo para muitos. Sei muito bem que sou um miserável indigno de piedade; mas sofro tanto que preciso que me ajudem a sair desse estado miserável.*

P. – Oraremos por você.

R. – *Obrigado! Orem para que eu esqueça minhas riquezas terrenas, única maneira para que eu consiga me arrepender. Adeus e obrigado.*

François Riquier

Rua de la Charité, nº 14.

É bastante curioso ver esse Espírito dar seu endereço, como se ele ainda estivesse vivo. A senhora que o ignorava apressou-se a verificar e ficou muito surpresa ao perceber que a casa indicada era exatamente a última em que ele havia habitado. Assim, depois de cinco anos, ele não se acreditava morto e se encontrava na ansiedade, terrível para um avaro, de ver seus bens divididos entre seus herdeiros. A evocação, provocada sem dúvida por algum bom Espírito, teve por efeito fazer-lhe compreender a sua posição e o dispor ao arrependimento.

Claire

(Sociedade de Paris, 1861.)

O Espírito que ditou as comunicações que se seguem é o de uma mulher que o médium havia conhecido quando viva, e cuja conduta e o caráter justificam tamanho tormento pelo qual estava passando. Ela era dominada sobretudo por sentimentos exagerados de egoísmo e personalismo que se refletem na terceira comunicação, em razão da pretensão de que o médium

dê atenção somente a ela. Essas comunicações foram obtidas em momentos diversos; as três últimas denotam um progresso sensível nas disposições do Espírito, graças aos cuidados do médium, que tinha se engajado em sua educação moral.

I. Eis-me aqui, eu, a infeliz Claire; o que você quer que eu aprenda com você? A resignação e a esperança não passam de palavras para aquele que sabe que, inumeráveis como os grãos de areia, seus sofrimentos durarão por toda a sucessão interminável dos séculos. Posso aliviá-los, você diz? Palavras ao vento! Onde encontrar a coragem, a esperança para tanto? Trate de entender, seu cabeça oca, o que é um dia que não termina nunca. É um dia, um ano, um século? Que sei eu? As horas não se dividem; as estações não variam; eterno e lento como a água que brota das rochas, esse dia execrado, esse dia maldito pesa sobre mim como uma arca de chumbo... Sofro!... Não veja nada em torno de mim a não ser sombras silenciosas e indiferentes... Sofro!

Sei, no entanto, que acima dessa miséria reina Deus, o pai, o mestre, aquele para o qual tudo se encaminha. Quero pensar nele; quero implorar a ele.

Debato-me e arrasto-me como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei qual poder me atrai até você; você seria a salvação? Deixa-me um pouco mais calma, um pouco fortalecida; como um velho claudicante que recolhe um raio de sol, minha alma gélida sente uma nova vida ao se aproximar de você.

II. Minha infelicidade aumenta a cada dia; aumenta à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Oh, miséria! Quanto eu maldigo as horas reprováveis, as horas de egoísmo e de esquecimento em que o desconhecimento de toda a caridade, de todo o devotamento faziam com que eu não pensasse a não ser em meu bem-estar! Malditos sejam, arranjos humanos! Vãs preocupações de interesses materiais! Malditos sejam, vocês que me cegaram e me tornaram perdida! Estou corroída pelo incessante remorso do tempo que se foi. Que direi a você, a você que me escuta? Cuide-se incessantemente; ame os outros mais do que você mesmo; não estacione nos caminhos do bem-estar; não satisfaça seu corpo a expensas de sua alma; vele, como dizia o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeça por

esses conselhos; [pois se] **meu Espírito os concebe, meu coração jamais os escudou.** Como um cachorro escorraçado, o medo me faz rastejar, mas ainda não conheço o amor desprendido. Sua divina aurora demora muito a irromper. Ore por minha alma ressequida e miserável.

III. Venho procurá-lo aqui porque você me esqueceu. Você acredita então que preces isoladas e a pronúncia de meu nome são o bastante para apaziguar minha pena? Não, cem vezes não. Urro de dor; vago sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo penetrar em minha alma revoltada. Rio quando ouço suas queixas, quando os vejo abatidos. O que são suas pálidas misérias! O que são suas lágrimas! O que são seus tormentos, que o sono suspende! Será que eu durmo? Eu quero, você entende? Quero que, deixando as dissertações filosóficas de lado, você se ocupe de mim; que os outros se ocupem delas. Não encontro expressões para pintar a angústia desse tempo que se esvai, sem que as horas demarquem os períodos. Não vejo mais do que apenas um fraco raio de esperança, e essa esperança foi você quem me deu, não me abandone, portanto.

IV. **O Espírito de São Luís.** – “Esse quadro é bem real, pois não há exagero em sua descrição. Perguntar-se-ão talvez o que essa mulher fez para ser tão miserável. Ela cometeu algum crime? Roubou, assassinou? Não; ela não fez nada que tivesse merecido a pena dos homens. Ela aproveitava, pelo contrário, disso que vocês chamam de a felicidade terrestre; beleza, fortuna, prazeres, adulações, todos lhe sorriam, nada lhe faltava, e ao verem-na diziam: que mulher feliz! E invejavam sua sorte. O que ela fez? Ela foi egoísta; ela tinha tudo, exceto um bom coração. Se ela não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, pois desconhecía a caridade, a primeira das virtudes. Ela amava somente a si mesma, e agora ela não ama ninguém; ela não doou nada, e nada lhe doam; ela está isolada, desolada, abandonada, perdida no espaço onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa dela: isto faz o seu suplício. Ela apenas procurou as alegrias mundanas, mas essas alegrias não existem mais hoje: o vazio, assim, se instalou ao redor dela; ela vê apenas o nada, e o nada lhe parece eterno. Ela não sofre de torturas físicas: os demônios não vêm atormentá-la, mas isto não é necessário: ela mesma se

atormenta e assim sofre muito mais, pois esses diabos seriam seres que ao menos pensariam nela. O egoísmo fez sua alegria na Terra: ele a persegue; é agora o verme que lhe corrói o coração, seu verdadeiro demônio.

São Luís.”

V. Quero lhes falar da importante diferença que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira consola a mulher adúltera em seu abandono e diz aos pecadores: “Arrependam-se, e o reino dos céus lhes será aberto”. A moral divina, enfim, aceita todos os arrependimentos e todos os erros confessados, ao passo que a moral humana repele-os e admite de bom grado os pecadilhos escondidos que, segundo ela, são perdoados em parte. A uma, a graça do perdão; à outra, a hipocrisia. Escolham, Espíritos ávidos de verdade! Escolham entre os céus abertos ao arrependimento e a tolerância que admite o mal que não atrapalha seu egoísmo e suas falsas acomodações, mas que repele a paixão e o soluçar de erros confessados à luz do dia. Arrependam-se, todos os que pecam; renunciem ao mal, mas sobretudo renunciem à hipocrisia que oculta a baixeza, máscara risonha e enganadora das conveniências sociais.

VI. Encontro-me agora calma e resignada à expiação dos erros que cometi. O mal está em mim e não fora de mim; sou eu, assim, que devo mudar e não as coisas exteriores. Nós carregamos em nós nosso céu e nosso inferno, e nossos erros, gravados na consciência, são lidos constantemente no dia da ressurreição. Somos, portanto, nossos próprios juízes, haja vista que o estado de nossa alma nos eleva ou nos derruba. Explicome: um Espírito marcado e **sobrecarregado** pelos seus erros não pode conceber nem desejar uma elevação que ele não saberia suportar. Acreditem: da mesma forma que as diferentes espécies de seres vivem cada uma na esfera que lhes é própria, os Espíritos, segundo o grau de seu avanço, se movimentam na esfera que diz respeito às suas faculdades; eles apenas concebem outra esfera quando o progresso, ferramenta da lenta transformação das almas, elimina seus maus pendores e lhes faz despojar a crisálida do pecado, a fim de que possam voitar antes de se lançarem, rápidos como flechas, em direção a Deus, tornado o único e desejado alvo. Infelizmente ainda me arrasto,

mas não guardo mais ódio e antevejo a inefável felicidade do amor divino. Ore sempre por mim, que espero e aguardo.

Na comunicação seguinte, Claire fala de seu marido, quem lhe havia feito sofrer muito enquanto viva, e da posição em que ele encontra-se hoje no mundo dos Espíritos. A descrição, que ela não pôde terminar, foi completada pelo guia espiritual do médium.

VII. *Venho até você, que me deixou no esquecimento por tanto tempo; mas adquiri paciência e não estou mais desesperada. Você quer saber qual é a situação do pobre Félix; ele vaga nas trevas, presa de um profundo desalento da alma. Seu ser superficial e fútil, tragado pelo prazer, sempre ignorou o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão pôde iluminar seus sombrios clarões. Comparo seu presente estado com o de uma criança desastrada nos atos da vida e privada do socorro daqueles que a assistem. Félix vaga com frio neste mundo estranho em que tudo resplandece com a claridade de Deus, que ele negou...*

VIII. *O guia do médium. – “Clara não conseguiu continuar a análise dos sofrimentos de seu marido **sem começar a senti-los também**; falei por ela.*

*Félix, que era superficial tanto em termos de ideias quanto de sentimentos, violento, pois fraco, desbocado, pois frio, retornou ao mundo dos Espíritos tão despido moral quanto fisicamente. **Ao entrar na vida terrestre não adquiriu nada e, por conseguinte, deve recomeçar tudo de novo.** Como um homem que desperta de um longo sonho e que reconhece quão vãs eram as agitações de seus nervos, este pobre ser, ao deixar a perturbação, reconhecerá que viveu uma vida de enganos e quimeras; maldirá o materialismo que o fez abraçar o vazio, enquanto pensava agarrar uma realidade; maldirá o positivismo que o fazia chamar as ideias de uma vida futura de fantasia; as boas aspirações, de loucura, e a crença em Deus, de fraqueza. O infeliz, ao se despertar, verá que esses nomes ridicularizados por ele eram a fórmula da verdade, e que ao contrário da fábula, a caça à presa foi menos proveitosa do que a da sombra.*

Georges.”

Estudos sobre as comunicações de Clara

Essas comunicações são instrutivas sobretudo por nos mostrarem um dos lados mais vulgares da vida: o do egoísmo. Aí não se trata dos grandes crimes que aterrorizam mesmo os homens mais perversos, mas a condição normal de uma massa de pessoas que vive no mundo, honrados e respeitados porque têm um certo verniz, e que não caem sob o jugo das leis sociais. Tampouco se trata, no mundo dos Espíritos, dos castigos excepcionais, cuja imagem provoca arrepio, mas uma situação simples, natural, consequência de sua maneira de viver e do estado de sua alma; o isolamento, o abandono, eis a punição daquele que viveu apenas para si. Claire era, como se pôde ver, um Espírito muito inteligente, mas tinha um coração ressequido; sobre a Terra, sua posição social, sua fortuna, suas belezas físicas atraíam homenagens que inflavam sua vaidade, e isso lhe bastava; depois ela encontrou apenas a indiferença, e o vazio se instalou ao redor dela: punição mais pungente do que a dor, já que é mortificante, pois a dor inspira piedade, compaixão: ainda é um meio de atrair a atenção, de fazer com que os outros se preocupem consigo, interessem-se por sua sorte.

A sexta comunicação sublinha uma ideia perfeitamente verdadeira, que explica a obstinação de alguns Espíritos no mal. Espantam-se ao perceberem que eles são insensíveis ao pensamento, ao espetáculo da felicidade de que se rejubilam os bons Espíritos. Eles encontram-se exatamente na posição dos homens degradados que se regozijam na ignomínia e nos prazeres grosseiros e sensuais. Aí esses homens estão, de todo modo, em seu meio; não concebem os prazeres delicados; preferem trapos imundos às roupas limpas e brilhantes, pois os trapos estão mais ajustados a eles, a seus bacanais, aos prazeres da boa companhia. Eles encontram-se tão identificados com esse tipo de vida que ela torna-se uma espécie de segunda natureza; eles creem-se incapazes mesmo de se elevarem para além de sua esfera, motivo pelo qual eles permanecem nela até que uma transformação de seu ser venha a abrir sua mente, desenvolvendo o senso moral e tornando-lhes, assim, acessíveis às sensações mais sutis.

Esses Espíritos, enquanto estão desencarnados, não podem adquirir instantaneamente a delicadeza do sentimento e, durante um tempo mais ou menos longo, eles comporão a ralé do mundo espiritual, assim como compuseram a do mundo corporal; eles

permanecerão nesse estado enquanto forem rebeldes ao progresso; mas aos poucos, com a experiência, as tribulações, as misérias das encarnações sucessivas, chega um momento em que eles concebem algo melhor do que eles têm; suas aspirações elevam-se; começam a compreender o que lhes falta, e é então que eles esforçam-se para a aquisição de boas qualidades para se elevarem. A partir do instante em que entram nessa via, eles marcham com rapidez, pois experimentam uma satisfação que lhes parece muito superior e acabam por sentir repugnância pelas sensações anteriores, as quais percebem não passarem de grosseiras.

Pergunta (a São Luís). O que se deve entender pelas trevas onde se encontram mergulhadas certas almas sofredoras? Seriam estas as trevas de que tão frequentemente falam as Escrituras?
R. – As trevas em questão são, na realidade, as designadas por Jesus e os profetas ao falarem do castigo dos maus. Mas isso não passa de uma figura destinada a agitar os sentidos materiais dos contemporâneos deles, que não podiam ter compreendido a punição de um modo espiritual. Alguns Espíritos encontram-se mergulhados nas trevas, mas se deve entender por isso [que eles se encontram em] uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade em que se agita a inteligência de um idiota. Não é uma loucura da alma, mas uma inconsciência dela mesma e do que a cerca que neste caso se produz, do mesmo modo como acontece perante a falta de iluminação material. É sobretudo a punição daqueles que duvidaram do destino de seu ser; eles acreditaram no nada, e a aparência desse nada vem a ser o suplício deles até que a alma, fazendo uma reflexão sobre si mesma, vem romper com energia os laços de excitação moral que a aprisionam; do mesmo modo, um homem acometido por um sonho terrível luta em dado momento com toda força de suas faculdades contra os sentimentos ruins pelos quais ele se deixa, de início, dominar. Esta redução momentânea da alma a um nada fictício, com o sentimento de sua existência, é um sofrimento mais cruel do que se possa imaginar, em razão dessa aparência de repouso em que ela é arremessada; é esse repouso forçado, essa nulidade de seu ser, essa incerteza que fazem seu suplício; o tédio pelo qual ela é acometida é o castigo mais terrível, pois ela não percebe nada ao redor dela, nem coisas, nem seres; para ela, essas são as verdadeiras trevas.

(Claire.) *“Eis-me aqui. Também posso responder à questão colocada sobre as trevas, pois vaguei e sofri por muito tempo nos limbos em que tudo é soluçar e misérias. Sim, as trevas visíveis de que falam as Escrituras existem, e os infelizes que, ao terminarem suas provas terrestres deixam a vida, ignorantes ou culpáveis, são mergulhados na gélida região, ignorando a si próprios e os seus destinos. Acreditam na eternidade de sua situação, balbuciam ainda palavras da vida que os seduziram, espantam-se e amedrontam-se com sua grande solidão; são as trevas, lugar vazio e povoado ao mesmo tempo, espaço em que pálidos Espíritos agonizantes erram arrebatados e sem consolação, sem afeições, sem qualquer socorro. A quem se reportar?... Eles sentem aí a eternidade pesando sobre eles; tremem e lamentam os interesses mesquinhos que pontuavam suas horas; sentem saudade da noite que, sucedendo o dia, apagava frequentemente suas preocupações em um sonho feliz. As trevas são para os Espíritos a ignorância, o vazio e o horror do desconhecido... Não posso continuar...”*

Claire.”

Tivemos também sobre este ponto obscuro a explicação seguinte: O perísprito possui, pela sua natureza, uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o império da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido espiritual assim como o riscar para o fósforo. A intensidade da chama está na razão da pureza do Espírito; as menores imperfeições morais diminuem-na e enfraquecem-na. A luminosidade que esplende em um Espírito é, desse modo, tanto mais viva quanto este seja mais avançado. O Espírito sendo, de qualquer modo, seu próprio *porta-luz*, ele enxerga mais ou menos, de acordo com a intensidade da luz que produz; do que resulta que aqueles que nada produzem de luz encontram-se na obscuridade.

Essa teoria é perfeitamente justa quanto à irradiação do fluido luminoso pelos Espíritos superiores, o que é confirmado pela observação. Mas isso não parece ser a causa verdadeira, ou ao menos única do fenômeno de que se trata, visto que: 1.º todos os Espíritos inferiores não estão nas trevas; 2.º o mesmo Espírito pode se encontrar alternativamente na luz e na obscuridade; 3.º a

luz é um castigo para certos Espíritos muito imperfeitos. Se a obscuridade em que alguns Espíritos encontram-se mergulhados era inerente à sua personalidade, *ela seria permanente e geral* para todos os maus Espíritos, o que não condiz com os fatos, já que Espíritos de máxima perversidade veem perfeitamente, ao passo que outros, que não se pode qualificar de perversos, encontram-se temporariamente em profundas trevas. Tudo isso prova, portanto, que além da luminosidade que lhes é própria, os Espíritos recebem igualmente uma luminosidade exterior, que pode estar ausente segundo as circunstâncias: de onde se depreende que esta obscuridade depende de uma causa ou vontade desconhecida, e que ela constitui uma punição especial para casos determinados pela soberana justiça.

Pergunta (a São Luís). É verdade que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil do que a dos encarnados? As relações estabelecidas pelo Espiritismo entre os homens e os Espíritos possibilitaram a percepção de que estes últimos melhoram-se mais rapidamente sob a influência de conselhos salutaros do que os que estão encarnados, como se pode ver por meio das curas de obsessões.

R. (Sociedade [Espírita] de Paris.) *O encarnado, pela sua própria natureza, encontra-se em um estado de luta incessante em razão dos elementos contrários que o compõem, e que devem conduzi-lo ao seu objetivo providencial ao reagirem um contra o outro. A matéria sofre facilmente a dominação de um fluido exterior; se a alma não reagir com toda a força moral da qual ela é investida, ela se deixará dominar por intermédio de seu corpo e seguirá o impulso das influências perversas que a rodeiam. Isto se sucederá com maior facilidade à medida que os [seres] invisíveis que a enlaçam atacarem de preferência seus pontos vulneráveis, as tendências para a paixão predominante.*

Para o Espírito desencarnado, tudo se passa de outra maneira; ele ainda se encontra, é bem verdade, sob uma influência semi-material, mas tal estado nada tem de comparável com o do encarnado. A conveniência humana, tão preponderante entre os homens, é nula para o desencarnado, e este pensamento por si só o obrigaria a não resistir por muito tempo às razões que seu próprio interesse lhe mostra como sendo boas. Ele pode lutar, e comumente ele o faz com mais violência do que o encarnado, por ele ser mais livre, mas nenhuma visão mesquinha de interesse

*material, de posição social vem entravar seu discernimento. Se lutar, é por amor ao mal, mas logo ele adquire o sentimento de sua impotência face a face à superioridade moral que o subjuga; a imagem de um futuro melhor tem mais acesso sobre ele, já que ele se encontra na vida real em que ele deve prosseguir, e que esta perspectiva não se apaga em meio ao turbilhão dos prazeres humanos; em uma palavra, não estar mais sob a influência da carne é o que torna sua conversão mais fácil, sobretudo quando ele adquiriu certo desenvolvimento por meio das provações que sofreu. Um Espírito totalmente primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, mas o contrário se passa com o que já tem a experiência da vida. Aliás, entre os encarnados, como entre os desencarnados, é sobre a alma, é pelo sentimento que se deve agir. Toda ação material pode suspender momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas a ação não pode destruir o princípio mórbido que reside na alma: **todo ato que não vise ao melhoramento da alma não pode desviá-la do mal.***

São Luís.

CAPÍTULO V - SUICIDAS

O suicídio da *samaritaine*

No dia 7 de abril de 1858, ao redor de sete horas da noite, um homem bem vestido, aparentando seus cinquenta anos de idade, apresentou-se ao estabelecimento da *Samaritaine*, em Paris, e pediu para preparar-lhe um banho. O encarregado do serviço, após um intervalo de duas horas, preocupou-se pelo fato de que esse indivíduo não o chamasse e decidiu entrar em sua cabine para ver se ele não estava passando mal. Ele testemunhou um hediondo espetáculo: aquele infeliz havia cortado sua garganta com uma navalha, e todo seu sangue havia se mesclado com a água da banheira. Sem terem como estabelecer a identidade do indivíduo, transportaram o cadáver até o necrotério.

O espírito desse homem, evocado na Sociedade de Paris seis dias depois de sua morte, forneceu as seguintes respostas:

1. Evocação. (Resposta do guia do médium). *Espera... ele está aí.*

2. Onde você está agora?

R. – *Não sei... Diga-me onde estou.*

3. Você está em uma assembleia de pessoas que realizam estudos espíritas e que são benevolentes para com você.

R. – *Diga-me se estou vivo... Estou sufocando no caixão.*

Sua alma, embora separada do corpo, ainda se encontra completamente mergulhada no que se poderia chamar de turbilhão da matéria corporal; as ideias terrestres ainda lhes são vivazes; ele não se acredita morto.

4. Quem o trouxe até nós?

R. – *Senti-me aliviado.*

5. Que motivo o levou a se suicidar?

R. – *Estou morto?... Não... estou no meu corpo... Você não imagina o quanto sofro!... Estou sufocado... Que uma mão compassiva termine o serviço!*

6. Por que você não deixou nenhum traço que pudesse o identificar?

R. – *Estou abandonado; fugi do sofrimento para encontrar a tortura.*

7. Agora você ainda guarda motivos para permanecer desconhecido?

R. – *Sim; não coloque um ferro em brasas na ferida que sangra.*

8. Você poderia nos dizer seu nome, sua idade, sua profissão, seu domicílio?

R. – *Não... de todo, não.*

9. Você tinha família, esposa, filhos?

R. – *Estava abandonado; ninguém me amava.*

10. O que você tinha feito para que ninguém o amasse?

R. – *Quantos não são como eu!... Um homem pode estar abandonado em meio à sua família quando nenhum coração o ama.*

11. No instante de levar a cabo seu suicídio, você não experimentou nenhuma hesitação?

R. – *Tinha sede da morte... Esperava o repouso.*

12. Como a ideia de futuro não o fez renunciar ao seu projeto?

R. – *Não acreditava mais nisso; estava sem esperança. O futuro é a esperança.*

13. Quais reflexões você fez no instante em que sentia a vida se extinguir?

R. – *Não pensei; senti... mas minha vida não se extinguiu... minha alma está ligada ao meu corpo... **sinto os vermes me corroendo.***

14. Que sentimento você teve no momento em que a morte se completou?

R. – *Ela se completou?*

15. O momento em que a vida extinguiu-se em você foi doloroso?

R. – *Menos doloroso do que depois. Só o corpo sofreu.*

16. (Ao Espírito de São Luís). O que o Espírito quer dizer quando afirma que o momento da morte foi menos doloroso do que depois*?

R. – *O Espírito se desembaraçava de um fardo que o sobrecarregava; ele sentia a voluptuosidade da dor.*

17. Este estado é sempre o seguinte ao suicídio?

R. – *Sim; o Espírito do suicida fica ligado ao seu corpo até o termo de sua vida; a morte natural é a libertação da vida; o suicídio a rompe inteiramente.*

18. Esse estado é o mesmo em toda morte acidental, independente da vontade, e que abrevia a duração natural da vida?

R. – *Não... o que você entende por suicida? O Espírito é culpado apenas por suas obras.*

Esta dúvida da morte é muito comum entre pessoas falecidas há pouco, sobretudo entre as que, durante sua vida, não elevaram

sua alma para além da matéria. É um fenômeno estranho em um primeiro momento, mas que se explica muito naturalmente. Se a um indivíduo, pela primeira vez em estado de sonambulismo, pergunta-se se ele dorme, ele quase sempre responderá que *não*, e sua resposta é lógica: foi o interrogador que colocou mal a pergunta ao se servir de um termo impróprio. A ideia de sono em nossa língua usual está ligada à suspensão de todas nossas faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e que sente, que tem consciência de sua liberdade moral, não acredita estar dormindo, e de fato ele não o está, na acepção vulgar da palavra. Por isso ele responde *não* até que seja familiarizado com essa maneira de entender a coisa. Passa-se o mesmo com o homem que acaba de morrer; para ele, a morte era o aniquilamento do ser; ora, como o sonâmbulo, ele vê, ele sente, ele fala, então para ele, não está morto, e diz isso até que tenha adquirido a intuição de seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos penosa, porque ela não é jamais completa e deixa o Espírito em certo estado de ansiedade. No exemplo acima, ela é um verdadeiro suplício por causa da sensação dos vermes que corroem o corpo e pela sua duração, que deve ser a que a vida desse homem teria, se não tivesse sido abreviada. Esse estado é frequente entre os suicidas, mas nem sempre se apresenta em condições idênticas; varia, sobretudo, em duração e intensidade segundo as circunstâncias agravantes ou atenuantes do erro. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não é mais especial entre os suicidas; ela é frequente entre os que viveram mais a vida material do que a espiritual. Em princípio, não há erro que permaneça impune; mas não há regra uniforme e absoluta nos meios de punição.

O pai e o recruta

No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família que gozava da estima geral de todos seus vizinhos, tinha um filho que o destino havia chamado às armas; encontrando-se, em razão de sua posição, na impossibilidade de exonerá-lo do serviço, teve a ideia de se suicidar a fim de poder dispensá-lo por tê-lo tornado arrimo de família. Foi evocado um ano depois na Sociedade de Paris por meio do pedido de uma

pessoa que o tinha conhecido e que desejava saber de sua sorte no mundo dos Espíritos.

(A São Luís). Queira nos dizer se podemos fazer a evocação do homem de que acabamos de falar. R. – *Sim, ele ficará mesmo muito feliz, pois será um pouco aliviado.*

1. Evocação. R. – *Oh, obrigado! Sofro tanto, mas... com justiça; no entanto, ele me perdoará.*

O Espírito escreve com uma grande dificuldade; os caracteres são irregulares e mal formados; depois da palavra “mas” ele para, tenta em vão escrever e só faz alguns traços indecifráveis e pontos. Evidente que é a palavra Deus que ele não consegue escrever.

2. *Preencha a lacuna que você acabou de deixar.* R. – Sou indigno disso.

3. Você diz que sofre, você sem dúvida errou por ter se suicidado, mas será que o motivo que o levou a esse ato não faz com que você mereça alguma indulgência? R. – *Minha punição será menos longa, mas a ação não foi menos má.*

4. Você poderia nos descrever a punição a que foi submetido? R. – *Sofro duplamente em minha alma e em meu corpo; sofro neste último, embora não o possua mais, como o amputado sofre em seu membro ausente.*

5. Sua ação foi motivada apenas para auxiliar seu filho, ou houve alguma outra causa? R. – *Só o amor paterno me guiou, mas me guiou mal; por causa desse motivo, minha pena será abreviada.*

6. Você consegue prever o fim dos seus sofrimentos? R. – *Não sei sobre o fim deles; mas tenho a certeza de que esse fim existe, o que é um alívio para mim.*

7. Agora a pouco você não conseguiu escrever o nome de **Deus**; no entanto, nós vimos Espíritos muito sofredores escreverem; isto faz parte de sua punição?

R. – *Eu poderia fazer com grandes esforços de arrependimento.*

8. Pois então! Faça grandes esforços e trate de escrever; nós estamos convencidos de que se você o fizer, conseguirá se aliviar.

O Espírito acaba escrevendo em caracteres irregulares, tremidos e muito grandes: *“Deus é muito bom”*.

9. Sabemos que você ficou grato por ter atendido ao nosso chamado, e rogaremos a Deus por você a fim de clamar por sua misericórdia.

R. – *Sim, façam isso, por favor.*

10. (A São Luís.) Queira nos dar a sua apreciação pessoal sobre o ato do Espírito que acabamos de evocar.

R. – *Esse Espírito sofre de maneira justa, pois lhe faltou confiança em Deus, o que é um erro sempre punível; a punição seria terrível e muito longa se ele não tivesse em seu favor um motivo louvável, o de impedir que seu filho caminhasse para a morte; Deus, que enxerga o fundo dos corações e que é justo, o puniu apenas de acordo com suas obras.*

Observações. Em um primeiro momento esse suicida parece desculpável, porque seu ato pode ser considerado de devoção; ele é, de fato, mas não completamente. Assim como disse o Espírito de São Luís, a esse homem faltou confiança em Deus. Por meio de sua ação, talvez ele tenha impedido que o destino de seu filho se cumprisse; de início, não é certo que ele morreria na guerra, e talvez esse caminho pudesse lhe proporcionar a ocasião de fazer algo que fosse útil ao seu avanço. Sua intenção, sem dúvida, era boa, tanto que lhe foi levada em consideração; a intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede o mal de ser mal; sem isto, por meio do pensamento, poder-se-ia desculpar todos os equívocos, poder-se-ia até mesmo matar sob o pretexto de ser útil. Uma mãe que matar seu filho na crença de que ela o enviará diretamente ao céu é menos culpada por que o fez com boa intenção? Com tal sistema justificar-se-iam todos os crimes que um fanatismo cego ensejou nas guerras de religião.

Em princípio, o homem não tem o direito de dispor de sua vida, porque ela lhe foi concedida em vista *dos deveres que ele devia cumprir sobre a Terra*. Tal a razão pela qual ele não deve abreviá-la voluntariamente sob nenhum pretexto. Como ele tem seu livre-arbítrio, nada o pode impedir, mas ele sempre sofrerá as

consequências desse ato. O suicida mais severamente punido é o que se matou por desespero, e visando a se livrar das misérias da vida; essas misérias fazendo as vezes das provações e expiações, esquivar-se delas é recuar ante a tarefa que se havia aceitado, às vezes diante até mesmo da missão que se devia cumprir.

O suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea; ele é tudo aquilo que se faz sabendo da causa que deve apressar prematuramente a extinção das forças vitais.

Não se pode assimilar ao suicídio o devotamento daquele que se expõe a uma morte iminente para salvar seu semelhante; em primeiro lugar porque não há, neste caso, nenhuma intenção premeditada de se tirar a vida e, em segundo lugar, porque não existe perigo do qual o Providência divina não possa nos retirar se a hora de deixarmos a Terra ainda não chegou. A morte, se ela acontece em tais circunstâncias, é um sacrifício meritório, pois é uma abnegação em prol de outrem (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, cap. V, n.º 53, 65, 66, 67).

Louvet François-Simon (do Havre).

A comunicação seguinte foi concedida espontaneamente em uma reunião espírita no Havre, em 12 de fevereiro de 1863:

*“Tenham piedade de um pobre miserável que sofre desde tanto tempo de tão cruéis torturas! Oh! O vazio... o espaço... estou caindo, caindo, socorro!... Meu Deus, tive uma vida tão miserável!... Era um pobre diabo; sofria frequentemente de fome em meus antigos dias; por isso que eu bebia e que tinha raiva e desgosto de tudo... quis morrer e me joguei... Oh, meu Deus, que momento!... Por que desejar terminar com tudo quando estava tão perto do fim? Orem! Para que eu não veja mais esse **vazio abaixo de mim**... vou me chocar sobre essas pedras!... Eu lhes rogo, a vocês que conhecem as misérias dos que não estão mais aqui embaixo, me dirijo a vocês, embora vocês não me conhecessem, porque eu sofro tanto... Por que querer provações? Estou sofrendo, já não é o bastante? Se tivesse fome no lugar desse sofrimento muito mais terrível, mas invisível para vocês, vocês não hesitariam em me aliviar, dando-me um pedaço*

de pão. Eu peço-lhes para orarem por mim.... Não posso permanecer por mais tempo... Perguntem a um dos bem-aventurados que estão aqui e vocês saberão quem fui. Orem por mim.

François-Simon Louvet.”

O guia do médium. *“O que acabou de se dirigir a você, meu filho, é um pobre infeliz que tinha uma provação de miséria sobre a Terra, mas o desgosto o pegou; faltou-lhe coragem e o infelizmente, em vez de olhar para o alto, como deveria ter feito, chafurdou na bebedeira; desceu aos últimos degraus do desespero, e pôs um termo em sua triste provação precipitando-se da torre de Francisco I em 22 de julho de 1857. Tenham piedade de sua pobre alma, que não é evoluída, mas que, no entanto, conhece bem a vida futura a ponto de sofrer e desejar uma nova provação. Orem a Deus para que lhe conceda essa graça, e vocês terão feito uma boa obra.”*

Pesquisas foram feitas e encontrou-se, no *Journal du Havre* do dia 23 de julho de 1857 o seguinte artigo, de qual se segue o conteúdo:

“Ontem, às quatro horas, os passantes do quebra-mar ficaram dolorosamente impressionados por um tenebroso acidente: um homem se precipitou da torre de Francisco I e se chocou contra as pedras. Era um velho rebocador de barcos cujos pendores à bebedeira lhe conduziram ao suicídio. Seu nome era François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi transportando à casa de uma de suas filhas, na Rua da Corderie; ele tinha sessenta e sete anos”.

Passados seis anos desde a morte desse homem, ele ainda se via caindo da torre e se chocando contra as pedras; ele se espantava com o vazio que tinha diante de si em meio às apreensões da queda... e isso durante seis anos! Quanto esse tormento ainda durará? Ele não tem a menor ideia, e essa incerteza aumenta suas angústias. Esse estado não equivale ao inferno e suas chamas? Alguém desvelou esses castigos? Alguém os inventou? Não; são os mesmos que os suportam que os descrevem, como outros descrevem suas alegrias. Com frequência eles o fazem espontaneamente, sem que se lhes

tivessem sugerido, o que exclui toda ideia de que são o produto de sua própria imaginação.

Uma mãe e seu filho

No mês de março de 1865, M. C., negociante em uma pequena cidade perto de Paris, tinha consigo seu filho de vinte e um anos com uma doença grave. Este jovem, sentindo-se quase a expirar, chamou sua mãe e ainda teve forças para beijá-la. Esta, por sua vez, disse-lhe o seguinte, derrubando lágrimas abundantes: “Vai, meu filho, precede-me, não tardarei em segui-lo”. Ao mesmo tempo, ela saiu escondendo sua cabeça com as mãos.

As pessoas que se encontravam presentes nesta cena cortante consideraram as palavras da senhora C... como uma simples explosão de dor que o tempo e a razão deviam apaziguar. No entanto, após o doente sucumbir, procuraram-na por toda a casa e encontraram-na enforcada no sótão. O funeral da mãe foi feito ao mesmo tempo em que o de seu filho.

Evocação do filho muitos dias após o evento.

P. – Você tem conhecimento da morte de sua mãe, que se suicidou ao sucumbir ao desespero causado por sua perda?

R. – *Sim, e sem o desgosto que me causou o cumprimento de sua fatal resolução, eu estaria perfeitamente feliz. Pobre e excelente mãe! Não pôde suportar a provação dessa separação momentânea e tomou, para se reunir ao filho que amava, a rota que a separaria dele por muito tempo, infelizmente! Desse modo, ela retardou indefinidamente a reunião que teria sido imediata se a submissão às vontades do Senhor tivesse preenchido sua alma, e se ela estivesse resignada, humilde e arrependida diante da provação que sofreria e da expiação que a purificaria!*

Orem, oh, orem por ela!... E, sobretudo, não a imitem, mães que estejam tocadas pelo triste acontecimento de sua morte! Não creiam que ela amava mais do que outras mães o filho que era sua alegria e seu orgulho; não, ela não amava mais, mas lhe faltou coragem e resignação. Mães que me ouvem, quando vocês virem a agonia velar os olhos apagados de suas crianças, lembrem-se de que, como Cristo, eles sobem para o monte do calvário, de onde eles devem se elevar para a glória eterna.

Evocação da mãe.

– Quero ver meu filho! Vocês têm o poder de me o devolver?... Os cruéis!... eles me aprisionaram para o conduzir à luz e me deixaram na escuridão!... Eu o quero, eu o quero... ele me pertence!... Quer dizer então que o amor maternal não vale nada? Ah, pois! Tê-lo carregado por nove meses, alimentado com meu leite, a carne de minha carne, o sangue do meu sangue; ter guiado seus primeiros passos; ter ensinado a balbuciar o nome sagrado de Deus e o suave nome de mãe; ter feito dele um homem cheio de atividade, de inteligência, de honestidade, de probidade, de amor filial, e perdê-lo no instante em que ele começava a realizar as esperanças que havia depositado nele, que um brilhante futuro se abria diante dele! Não, Deus, não é justo; esse Deus não é das mães; ele não compreende seu desespero e sua dor... e quando abraço a morte para não deixar meu filho, me o tira de mim novamente! Meu filho! Meu filho! Onde você está?

O evocador. Pobre mãe, nós nos compadecemos de sua dor; mas você escolheu um triste meio para se reunir com seu filho; o suicídio é um crime aos olhos de Deus, e você deveria ter pensado que ele pune todas as infrações as suas leis. A privação de ver seu filho é sua punição.

A mãe. Não; eu acreditava que Deus fosse melhor do que os homens; não acreditava em seu inferno, mas na reunião eterna das almas que se amaram como nós nos amamos; enganei-me... Ele não é o Deus justo e bom, já que não compreendeu a imensidão de minha dor e de meu amor!... Oh, quem me devolverá meu filho!? Então eu o perdi para sempre? Piedade, piedade, meu Deus!

O evocador. Vejamos, acalme seu desespero; imagine que, se há um meio de rever seu filho, é o de não blasfemar contra Deus, como você faz. Em vez de torná-lo favorável à sua causa, você atrai uma severidade ainda maior sobre você.

A mãe. Disseram-me que eu não o reveria mais; entendi que o conduziram ao paraíso. E eu, estou, portanto, no inferno?... No inferno das mães?... sim, ele existe, vejo mais do que nunca.

O evocador. Seu filho não está perdido para sempre, creia-me; você o reverá certamente; mas deve haver o mérito por meio de sua submissão à vontade de Deus, ao passo que pela sua revolta você pode retardar esse momento indefinidamente. Ouça-me: Deus é infinitamente bom, mas ele é infinitamente justo também. Ele não pune jamais sem uma causa, e se ele lhe infligiu grandes dores sobre a Terra, é que você as havia merecido. A morte de seu filho era uma provação para sua resignação; infelizmente você sucumbiu a essa provação enquanto viva, e eis que depois de sua morte você permanece sucumbindo; como você quer que Deus recompense seus filhos rebeldes? Mas ele não é inexorável; ele acolhe sempre o arrependimento do culpado. Se você tivesse aceitado sem murmuração e com humildade a provação que ele lhe enviou por meio desta separação momentânea, e se você tivesse esperado pacientemente quando aproovesse lhe retirar da Terra, logo à entrada no mundo em que está você teria revisto imediatamente seu filho, que teria vindo recebê-la em seus braços; você teria tido a felicidade de vê-lo radioso após esse tempo de ausência. O que você fez, o que você ainda faz neste momento estabelece entre vocês uma barreira. Não creia que ele esteja perdido nas profundezas do espaço; não, ele está mais perto de você do que possa imaginar; mas um véu impenetrável o oculta de sua vista. Ele a vê, ele ainda a ama, e ele geme pela triste posição em que você mergulhou pela falta de confiança em Deus; ele pede com todas as suas forças pelo momento afortunado em que lhe será permitido revelar-se a você; depende apenas de você apressar ou retardar esse instante. Ore a Deus, e repita comigo:

“Meu Deus, perdoe-me por ter duvidado de sua justiça e de sua bondade; se fui punida, reconheço que mereci. Digne-se a aceitar meu arrependimento e minha submissão à sua santa vontade.”

A mãe. Que luz de esperança você acaba de acender em minha alma! É um clarão em meio à noite que me rodeia. Obrigada, vou orar. Adeus.

C...

A morte, mesmo decorrente do suicídio, não suscitou a esse Espírito a ilusão de se crer ainda vivo; ele tinha perfeita consciência de seu estado. Ocorre que em outros casos a

punição consiste nessa própria ilusão, nos laços que os prendem aos seus corpos. Esta mulher quis deixar a Terra para seguir seu filho no mundo em que ele havia entrado; ela deveria saber que ela estava nesse mundo para ser punida, ao não encontrá-lo mais. Sua punição era precisamente a de saber que ela não vivia mais corporalmente, e no conhecimento que ela tinha dessa situação. Desse modo, cada erro é punido pelas circunstâncias que o acompanham, e que não há punições uniformes e constantes para erros do mesmo gênero.

Duplo suicídio, por amor e por dever

Um jornal de 13 de junho de 1862 continha a seguinte notícia:

“A senhorita Palmyre, modista, residindo na casa de seus pais, era dotada de um charme exterior ao qual se juntava o mais amável caráter; tanto assim que havia muitas ofertas de casamento. Entre os aspirantes à sua mão ela tinha distinguido o senhor B..., que experimentava por ela uma viva paixão. Embora muito atraída por ele, ela preferiu, no entanto, por respeito filial, render-se às vontades de seus pais ao esposar o senhor D..., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa do que a de seu rival.

Os senhor B... e D... eram amigos íntimos. Mesmo não tendo nenhuma relação conjunta de interesse, eles não pararam de se encontrar. O amor mútuo entre B... e Palmyre, agora senhora D..., não se enfraquecia, e na mesma medida em que eles se esforçavam para reprimi-lo, ele parecia aumentar. Para tentar extingui-lo, B... tomou a decisão de se casar. Esposou uma jovem possuidora de qualidades eminentes e fez todo o possível para amá-la; mas não demorou a perceber que esse meio heroico era impotente. No entanto, durante quatro anos nem B... nem a senhora D... faltaram com seus deveres. É inexprimível o sofrimento que tiveram que vivenciar, pois D..., que amava verdadeiramente seu amigo, convidava-o sempre para ir à sua casa e, quando ele desejava escapar, o constrangia a ficar.

Os dois amantes, reaproximados um dia por uma circunstância fortuita pela qual não esperavam, confessaram

um ao outro o estado de sua alma e concordaram em que a morte era o único remédio aos males que experimentavam. Resolveram morrer juntos e executar tal projeto no dia seguinte, pois o senhor D... estaria ausente de seu domicílio durante boa parte do dia. Depois de terem feito seus últimos preparativos, escreveram uma longa e tocante carta explicando a causa da morte que eles escolheram para não faltarem com seus deveres. A carta se encerrava com um pedido de perdão e de permanecerem reunidos no mesmo túmulo.

Quando o senhor D... voltou, encontrou-os asfixiados. Ele respeitou o último desejo e quis que no cemitério não fossem separados.”

Tendo este fato sido proposto à Sociedade de Paris como objeto de estudo, um Espírito respondeu:

“Os dois amantes que se suicidaram ainda não podem lhes responder; eu os vejo; eles encontram-se mergulhados na perturbação e amedrontados pelo vislumbre da eternidade. As consequências morais do seu erro os castigarão durante *migrações sucessivas*, em que suas almas separadas se procurarão incessantemente e sofrerão o duplo suplício, do pressentimento e do desejo. Tendo cumprido a expiação, eles se reunirão para sempre no seio do eterno amor. Daqui a oito dias, no próximo encontro de vocês, eles poderão ser evocados; eles virão, mas não se verão: trevas profundas os ocultarão um ao outro ainda por muito tempo.”

1. Evocação da mulher. – Você vê seu amante, com o qual se suicidou?

R. – *Não vejo nada; não vejo nem os Espíritos que vagam comigo no lugar em que estou. Que trevas! Que trevas! E que véu espesso sobre minha face!*

2. Que sensação você experimentou ao acordar depois de sua morte?

R. – *Estranho! Tinha frio e queimava ao mesmo tempo; o gelo corria em minhas veias e o fogo estalava em minha testa! Coisa estranha, mistura desconhecida! O gelo e o fogo pareciam me esmagar! Pensava que fosse sucumbir pela segunda vez.*

3. Experimentou uma dor física?

R. – *Todo meu sofrimento **está aqui, e aqui.** – O que você quer dizer com *aqui e aqui*? R. – – **Aqui, no meu cérebro; aqui, no meu coração.***

É provável que, se se pudesse ver o Espírito, ele estaria levando a mão à sua testa e ao seu coração.

4. Você acredita que ficará para sempre nessa situação?

R. – *Oh! Para sempre, sempre! Ouço às vezes risos infernais, vozes pavorosas que me berram essas palavras: “Para sempre assim”!*

5. Pois bem! Podemos lhe dizer com toda certeza que não ficará para sempre assim; ao se arrepender, você obterá o seu perdão.

R. – *O que você está dizendo? Não o ouço.*

6. Repito: seus sofrimentos acabarão quando você puder apressar seu fim por meio de seu arrependimento, e nós a ajudaremos pela prece.

R. *Ouço apenas uma palavra e sons vagos: esta palavra é graça! Será que vocês estão querendo me falar sobre graça? Vocês falaram algo sobre graça: mas sem dúvida foi dirigido à alma que passou ao meu lado, uma pobre criança que chora e espera.*

Uma senhora da sociedade diz que acaba de endereçar uma prece a Deus por essa infortunada, e que sem dúvida foi isso que a agitou; que havia de fato implorado mentalmente a graça de Deus por ela.

7. Você diz que se encontra nas trevas; você não está vendo nada?

R. – *Me é permitido ouvir algumas palavras que vocês pronunciam, mas vejo apenas um véu escuro sobre o qual se esboça em alguns momentos, uma cabeça chorando.*

8. Se você não vê seu amante, não sente sua presença ao seu lado? Pois ele está aqui.

R. – *Ah! Não me fale dele, devo esquecê-lo, por enquanto, se eu quiser que a imagem que vejo traçada no véu se apague.*

9. Qual é esta imagem?

R. – *A de um homem que sofre, de quem eu matei a existência moral sobre a Terra por muito tempo.*

Ao ler esta narrativa, é comum desde o início estar-se disposto a encontrar circunstâncias atenuantes a este suicídio, a enxergá-lo mesmo como um ato heroico, já que foi provocado pelo sentimento do dever. Vê-se que foi julgado de outra forma, e que a pena dos culpados é longa e terrível por terem se refugiado voluntariamente na morte a fim de escaparem à luta; a intenção de não faltar com seus deveres foi sem dúvida honrável, e lhes será levada em consideração adiante, mas o verdadeiro mérito teria consistido em vencer o arrastamento, ao passo que, pelo contrário, fizeram como o desertor que se esquiva no momento do perigo.

A pena dos dois culpados consistirá, como se vê, em se procurarem por muito tempo sem se encontrar, *seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrestres*; ela é momentaneamente agravada pela ideia de que seu estado presente deve durar para sempre; este pensamento, ao fazer parte do castigo, não lhes permite ouvir as palavras de esperança que lhes são dirigidas. Àqueles que acharem esta pena muito terrível e longa, sobretudo pelo fato de que ela não deverá terminar antes de muitas outras encarnações, diremos que sua duração não é absoluta, e que ela dependerá do modo pelo qual eles suportarem suas provações futuras, no que podem ser auxiliados pela prece; serão, como todos os Espíritos culpados, os árbitros de seus próprios destinos. Isto, no entanto, mesmo assim, não é melhor do que a danação eterna, sem esperança, a qual eles seriam irrevogavelmente condenados segundo a doutrina da Igreja, que os enxerga tal como nunca condenados ao inferno, e que lhes recusa as últimas preces, reputando-as como inúteis?

Louis e a pespontadora de botas

Havia sete ou oito meses que o denominado Louis G..., sapateiro, cortejava a senhorita Victorine R., pespontadora de botas, com quem ele se casaria muito brevemente, haja vista que os documentos de proclamação do casamento já se encontravam

em trânsito de publicação⁶⁶. Por tudo já se encontrar a este ponto, os jovens consideravam-se quase como que definitivamente unidos e, por medida de economia, o sapateiro comia todo dia na casa de sua noiva.

Certo dia Louis foi jantar na casa da pespontadora de botas, como sempre, até que uma discussão entre os dois irrompeu por causa de uma futilidade; nenhuma das partes cedeu e as coisas chegaram ao ponto de Louis deixar a mesa e sair jurando que nunca mais ia voltar lá.

No dia seguinte, no entanto, o sapateiro foi pedir perdão: sabe-se que nada é melhor do que uma noite de sono para refletir; mas a operária prevendo, talvez por conta da cena da noite anterior, o que poderia lhe sobrevir quando não tivesse mais tempo para se arrepender recusou-se a se reconciliar, e nem protestos ou lágrimas de desespero conseguiram lhe dobrar. Muitos dias se passaram desde aquele desentendimento; Louis, esperançoso de que sua bem-amada estivesse mais calma, arriscou-se a uma última tentativa: ele chegou e bateu na porta de um modo conhecido, mas se recusaram a lhe a abrir. Houve então novas súplicas da parte do pobre excluído, novos protestos através da porta, mas nada pôde tocar a implacável pretendida. “Então, adeus, malvada!” gritou por fim o pobre moço, “adeus para sempre! Trate de encontrar um marido que a ame tanto quanto eu!”. Nesse mesmo instante a jovem moça ouviu um tipo de gemido abafado, algo como que o barulho de um corpo que caísse, deslizando ao longo de sua porta, e tudo voltou ao silêncio. Ela assim imaginou que Louis havia se instalado sobre a entrada para esperar a sua primeira saída, mas ela prometeu a si mesma de não colocar o pé para fora enquanto ele estivesse lá.

Decorrido apenas um quarto de hora do ocorrido, um inquilino que passava pelo pátio com um lampião clamou por socorro. De pronto os vizinhos acorreram, e a senhorita Victorine, tendo aberto da mesma forma a porta, deu um grito de terror ao perceber estirado sobre o chão seu noivo pálido e inanimado. Cada qual se apressou por lhe socorrer, mas logo se deram conta de que tudo era inútil e que ele havia deixado esta existência. O

⁶⁶ Era comum àquela época na França confeccionar-se o que se chamava *bans de mariage*, espécie de proclamação oficial pública solenemente escrita que era afixada na porta da igreja antes do casamento ocorrer, termo que não encontra correspondente em português. (N. do T.)

jovem infeliz enfiou uma serra na região do coração e a lâmina fincou-se na ferida.

(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1853.)

1. **Ao Espírito de São Luís.** A jovem moça, causa involuntária da morte de seu noivo, teve responsabilidade pelo acontecido?

R. – *Sim, pois ela não o amava.*

2. Para prevenir essa infelicidade ela deveria casar-se com ele, a despeito de sua repugnância?

R. – *Ela procurava uma ocasião para se separar dele; ela fez no início de seu vínculo o que teria feito mais tarde.*

3. Desse modo, a culpa dela consiste em ter fomentado nele sentimentos com os quais ela não correspondia, sentimentos que foram a causa da morte do jovem?

R. – *Sim, é isso mesmo.*

4. Sua responsabilidade, neste caso, deve ser proporcional ao seu erro; é tão grande como se ela própria tivesse provocado voluntariamente a sua morte?

R. – *Isto salta aos olhos.*

5. O suicídio de Louis encontra um atenuante na obstinação equivocada pela qual Victorine se aferrou?

R. – *Sim, pois seu suicídio, proveniente do amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o suicídio de um homem que quer se ver liberto da vida por um motivo de covardia.*

Foram dirigidas as questões seguintes ao Espírito de Louis G..., evocado em outra ocasião:

1. O que você pensa do ato que você cometeu?

R. – *Victorine é uma ingrata, errei ao ter me matado por ela, pois ela não merecia.*

2. Então quer dizer que ela não o amava?

R. – *Não; ela acreditava que sim no início; ela se iludia; a briga que provoquei lhe abriu os olhos; daí ela ficou contente por eu ter lhe dado esse pretexto para que ela se separasse de mim.*

3. E você, a amava sinceramente?

R. – *Eu era apaixonado por ela; eis tudo, eu acho; se eu a tivesse amado com um amor puro, não iria querer entristecê-la.*

4. Se ela tivesse sabido que você realmente queria se matar, você acha que ela teria persistido na sua recusa?

R. – *Não sei; não acho, pois ela não é má; mas ela teria sido infeliz. Foi melhor para ela as coisas terem acontecido assim.*

5. Ao chegar à porta dela, você tinha a intenção de se matar em caso de recusa?

R. – *Não; eu não pensava nisso; não esperava que ela fosse tão obstinada; foi somente quando vi sua obstinação que então uma vertigem me dominou.*

6. Você parece lamentar seu suicídio, já que Victorine não o merecia; este é o único sentimento que você tem?

R. – *No momento, sim; ainda estou muito perturbado; parece que estou na porta, mas sinto outra coisa que não posso definir.*

7. Você acha que compreenderá esse sentimento mais tarde?

R. *Sim; quando eu tiver melhorado... O que eu fiz é muito ruim; eu deveria tê-la deixado tranquila... Fui fraco e sofro a pena disso... Vejam, a paixão cega o homem e o leva a fazer enormes besteiras. Ele as compreende quando já não há mais tempo.*

8. Você diz que você sofre uma pena pelo que fez; qual pena você sofre?

R. – *Errei ao abreviar minha vida; não devia ter feito isso; devia, antes, ter suportado tudo com o tempo em vez de ter dado um fim à minha vida; por isso sou infeliz, sofro, sempre é ela quem me faz sofrer, lembro-me de ainda estar lá, em sua porta; ingrata! Não me fale mais dela; não quero mais pensar nisso, me faz muito mal. Adeus.*

Vê-se aí uma nova prova da justiça distributiva que preside a punição dos culpados, de acordo com o grau de sua responsabilidade. Na presente circunstância, o primeiro erro foi da jovem moça que havia alimentado em Louis um amor do qual ela não partilhava, com o qual ela jogava; ela carrega, portanto, a

maior parte da responsabilidade. Quanto ao jovem moço, ele também é punido pelo sofrimento que suporta; mas sua pena é leve, pois ele apenas cedeu a um momento impensado de exaltação em vez da fria premeditação daqueles que se suicidam para se livrar das provações da vida.

Um ateu

O Senhor J.-B. D... era um homem instruído, mas imbuído até o último fio de cabelo de ideias materialistas, não acreditando nem em Deus nem em sua alma. Ele foi evocado dois anos após sua morte, na Sociedade de Paris, ao pedido de um de seus parentes.

1. Evocação.

R. – *Sofro! Fui amaldiçoado!*

2. Seus parentes rogaram para que nós o chamássemos, pois desejam saber o que aconteceu com você; pode nos dizer se a nossa evocação lhe é agradável ou penosa? R. – – *Penosa.*

3. Sua morte foi voluntária?

R. – *Sim.*

O Espírito escreve com extrema dificuldade; a escrita é muito grande, irregular, convulsiva e quase ilegível. No início ele demonstrou raiva, quebrou o lápis e rasgou o papel.

4. Fique mais calmo; todos oraremos a Deus por você.

R. – *Sou forçado a crer em Deus.*

5. Que motivo pôde o levar a se suicidar?

R. – *Tédio de uma vida **sem esperança.***

Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*; quer-se escapar à infelicidade a todo custo; com o Espiritismo o futuro se projeta e a esperança se legitima: o suicídio perde, portanto, seu sentido; ainda mais, reconhece-se que por este meio escapa-se a um mal para recair em outro cem vezes pior. Eis porque o Espiritismo já arrancou tantas vítimas da morte voluntária. São extremamente culpados os que se esforçam em acreditar *por meio de sofismas científicos e em nome da razão* na ideia

desesperadora, fonte de tantos males e crimes, de que tudo se acaba com a vida! Serão responsáveis não somente por seus próprio erros, mas por todos os males de que tenham sido a causa.

6. Você desejou escapar às vicissitudes da vida; você ganhou alguma coisa com isso? Você é mais feliz hoje?

R. – *Por que o nada não existe?*

7. Você poderia ser gentil a ponto de nos descrever sua situação da melhor forma que puder?

R. – ***Sofro por ser obrigado a acreditar em tudo o que eu negava. Minha alma arde como brasa, encontra-se terrivelmente atormentada.***

8. De onde você tirava as ideias materialistas que você tinha enquanto vivia?

R. – *Em outra existência eu fui mau, e meu Espírito foi condenado a sofrer os tormentos da dúvida durante minha vida; tanto é assim que me matei.*

Há neste ponto toda uma ordem de ideias. Pergunta-se frequentemente como podem existir materialistas, já que, ao passarem pelo mundo espiritual, deveriam ter a intuição de sua existência. Ora, é precisamente esta intuição que é recusada a alguns Espíritos que conservaram seu orgulho, e que não se arrependeram de seus erros. Sua provação consiste em adquirir durante a vida corporal e *por seu próprio raciocínio* a prova da existência de Deus e da vida futura que têm incessantemente sob seus olhos; mas frequentemente a presunção de não admitirem nada acima de si ainda os domina, e eles sofrem a pena deste fato até que seu orgulho esteja domado e se rendam, por fim, à evidência.

9. Quando você se afogou, o que pensou que iria acontecer com você? Quais reflexões você fez naquele instante?

R. – *Nenhuma; [aquilo] era o nada para mim. Vi depois que, não tendo sofrido toda minha condenação, ia sofrer muito mais.*

10. Agora você está bem convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura?

R. – *Infelizmente! Sou atormentado demais por tudo isso.*

11. Você reviu seu irmão?

R. – *Ah, não!*

12. E por quê?

R. – *Para que reunir os nossos tormentos? Exile-se na infelicidade, reúne-se na felicidade; é isso!*

13. Você ficaria à vontade se reencontrasse seu irmão, quem nós podemos chamar aqui, ao seu lado?

R. – *Não. Não, estou muito mal.*

14. Por que você não quer que o chamemos?

R. – *É que ele não é feliz, assim como eu.*

15. Você teme vê-lo; isso não poderia fazer bem a você?

R. – *Não; mais tarde.*

16. Você deseja que digamos alguma coisa aos seus pais?

R. – *Que orem por mim.*

17. Parece que na sociedade frequentada por você algumas pessoas partilham das opiniões que você tinha enquanto vivo; teria alguma coisa a dizer-lhes sobre esse assunto?

R. – *Ah! Os infelizes! Se eles pudessem crer em outra vida! É o que eu posso lhes desejar de melhor; se eles pudessem compreender minha triste posição poderiam refletir bastante.*

(Evocação do irmão dele, que professava as mesmas ideias, mas que não se suicidou. Embora infeliz, está mais calmo; sua escrita é nítida e legível.)

18. Evocação.

R. – *Que o quadro de nossos sofrimentos seja para vocês uma útil lição, e que os persuadam que outra vida existe, onde se expiam seus erros, sua incredulidade.*

19. Você enxerga o seu irmão, que nós acabamos de chamar aqui?

R. – *Não, ele escapou.*

Poder-se-ia perguntar como os Espíritos podem escapar no mundo espiritual, onde não existem obstáculos materiais nem imagens inacessíveis à visão. Tudo é relativo nesse mundo, e concernente com a natureza fluídica dos seres que o habitam. Os Espíritos superiores são os únicos que têm percepções ilimitadas; entre os Espíritos inferiores elas são limitadas, e para eles os obstáculos fluídicos têm o mesmo efeito de obstáculos materiais. Os Espíritos se mostram à visão de uns e outros pelo efeito de sua vontade, que age sobre seu invólucro perispiritual e os fluidos ambientes. Mas a Providência, que vela por cada um individualmente como seus filhos, permite ou proíbe esta faculdade de acordo com as disposições morais de cada um; dependendo das circunstâncias, pode ser uma punição ou uma recompensa.

20. Você está mais calmo do que ele; você pode nos dar uma descrição mais precisa dos seus sofrimentos?

R. – *Sobre a Terra você não sofre por causa do seu amor-próprio, do seu orgulho, quando é obrigado a confessar seus erros? Seu Espírito não se revolta ao pensamento de se humilhar diante daquele que mostrou que você estava errado? Pois bem! Como você espera que sofra um Espírito que, durante toda uma existência se persuadiu de que nada existia depois de sua morte, de que ele tinha razão, enquanto todos os outros não? Quando de repente ele se encontrou diante da verdade retumbante ficou anulado, humilhado. A isto vem se juntar os remorsos de ter se esquecido durante tanto tempo da existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Seu estado é insuportável; ele não encontra nem calma nem repouso; encontrará um pouco de tranquilidade apenas no momento em que a santa graça, quer dizer, o amor de Deus, o tocar, pois o orgulho se apodera tanto de nosso pobre Espírito a ponto de agasalhá-lo por inteiro, e ainda lhe resta muito tempo para se desfazer dessa vestimenta fatal; somente a prece de nossos irmãos pode nos auxiliar a nos libertarmos dela.*

21. Você quer dizer de seus irmãos vivos ou mortos?

R. – *Dos dois.*

22. Durante nosso contato com seu irmão, uma pessoa aqui presente orou por ele; esta prece lhe foi útil?

R. – *Ela não será em vão. Se ele recusa tal graça por ora, ela lhe retornará, quando ele estiver no estado de recorrer a essa divina **panacea**.*

Vemos aqui outro gênero de castigo, que não é idêntico entre todos os incrédulos; independentemente do sofrimento, trata-se da necessidade, para este Espírito, de reconhecer as verdades que ele havia renegado enquanto vivo. Suas ideias atuais denotam certo progresso comparativamente ao de outros Espíritos que persistem na negação de Deus. Já é alguma coisa e um começo de humildade reconhecer que se estava equivocado. É mais do que certo que, em sua próxima reencarnação, a incredulidade terá dado lugar ao sentimento inato da fé.

Após o resultado dessas duas evocações ter sido transmitido à pessoa que nos havia rogado as comunicações, recebemos desta última a seguinte resposta:

“Você não imagina, senhor, o grande bem produzido pela evocação do meu padasto e do meu tio. Nós os reconhecemos perfeitamente; a escrita do primeiro, sobretudo, guarda uma analogia chocante com a que ele tinha quando vivo, ainda mais que durante os últimos meses que ele passou conosco, sua escrita estava tremida e indecifrável; vê-se nela a mesma forma das curvaturas, do parágrafo e de algumas letras. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é mais chocante ainda; em nossa opinião, a analogia é perfeita, e só não é mais clara do que sua costumeira negação sobre Deus, a alma e a eternidade. Estamos perfeitamente convencidos de sua identidade; disso decorre que Deus será glorificado pela nossa crença mais firme no Espiritismo, e nossos irmãos, Espíritos e vivos, se tornarão melhores. A identidade de seu irmão é tão evidente quanto a dele. Com a diferença imensa que existe entre o ateu e o crente, reconhecemos seu caráter, seu estilo, suas expressões frasais; uma palavra, sobretudo, nos chocou, a **panacea**; era sua palavra habitual; ele a dizia e repetia a todos e a cada instante.

Falei sobre essas duas evocações a muitas pessoas, que ficaram espantadas com a sua veracidade; mas os incrédulos, os que partilham das opiniões de meus dois

parentes, quiseram respostas ainda mais categóricas: que o Sr. D..., por exemplo, precisasse o local em que ele foi enterrado, onde ele se afogou, de qual maneira ele foi retirado de lá etc. Para os satisfazer e os convencer você não poderia evocá-lo novamente? Neste caso, você poderia lhe dirigir as seguintes questões: onde e como aconteceu seu suicídio? – quanto tempo você permaneceu sob a água? – em que local seu corpo foi encontrado? – em que lugar ele foi sepultado? – de que maneira, civil ou religiosa, procederam à sua exumação etc.?

Rogo-lhe, senhor, que o faça responder categoricamente a essas perguntas que são essenciais àqueles que ainda duvidam; estou persuadido do bem imenso que isto produzirá. Tomei a precaução para que minha carta chegasse-lhe na sexta-feira, a fim de que pudesse fazer esta evocação na reunião da Sociedade [Espírita] que deve ocorrer nesse dia [...] etc.”

Reproduzimos esta carta pelo fato de ela constatar a identidade das comunicações; juntamos a ela a resposta que redigimos, para a instrução das pessoas que não são familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

“[...] As questões que você nos roga para dirigirmos novamente ao Espírito do seu padasto são sem dúvida expressão de uma intenção louvável, a de convencer os incrédulos, pois, de sua parte, sabemos que não resta qualquer sentimento de dúvida e de curiosidade; mas um conhecimento mais perfeito da ciência espírita lhe teria feito compreender que elas são supérfluas. Em primeiro lugar, ao me pedir para que seu parente pudesse me responder categoricamente as questões levantadas, ignora-se indubitavelmente que não os Espíritos não são governados ao nosso bel-prazer; eles respondem quando eles querem e como eles querem, e frequentemente quando eles podem; a liberdade de ação deles é ainda maior do que quando estavam vivos, e eles têm mais meios de escapar à constrição moral que se deseje exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as que eles fornecem espontaneamente, por sua própria vontade, ou que nascem das circunstâncias, e é, na maior parte do tempo, em vão

que que se buscam suscitá-las. Seu parente provou sua identidade de uma maneira irrecusável, segundo você; portanto, é mais do que provável que ele se recusasse a responder a questões que, com razão, ele poderia considerar supérfluas, e efetuadas em vista de satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como frequentemente outros Espíritos fazem em casos parecidos: “Para que perguntar coisas que vocês sabem?” Eu complementararia ainda que o estado de perturbação e de sofrimento em que ele se encontra deve lhe tornar ainda mais penosas as questões desse gênero; é absolutamente como se se quisesse forçar um doente que mal pode pensar e falar a contar os detalhes de sua vida; isto seria seguramente faltar com o respeito à sua posição.

Quanto ao resultado que você espera dessa comunicação, ele seria nulo, esteja persuadido disso. As provas de identidade que foram fornecidas têm um valor muito maior justamente por serem espontâneas e por ninguém ou nada as terem forjado; se os incrédulos não se satisfazem com elas, menos ainda ficariam satisfeitos por questões conhecidas de antemão, das quais poderiam suspeitar de cumplicidade conivente. Há pessoas que nada as pode convencer; poderiam ver com seus próprios olhos e pessoalmente o seu parente e, mesmo assim, se diriam vítimas de uma alucinação.

Duas palavras ainda, senhor, sobre o pedido que me fez, o de evocá-lo no mesmo dia em que eu recebesse sua carta. As evocações não são feitas como receitas de bolo; os Espíritos nem sempre respondem ao nosso apelo; é necessário que para isto eles possam ou queiram; é necessário, ademais, um médium que lhe convenha, e que tenha a atitude especial e ajustada; que esse médium esteja disponível em dado momento; que o ambiente seja simpático ao Espírito etc.; todas as circunstâncias às quais não podemos corresponder, e que se deve conhecer quando se deseja fazer a coisa seriamente.”

Sr. Félicien

Era um homem rico, culto, poeta brilhante, de caráter bom, amável, cheio de afabilidade e de uma perfeita honorabilidade. Especulações financeiras erradas haviam comprometido a sua fortuna; por sua idade não lhe permitir mais se reerguer financeiramente, ele cedeu à fraqueza e se suicidou em dezembro de 1864, enforcando-se em seu quarto. Não era nem materialista nem ateu, mas um homem de um temperamento um pouco leviano, importando-se pouco com a vida futura. Por termos lhe conhecido intimamente, o evocamos quatro meses após sua morte, em decorrência da simpatia que sentíamos por sua pessoa.

Evocação. – Sinto saudade da Terra; lá tive decepções, mas menores do que as daqui. Sonhava com maravilhas, e no entanto encontro-me abaixo da realidade ideal que possuía daqui. O mundo dos Espíritos é muito confuso, e para torná-lo suportável há a necessidade de se fazer uma boa triagem. Não saio daqui! Que esboços de costumes espíritas se poderiam fazer aqui! Até Balzac mal conseguiria realizar esta tarefa. Mas não me deparei com ele; onde se encontram esses grandes Espíritos que tanto castigaram os vícios da humanidade? Eles deveriam, como eu, permanecer aqui por algum tempo antes de ir a regiões mais elevadas. É um pandemônio curioso que me agrada observar, e fico por aqui.

Embora o Espírito declare encontrar-se em uma sociedade muito confusa, e por consequência formada por Espíritos inferiores, sua linguagem conseguiu nos surpreender em razão do tipo de morte que teve, à qual ele não faz qualquer alusão. Por outro lado, era bem o reflexo de seu caráter. Isto nos deixou algumas dúvidas sobre sua identidade.

P. – Diga-nos, por favor, como você morreu.

R. – *Como morri? Por meio da morte que escolhi; ela momentaneamente me satisfez; meditei por muito tempo sobre qual morte devia escolher para me livrar da vida. E, decerto, confesso que não ganhei grande coisa com isso, apenas me livre das preocupações materiais para recair em complicações ainda piores, mais penosas em relação à minha posição espiritual e das quais eu não prevejo o término.*

P. – *(Ao guia do médium.)* – Foi mesmo o Espírito de Félicien quem respondeu? Esta linguagem quase serena nos espanta ao se tratar de um suicida.

R. – *Sim; mas por um sentimento perdoável de alguém que ocupa essa posição, e que você deve compreender, ele não queria revelar o gênero de sua morte ao médium, e por isso ele fazia rodeios; ele terminou confessando, impelido pela sua questão feita de modo direto, mas ele encontra-se muito afetado por conta disso. Ele sofre muito por ter se suicidado, e afasta o quanto pode tudo o que lhe lembre desse fim funesto.*

P. – *(Ao Espírito.)* – Sua morte nos afetou mais do que imagina, pois prevíamos as tristes consequências para você, e em razão, sobretudo, da estima e da amizade que tínhamos por você. Pessoalmente não me esqueci de quanto você era bom e afável para comigo. Ficaria feliz de lhe testemunhar meu reconhecimento se puder fazer alguma coisa que lhe seja útil.

R. – *E no entanto eu não podia escapar de outra forma aos dilemas de minha posição material. Por ora tenho apenas necessidade de preces; orem principalmente para que eu me livre dos terríveis companheiros que estão perto de mim e que me obsedam com seus risos, com seus gritos e suas gozações infernais. Chamam-me de covarde e têm razão; tirar a minha vida foi covardia. São quatro vezes em que sucumbo a esta provação. Tinha-me prometido, no entanto, em não falhar novamente... Fatalidade!... Ah! Orem; que suplício é meu! Sou muito infeliz! Ao orar você vai fazer mais por mim do que eu fiz por você quando estava sobre a Terra; mas a provação a que eu frequentemente fracasso ergue-se diante de mim em traços inapagáveis; **devo suportá-la novamente daqui a um tempo; terei forças para ultrapassá-la?** Ah! Recomeçar sempre a vida! Lutar por tanto tempo e ser arrastado pelos eventos aos quais se sucumbe involuntariamente é desesperador, até mesmo aqui! É por isto que preciso ser forte. Dizem para que, para tanto, devo me valer da prece: orem por mim; também quero orar.*

Este caso particular de suicídio, embora realizado em circunstâncias muito comuns, apresenta-se, no entanto, sob um prisma especial. Mostra-nos um Espírito que sucumbiu por diversas vezes a esta provação, que se renova a cada existência e se renovará enquanto ele não reunir forças para resistir a ela. É

a confirmação do princípio de que, enquanto não atingirmos a finalidade de melhoramento para a qual nos encarnamos, sofreremos sem proveito, e assim recomeçaremos até sairmos vitoriosos da luta.

Ao Espírito do Sr. Félicien. – Escute, por favor, o que vou lhe dizer e medite sobre minhas palavras. O que você chama de fatalidade não é nada mais do que sua própria fraqueza, pois a fatalidade não existe; de outro modo, o homem não seria responsável pelos seus atos. O homem é sempre livre, e aí está seu mais belo privilégio; Deus não quis fazer dele uma máquina de agir e obedecer cegamente. Se por um lado esta liberdade o torna frágil, por outro ela também o torna perfectível, e é apenas por meio da perfeição que ele atinge a felicidade suprema. Seu orgulho sozinho o leva a acusar o Destino pelas suas infelicidades sobre a Terra, ao passo que o mais frequentemente ele deveria encarar sua infelicidade apenas como produto de sua incúria. Você tem disso tudo um exemplo marcante em sua última existência; você tinha tudo o que precisava para ser feliz segundo o mundo; inteligência, talento, fortuna, reconhecimento merecido; você não tinha nenhum vício arruinador; pelo contrário, apenas qualidades estimáveis; como essa posição foi radicalmente tão comprometida? Unicamente por sua imprevidência. Convenhamos que se você tivesse agido com maior prudência, se você tivesse sabido se contentar com a bela parte que você tinha em lugar de procurar engrandecer-se sem necessidade, você não teria se arruinado. Não há assim nenhuma fatalidade, já que você podia evitar o que aconteceu.

Sua provação consistia em um encadeamento de circunstâncias que deviam proporcionar-lhe **não a necessidade, mas a tentação** do suicídio; infelizmente para você, a despeito de sua inteligência e de sua instrução, você não soube lidar com essas circunstâncias e você carrega a pena de sua fraqueza. Essa provação, assim como você a pressente, e com razão, deve se repetir uma vez mais; em sua próxima existência você será exposto a eventos que suscitarão novamente o pensamento de suicídio, e isto será assim até que você triunfe.

Em vez de você acusar o destino, que é sua própria obra, admire a bondade de Deus que, em vez de condená-lo sem remissão por um primeiro erro, oferece-lhe sem cessar meios de repará-lo. Você então sofrerá não eternamente, mas enquanto a reparação

não tiver acontecido. Depende de você se dispor a tomar resoluções realmente enérgicas, de expressar a Deus um arrependimento bem sincero, de solicitar com muita insistência o apoio dos bons Espíritos; assim você chegará à Terra blindado contra todas as tentações. Tendo conquistado essa vitória, você marchará na via da felicidade com muito mais rapidez, pois sob outros ângulos seu avanço já é muito grande. Falta, assim, ainda um passo a transpor; vamos ajudá-lo por meio de nossas preces, mas elas são impotentes se você não nos ajudar se esforçando também.

R. *Obrigado, oh! Obrigado por suas boas exortações, tinha muita necessidade disso, dado que sou mais infeliz **do que dou à mostra**. Vou levar tudo isso em consideração, eu o asseguro, e me preparar para a próxima encarnação, em que farei por merecer desta vez para não sucumbir. Já é hora de sair do ambiente ignóbil a que me releguei aqui.*

Félicien.

Antoine Bell

Contador em um banco do Canadá; suicidou-se em 28 de fevereiro de 1865. Um de nossos correspondentes, doutor em medicina e farmacêutico na mesma cidade nos forneceu por sua conta os seguintes ensinamentos:

“Conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem inofensivo e pai de uma numerosa família. Há algum tempo ele começou a imaginar que tinha comprado veneno de mim e que ele o tinha usado para envenenar alguém. Com frequência ele vinha me suplicar para que lhe dissesse quando eu tinha-lho vendido, e depois se deixava levar por agitações terríveis. Ele perdia o sono, acusava-se, fremia o peito. Sua família estava em um estado de ansiedade contínuo, desde as quatro horas da tarde até às nove da manhã, momento em que ele ia para o banco, onde mantinha seus livros de conta de uma maneira muito regular, sem jamais cometer sequer um erro. Ele tinha o costume de dizer que um ser que ele sentia em si lhe fazia desempenhar seu trabalho com ordem e regularidade. No momento em que ele parecia convencer-se do absurdo

daqueles pensamentos, ele gritava: “Não, não, vocês querem me enganar... *eu me recordo...* isto é verdade.”

Antoine Bell foi evocado em Paris, a 17 de abril de 1865 pelo pedido de seu amigo.

1. Evocação.

R. – *O que você quer de mim? Fazer-me passar por um interrogatório? É inútil, confessarei tudo.*

2. Longe de nós queremos atormentá-lo por meio de questões indiscretas; desejamos apenas saber qual é sua posição no mundo em que você se encontra, e se podemos ser-lhe úteis.

R. – *Ah, se vocês puderem agradeceria por isto! Tenho pavor do meu crime, e sou muito infeliz!*

3. Nossas preces, temos a esperança, aliviarão suas penas. Você nos parece, de resto, em boas condições; está arrependido, o que é um começo de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, sempre tem piedade do pecador arrependido. Ore conosco. (Neste instante fazemos a prece pelos suicidas, que se encontra no **Evangelho segundo o Espiritismo**.)

Agora, por favor, nos diga de qual crime você se reconhece culpado. A confissão feita com humildade será levada em consideração.

R. – *Deixem-me primeiramente agradecer-lhes pela esperança que vocês acabam de despertar em meu coração. Ai de mim! Há muito tempo atrás eu vivia em uma cidade cujas muralhas eram banhadas pelo Mar Mediterrâneo. Amava uma jovem e bela moça que correspondia ao meu amor; mas era pobre e fui repellido por sua família. Ela me disse que iria se casar com o filho de um negociante cujo comércio estendia-se para além dos dois mares, e fui recusado. Louco de dor, resolvi dar cabo de minha vida após saciar minha sede de vingança, assassinando meu odiado rival. Os meios violentos me repugnavam, no entanto; fremia à ideia desse crime, mas meu ciúme o levou adiante. Na véspera do dia em que minha amada ia se casar, ele morreu envenenado por mim, pois achei este meio mais fácil. Assim se explicam essas reminiscências do passado. Sim, já vivi e reviverei novamente... Oh, meu Deus, tenha piedade de minha fraqueza e de minhas lágrimas.*

4. Deploramos essa infelicidade que retardou seu avanço e nos lastimamos sinceramente por você; mas, a partir do momento em que se arrependeu, Deus terá piedade de você. Diga-nos, por favor, se você levou a cabo seu projeto de suicídio.

R. – *Não; confesso vergonhosamente que a esperança tornou ao meu coração; queria usufruir do preço de meu crime; mas meus remorsos traíram-me; expiei por meio do último suplício esse momento de fraqueza: fui enforcado.*

5. Você tinha consciência dessa má ação em sua última existência?

R. – *Somente nos últimos anos de minha vida, e eis como. Era naturalmente de boa índole; após ter sido submetido, como todos os Espíritos homicidas, ao tormento da vida contínua de minha vítima, que me perseguia como um remorso vivo, consegui me libertar depois de muitos longos anos por meio de preces e do meu arrependimento. Recomeçava outra vez a vida, a última, e a atravessava sossegado e receoso. Possuía uma vaga intuição de minha fraqueza intrínseca e de meu erro anterior, do qual havia conservado a memória latente. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que era o próprio pai de minha vítima, não teve grande dó de se apoderar de mim e de fazer reviver em meu coração, como se fosse um espelho mágico, as lembranças do passado.*

*Ora influenciado por ele, ora pelo guia que me protegia, era o envenenador ou o pai de família que ganhava o pão de seus filhos por meio de seu trabalho. Fascinado por esse demônio obsessivo, fui levado ao suicídio. Sou muito culpado, é verdade, mas menos, no entanto, do que se eu tivesse resolvido fazer isso por conta própria. Os suicidas de minha categoria, muito fracos para resistir aos Espíritos obsessivos, são menos culpados e menos punidos do que os que tiram a vida pautados unicamente em seu livre-arbítrio. Orem comigo pelo Espírito que me influenciou tão fatalmente a fim de que ele abdique de seus sentimentos de vingança, e orem também por mim, para que eu adquira a força e a energia necessárias para não cair, por minha livre vontade, na provação do suicídio, **a que serei submetido em minha próxima encarnação, conforme me disseram.***

6. **Ao guia do médium.** Um Espírito obsessivo pode realmente levar alguém ao suicídio? R. – *Seguramente, pois a obsessão, ela*

própria um gênero de provação, pode se revestir de todas as formas; mas mesmo assim, não passa de uma desculpa. O homem sempre possui seu livre-arbítrio e, por consequência, ele é livre para ceder ou resistir às sugestões às quais ele está exposto; quando ele sucumbe, sempre é pelo feito de sua vontade. O Espírito tem razão, no mais, quando diz que o que faz o mal por causa da instigação de um outro é menos repreensível e menos punido do que o que o comete sozinho; mas ele não é inocente, já que a partir do instante em que ele se deixa desviar do bom caminho, ocorre que o bem não está fortemente enraizado nele.

7. Como aconteceu que, a despeito da prece e do arrependimento que tinham libertado esse Espírito do tormento que ele experimentava ao ver sua vítima, ele ainda tenha sido perseguido pela vingança do Espírito obsessivo em sua última encarnação?

R. – *O arrependimento, você sabe, é apenas **a porta de entrada da reabilitação**, mas não basta para livrar o culpado de todas as penas; Deus não se contenta com promessas; deve-se provar, por meio de atos, a solidez do retorno ao bem; é por isto que o Espírito é submetido a novas provações que o fortificam, ao mesmo tempo em que lhe fazem conquistar um mérito a mais quando sai vitorioso delas. Ele está exposto às perseguições dos maus Espíritos até que estes o sintam forte a ponto de resistir a eles; então eles o deixam sossegado, pois sabem que suas tentativas seriam inúteis.*

Esses dois últimos casos nos mostram a mesma provação se renovando a cada encarnação, à medida que sucumbam novamente a ela. Antoine Bell nos mostra, além disso, o fato não menos instrutivo de um homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em uma existência anterior, como um remorso e uma advertência. Tiramos daí a conclusão de que todas as existências são solidárias umas das outras; a justiça e a bondade de Deus cintilam na possibilidade que ele deixa ao homem de se melhorar gradualmente, sem nunca lhe fechar a porta da redenção de seus erros; o culpado é punido por seu próprio erro, e a punição, em vez de ser uma vingança de Deus, é o meio empregado para o fazer progredir.

CAPÍTULO VI - CRIMINOSOS ARREPENDIDOS.

Verger, assassino do arcebispo de Paris.

Em três de janeiro de 1857 o Mons. Sibour, arcebispo de Paris, ao sair da igreja de Saint-Etienne du Mont foi golpeado mortalmente por um jovem padre de nome Verger. O culpado foi condenado à morte e executado em 30 de janeiro. Até o último momento ele não demonstrou nem pesar, nem arrependimento, nem sensibilidade.

Evocado no próprio dia de sua execução, ele deu as seguintes respostas:

1. Evocação.

R. – *Ainda estou retido em meu corpo.*

2. Sua alma ainda não se desligou inteiramente de seu corpo?

R. – *Não... tenho medo... não sei... Espere eu voltar à consciência... Não morri, não é mesmo?*

3. Você se arrepende do que fez?

R. – *Errei em matá-lo; mas fui levado a isso pelo meu caráter, que não podia sofrer as humilhações... Você me evocará em outro momento.*

4. Por que você já quer partir?

R. – *Teria muito medo se eu o visse; temo que ele me humilhe novamente.*

5. Mas você não tem nada a temer, já que sua alma está separada de seu corpo; esquece toda inquietude: não há razão para isso.

R. – *O que você quer? Você é sempre dono de suas impressões? Não sei onde estou... estou louco.*

6. Trate de se recompor.

R. – *Não posso, já que estou louco... Espere! Vou recuperar minha lucidez.*

7. E se você orasse? Não acha que seria um auxílio para restabelecer suas ideias?

R. – *Não sei... Não ousou orar.*

8. Ore, a misericórdia de Deus é grande! Vamos orar com você.

R. – *Sim, a misericórdia de Deus é infinita; sempre acreditei nisso.*

9. Agora você consegue perceber melhor a sua posição?

R. – *É tão extraordinária que ainda não consigo me dar conta.*

10. Você vê sua vítima?

R. – *Parece que ouço uma voz que me lembra a dele, e que me diz: Não tenho nada contra você... mas é um efeito da minha imaginação!... Estou louco, digo a você, pois vejo meu próprio corpo de um lado e minha cabeça de outro... no entanto parece que estou vivo, mas no espaço, entre a Terra e o que vocês chamam de céu... Sinto o frio de uma faca caindo sobre meu pescoço... Mas é o medo que tenho da morte... parece que vejo muitos Espíritos ao redor de mim, me olhando com compaixão... falam comigo, mas não os compreendo.*

11. Entre esses Espíritos há algum cuja presença o humilha, por causa de seu crime?

R. – *Eu lhe diria que todos me metem medo por causa disso, e é o que mais me aflige.*

12. Você se lembra de suas existências anteriores?

R. – *Não, estou flutuando... acho que estou sonhando... deixe para uma outra vez; preciso me encontrar.*

13. (Depois de três dias.) Você está mais consciente agora?

R. – *Sei agora que não estou mais nesse mundo, e não me lamento por isso. Lamento o que fiz, mas meu Espírito está mais livre; sei agora que há uma série de existências que nos fornecem os conhecimentos úteis para nos tornarmos perfeitos tanto quanto possamos.*

14. Você está sendo punido pelo crime que cometeu?

R. – *Sim; lamento pelo que fiz e sofro.*

15. De que maneira você está sendo punido?

R. – *Estou sendo punido, pois reconheço meu erro e peço perdão a Deus por ele; estou sendo punido pela consciência de minha falta de fé em Deus, e porque sei agora que não devemos nunca abreviar os dias de nossos irmãos; estou sendo punido pelo remorso de ter retardado meu avanço ao trilhar por um falso caminho, e por nunca ter escutado o grito de minha consciência, que me dizia que jamais atingiria minha finalidade matando alguém; mas me deixei dominar pelo orgulho e o ciúme; equivoquei-me e me arrependo disso, pois o homem sempre deve se esforçar para dominar suas más paixões, e nada fiz neste sentido.*

16. Que sentimento você experimentou quando nós o evocamos?

R. – *Um prazer e um temor, já que não sou um sem-coração.*

17. Em que consistem esse prazer e esse temor?

R. – *O prazer de me relacionar com os homens e de poder reparar em parte meu erro, ao confessá-lo. Um temor que não saberia definir, um tipo de medo por ter sido um assassino.*

18. Você deseja reencarnar-se sobre essa Terra?

R. – *Sim, eu peço, desejo constantemente me encontrar em uma situação em que possa ser morto e temer essa situação.*

Mon. Sibour foi evocado e disse que perdoava seu assassino e orava pelo seu retorno ao bem. Ele ainda disse que, embora estivesse presente, ele não se mostrou a ele para não aumentar seu sofrimento; o medo de o ver, um sinal de seu remorso, já era para ele um castigo.

P. – O homem que comete um assassinato sabe que, ao escolher sua existência, ele se tornará um assassino? R. – *Não; ele sabe que, ao escolher uma vida de dificuldades, ele pode vir a matar um de seus semelhantes; mas ele ignora se o fará, pois quase sempre se desenrola uma luta interna nele.*

A situação de Verger no momento de sua morte é a de quase todos os que perecem de morte violenta. A separação da alma, ao se operar de uma maneira brusca, deixa-os um tanto quanto aturdidos e não sabendo se estão mortos ou vivos. A vista do arcebispo Ihe foi poupada, já que não era necessária para

suscitar nele os remorsos, ao passo que outros, pelo contrário, são incessantemente perseguidos pelas visões de suas vítimas. À enormidade de seu crime Verger tinha juntado o fato de não ter se arrependido antes de morrer; ele cumpria assim todas as condições necessárias para sofrer a condenação eterna. No entanto, nem bem ele deixou a Terra e o arrependimento penetrou sua alma; repudiou seu passado e pediu com sinceridade a reparação. Isto não se deveu ao excesso de sofrimentos que suportou, haja vista ele não ter tido tempo de sofrer. Teria sido, portanto, o único grito de sua consciência, a qual ele não teria ouvido a vida toda, e que, agora, o escudou. Por que então não lhe seria levado em conta? Por que, passados apenas alguns dias, o que o teria salvo do inferno não poderia mais salvá-lo? Por que Deus, que tinha sido misericordioso antes da morte, não teria mais nenhuma piedade algumas horas depois?

Seria normal se espantar com a rapidez da mudança que por vezes se opera nas ideias de um criminoso endurecido até o último momento, e que a passagem para a outra vida bastasse para lhe fazer compreender a iniquidade de sua conduta. Este efeito está longe de ser geral, pois se assim fosse não haveria maus Espíritos; o arrependimento frequentemente é muito tardio, e se prolonga tanto quanto a pena.

A obstinação no mal durante a vida às vezes é uma decorrência do orgulho que se recusa a se dobrar e a admitir os erros, pois o homem encontra-se sob a influência da matéria, que põe um véu sobre suas percepções espirituais e o fascina. Ao cair esse véu, uma luz súbita o esclarece, e ele se encontra como se tivesse acordado. O pronto retorno aos melhores sentimentos sempre é índice de certo progresso moral já cumprido que apenas necessitava de uma circunstância favorável para se revelar, ao passo que aquele que persiste no mal por mais ou menos tempo após sua morte, é incontestavelmente um Espírito mais atrasado, em quem o instinto material sufoca o germe do bem e que deverá ainda sofrer novas provações para se melhorar.

Lemaire

Condenado à pena de morte pela Corte de Jurados de Aisne e executado em 31 de dezembro de 1857; evocado em 29 de janeiro de 1859.

1. Evocação.

R. – Estou aqui.

2. Qual o sentimento que você tem à nossa vista?

R. – *A vergonha.*

3. Você conservou sua consciência até o último momento?

R. – *Sim.*

4. Imediatamente após sua execução, você teve consciência de sua nova existência?

R. – *Estava mergulhado em uma perturbação imensa da qual ainda não pude sair. Senti uma imensa dor e me pareceu que meu coração também a sofria. Vi rolar não sei bem o que ao pé do cadafalso; vi sangue escorrer e minha dor a partir daí se tornou mais pungente.*

P. – Era uma dor puramente física análoga à que seria causada por um grave ferimento, pela amputação de um membro, por exemplo?

R. – *Não; imagine um remorso, uma grande dor moral.*

P. – Quando você começou a sentir essa dor?

R. – *Desde o momento em que fiquei livre.*

5. A dor física causada pelo suplício era sentida pelo corpo ou pelo Espírito?

R. – *A dor moral era em meu Espírito; o corpo sentiu a dor física; **mas o Espírito separado ainda sentia dor.***

6. Você chegou a ver seu corpo mutilado?

R. – *Vi alguma coisa disforme que parecia ser eu ainda não ter abandonado [o corpo]; no entanto, sentia-me ainda inteiro: era eu mesmo.*

P. – Qual impressão essa visão teve sobre você?

R. – *Sentia muito a minha dor; **perdia-me nela.***

7. É verdade que o corpo vive ainda alguns instantes depois da decapitação, e que o supliciado tem consciência de suas ideias?

R. – *O Espírito se retira pouco a pouco; quanto mais os laços da matéria o enlaçam, menos a separação é imediata.*

8. Dizem terem percebido na face de alguns supliciados a expressão de cólera e movimentos, como se eles quisessem falar; é o efeito de uma contração nervosa ou de um ato de vontade?

R. – *A vontade; pois o Espírito ainda não havia se retirado de lá.*

9. Qual o primeiro sentimento que você experimentou ao entrar em sua nova existência? R. – *Um sofrimento intolerável; um tipo de remorso pungente de que eu ignorava a causa.*

10. Você se reuniu com seus cúmplices executados junto com você?

R. – *Para nossa infelicidade; nossa visão é um suplício contínuo; cada um de nós repreende o outro pelo crime cometido.*

11. Você reencontrou suas vítimas?

R. – *Eu as vejo... estão felizes... seus olhares me perseguem... sinto que penetram até o fundo de meu ser... em vão quero escapar a eles. – O que você sente ao vê-las? R. – A vergonha e o remorso. **Eu as elevei com minhas próprias mãos, e ainda as odeio.** – Qual sentimento elas têm ao vê-lo? R. – *A piedade.**

12. Elas sentem ódio e desejo de vingança?

R. – *Não; fazem votos de expiação para mim. **Você não sabe quão horrível é o suplício de dever tudo a quem se odeia.***

13. Você lamenta pela sua vida terrestre?

R. – *Lamento apenas pelos meus crimes. Se ainda tivesse a possibilidade em minhas mãos, não sucumbiria mais.*

14. A tendência ao mal era parte de sua natureza ou você foi arrastado pelo meio em que viveu?

R. – *A tendência ao crime era parte de minha natureza, pois era apenas um Espírito inferior. Quis me elevar rapidamente; mas pedi mais do que minhas forças suportavam. Acreditei que fosse forte e escolhi uma prova dura; cedi às tentações do mal.*

15. Se você tivesse recebido bons princípios educativos, você poderia ter se desviado de sua vida criminosa? R. – *Sim; mas escolhi a posição em que nasci. – Você teria podido ser um homem de bem? R. – *Um homem fraco, incapaz de fazer tanto o**

bem quanto o mal. Poderia corrigir o mal intrínseco à minha natureza durante minha existência, mas não podia me elevar até fazer o bem.

16. Enquanto vivo, você acreditava em Deus? R. *Não.* – Dizem, no entanto, que no instante de sua morte você se arrependeu; é verdade? R. – *Acreditei em um Deus vingador... tinha medo de sua justiça.* – Neste instante o seu arrependimento é mais sincero? R. – *Infelizmente! Vejo o que eu fiz.* – O que você pensa de Deus agora? R. – *Eu o sinto e não o compreendo.*

17. Você acha justo o castigo que lhe foi infligido sobre a Terra? R. – *Sim.*

18. Você espera obter o perdão para seus crimes? R. – *Não sei.* – Como você espera compensá-los? R. – *Por meio de novas provas; mas me parece que a eternidade se põe entre elas e eu.*

19. Onde você está agora? R. – *Em meu sofrimento.* – Perguntamos em que lugar você se encontra. R. – *Perto do médium.*

20. Já que você está aqui, se pudéssemos vê-lo, sob qual forma você apareceria a nós? R. – *Sob minha forma corporal; a cabeça separada do tronco.* – Você poderia se fazer visível para nós? R. – *Não; deixem-me.*

21. Você poderia nos dizer como escapou da prisão de Montdidier? R. *Não sei mais... meu sofrimento é tão grande que guardo apenas a lembrança do crime... Deixem-me.*

22. Poderíamos ofertar algum alívio aos seus sofrimentos? R. – *Façam votos para que a expiação chegue.*

Benoist
(Bordeaux, março de 1862.)

Um Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium sob o nome de *Benoist*, dizendo ter morrido em 1704 e passado por sofrimentos horríveis.

1. O que você foi quando estava vivo? R. – *Um monge sem fé.*
2. A falta de crença foi seu único erro? R. – *Bastou para desencadear os outros.*
3. Pode nos fornecer alguns detalhes sobre sua vida? A sinceridade de suas confissões será levada em consideração. R. – *Sem fortuna e preguiçoso, fui ordenado não por vocação, mas para ter uma posição. Inteligente, conquistei um posto; influente, abusei do poder; vicioso, arrastei às desordens aqueles que eu tinha como missão salvar; duro, persegui os que queriam censurar meus excessos; os calmos foram inquietados pelas minhas condutas. A fome muito torturou as vítimas; seus gritos frequentemente foram abafados com violência. Desde então, expio e sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas atizam o fogo que me devora. A luxúria e a fome sem fim me perseguem; a sede irrita meus lábios queimantes sem com que jamais caia uma só gota refrescante; todos os elementos me ferem. Orem por mim.*
4. As preces que se fazem pelos mortos devem ser dirigidas a você, como aos demais? R. – *Acreditem que elas são muito edificantes. **Elas têm para mim o mesmo valor das que eu simulava fazer.** Não cumpro minha tarefa e não devo receber o salário.*
5. Você nunca se arrependeu? R. – *Há muito tempo; **mas somente após o meu sofrimento.** Como fiquei surdo aos gritos das vítimas inocentes, o Mestre está surdo aos meus gritos. Justiça!*
6. Você reconhece a justiça do Senhor; confie em sua bondade e peça a sua ajuda.
R. – *Os demônios berram mais forte do que eu; os gritos sufocam em minha garganta; eles enchem minha boca de betume fervente!... Eu peço, grande... (o Espírito não consegue escrever a palavra Deus.)*

7. Então você ainda não está muito desvencilhado das ideias terrestres, pois não compreende que as torturas sofridas por você são todas morais.

R. – *Eu as sofro, eu as sinto, eu vejo meus carrascos; todos eles têm uma face muito conhecida; todos eles têm um nome que ressoa em meu cérebro.*

8. Quem poderia lhe suscitar todas essas infâmias?

R. – *Os vícios de que eu era imbuído; a brutalidade das paixões.*

9. Você nunca implorou a assistência dos bons Espíritos para ajudá-lo a sair dessa posição?

R. – *Vejo apenas os demônios do inferno.*

10. Você temia o inferno quando estava vivo?

R. – *Não, nem um pouco; o nada era a minha fé; os prazeres a todo custo eram o meu culto. As divindades do inferno jamais me abandonaram; consagrei-lhes minha vida, e elas não mais me deixarão!*

11. Você não entrevê um término para seus sofrimentos?

R. – *O infinito não tem término.*

12. Deus é infinito em sua misericórdia; tudo pode ter um fim quando ele o quer.

R. – *Ah, se ele quisesse!*

13. Por que você veio participar desta reunião?

R. – *Não sei como; mas quis falar, assim como queria gritar para me aliviar.*

14. Seus demônios não o estão impedindo de escrever?

R. – *Não, mas eles estão diante de mim, eles me ouvem; por isso não queria acabar.*

15. É a primeira vez que você escreve desse jeito? R. – *Sim.* – Você sabia que os Espíritos podiam se aproximar assim dos homens? R. – *Não.* – Como então você pôde fazer isso? R. – *Não sei.*

16. O que você sentiu quando chegou perto de mim?

R. – *Um entorpecimento em meus terrores.*

17. Como você se deu conta de que estava aqui? R. – *Como quando se acorda.*

18. Como você fez para se colocar em contato comigo?

R. – *Não compreendo; você não sente nada?*

19. Não se trata de mim, mas de você; tente perceber o que você está fazendo neste momento em que escreve.

R. – *Você é meu pensamento, eis tudo.*

20. Você não tem a vontade de fazer com que eu escreva?

R. – *Não, sou eu quem escrevo, você pensa por mim.*

21. Tente perceber; os bons Espíritos que nos rodeiam o ajudarão. R. – *Não, os anjos não vêm ao inferno.* – Você não está sozinho? Veja ao seu lado. R. – *Sinto que me auxiliam a pensar em você... sua mão me obedece... não a toco, e mesmo assim a controlo... não entendo.*

22. Peça a assistência de seus protetores; vamos orar juntos. R. – *Você quer me deixar? Fique comigo; eles querem me pegar novamente. Eu suplico, fique! Fique!*

23. Não posso ficar por muito mais tempo. Volte todos os dias. Oraremos juntos e os bons Espíritos o auxiliarão. R. – *Sim, queria me salvar. Peçam por mim, eu não posso.*

O guia do médium. *Coragem, meu filho; ser-lhe-á concedido o que você pede, mas a expiação ainda está longe de terminar. As atrocidades que ele cometeu são inomináveis e inumeráveis, e ele é muito mais culpado por possuir inteligência, instrução e o esclarecimento para se guiar. Ele, portanto, fracassou com conhecimento de causa, e seus sofrimentos são terríveis; mas com o socorro e o exemplo da prece seus sofrimentos se suavizarão, pois ele verá um término possível, e a esperança o sustentará. Deus quer que ele entre na rota do arrependimento e lhe concedeu a graça **de poder se comunicar, a fim de que ele seja encorajado e sustentado.** Pense nele com frequência; nós o deixamos com você para que ele seja fortificado nas boas resoluções e que ele vier a tomar, auxiliado pelos seus conselhos.*

Ao arrependimento sucederá nele o desejo da reparação; é aí que ele pedirá por si próprio uma nova existência sobre a Terra, para praticar o bem em vez do mal que fez, e quando Deus ficar satisfeito com ele e o vir bem fortalecido, lhe deixará entrever as claridades divinas que o conduzirão ao porto da salvação, e o receberá em seu seio como o filho pródigo. Tenha confiança, nós o auxiliaremos a cumprir sua obra.

Paulin.

Classificamos este Espírito entre os criminosos, embora ele não tenha sido incomodado pela justiça humana, porque o crime consiste nos atos, e não no castigo infligido pelos homens. Passa-se o mesmo com o que se segue.

O espírito de Castelnaudary

Em uma pequena casa perto de Castelnaudary ocorriam barulhos estranhos e diversas manifestações que a faziam parecer assombrada por algum mau Espírito. Por isso ela foi exorcizada em 1848, sem resultado. O proprietário, Sr. D..., ao querer habitá-la, morreu subitamente alguns anos depois; seu filho, que quis morar lá em seguida, ao entrar em um dos quartos recebeu um forte soco dado por uma mão desconhecida; como ele estava completamente sozinho, não duvidou de que o soco foi desferido por uma fonte oculta, razão pela qual resolveu abandoná-la definitivamente. Reza uma lenda na região que um grande crime teria sido cometido naquela casa.

O Espírito que havia desferido o soco, ao ser evocado na Sociedade de Paris, em 1859, manifestou-se violentamente; todos os esforços para acalmá-lo foram em vão. São Luís, interrogado sobre esse assunto, respondeu: *“É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro; nós o fizemos vir, mas não pudemos obrigá-lo a escrever, a despeito de tudo o que lhe foi dito; ele tem seu livre-arbítrio: o infeliz faz dele um triste uso”*.

P. – Esse Espírito é suscetível de melhoramento? R. – *Por que não? Todos não são? Por que com este seria diferente? No entanto, é necessário saber que encontrarão dificuldades; mas,*

por mais perverso que seja, devolver-lhe o mal com o bem terminará o tocando. De início orem por ele e o evoquem daqui a um mês; vocês poderão perceber a mudança que será operada nele.

O Espírito evocado novamente em seguida se mostrou mais afável, pouco a pouco submisso e arrependido. Explicações fornecidas por ele e por outros Espíritos deram conta de que em 1608 ele morava naquela casa, onde assassinou o irmão por ciúme e por suspeitar dele, golpeando-o na garganta enquanto dormia. Alguns anos mais tarde fez o mesmo com sua esposa, depois da morte de seu irmão. Ele morreu em 1659 aos 80 anos de idade, sem ter sido perseguido por esses assassinatos, com os quais pouco se importavam naqueles tempos de confusão. Depois de sua morte ele não parou de fazer o mal, e provocou muitos acidentes acontecidos naquela casa. Um médium vidente que assistia à primeira evocação o viu no momento em que quiseram obrigá-lo a escrever; ele sacodia fortemente o braço do médium: seu aspecto era assustador; vestia-se com uma camisa coberta de sangue e segurava um punhal.

1. P. **(A são Luís.)** – Queira nos descrever o tipo de suplício desse Espírito. R. – *Atroz para ele; foi condenado à sala da casa em que cometeu o crime, sem poder dirigir seu pensamento a outra coisa senão àquele crime, sempre diante de seus olhos, e ele se crê condenado a essa tortura pela eternidade. Ele se vê constantemente no instante em que cometeu seu crime; toda outra lembrança lhe é retirada, e toda comunicação com outro Espírito, proibida; ele não pode, sobre a Terra, ficar senão nesta casa, e se ele encontra-se no espaço, fica nas trevas e na solidão.*

2. Teria um meio de desalojá-lo dessa casa, e se sim, qual seria? R. – *Se quiserem se livrar de obsessões de Espíritos como este, ficará fácil se orarem por eles: é o que esquecemos sempre de fazer. Preferimos afastá-los por meio de fórmulas de exorcismo, o que só serve para diverti-los bastante.*

3. Ao sugerir às pessoas interessadas a ideia de orar por ele, e ao orarmos nós mesmos, ele seria afastado? R. – *Sim, mas note que eu disse para orar, **não para encomendar a oração.***

4. Já se vão dois séculos em que ele se encontra nessa situação. Ele percebe todo esse tempo como se estivesse vivo? Quer dizer, o tempo lhe parece mais ou menos longo em relação a quando ele estava vivo? R. – *Parece-lhe mais longo: não existe sono para ele.*

5. Disse-nos que para os Espíritos o tempo não existe, e que, para eles, um século não é nada na eternidade; não se passa o mesmo com todos?

R. – *Não, certamente, é assim apenas para os Espíritos que atingiram um grau de evolução muito elevado; mas para os Espíritos inferiores, o tempo é por vezes mais longo, sobretudo quando eles sofrem.*

6. De onde provinha esse Espírito antes de sua encarnação?

R. – *Ele tinha tido uma existência entre os povos mais ferozes e selvagens, e antes vinha de um planeta inferior à Terra.*

7. Esse Espírito está sendo punido severamente pelo crime cometido; se ele viveu entre os povos bárbaros, ele devia cometer atos não menos atrozés do que os anteriores; mesmo assim, ele deve ser punido igualmente?

R. – *Lá ele não era tão punido, pois, por ser mais ignorante, compreendia menos o alcance de seus atos.*

8. O estado em que se encontra esse Espírito é o dos seres vulgarmente chamados de *condenados*?

R. – *Exatamente. E há Espíritos que ainda se encontram em situação mais terrível. Os sofrimentos jamais são os mesmos para todos, mesmo em se tratando de crimes semelhantes, pois variam de acordo com o culpado ser mais ou menos acessível ao arrependimento. Para este, a casa em que ele cometeu seu crime é o seu inferno; outros carregam o inferno consigo, por meio das paixões que os atormentam e que eles não conseguem apaziguar.*

9. Esse Espírito, a despeito de sua inferioridade, é tocado pelos bons efeitos da prece; vimos a mesma coisa ocorrer com Espíritos igualmente perversos e de natureza muito bruta. Por que, então, os Espíritos mais esclarecidos, com a inteligência mais desenvolvida, mostram uma ausência completa de bons

sentimentos? Por que eles riem de tudo o que há de mais sagrado? Em uma palavra, por que nada os toca? Por que não há nenhuma trégua em seu cinismo? R. – A prece apenas tem efeito sobre o Espírito que se arrependa; aquele que, levado pelo orgulho, revolta-se contra Deus e persiste em seus erros, aumentando-os ainda mais, ao modo dos Espíritos infelizes; sobre esses a prece não pode nada, e apenas poderá exercer algum efeito quando um fio de arrependimento manifestar-se neles. A ineficácia da prece é para ele também um castigo! Ela alivia somente aqueles que não sejam completamente endurecidos.

10. Quando um Espírito for inacessível aos bons efeitos da prece, configura-se uma razão para se abster de orar por ele? R. – *Não, sem dúvida, pois cedo ou tarde ela poderá vencer seu endurecimento e fazer germinar nele pensamentos salutares.*

O mesmo se passa com certos doentes, sobre os quais os remédios têm efeito apenas em longo prazo, não momentâneo; sobre outros, ao contrário, eles agem prontamente. Ao se penetrar na verdade de que todos os Espíritos são perfectíveis e que nenhum está fatalmente condenado ao mal, compreender-se-á que, cedo ou tarde, a prece exercerá seu efeito, e o que parecia ineficaz em um primeiro instante, deixará germes salutares que predisporão o Espírito ao bem, se não os tocar imediatamente. Seria, portanto, um equívoco desencorajar a oração por não se obter um sucesso momentâneo.

11. Se esse Espírito se reencarnasse, em qual categoria de indivíduos ele se encontraria? R. – *Isto dependerá dele e do arrependimento que ele tiver.*

Diversos encontros com esse Espírito proporcionaram-lhe uma notável mudança em seu estado moral. Eis algumas de suas respostas.

12. **Ao Espírito.** Por que você não pôde escrever na primeira vez em que nós o chamamos? R. – *Não queria.* – Por que você não queria? R. – *Ignorância e embrutecimento.*

13. Agora você pode, então, deixar a casa de Castelnaudary quando quiser? R. – *Sim, permitem-me, porque eu aproveitei seus bons conselhos.* – Você se sente aliviado? R. – *Começo a ter esperança.*

14. Se pudéssemos vê-lo, sob que aparência o veríamos? R. – *Vocês me veriam de camisa, sem o punhal.* R. – Por que você está sem o punhal? O que fez dele? – *Eu o amaldiçoei; **Deus me poupa a visão dele.***

15. Se o Sr. D... Filho (o que tinha recebido o golpe) retornasse à casa, você lhe faria mal? R. – *Não, pois me arrependi.* P. – E se ele ainda quisesse o desafiar? R. – *Oh, não me peçam isso! Não conseguiria me dominar, isso estaria além de minhas forças... pois não passo de um miserável.*

16. Você entrevê o fim de suas penas? R. – *Oh! Ainda não; é muito mais do que eu mereço saber; graças à sua intercessão elas não durarão para sempre.*

17. Você pode nos descrever a situação em que se encontrava antes de nós o havermos chamado pela primeira vez? Compreenda que lhe pedimos isso para encontrarmos um meio de lhe ser útil, não por motivo de curiosidade. R. – *Disse a vocês, não tinha consciência de nada do mundo senão do meu crime, e apenas podia deixar a casa onde o cometi para me elevar ao espaço em que tudo ao meu redor não passava de solidão e obscuridade; não saberia dar uma noção do que fosse isso, jamais compreendi [a situação]; a partir do instante em que me elevasse acima do ar, tudo era escuro, vazio; não sei o que era. Hoje sinto muito mais remorso e não estou mais obrigado a ficar nesta casa fatal; me é permitido vagar sobre a Terra, e procurar me esclarecer por meio de minhas observações; mas então passei a compreender muito melhor a enormidade de meus débitos; e se sofro menos por um lado, minhas torturas aumentaram por outro, devido aos meus remorsos; mas ao menos tenho esperança.*

18. Se você devesse retomar uma existência corporal, qual você escolheria? R. – *Ainda não vi bastante nem refleti para saber.*

19. Durante seu longo isolamento, e pode-se dizer sua prisão, você sentiu remorsos? R. – *Nem um pouco, e é por isso que sofri durante tanto tempo; somente comecei a senti-los quando foram provocados, em minha opinião, pelas circunstâncias acarretadas pela minha evocação, à qual devo o começo de minha libertação. Obrigado, assim, a vocês, que tiveram piedade de mim e me esclareceram.*

Vimos de fato avaros sofrerem pela visão do ouro, que para eles havia se tornado verdadeira quimera; orgulhosos atormentados pelo ciúme das honras que viam conceder, e que não se dirigiam a eles; homens que haviam comandado sobre a Terra, humilhados pela potência invisível que os constrangia a obedecer e pela visão de seus subordinados, que não se dobravam mais perante eles; os ateus sofrerem as angústias da incerteza, e encontrarem-se em um isolamento absoluto em meio à imensidão, sem ter ninguém que pudesse os esclarecer. No mundo dos Espíritos, se há alegrias para todas as virtudes, há penas para todos os erros; e os que não são atingidos pela lei dos homens são sempre submetidos à lei de Deus.

Além disso, deve-se sublinhar que os mesmos erros, embora cometidos em condições idênticas, são punidos por castigos por vezes muito diferentes, segundo o grau de avanço do Espírito. Aos Espíritos mais atrasados e de uma natureza bruta, como o de que se trata aqui, são infligidas penas de algum modo mais materiais do que morais, ao passo que ocorre o contrário com aqueles cujas inteligência e sensibilidade são mais desenvolvidas. Aos primeiros são necessários castigos apropriados à dureza de sua carapaça para lhes fazer compreender os desprazeres de sua posição, e lhes inspirar o desejo de sair dela; desse modo, só a vergonha, por exemplo, que pouco ou quase nada os impulsionaria, para outros seria intolerável.

Nesse código penal divino a sabedoria, a bondade e a providência de Deus para suas criaturas se revelam até mesmo nas mais pequeninas coisas; tudo é proporcional; tudo é combinado com uma admirável solicitude para facilitar aos culpados os meios de se reabilitar; levam-se em consideração as menores boas aspirações da alma. Segundo o dogma das penas eternas, pelo contrário, no inferno estão misturados os grandes e pequenos culpados, os culpados de um dia e os cem vezes

reincidentes, os endurecidos e os arrependidos; tudo é calculado para os manter no fundo do abismo; nenhuma tábua de salvação lhes é oferecida; um só erro pode precipitá-los para sempre lá, sem que lhes fosse levado em consideração o bem que fizeram. De que lado encontram-se a verdadeira justiça e a verdadeira bondade?

Esta evocação não foi, portanto, feita por acaso; como devia ser útil a este infeliz, os Espíritos que velavam por ele, ao verem que começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram que o momento de lhe dar um socorro eficaz tinha chegado, e foi então que as circunstâncias se mostraram propícias. É um fato que vimos se produzir por diversas vezes.

Perguntou-se, sobre este assunto, o que teria acontecido com ele se não pudesse ter sido evocado, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não o podem ser ou com aqueles que nem sabem disso. A isto é respondido que as vias de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis; a evocação é um meio de assisti-los, mas certamente não é o único, e Deus não se esquece de ninguém. Aliás, as preces coletivas devem ter sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento sua parte de influência.

Deus não poderia subordinar a sorte dos Espíritos sofredores aos conhecimentos e à boa vontade dos homens. Desde que os homens puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, um dos primeiros resultados do Espiritismo, eles aprenderam que com o auxílio dessas relações podiam auxiliar seus irmãos desencarnados. Deus quis, por este meio, provar-lhes a solidariedade que existe entre todos os seres do universo, e outorgar-lhes uma lei da natureza com base no princípio da fraternidade. Ao abrir este novo campo ao exercício da caridade, ele lhes mostrou o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, desviadas até então de sua finalidade providencial pela ignorância e pela superstição. Aos Espíritos sofredores não faltou, assim, em nenhuma época, o socorro, e se as evocações lhes abrem uma nova via de salvação, os encarnados podem se valer disso ainda mais, pois elas representam para eles novas ocasiões de fazer o bem, além de se instruírem sobre o verdadeiro estado da vida futura.

Jacques Latour
Assassino, condenado pela Corte de Jurados de Foix
e executado em setembro de 1864.

Em uma reunião espírita íntima que contava com sete a oito pessoas, ocorrida em Bruxelas em 13 de setembro de 1864 e à qual nós assistíamos, uma senhora médium foi levada a escrever; não tendo sido feita nenhuma evocação especial, ela traçou com uma agitação extraordinária, em letras muito grandes e depois de ter rasurado violentamente o papel, estas palavras:

“Eu me arrependo! Eu me arrependo! Latour.”

Surpresos por esta comunicação inesperada, que nada tinha provocado, pois ninguém pensava nesse infeliz de quem a maioria dos assistentes nem sabia da morte, dirigimos ao Espírito algumas palavras de comisseração e de encorajamento; depois lhe colocamos esta questão:

Que motivo o levou a vir até aqui, já que nós não o chamamos?

O médium, que também é psicofônico, respondeu em viva voz:

“Vi que vocês eram almas compassivas e que vocês teriam piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou se distanciavam de mim com horror.”

Daí iniciou-se uma cena indescritível que não durou menos do que meia hora. Evidenciou-se que o médium tomou a palavra, os gestos e a expressão da fisionomia daquele Espírito que se identificou com sua pessoa: às vezes seus traços de desespero eram tão cortantes, ele tingia suas angústias e seus sofrimentos com um tom tão desolado, suas súplicas tão veementes que todos os assistentes ficaram profundamente emudecidos.

Alguns se assustaram com a superexcitação do médium, mas pensamos que a comunicação de um Espírito que se arrepende e implora a piedade não oferece nenhum perigo. Se tomou de empréstimo os órgãos do médium, foi para mais bem poder expressar sua situação e chamar a atenção para sua sorte, mas

não, como os Espíritos obsessores e possuidores fazem, com vistas a subjugá-lo para o dominar. Isto lhe foi permitido, sem dúvida, em razão de seu próprio interesse, e talvez também para a instrução das pessoas ali presentes.

Ele exclamou:

“Oh! Sim, a piedade! Tenho muita necessidade dela, pois vocês não sabem como sofro!... Não, vocês não sabem; vocês não conseguem compreender... é horrível!... A guilhotina!... o que significa isto ao lado do que eu experimento agora? Nada; é um instante. Mas o fogo que me devora é pior, é uma morte contínua; é um sofrimento que não deixa nem trégua nem repouso... que nunca tem fim!

E minhas vítimas que estão aqui, ao meu lado... que me mostram suas feridas..., que me perseguem com seus olhares! Elas estão aqui, diante de mim..., eu vejo todas elas..., sim, todas; não posso evitá-las!... e esse mar de sangue!... e esse ouro manchado por sangue!... tudo está aqui! Sempre diante de mim!... Você sente o cheiro do sangue?... Sangue, sempre o sangue!... Eis aí, essas pobres vítimas; elas me imploram... e eu, sem piedade, os golpeio... golpeio... golpeio sem parar!... O sangue me embriaga! Acreditava que depois de minha morte tudo estivesse terminado; por isso desprezava o suplício; desprezei Deus, o reneguei!... E eis que, quando me acreditava anulado para sempre, faz-se um sonho terrível...; Oh! Sim, terrível!... Vi-me rodeado de cadáveres, de figuras ameaçadoras... ando em meio ao sangue... Acreditava estar morto, e estou vivo!... É pavoroso!... Horrível! Mais horrível do que todos os suplícios da Terra juntos!

Oh, se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida! Saberiam o custo de se fazer o mal; não haveria mais assassinos, criminosos, malfeitores! Queria que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e experimentar o que eu experimento... Oh! Não, eles não existiriam mais... é muito terrível sofrer o que eu sofro!

*Sei muito bem que mereço tudo isso, oh, meu Deus, pois nunca tive piedade de minhas vítimas; afastei suas mãos suplicantes quando me pediam para lhes poupar. Sim, eu mesmo fui cruel; eu os matei covardemente para ter seu ouro!... fui ímpio; eu o reneguei, blasfemei contra seu santo nome... **Desejei me atordoar, pois queria me persuadir de que você não existia.***

Oh, meu Deus! Sou um grande criminoso! Agora eu o compreendo. Mas você não teria piedade de mim? Você é Deus, quer dizer, a bondade, a misericórdia! Você é todo-poderoso!

*Piedade, Senhor! Oh! Piedade! Piedade! Eu lhe peço, não seja inflexível; liberta-me dessa visão odiosa, dessas imagens horríveis..., desse sangue... das minhas vítimas cujos **olhares me perfuram até o coração, como golpes de punhal.***

Vocês que estão aqui, que me ouvem, vocês são almas boas, almas caridosas; sim, eu vejo, vocês têm piedade de mim, não é mesmo? Vocês orarão por mim... Oh! Eu lhes suplico por isso! Não me repilam. Vocês pedirão a Deus para que ele retire esse terrível espetáculo de diante de meus olhos; ele os ouvirá, porque vocês são bons... Eu lhes peço isso, não me repilam, do modo como eu repeli os outros... Orem por mim.”

Os assistentes, tocados pelos seus arrependimentos, lhe endereçaram palavras de encorajamento e de consolação. Deus, lhe disseram, não é nada inflexível; o que ele pede ao culpado é o arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fez. Tendo em vista que seu coração não está mais endurecido, e que você lhe pede perdão por seus crimes, ele estenderá sobre você a sua misericórdia, caso você persevere em suas boas resoluções para reparar o mal que fez. É certo que você não pode devolver, às suas vítimas, a vida que delas tirou, mas se pedir com fervor, Deus concordará com que você se reencontre com elas em uma nova existência, onde poderá lhes ofertar devotamento na mesma medida em que tenha sido cruel; e quando ele julgar que o resgate já bastou, você entrará em sua graça. A duração de seu castigo está, desse modo, em suas mãos; depende de si abreviá-la; nós prometemos ajuda por meio de preces, e de evocar a assistência de bons Espíritos em seu favor. Vamos orar em seu favor a prece contida no **Evangelho Segundo o Espiritismo** pelos Espíritos sofredores e arrependidos. Nós não faremos a oração pelos maus Espíritos, porque, a partir do momento em que você tenha se arrependido, que você implore a Deus e renuncie à prática do mal, você é, a nossos olhos, apenas um Espírito infeliz, não um mau.

Após a prece ter sido realizada, e depois de alguns instantes de calma, o Espírito retoma a palavra:

“Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado! Você teve piedade de mim; essas horríveis imagens se distanciam... Não me abandone... envie-me seus bons Espíritos para me sustentarem... Obrigado”.

Depois desta cena, o médium ficou, durante algum tempo, esgotado e enfraquecido; seus membros ficaram contraídos. Ele teve a lembrança, de início confusa, do que tinha acabado de acontecer; depois, pouco a pouco ele se recordou de algumas palavras que havia pronunciado, e que disse a contragosto; ele sentia que não era ele que falava.

No dia seguinte, em uma nova reunião, o Espírito manifestou-se novamente e recomeçou, durante apenas alguns minutos, a cena do dia anterior, com a mesma gesticulação expressiva, mas menos violenta. Depois ele escreveu, pelo mesmo médium, com uma agitação febril, as seguintes palavras:

“Obrigado pelas suas preces; uma melhora sensível se produziu em mim. Orei a Deus com tanto fervor que ele permitiu que, por um instante, meus sofrimentos fossem aliviados. Mas eu verei ainda as minhas vítimas... Ei-las aqui! Ei-las aqui!... Você está vendo este sangue?...”

(A prece do dia anterior foi repetida. O Espírito continuou, endereçando-se ao médium”):

“Perdão por me apoderar de você assim. Obrigado pelo alívio que traz aos meus sofrimentos. Perdão a todos por todo o mal que eu lhes ocasionei; mas tenho necessidade de me manifestar; só vocês podem...”

Obrigado! Obrigado! Um pouco de alívio se produziu em mim; mas não me encontro nem no começo de minhas expiações. Logo mais minhas vítimas voltarão. Eis a punição; eu a mereço, meu Deus, mas seja indulgente.

Todos vocês, orem por mim; tenham piedade de mim.

Latour.”

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que havia orado por esse infeliz Espírito e o havia evocado, obteve dele as seguintes comunicações, em diferentes intervalos:

Fui evocado quase logo em seguida à minha morte e não pude me comunicar de pronto, mas muitos Espíritos gozadores usaram meu nome e tomaram meu lugar. Aproveitei a presença em Bruxelas do presidente da Sociedade de Paris, e com a permissão dos Espíritos superiores, comuniquei-me.

Virei comunicar-me na Sociedade e fazer revelações que serão um começo do reparo de meus erros, e que poderão servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem e refletirem sobre o relato de meus sofrimentos.

Os discursos sobre as penas do inferno quase não provocam efeito sobre os Espíritos dos culpados, que não acreditam em todas essas imagens, assustadoras para as crianças e os homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito pusilânime, e o medo dos policiais atua mais sobre eles do que o relato dos tormentos do inferno. Eis porque todos que me lerem se sentirão atingidos por minhas palavras, dos meus sofrimentos, que não são suposições. Não há um só padre que pudesse dizer: “vi o que você diz, assisti à tortura dos condenados”. Mas, quando eu vier dizer: “Eis o que acontece depois da morte de meu corpo; eis qual foi meu desencanto, ao reconhecer que não estava morto como havia esperado, e que o que eu tinha tomado pelo fim dos meus sofrimentos era o começo de torturas impossíveis de serem descritas!”, então, mais de um parará sobre a borda do precipício em que ia se projetar. Cada infeliz que eu retirar assim, da via do crime, servirá para compensar um de meus erros. É assim que o bem brota do mal, e que a bondade de Deus se manifesta por todos os lados, sobre a Terra como no espaço.

Ele me permitiu que me livrasse da visão de minhas vítimas, que se tornaram meus carrascos, para que me comunicasse com vocês; mas ao deixar-lhes eu os verei novamente, e esse único pensamento me faz sofrer mais do que eu possa dizer. Fico feliz quando me evocam. Pois assim deixo meu inferno por alguns instantes. Orem por mim; orem ao Senhor, para que ele me liberte da visão de minhas vítimas.

Sim, oremos juntos, a prece faz tão bem!... Estou mais aliviado; não sinto mais tanto o peso do fardo que me esmaga; vejo um luar de esperança que se reflete em meus olhos, e cheio de

arrependimento, digo: Bendita seja a mão de Deus; que sua vontade seja feita.

II

O médium. – Em vez de pedir a Deus para que o livre da visão de suas vítimas, eu sugiro que ore comigo para pedir a força de suportar essa tortura expiatória.

Latour. – *Preferiria ficar livre da visão de minhas vítimas. Se você soubesse como sofro! O homem mais insensível ficaria emocionado se pudesse ver, impressas sobre a minha face como se fosse com fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei o que me aconselha. Compreendo que é um meio um pouco mais rápido de expiar os meus erros. É como uma operação dolorosa que deve restaurar a saúde ao meu corpo muito doente.*

Ah! Se os culpados da Terra pudessem me ver, como eles ficariam assustados com as consequências de seus crimes que, escondidos aos olhos dos homens, são vistos pelos Espíritos! Quanta ignorância é fatal a um monte de pobres pessoas.

Que responsabilidade assumem os que não concedem a instrução às classes pobres da sociedade! Eles acreditam que com punição e a polícia podem prevenir os crimes. Como estão errados!

III

Os sofrimentos que experimento são terríveis, mas desde suas preces sinto-me auxiliado por bons Espíritos, que me dizem para ter esperança. Compreendo a eficácia do remédio heroico que me foi aconselhado, e rogo ao Senhor que me conceda a força de suportar esta dura expiação. Ela é equivalente, posso lhes dizer, ao mal que eu cometi. Não quero tentar desculpar meus crimes hediondos; mas ao menos, a não ser por alguns instantes de terror que precederam para cada uma de minhas vítimas o momento da morte, a dor, uma vez que o crime tinha sido cometido, cessou para elas, e as que tinham finalizado suas expiações terrestres foram receber a recompensa que as esperava. Mas desde meu retorno ao mundo dos Espíritos não parei de sofrer as dores do inferno, exceto nos momentos muito curtos em que me comuniquei com vocês.

Os padres, a despeito de seus quadros tenebrosos das penas que afetam os réprobos, fazem apenas uma ideia muito vaga dos verdadeiros sofrimentos que a justiça de Deus inflige aos seus filhos que violaram sua lei de amor e de caridade. Como fazer com que pessoas razoáveis acreditem em que uma alma, quer dizer, alguma coisa que não é material, possa sofrer ao contato do fogo material? É absurdo, e eis por que tantos criminosos riem dessas pinturas fantásticas do inferno. Mas é justamente essa dor moral que acomete o condenado depois da morte física. Orem por mim, para que o desespero não se apodere de mim.

IV

De início lhes agradeço por terem me feito entrever a finalidade, finalidade gloriosa a que sei que chegarei quando me fizer purificado. Sofro bastante, e no entanto parece que meus sofrimentos diminuem. Não posso acreditar que, no mundo dos Espíritos, a dor diminua para quem se habitue a ela pouco a pouco. Não. Compreendo que suas boas preces aumentaram minhas forças, **e se minhas dores são as mesmas, por estar mais forte, sofro menos.**

Meu pensamento dirige-se para minha última existência, para os erros que teria podido evitar se tivesse sabido orar. Compreendo hoje a eficácia da prece; compreendo a força dessas mulheres honestas e piedosas, frágeis segundo a carne, mas fortes pela sua fé; compreendo esse mistério que os sábios da Terra não compreendem! Prece! Esta única palavra provoca o riso dos espíritos fortes. Os aguardo neste mundo. E quando o véu que lhes subtrai a verdade romper-se para eles, virão, de sua parte, prostrar-se aos pés do Eterno que eles desconhecaram, e ficarão felizes ao se humilharem para diminuírem seus pecados e seus crimes! Compreenderão a virtude da prece.

Orar é amar; amar é orar! Assim, amarão o Senhor e lhe dirigirão suas preces de amor e de reconhecimento e, regenerados pelo sofrimento, pois deverão sofrer, orarão como eu para terem a força de expiar e de sofrer, e quando tiverem cessado de sofrer, orarão para agradecer ao Senhor pelo perdão que eles tiverem merecido pela sua submissão e sua resignação. Oremos, irmão, para que me fortaleça mais e mais...

Oh! Obrigado, irmão, pela sua caridade, pois fui perdoado. Deus me libertou da visão de minhas vítimas. Oh, meu Deus! Sinto a

enormidade de meus crimes, e me curvo perante sua onipotência. Senhor! Amo-o de todo meu coração, e lhe peço a graça de me permitir, no instante em que por sua vontade eu for enviado para sofrer novas provações sobre a Terra, vir como um missionário da paz e da caridade, ensinando as crianças a pronunciarem seu nome com respeito. Eu lhe peço que eu possa as ensinar a amá-lo, pai de todas as criaturas. Oh, obrigado, meu Deus! Sou um espírito arrependido, e meu arrependimento é sincero. Eu o amo o tanto quanto meu coração tão impuro pode compreender tal sentimento, pura emanção de sua divindade. Irmãos, oremos, pois meu coração transborda de reconhecimento. Estou livre, rompi minhas correntes e não sou mais um réprobo, sou um Espírito sofredor, mas arrependido, e queria que meu exemplo pudesse interromper o acesso ao crime de todas as mãos criminosas que vejo prontas a se levantarem. Oh, parem, irmãos, parem! Pois as torturas que são preparadas para vocês serão atroztes. Não pensem que o Senhor sempre se permitirá ser tocado tão prontamente pela prece de seus filhos. Séculos de tortura os esperam.

O guia do médium. *Você não compreende, dirá, as palavras do Espírito. Preste atenção em sua emoção e em seu reconhecimento para com o Senhor; ele acha que o melhor meio de exprimi-los e testemunhá-los se faz tentando parar todos os criminosos que ele vê e que você não pode ver. Ele queria que as suas palavras ecoassem até eles, e o que ele não te disse, pois ele ainda não sabe, é que lhe será permitido começar suas missões reparadoras. Ele irá até seus cúmplices inspirar-lhes o arrependimento, e introduzirá em seus corações o germe do remorso. Às vezes veem-se sobre a Terra pessoas que acreditavam serem honestas arrojarem-se aos pés de um padre, acusando-se de um crime. O remorso é quem lhes dita a confissão de seus erros. E se o véu que separa o mundo invisível se levantasse, você veria frequentemente um Espírito que foi o cúmplice ou instigador do crime vir, assim como o fará Jacques Latour, buscar o reparo de seu erro, inspirando o remorso ao Espírito encarnado.*

Seu guia protetor.

O médium de Bruxelas que tinha recebido a primeira manifestação de Latour mais tarde recebeu a seguinte comunicação:

*“Não tema mais nada por mim; estou tranquilo, mas no entanto ainda sofro. Deus apiedou-se de mim, pois ele viu meu arrependimento. **Agora, sofro por conta desse arrependimento, que me mostra a enormidade de meus erros.***

Se eu tivesse sido bem guiado na vida não teria feito todo o mal que fiz. Mas meus instintos não foram reprimidos, e eu os obedeci, não tendo conhecido freios. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou ao menos se todos os homens cressem nele, faltas como essas não seriam mais cometidas.

Mas a justiça dos homens é mal compreendida; por um erro, às vezes leve, um homem é trancafiado em uma prisão que, sempre, é um lugar de perversão e perdição. Ele sai de lá completamente perdido em razão dos maus conselhos e exemplos que ele colheu. Se, no entanto, sua natureza é bastante boa e forte para resistir ao mau exemplo, ao sair da prisão todas as portas lhe são fechadas, todas as mãos se retiram de diante dele, todos os corações honestos o repudiam. O que lhe resta? O engano e a miséria; o abandono, o desespero, se ele sente em si boas resoluções para voltar ao bem. A miséria o arrasta a tudo. Daí ele também passa a enganar seu semelhante, o odeia, e perde toda a consciência do bem e do mal, já que se vê rejeitado; ele, que no entanto havia tomado a resolução de se tornar um homem honesto. Para obter o necessário ele rouba, ele às vezes mata; depois, acaba na guilhotina!

Meu Deus, no momento em que minhas alucinações vão me dominar, sinto sua mão a se estender sobre mim; sinto sua bondade que me envolve e me protege. Obrigado, meu bom Deus! Em minha próxima existência empregarei minha inteligência, meu bem, para socorrer os infelizes que sucumbiram e os preservar da queda.

Obrigado a vocês, que não se sentem repugnados em se comunicar comigo; não temam; vocês veem que não sou mal. Quando pensarem em mim, não façam a imagem que vocês têm do retrato que viram de mim, mas imaginem uma pobre alma desolada que lhes agradece pela indulgência.

Adeus. Evoquem-me novamente, e orem a Deus por mim.

Estudo sobre o Espírito de Latour.

Não se pode desconhecer a profundidade e a grande valia de algumas das palavras que encerram esta comunicação; ela oferece, além do mais, um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, sob o qual, no entanto, se entrevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica de Eumênides não é tão ridícula quanto se crê; e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus chifres e seus garfos, do que essas vítimas que serviam para castigar os culpados.

Ao se admitir a identidade desse Espírito, espanta-se talvez pela mudança tão rápida de seu estado moral; é assim que fizemos ressaltar em outra ocasião, que há frequentemente mais recursos em um Espírito brutalmente malvado do que naquele que é dominado pelo orgulho, ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse rápido retorno aos melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem do que perversa, para a qual faltou apenas um bom direcionamento. Comparando sua linguagem com a de outro criminoso mencionado acima, sob o título de “Castigo pela luz”, é fácil de perceber qual dos dois é o mais avançado moralmente, apesar da diferença de sua instrução e de sua posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a um tipo de superexcitação, ao passo que o outro trazia na perpetração de seus crimes a calma e o sangue frio de uma lenta e perseverante combinação, e depois de sua morte ainda afrontava o castigo levado pelo orgulho; sofre, mas não quer se conformar; o outro está rendido imediatamente. Pode-se assim prever qual dos dois sofrerá por mais tempo.

“Sofro, diz o Espírito de Latour, de um arrependimento que me mostra a enormidade de meus erros”. Há aí um pensamento profundo. O Espírito compreende realmente a gravidade de seus equívocos apenas no instante em que se arrepende; o arrependimento conduz ao lamento, ao remorso, sentimento doloroso que é a transição do mal para o bem, da doença moral à saúde moral. É para escapar a isso que os Espíritos perversos se endurecem contra a voz de suas consciências, como os doentes que recusam o remédio que deve lhes curar; eles buscam se iludir, se perturbar ao persistirem no mal. Latour chegou a este período em que o endurecimento termina por ceder; o remorso penetrou em seu coração; o arrependimento veio logo em seguida; ele compreende a extensão do mal que praticou; ele vê sua abjeção, e sofre por isso. Eis por que ele diz: “sofro por este arrependimento”. Em sua existência precedente, ele deve ter sido pior do que nesta, pois se ele tivesse se

arrependido como ocorre hoje, sua vida teria sido melhor. As resoluções que ele toma agora influirão sobre sua existência terrestre futura; a que ele acaba de abandonar, por mais criminosa que tenha sido, demarcou a ele uma etapa de progresso. É mais provável que antes de a começar, ele era, na erraticidade, um desses Espíritos maus e rebeldes, obstinados no mal, como tantos se veem por aí.

Muitas pessoas perguntaram que ganho se pode ter das existências passadas, haja vista que não há lembrança nem do que se foi, nem do que se fez.

Esta questão estaria completamente resolvida pelo fato de que se o mal que cometemos foi extinto, e se dele não resta nenhum traço em nosso coração, sua lembrança seria inútil, já que não teríamos que nos preocupar com ele. Quanto ao mal de que ainda não nos corrigimos inteiramente, nós o conhecemos por meio de nossas tendências atuais. É sobre esses que devemos despender toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Quando se considera a dificuldade, durante a vida, da reabilitação do culpado arrependido, do anátema de que ele é alvo, deve-se bendizer a Deus por ter deitado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado a tempo, e mesmo se ele tivesse sido inocentado, seus antecedentes o teriam repelido da sociedade. Quem iria querer, por mais que se arrependesse, admitir isso em sua intimidade? Os sentimentos que ele manifesta hoje como Espírito nos dão a esperança de que, em sua próxima existência terrestre, ele será um homem honesto, estimado e considerado; mas suponhamos que ele saiba que ele foi Latour, e o anátema voltará a persegui-lo. O véu deitado sobre seu passado lhe abre a porta da regeneração; ele poderá se assentar sem medo e sem vergonha entre as pessoas mais honestas. Quantos, sabendo disso, quereriam apagar a todo custo da memória alguns anos da existência!

Que se ache uma doutrina que se concilie melhor do que esta aqui com a justiça e a bondade de Deus! De resto, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado de observações. Não foram os espíritas que a imaginaram; eles viram e observaram as diferentes situações nas quais os Espíritos se apresentam; eles buscaram explicá-las, e desta explicação nasceu a doutrina. Se eles a aceitaram, é porque ela resulta dos fatos, e porque ela lhes pareceu mais racional do que todas as existentes até aquele momento sobre o devir da alma.

Pode-se recusar a estas comunicações um alto ensinamento moral? O Espírito pôde e deve ter sido auxiliado em suas reflexões, sobretudo na

escolha de suas expressões por Espíritos mais evoluídos; mas em casos parecidos, estes últimos assistem apenas na forma, não no conteúdo, sem colocar jamais o Espírito inferior em contradição com ele mesmo. Eles podem poetizar em Latour a forma do arrependimento, mas nunca o teriam feito exprimir o arrependimento a contragosto, pois o Espírito tem seu livre-arbítrio. Eles enxergavam nele os germes de bons sentimentos, e por isso o ajudaram a se expressar; por meio desse auxílio contribuíram ao desenvolvimento desses germes e, ao mesmo tempo, pediram pela sua comiseração.

Não há nada de mais chamativo, de mais moral, de natureza a impressionar mais vivamente do que o quadro desse grande criminoso arrependido, exalando seu desespero e seus remorsos; quem, em meio a tais torturas, perseguido pela visão incessante de suas vítimas, elevaria seu pensamento a Deus para implorar sua misericórdia? Não é um salutar exemplo para os culpados? Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem grandes fantasmagorias.

Poder-se-ia espantar-se talvez em razão de uma modificação tão grande em um homem como Latour; mas por que ele não poderia se arrepender? Por que ele não teria em si uma corda sensível, vibrante? O culpado estaria então dedicado para sempre ao mal? Não chega um momento em que a luz se instala em sua alma? Este momento tinha chegado para Latour. É precisamente aí que se encontra o lado moral de suas comunicações; é a inteligência que teve de sua situação; seus lamentos, seus projetos de reparação são eminentemente instrutivos. O que haveria de tão extraordinário se ele tivesse se arrependido sinceramente antes de morrer, se ele tivesse dito antes o que disse depois? Não há numerosos exemplos de casos como este?

Se um retorno a um tempo bem anterior ao de sua morte tivesse se passado aos olhos da maior parte de seus semelhantes em fraqueza; sua voz de além-túmulo é a revelação do devir que os espera. Ele está com a verdade absoluta quando diz que seu exemplo é mais apropriado a trazer os culpados de volta ao bem do que a perspectiva das chamas do inferno ou ainda do cadafalso. Por que, assim, não lhes contar sobre ele nas prisões? Isto levaria mais de um à reflexão, do mesmo modo em que já tivemos inúmeros exemplos. Mas como crer na eficácia das palavras de um morto, quando se crê que ao se morrer tudo acaba? Um dia, no entanto, se reconhecerá esta verdade, a de que os mortos podem vir instruir os vivos.

Há muitas outras instruções importantes a se retirar dessas comunicações; de início, é a confirmação do princípio da justiça eterna, de que o arrependimento não basta para elevar o culpado ao nível dos

eleitos. O arrependimento é o primeiro passo para a reabilitação que clama a misericórdia de Deus; é o prelúdio do perdão e da abreviação dos sofrimentos; mas Deus não absolve incondicionalmente; deve-se expiar e, sobretudo, reparar; é o que Latour aceitou, e é para o que ele se prepara.

Em segundo lugar, ao se comparar este criminoso com o de Castelnaudary, encontra-se uma grande diferença no castigo que lhe foi infligido. Com este último, o arrependimento foi tardio e, por consequência, a pena mais longa. Esta pena é, além do mais, quase material, ao passo que com Latour o sofrimento é sobretudo moral. O que se passa é que, como havia sido dito, em um a inteligência era bem menos desenvolvida do que em outro; era necessária alguma coisa que pudesse transformar seu senso obtuso; mas as penas morais não são menos dolorosas para aquele que atingiu o grau de as compreender; pode-se julgar esta afirmação pela queixas que fazia Latour; não se trata da cólera, mas antes da expressão dos remorsos seguida do arrependimento e do desejo de reparar, com vistas a se avançar.

CAPÍTULO VII - ESPÍRITOS ENDURECIDOS

Lapommeray
Castigo pela luz.

Em uma das sessões da Sociedade de Paris em que se havia discutido a questão da perturbação que geralmente se segue à morte, um Espírito, de quem ninguém havia feito alusão e que nem se imaginava evocar, manifestou-se espontaneamente por meio da seguinte comunicação: embora ela não estivesse assinada, reconhece-se sem esforços um grande criminoso que a justiça humana tinha acabado de atingir.

*Vocês falam de perturbação? Por que essas palavras em vão? Vocês são sonhadores e utopistas. Ignoram perfeitamente as coisas com as quais pretendem se ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, a não ser talvez em seus cérebros. Encontro-me tão verdadeiramente morto quanto possível, e enxergo com clareza aqui, ao redor de mim, em todo lugar!... A vida é uma lúgubre comédia! Miseráveis, aqueles que são tirados de cena antes da cortina se fechar!... A morte é um terror, um castigo, um desejo, segundo a fraqueza ou a força daqueles que a temem, que a afrontam ou a imploram. Para todos, ela é uma piada de mau gosto!... **A luz me ofusca, e penetra como uma flecha pontiaguda a sutileza de meu ser...** Fui castigado pelas trevas da prisão, e creram castigar-me pelas trevas do túmulo, ou por aquelas imaginadas pelas superstições católicas. E eis que são vocês, senhores, que sofrem a obscuridade, e eu, o degradado social, plano acima de vocês... Quero ficar!... Com a cabeça feita, desdenho das advertências que ressoam ao redor de mim... Eu os vejo claramente... Um crime! Não passa de uma palavra! O crime existe por todo lado. Quando ele é executado pela massa dos homens é glorificado; no caso particular, ele é condenado. Absurdo!*

*Não quero reclamar... não estou pedindo nada... eu me basto, e saberei lutar contra **essa odiosa luz.***

Aquele que ontem era um homem.

Esta comunicação foi analisada na seção seguinte e se reconheceu, de acordo com o cinismo da linguagem, um grave

ensinamento. Viu-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que aguarda o culpado. De fato, ao passo que uns são mergulhados nas trevas ou no isolamento absoluto, outros enfrentam, ao longo de muitos anos, as angústias de sua última hora, ou se acreditam estarem ainda neste mundo, a luz brilha para aquele; seu Espírito goza da plenitude de suas faculdades; ele sabe perfeitamente que está morto, e não se queixa de nada; não pede nenhuma assistência, e ainda desafia as leis divinas e humanas. Ele escapará, assim, à punição? Não, mas a justiça de Deus se cumpre sob variadas formas, e o que faz a alegria de uns pode ser o tormento de outros. Esta luz atua como um suplício contra o qual ele se cobre, e apesar de seu orgulho, ele o confessa quando diz: “eu me basto e saberei lutar contra essa odiosa luz”; e nesta outra frase: “a luz me ofusca e penetra, como uma flecha pontiaguda, a sutileza de meu ser”. Estas palavras: *sutileza de meu ser*, são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável à luz a qual ele não pode escapar, e essa luz o transpassa como uma flecha pontiaguda.

Este Espírito foi colocado aqui entre os endurecidos porque ele permaneceu durante muito tempo sem manifestar o menor arrependimento. É um exemplo da verdade de que o progresso moral nem sempre segue o progresso intelectual. Pouco a pouco, no entanto, ele se melhora, e mais tarde ele fornecerá comunicações sabiamente pensadas e instrutivas. Hoje ele pode ser classificado entre os Espíritos arrependidos.

Nossos guias espirituais, a quem pedimos para dar a sua apreciação sobre este assunto, ditaram as três comunicações abaixo, e que merecem uma séria atenção.

I

Os Espíritos na erraticidade estão, evidentemente, do ponto de vista das existências, inativos e no aguardo; no entanto, eles podem expiar, visto que seu orgulho e a tenacidade renitente e estacionária de seus erros não retêm sua ascensão progressiva. Vocês têm um exemplo terrível deste fato na última comunicação desse criminoso endurecido, debatendo-se contra a justiça divina exercida sobre ele em seguida da dos homens. Assim, neste caso, a expiação, ou, antes, o sofrimento fatal que os oprime, em vez de lhes fazer aproveitar e sentir o profundo significado de

suas penas, os exalta na revolta, e lhes impele a esses murmúrios que a Escritura, em sua poética eloquente, chama de *ranger de dentes*; imagem por excelência! Sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! Perdido na dor, mas cuja revolta é ainda bastante grande para recusar conhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Os grandes erros permanecem com frequência, dir-se-ia que quase sempre, no mundo dos Espíritos; o mesmo se passa com as grandes consciências criminosas. Presumir-se apesar de tudo e ostentar diante do infinito parece-se com a cegueira do homem que contempla as estrelas e que as toma como se fossem os arabescos de um teto, tal como receava o gaulês do tempo de Alexandre.

Há a moral infinita! Miserável, ínfimo é aquele que, sob o pretexto de continuar as lutas e fanfarrônicas abjetas da Terra não enxergar mais adiante do que este mundo aqui. A este, a cegueira, o desprezo dos outros, a personalidade egoísta e mesquinha e o estacionamento do progresso! É a pura verdade, homens, que há um acordo secreto vinculando a imortalidade de um nome puro deixado inscrito sobre a Terra, e a imortalidade que realmente protege os Espíritos nas suas provações sucessivas.

Lamennais.

II

Precipitar um homem nas trevas ou nos fluxos da claridade: o resultado não é o mesmo? Em um e outro caso, ele não enxerga nada do que o rodeia, e se acostumará ainda mais rapidamente com a sombra do que com a triste claridade elétrica na qual ele pode ser imerso. Assim, o Espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade de sua situação quando ele suplica: “Oh, eu me livrarei dessa odiosa luz!”. De fato, esta luz é tanto mais terrível, amedrontadora, quanto mais o transpassa completamente, tornando visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Está aí um dos lados mais rudes de seu castigo espiritual. Ele se encontra, por assim dizer, internado na mansão de vidro de que falava Sócrates, e é ainda aí um ensinamento, pois o que tinha sido a alegria e consolação do sábio se torna a

punição infame e contínua do malvado, do criminoso, do parricida, atormentado em sua própria personalidade.

Vocês compreendem, meus filhos, a dor e o terror que devem envolver aquele que, durante uma existência sinistra se comprazia em elaborar, em maquinar os mais tristes crimes no recôndito de seu ser – onde ele se refugiava como uma besta feroz em sua caverna –, e que, hoje, encontra-se caçado por seu reparo íntimo, despindo-se aos olhares e à investigação de seus contemporâneos? Agora sua máscara de impassibilidade foi arrancada, e cada um de seus pensamentos reflete-se sucessivamente em sua frente!

Sim, doravante nenhum repouso, nenhum asilo para esse grande criminoso. Cada mau pensamento – e Deus sabe se sua alma os exprime – é traído fora e dentro dele, como um grande choque elétrico. Ele quer se misturar à multidão, mas a luz odiosa o transpassa continuamente durante todo o tempo. Ele quer fugir, e ele foge em uma corrida ofegante e desesperada através de espaços incomensuráveis, e por todo lado a luz permanece! Por todo lado os olhares mergulhados nele! E ele se precipita novamente em busca da sombra, à procura da noite, e a sombra e a noite já não são mais para ele! Ele clama pela morte em seu auxílio, mas a morte não passa agora de uma palavra destituída de sentido. O infortunado não para de fugir! *Ele vai em direção à loucura espiritual*, castigo terrível! Dor horrorosa! Onde ele se debaterá consigo mesmo para se livrar de si mesmo. Pois tal é a lei suprema para além da Terra: o culpado é que se torna para ele próprio o seu castigo mais inexorável.

Quanto tempo isso durará? Até o instante em que sua vontade, enfim vencida, curvar-se sob o pungente enlace do remorso, e quando sua fronte soberba humilhar-se perante suas vítimas apaziguadas e os Espíritos de justiça. E notem a grande lógica das leis imutáveis, pois nisto ainda se cumprirá o que foi escrito naquela altiva comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente cheia de si mesma, que foi concedida na última sexta por um ato de sua própria vontade.

Erasto.

III

A justiça humana não faz acepção da individualidade dos seres a que ela castiga; medindo o crime pelo próprio crime, ela submete

indistintamente aqueles que o cometeram, e a mesma pena atinge o culpado sem distinção de sexo e grau de instrução. A justiça divina procede de outra forma; *as punições correspondem ao grau de evolução dos seres a quem elas se destinam*; a igualdade do crime não pressupõe a igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados pelas mesmas iniciativas podem estar separados pela distância das provações que mergulham um na opacidade intelectual dos primeiros círculos de iniciação, ao passo que outro, já os tendo ultrapassado, possui a lucidez que liberta o Espírito da perturbação. Não são mais as trevas que o castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela transpassa a inteligência terrestre e lhe faz a angústia de uma ferida em carne viva.

Os seres desencarnados que visualizam a representação material de seus crimes padecem o choque da eletricidade física: eles sofrem pelo sentido; aqueles que já são espiritualmente desmaterializados sentem uma dor superior que os destrói completamente, condenando-os em amargos borbotões por meio da lembrança dos fatos, que não os deixam inconscientes da causa de seus sofrimentos.

O homem pode, portanto, apesar da criminalidade de suas ações, possuir um avanço interior, e enquanto as paixões o fazem agir como um bruto, suas faculdades aguçadas o elevam para além da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso espiritual produz as anomalias mais frequentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é assim o raio espiritual inundando de claridade os recônditos secretos de seu orgulho, e lhe descobrindo a inaniidade de seu ser fragmentário. Aí se encontram os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais e materiais que compõem a primitiva dualidade humana, e que devem desaparecer na grande unidade do ser que se realizou.

Jean Reynaud

Estas três comunicações, obtidas simultaneamente, completam-se umas às outras, e apresentam o castigo sob um novo aspecto, eminentemente filosófico e racional. É provável que os Espíritos,

querendo tratar desta questão a partir de um exemplo, teriam provocado, neste sentido, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

Ao lado do quadro tomado sobre este fato, eis, a fim de se estabelecer uma comparação, o que um pregador da quaresma em Montreuil-sur-Mer, em 1864, dizia do inferno:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso do que o da Terra, e se um dos corpos que estão queimando por lá sem se consumir viesse a ser devolvido ao nosso planeta, ele o empestearia de norte a sul! O inferno é uma vasta e sombria caverna revestida de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas bem afiadas, de navalhas bem perfiladas, nas quais são precipitadas as almas dos condenados.”

(Ver a **Revista Espírita**, julho de 1864, página 199).

Angèle, desconhecida na Terra.

(Bordeaux, 1862).

Um Espírito apresenta-se espontaneamente ao médium sob o nome de Angèle.

Você se arrepende de seus erros? R. – *Não*. – Então por que veio até mim? - R. *Para tentar*. – Então você não é feliz? R. – *Não*. – Você sofre? R. – *Não*. – O que então lhe falta? R. – *A paz*.

Alguns Espíritos consideram sofrimentos apenas o que se lhes assemelham às dores físicas, reconhecendo que seu estado moral é intolerável.

Como pode lhe faltar paz na vida espiritual? R. – *Um arrependimento do passado*. – O arrependimento do passado é um remorso; você está arrependida, então? R. – *Não*; *é por temor do futuro*. – O que você teme? R. – *O desconhecido*.

Você quer me dizer o que fez em sua última existência? Isso talvez me ajudasse a esclarecê-la. R. – *Nada*.

Que posição social você ocupava? R. – *Média*. – Você era casada? R. – *Casada e mãe*. – Você se sentia completa e zelava

pelos deveres dessa dupla função? R. – *Não; meu marido me aborrecia, meus filhos também.*

Como sua vida se passou? R. – *Divertindo-me quando jovem, aborrecendo-me quando adulta.* – Quais eram suas ocupações? R. – *Nenhuma.* – Quem cuidava de sua casa? R. – *A doméstica.*

Você não deveria buscar a causa de seus arrependimentos e de seus temores nessa inutilidade? R. – *Talvez você tenha razão.* – Não basta concordar. Você gostaria, no intento de reparar essa existência inútil, de auxiliar os Espíritos culpados que sofrem em torno de nós? R. – *Como?* – Auxiliando-os a se melhorarem por meio de seus conselhos e suas preces. R. – *Não sei orar.* – Nós oraremos juntos, você aprenderá. Você quer? R. – *Não.* – Por quê? R. – *Pelo cansaço.*

Instrução do guia do médium. *Nós lhe fornecemos instruções colocando sob seus olhos os diversos graus de sofrimentos e de posição dos Espíritos condenados à expiação em razão de seus erros.*

*Angèle era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja vida é tão inútil aos outros quanto a elas próprias. Amando apenas o prazer, incapaz de buscar no estudo, no cumprimento dos deveres de família e de sociedade essas satisfações do coração que, sozinhas, podem dar cor à vida, pois não têm tempo nem idade, ela empregou seus anos de juventude apenas em distrações frívolas; depois, quando chegaram os deveres sérios, **o mundo tinha construído o vazio em torno dela, pois ela tinha preenchido seu coração com o vazio.** Sem defeitos graves, tampouco sem qualidades, ela trouxe infelicidade a seu marido, o desvirtuamento do futuro de seus filhos e a ruína ao seu bem-estar por sua incúria e sua preguiça. Ela enganou sua razão e seu coração por meio de seu próprio exemplo e ao abandoná-los aos cuidados de domésticas que ela nem mesmo se dignava a escolher. Sua vida foi inútil ao bem e por isso mesmo foi culpada, **pois o mal nasce ao se negligenciar o bem.** Compreendam bem todos vocês que não basta se abster de cometer erros: deve-se praticar as virtudes que lhe são opostas. Estudem os mandamentos do Senhor, meditem sobre eles e compreendam que se eles interpõem uma barreira que os impedem de seguir pelo mau caminho, eles os forçam ao mesmo tempo a retornar*

atrás para trilhar a rota oposta, que conduz ao bem. O mal é oposto ao bem; assim, aquele que o quer evitar deve seguir na trilha oposta, sem o que a sua vida torna-se nula; suas obras são mortas e Deus nosso pai não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos.

P. – Posso lhe perguntar sobre a existência anterior de Angèle? A última devia ser a consequência dela.

R. – *Ela tinha vivido em meio à preguiça beata e à inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por vocação, ela quis tentar a vida familiar, mas seu Espírito pouco pôde progredir. Ela sempre rechaçou a voz interior que lhe mostrava o perigo, a tendência oposta era sedutora e ela preferiu se abandonar a ela em vez de se esforçar para freá-la em seu nascedouro. Hoje ela ainda compreende o perigo que representa manter-se nessa neutralidade, mas não tem forças para tentar o menor esforço visando a sair dessa situação. Orem por ela, acordem-na; forcem seus olhos para que se abram à luz; isto é um dever, não negligenciem nenhum deles.*

O homem foi criado para a atividade: a atividade do Espírito é sua essência; a atividade do corpo uma necessidade. Preencham, portanto, as condições de suas existências, como Espíritos destinados à paz eterna. Na condição de ente voltado ao serviço do Espírito, seu corpo não passa de uma máquina submissa à sua inteligência. Trabalhem, cultivem, por isso, a inteligência, a fim de que ela dê uma impulsão saudável ao instrumento que deve ajudá-la a cumprir sua tarefa. Não a deixe nem em repouso nem na obscuridade, e lembrem-se de que a paz a que aspira somente será concedida após o trabalho; portanto, quanto maior o tempo que se tiver negligenciado o trabalho, maior a duração da ansiedade da espera.

Trabalhem, trabalhem incessantemente; realizem todos os seus deveres sem exceção; realizem com zelo, com coragem, com perseverança, e sua fé os sustentará. Aquele que cumpre com consciência a tarefa mais ingrata, a mais vil em sua sociedade é cem vezes mais elevado aos olhos do Mais Alto do que o que impõe essa tarefa aos outros e negligencia a sua. Tudo configura degraus para se subir ao céu; não os destrua sob seus pés; e contem com o fato de estarem cercados de amigos que lhes estendem as mãos, e sustentam os que depositam sua força no Senhor.

Um espírito entediado

(Bordeaux, 1862)

Esse Espírito apresentou-se espontaneamente ao médium e rogou por preces.

O que o leva a pedir por preces? R. – *Estou cansado de vagar sem finalidade.* – Há quanto tempo você está assim? R. – *Há cento e oitenta anos, mais ou menos.* – O que fez sobre a Terra? R. – *Nada de bom.*

Qual sua posição entre os Espíritos? R. – *Estou entre os entediados.* – Isto não forma uma categoria. R. – *Tudo forma uma categoria entre nós. Cada sensação encontra ou os seus semelhantes, ou os simpáticos, que se reúnem.*

Por que, sendo que você não estava condenado ao sofrimento, ficou tanto tempo sem avançar? R. – *Estava condenado ao tédio, e isto é um sofrimento entre nós; tudo o que não for felicidade é dor.* – Quer dizer que você foi forçado a permanecer como errante, a despeito de sua vontade? R. – *São causas mais sutis, que sua inteligência material não compreende.* – Tente fazer com que eu compreenda; será um início útil a você. R. – *Não poderia, pois não tenho um termo para comparação; uma vida apagada na Terra deixa ao Espírito que não aproveitou nada o mesmo que o fogo deixa no papel que consumiu: fagulhas, que trazem a lembrança de cinzas porventura ainda vinculadas à causa comum de sua proveniência, ou, se preferir, da destruição do papel. Essas fagulhas são as recordações dos laços terrestres que vinculam o Espírito até que as cinzas hajam dispersado de seu corpo. Somente assim ele se encontra como uma essência etérea, e passa a desejar o progresso.*

Quem pode ocasionar o tédio do qual você se queixa? R. – *Decorrência da existência. O tédio é o filho da falta do que fazer; eu não soube empregar bem os longos anos pelos quais passei sobre a Terra, e a consequência é sentida no outro mundo.*

Os Espíritos que, como você, vagam como presas do tédio, não conseguem fazer com que esse estado cesse, se desejarem? R. – *Não, nem sempre podem porque o tédio paralisa suas vontades. Eles sofrem as consequências de suas existências; eles foram inúteis, não tiveram nenhuma iniciativa, não encontram nenhum recurso neles mesmos. Eles estão abandonados a si próprios até que a lassidão desse estado de neutralidade lhes faça desejar deixarem de ficar assim; daí, a menor vontade que se desperte entre eles faz com que encontrem apoio e bons conselhos para solidificarem seus esforços e perseverar.*

Você pode me dizer alguma coisa sobre sua vida na Terra? R. – *Infelizmente! Pouca coisa, você deve entender. O tédio, a inutilidade, a falta do que fazer que vêm da preguiça; a preguiça é mãe da ignorância.*

Suas existências anteriores não o fizeram avançar? R. – *Sim, todas, mas muito pouco, pois umas foram os reflexos das outras. Sempre há progresso, mas sensivelmente tão reduzido que não é perceptível para nós.*

Enquanto aguarda recomeçar outra existência, você desejaria vir outras vezes comunicar-se por meu intermédio? R. – *Chame-me para me forçar a vir; agindo assim, você me ajudará.*

Você pode me dizer por que sua escrita se modifica frequentemente? R. – *Porque você pergunta demais; isso me cansa, e tenho necessidade de ajuda.*

O guia do médium. *É o trabalho mental que o cansa e nos obriga a emprestar-lhe nossos recursos para que ele possa responder às suas questões. É um desocupado do mundo dos Espíritos, assim como o foi no mundo terrestre. Nós o trouxemos até você para tentarmos tirá-lo da apatia desse tédio que é um verdadeiro sofrimento, mais penoso às vezes do que os sofrimentos agudos, pois pode se prolongar sem tempo definido. Você imagina a tortura que é a perspectiva de um tédio sem fim? Pois a maioria de Espíritos dessa categoria **busca uma existência terrestre que não passe de distração**, e para romper a insuportável monotonia de sua existência espiritual; eles*

também voltam à Terra frequentemente sem uma firme resolução para o bem; por isso eles devem recomeçar até que, enfim, o progresso real se faça sensível neles.

A Rainha De Oudh (Índia)
Morta na França em 1958.

Que sensação você experimentou ao deixar a vida terrestre? R. – *Não saberia dizer; ainda estou perturbada.* – Você é feliz? R. – *Lamento a vida... não sei... sinto uma dor pungente; a vida me livraria dela; queria que meu corpo se levantasse do sepulcro.*

Você lamenta por não ter sido enterrada em seu país, mas sim entre os cristãos? R. – *Sim, a terra indiana pesaria menos sobre meu corpo.* – O que você achou das homenagens fúnebres voltadas aos seus despojos? R. – *Foi muito pouco; eu era rainha e ninguém se ajoelhou diante de mim... deixem-me... vocês estão me obrigando a falar... não quero que vocês saibam o que sou agora... fui rainha, saibam bem disso.*

Respeitamos sua posição, e rogamos de boa vontade a que nos responda para que aprendamos. Você acha que seu filho um dia recuperará os Estados de seu pai? R. – *Certamente o sangue do meu sangue reinará; ele é digno para tanto.* – Você concede a mesma importância de quando estava viva a essa reintegração de seu filho? R. – *Meu sangue não pode ser confundido na multidão.*

Não foi possível de inscrever em sua certidão de óbito o local de seu nascimento; você poderia nos dizê-lo agora? R. – *Procedo do sangue mais nobre da Índia; creio que tenha nascido em Délhi.*

Você, que viveu nos esplendores do luxo, e que esteve cercada de honras, o que pensa disso neste instante? R. – *Eles eram naturalmente devidos a mim.* – A posição que você ocupou na Terra concedeu a você uma posição mais elevada no mundo em que se encontra? R. – *Sempre serei rainha... enviem-me escravos para me servir!... Não entendo... não parece que se preocupem comigo aqui... no entanto, eu sempre serei eu.*

Você pertence à religião muçulmana ou a uma religião da Índia? R. – *Muçulmana; mas eu era grande demais para me ocupar com Deus.* – Que diferença você enxerga entre a religião que professava e a religião cristã, em relação à felicidade da humanidade? R. – *A religião cristã é absurda; ela diz que todos são seus irmãos.* – Qual sua opinião sobre Maomé? R. – *Ele não era filho de rei.* – Você considera que ele teve uma missão divina? R. – *O que isso me importa!* – Qual sua opinião sobre o Cristo? R. – *O filho do carpinteiro não é digno de ocupar meu pensamento.*

O que você acha do costume que retira as mulheres muçulmanas dos olhares masculinos? R. – *Acho que as mulheres foram feitas para dominar; eu era mulher.* – Em algum momento você invejou a liberdade de que gozam as mulheres da Europa? R. – *Não; o que me importam sua liberdade? Ela é servida de joelhos?*

Você se recorda de ter tido outras existências na Terra antes da que você acabou de deixar? R. – *Sempre devo ter sido rainha.*

Por que você veio tão prontamente ao nosso apelo? R. – *Eu não quis; me obrigaram... Você acha que eu me dignaria a responder?* – Quem a forçou a vir? R. – *Eu não sei... no entanto, não deve haver ninguém maior do que eu.*

Sob qual forma você se apresenta agora? R. – *Sempre fui e serei rainha... Você acha que eu tivesse deixado de ser?... Você não tem muito respeito... Saiba que com as rainhas se fala de outra maneira.*

Se pudéssemos vê-la, veríamos com suas joias e adornos? R. – *Claro!* – Como explicar que seu espírito tenha conservado as aparências, sobretudo de seus adornos, sendo que tudo isso já lhe foi retirado? R. – *Não me retiraram... estou tão bela quanto antes... não sei que imagem você tem de mim! É verdade que você jamais me viu.*

Que impressão você tem por estar em meio a nós? R. – *Se pudesse, não estaria; vocês me tratam com tão pouco respeito!*

São Luís: *Deixem-na, a pobre perdida; tenham piedade de sua cegueira; que ela lhes sirva de exemplo. Vocês não sabem o quanto ela sofre por orgulho.*

Ao evocarmos essa grandeza decaída, agora no túmulo, não esperávamos respostas de grande profundidade, haja vista o tipo de educação das mulheres de seu país; mas pensávamos encontrar nesse Espírito, senão a filosofia, ao menos um sentimento mais verdadeiro da realidade, e ideias mais sãs sobre as vaidades e as grandezas daqui da Terra. Longe disso: nela, as ideias terrestres conservaram toda sua força; foi o orgulho que a fez conservar todas suas ilusões, que a faz lutar contra suas próprias fraquezas, e que deve de fato fazê-la sofrer por sua impotência...

Xumene
(Bordeaux, 1862.)

Sob este nome um Espírito apresentou-se espontaneamente ao médium habituado a esse tipo de manifestação, pois sua missão parecia ser a de assistir os Espíritos inferiores conduzidos até ele por seu guia espiritual, com a dupla finalidade de sua própria instrução e de sua evolução.

P. – Quem é você? Esse nome é de um homem ou de uma mulher? R. – *Homem, e tão infeliz quanto possível. Sofro todos os tormentos do inferno.*

P. – Se o inferno não existe, como você pode sofrer os seus tormentos? R. – *Questão inútil.* – Se não estou enganado, outros podem ter necessidade de explicações de perguntas como esta. R. – *Não me importo.*

P. – O egoísmo não está entre as inúmeras causas que o fazem sofrer? R. – *Talvez.*

P. – Se quiser ser aliviado, comece por repudiar suas tendências más. R. – *Não se preocupe com isso, não é de sua conta; comece orando por mim, assim como faz pelos outros; depois veremos.* – Se você não me ajudar por meio de seu

arrependimento, a prece será pouco eficaz. R. – *Se você falar em vez de orar, me ajudará pouco.*

P. – Você deseja, então, ser ajudado? R. – *Talvez; não se sabe. Vejamos se a prece alivia os sofrimentos; é o essencial.* – Então se junte a mim com a firme vontade de obter o alívio. R. – *Continue.*

P. – (Depois que o médium fez a oração). Você está satisfeito? R. – *Não como queria.* – Um remédio aplicado pela primeira vez não pode sarar imediatamente uma antiga doença. R. – *É possível.* – Você quer voltar? R. – *Sim, se você me chamar.*

O guia do médium. *Minha filha, você terá dificuldade com esse Espírito endurecido, mas não haveria mérito em salvar apenas os que não estão perdidos. Coragem! Persevere, e você conseguirá. Não existe alguém tão culpado que não possa ser reencaminhado por meio do exemplo e da persuasão, pois os Espíritos mais perversos terminam se corrigindo ao longo do tempo; se não se consegue logo de início conduzi-los aos bons sentimentos, o que geralmente é impossível, o trabalho despendido não será em vão. As ideias dirigidas a eles os agitam e os fazem refletir, a despeito deles mesmos; são essas sementes que, cedo ou tarde, darão os frutos. Não se arrebenta uma rocha na primeira marretada.*

O que digo para este caso, minha filha, serve também aos encarnados, e você deve compreender por que o espiritismo, mesmo em meio aos seus crentes mais ferventes, não é capaz de tornar imediatamente os homens perfeitos. A crença é um primeiro passo; a fé vem em seguida, e a transformação terá sua vez; por mais que alguns venham a se recuperar apenas no mundo dos Espíritos.

Entre os endurecidos, não há apenas Espíritos perversos e maus. Há grande número dos que, sem buscar fazer o mal, ficam estacionados por conta do orgulho, da indiferença ou da apatia. Nem por isso são menos infelizes, pois sofrem mais por suas inércias em razão de não terem mais como compensação as distrações do mundo; a perspectiva do infinito torna suas posições intoleráveis, e no entanto eles não têm nem força nem vontade de sair de onde se encontram. São eles que, quando encarnados, levam suas existências desocupadas, inúteis para

eles mesmos e para os outros, e que frequentemente acabam se suicidando sem um grande motivo, apenas por desgosto da vida. Esses Espíritos são em geral mais difíceis de serem conduzidos ao bem do que os abertamente maus, pois entre esses últimos há energia; uma vez esclarecidos, são tão ardentes no bem quanto o eram no mal. Já os primeiros precisam sem dúvida de muito mais existências para conseguirem progredir sensivelmente; mas pouco a pouco, vencidos pelo tédio, assim como os outros pelo sofrimento, procurarão uma distração em uma ocupação qualquer que, mais tarde, se tornará para eles necessária.

CAPÍTULO VII - EXPIAÇÕES TERRESTRES

Marcel, o menino do número 4

Em um hospital no interior havia uma criança de oito a dez anos, mais ou menos, em um estado difícil de descrever; ela era conhecida apenas como o “número 4”. Inteiramente disforme, tanto por sua deformidade natural quanto por consequências de sua doença, suas pernas curvadas tocavam seu pescoço; sua magreza era tanta que a pele se desfazia sob a saliência dos ossos; seu corpo não passava de uma ferida aberta e sofrimentos atrozes. Ele pertencia a uma pobre família judaica, e essa triste situação já durava quatro anos. Sua inteligência era notável para sua idade; sua doçura, sua paciência e sua resignação eram edificantes. O médico encarregado de seus cuidados, tocado por compaixão por esse pobre ser de algum modo abandonado, pois não parecia que seus pais viessem sempre visitá-lo, tomou interesse em seu caso e se comprazia em conversar com ele, encantado com sua inteligência precoce. Não somente ele o tratava com bondade, como ainda, quando suas ocupações o permitiam, ele vinha ler para ele, e se espantava com a retidão de seu julgamento sobre coisas que pareciam estar muito além dos interesses comuns de sua idade.

Um dia o menino lhe disse: “Doutor, você teria a bondade de me dar mais comprimidos, daqueles últimos que você me deu? – E por que isso, meu filho? – disse o médico; eu já lhe dei o bastante, e temo que uma quantidade maior possa lhe fazer mal. – É que, veja, disse novamente o menino, eu sofro tanto que, por mais que me esforce para não gritar, e que ore a Deus para me dar a força de não atrapalhar os demais doentes que estão ao meu lado, é muito difícil que eu consiga ficar quieto; esses comprimidos me acalmam, e pelo menos durante esse período eu não prejudico a ninguém.”

Essas palavras bastaram para mostrar a elevação da alma que se encerrava nesse corpo disforme. De onde essa criança teria tirado tais sentimentos? Não poderia ter sido do meio em que ele cresceu, pois, no mais, na idade em que começou a sofrer, ele ainda era incapaz de compreender qualquer coisa; esses

sentimentos eram inatos. Mas então, com tão nobres instintos, por que Deus o condenava a uma vida tão miserável e dolorosa, admitindo-se que Ele teria criado essa alma no mesmo instante em que o corpo, instrumento de tão cruéis sofrimentos? Sim, deve-se negar a bondade de Deus, ou se deve admitir uma causa anterior, quer dizer, a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Esta criança morreu, e seus últimos pensamentos dirigiram-se a Deus e ao médico caridoso que havia se apiedado dele.

Depois de algum tempo ele foi evocado na Sociedade de Paris, onde concedeu a seguinte comunicação:

“Vocês me chamaram; vim fazer com que minha voz se ouça para além deste recinto a fim de balançar todos os corações; que o eco que ela fizer vibrar seja sentido até quando já estiverem a sós; ela lhes lembrará que as agonias da Terra preparam as alegrias do céu, e que o sofrimento nada mais é do que a casca amarga de uma fruta deleitável que fornece coragem e resignação. Ela lhes dirá que sobre o catre onde grassa a miséria estão os enviados de Deus, cuja missão é a de ensinar à humanidade que não há dor que não possa ser suportada com a ajuda do Todo-Poderoso e dos bons Espíritos. Ela lhes dirá ainda para escutarem as queixas misturadas às preces e compreenderem a harmonia piedosa que existe nelas, tão distinta das ênfases odiosas das queixas mescladas às blasfêmias.

Um de seus bons Espíritos, grande apóstolo do Espiritismo, desejou muito me conceder este lugar nesta noite⁶⁷; devo, de minha parte, também lhes dizer algumas palavras sobre o progresso de sua doutrina. Ela deve ajudar em sua missão aqueles que se encarnam entre vocês para aprenderem a sofrer. O Espiritismo será o mastro central, será o exemplo e a voz; assim, as queixas se transformarão em gritos de alegria e em esplendores de felicidades.

P. – Parece, de acordo com o que você acaba de dizer, que seus sofrimentos não aconteciam para expiar erros anteriores?

⁶⁷ Santo Agostinho, por meio do médium pelo qual ele se comunica geralmente na Sociedade.

R. Meus sofrimentos não eram uma expiação direta, mas fiquem certos de que toda dor tem sua justa causa. Aquele que você conheceu tão miserável foi belo, grande, rico e adulado; tive bajuladores e cortesãos; fui fútil e orgulhoso. Outrora fui muito culpado; reneguei a Deus e fiz o mal a meu próximo; mas expiei tudo isso cruelmente; primeiro no mundo dos Espíritos, e depois sobre a Terra. O que suportei durante alguns anos, apenas nesta última e curtíssima existência, eu sofri durante toda uma vida até a extrema velhice. Por meio de meu arrependimento voltei à graça do Senhor, que me dignou confiando muitas missões, dentre as quais a última, que vocês conheceram. Eu lhe solicitei para terminar a minha depuração.

Adeus, meus amigos, voltarei algumas vezes até vocês. Minha missão é a de consolar, não a de instruir; mas muitos dos que aqui ocultam suas feridas ficarão contentes com a minha vinda.

Marcel.

Instrução do guia do médium.

Pobre pequeno ser sofredor, raquítico, ulceroso e disforme! Quantos gemidos ele nos fazia ouvir neste asilo da miséria e das lágrimas! E apesar de sua pouca idade, como era resignado, e o quanto sua alma já compreendia sobre a finalidade dos sofrimentos! Ele bem sentia que para além do túmulo o aguardava uma recompensa por tantas queixas abafadas! E como ele ainda orava por aqueles que não tinham nada, como ele, a coragem para suportar seus males, sobretudo por aqueles que imprecavam aos céus blasfêmias em vez de preces!

Se a agonia foi longa, a hora da morte não foi terrível; os membros convulsionados se contorciam, é verdade, e mostravam aos assistentes um corpo deformado se revoltando contra a morte, a lei da carne que deseja viver a despeito de tudo; mas um anjo planava sobre o leito do moribundo e cicatrizava seu coração; depois ele encostava suas brancas asas nessa alma tão bela que escapava daquele corpo informe pronunciando essas palavras: Glória seja-lhe rendida, meu Deus! E esta alma voltada ao Todo-Poderoso, feliz, proclamou: eis-me aqui, Senhor! Tinha me dado por missão aprender a sofrer; suportei dignamente a prova?

E agora o Espírito da pobre criança reconquistou suas proporções normais; ele plana no espaço, indo do fraco ao pequeno, dizendo

a todos: Esperança e coragem. Libertado de toda matéria e de toda nódoa, ele se encontra aí, perto de você, fala com você, não mais com sua voz sofredora e queixosa, mas com acento viril; ele lhe diz: Os que me conheceram, viram a criança que não chorava; daí puderam tirar a calma para seus males, e seus corações se reafirmaram na doce confiança em Deus; eis a finalidade de minha curta passagem sobre a Terra.

Santo Agostinho.

Symel Slizgol.

Era um pobre judeu de Vilna, morto em maio de 1865. Durante trinta anos ele tinha mendigado com um pequeno pote à mão. Em todo lugar pela cidade reconheciam sua voz: “Lembrem-se dos pobres, das viúvas e dos órfãos”. Durante esse período, Slizgol reuniu mais de 90000 rublos. Mas não guardou sequer um copeque para si. Ele ajudava os doentes, dos quais ele mesmo se ocupava; ele pagava o ensino de pobres crianças, ele distribuía aos necessitados os alimentos que lhe davam. O entardecer era consagrado à preparação do rapé, que o mendigo vendia para prover os próprios sustentos. O que lhe restava pertencia aos pobres. Szymel estava sozinho no mundo. No dia de seu enterro uma grande parte da população da cidade seguiu seu cortejo, e as lojas se fecharam.

(Sociedade espírita de Paris, 15 de junho de 1865.)

Evocação. – Estou muito feliz, e enfim realizei minha ambição em sua plenitude, pela qual paguei bem caro; estou aqui, em meio a vocês desde o começo desta noite. Eu lhes agradeço por se ocuparem do Espírito de um pobre mendigo que, com alegria, vai se esforçar para responder às suas questões.

P. – Uma carta de Vilna nos fez saber as particularidades mais marcantes de sua existência. Foi pela simpatia que nos inspirou que tivemos o desejo de nos relacionarmos com você. Nós lhe agradecemos por ter vindo ao nosso chamado, e já que quer nos responder de bom grado, ficaríamos felizes, visando a nossa

instrução, se conhecêssemos sua situação como Espírito, e as causas que motivaram o gênero de sua última existência.

R. – *Em primeiro lugar, concedam ao meu Espírito, que compreende sua verdadeira posição, o favor de dizer a vocês a opinião sobre um pensamento que tiveram sobre mim; peço desculpas e a correção de vocês se eu estiver errado.*

Vocês consideram singular que a manifestação pública tenha tomado relevante monta para render homenagem a um homem qualquer que pôde, por meio da caridade, atrair uma tal simpatia.

– *Não digo isso para você, caro mestre, nem para você, caro médium, nem para todos vocês, espíritas verdadeiros e sinceros, mas falo para as pessoas indiferentes à crença. – Não há nada de espantoso nisso. A força da pressão moral que a prática do bem exerce sobre a humanidade é tamanha que, por mais material que a humanidade seja, sempre há uma inclinação para o bem; o bem é louvado, a despeito da tendência que se tem para o mal.*

Agora finalmente abordo a sua questão que, de sua parte, não foi ditada pela curiosidade, mas formulada simplesmente com vistas à instrução geral. Digo-lhes então, já que tenho a liberdade para tanto, com o máximo de brevidade, quais as causas que motivaram e determinaram minha última existência.

Já desde há muitos séculos vivia sob o título de rei, ou ao menos de príncipe soberano. Nesse círculo de poder relativamente limitado, em comparação com o de seus Estados atuais, era o mestre absoluto do destino de meus súditos; agia como um tirano, dizendo as palavras: “ao carrasco”. De caráter imperioso, violento, avaro e sensual você imagina quais deviam ser os tipos das pobres pessoas que viviam sob minhas leis. Abusava do poder para oprimir o fraco, para movimentar toda espécie de serviços, trabalhos, paixões e dores em benefício de minhas próprias paixões. E desse modo eu taxava até mesmo a mendicância; ninguém podia mendigar sem que previamente eu já não tivesse subtraído uma larga parte do que a piedade humana deixasse cair na bolsa da miséria. Mais do que isso: a fim de que o número de mendicantes não diminuísse entre meus súditos, proibía os infelizes de darem aos seus amigos, aos seus pais, aos seus parentes, a pequena parte que restasse a esses pobres seres. Em uma palavra, fui tudo o que pode haver de ímpio em relação ao sofrimento e à miséria.

Perdi o que vocês chamam de vida em meio a tormentos e sofrimentos horríveis; minha morte foi um modelo de terror para todos os que, como eu, embora em escala menor, compartilham minha maneira de ver o mundo. Permaneci no estado de Espírito errante durante três séculos e meio e, ao final desse lapso de tempo, compreendi que a finalidade da encarnação era completamente diferente da que os meus sentidos grosseiros e obtusos me tinham feito perseguir. Obtive, por meio de preces, resignações e lamentos a permissão de abraçar a tarefa material de passar pelos mesmos sofrimentos, e ainda mais, que eu havia promovido. Obtive tal permissão e Deus me deu o direito, pelo meu livre-arbítrio, de ampliar meus sofrimentos morais e físicos. Graças ao socorro dos bons Espíritos que me assistiam persistia na minha resolução de praticar o bem e os agradecia, pois eles me impediam de sucumbir ao peso da tarefa que havia abraçado. Cumpri, enfim, uma existência que recuperou, pela abnegação e caridade, o que a outra tinha tido de cruel e de injusta. Nasci de pais pobres; órfão desde cedo, aprendi a me sustentar na idade em que ainda era considerado incapaz de compreender isso. Vivi sozinho, sem amor, sem afeto, e ainda no começo de minha vida suportei a brutalidade que eu tinha exercido contra os outros. Dizem que as somas arrecadadas por mim foram todas consagradas ao alívio de meus semelhantes; é um fato exato, e sem ênfase e sem orgulho ainda digo que muito frequentemente, sob o preço de privações relativamente grandes, muito grandes, aumentei a soma que me permitia fazer a caridade pública. Morri calmo, confiante em que havia conquistado a reparação à minha última existência, e fui recompensado para além de minhas secretas aspirações. Hoje sou feliz, bem feliz por poder dizer que quem se eleva será rebaixado, e aquele que se humilha será elevado.

P. – Você poderia nos dizer, eu lhe peço, no que consistiu sua expiação no mundo dos Espíritos, e quanto tempo ela durou desde a sua morte até o momento em que encontrou sua sorte pelo efeito do arrependimento e das boas resoluções que você havia tomado? Diga-nos também o que provocou em você essa mudança em suas ideias enquanto Espírito.

R. – *Você me traz à memória lembranças bem dolorosas! Como soufri... Mas não me queixo: eu me lembro!... Você quer saber qual a natureza de minha expiação; ei-la, então, em todo seu terror.*

Carrasco, como havia dito, de toda espécie de bons sentimentos, permaneci durante muito tempo, mas muito tempo mesmo, ligado pelo meu perísprito ao meu corpo em decomposição. Senti-me, até sua completa putrefação, corroído pelos vermes que me faziam sofrer demais! No instante em que fui desligado dos laços que me vinculavam ao instrumento de meus suplícios, sofri um suplício ainda mais cruel. Depois do sofrimento físico, veio o sofrimento moral, e este durou muito mais tempo ainda do que o primeiro. Fui posto em presença de todas as vítimas que eu havia torturado. Periodicamente, e por uma força maior do que a minha, eu ficava frente a frente com minhas ações culposas. Via moral e fisicamente todas as dores que eu havia feito aguentar. Oh, meus amigos, quão terrível é a visão constante daqueles a quem fizemos mal! Vocês têm um pálido exemplo disso na confrontação do acusado com sua vítima.

Eis, abreviadamente, o que sofri durante três séculos e meio, até que Deus, tocado por minha dor e por meu arrependimento, solicitado pelos guias que me assistem, permitiu que eu tivesse a vida de expiação que vocês já conhecem.

P. – Algum motivo em particular o levou a escolher sua última existência na religião judaica?

R. – *Não foi uma escolha minha, mas eu aceitei de acordo com os conselhos de meus guias. A religião judaica agregava uma pequena humilhação a mais à minha vida de expiação; pois, sobretudo em alguns países, a maioria dos encarnados desconfia dos judeus, e particularmente dos judeus mendicantes.*

P. – Em sua última existência, em que idade você começou a pôr em marcha as resoluções que havia tomado? Como esse pensamento chegava até você? Enquanto exercia a caridade com tamanha abnegação, você tinha uma intuição qualquer da causa que o arrastava?

R. – *Nasci de pais pobres, mas inteligentes e avaros. Ainda jovem, fui privado do afeto e dos carinhos de minha mãe. Depois dessa perda senti um desgosto ainda pior, pois meu pai, dominado pela paixão do ganho, abandonou-me completamente. Meus irmãos e minhas irmãs, todos mais velhos do que eu, pareciam não notar meus sofrimentos. Um outro judeu, movido por um pensamento mais egoísta do que caridoso, recolheu-me e me ensinou a trabalhar. Ele me cobrava muito mais do que eu*

podia recompensá-lo por meio do produto do meu trabalho, trabalho este que frequentemente estava para além de minhas forças. À frente libertei-me desse jugo e trabalhei para mim mesmo. Mas em todas as ocasiões, tanto na atividade quanto no repouso, eu era perseguido pela lembrança dos carinhos de minha mãe, e à medida que eu ficava mais velho, sua lembrança se gravava mais profundamente na minha memória, e eu tinha muita saudade de seus cuidados e de seu amor.

Logo restava apenas eu de minha família; a morte, em alguns meses, levou a todos. Foi então que começou a se revelar a maneira pela qual eu devia passar o resto de minha existência. Dois de meus irmãos tinham deixado órfãos. Emocionado pela recordação do que eu tinha passado, quis preservar esses pequenos pobres seres de uma juventude parecida com a minha. Não conseguindo sustentar a todos com o trabalho que eu tinha, comecei a estender a mão, não por mim, mas pelos outros. Deus não me deixou a consolação de colher os frutos de meus esforços; os pobres pequenos também foram embora para sempre. Eu via bem o que lhes tinha faltado: era sua mãe. Resolvi então começar a pedir esmolas para as viúvas infelizes que, não podendo sustentar a elas e a seus filhos, impunham-se privações que as conduziam ao túmulo, deixando pobres órfãos que restavam, assim, abandonados e largados aos tormentos pelos quais eu próprio tinha passado.

Eu tinha trinta anos quando, cheio de força e de saúde, me pus a mendigar para as viúvas e os órfãos. O começo me foi penoso, e tive que suportar muito mais do que palavras humilhantes. Mas quando percebi que eu doava tudo aquilo que eu ganhava em prol dos meus pobres, quando me vi ir atrás ainda de mais daquilo que sobrava de meu trabalho, adquiri uma espécie de confiança que não era abalável para mim.

Vivi sessenta e poucos anos, e jamais faltei à tarefa a que me tinha imposto. Jamais, além disso, uma advertência da consciência me fez supor que um motivo anterior à minha existência fosse o móvel de minha maneira de agir. Somente uma vez, um dia antes de começar a estender a mão para pedir, ouvi essas palavras: “Não faça aos outros aquilo que você não queria que os outros lhe fizessem.” Fiquei abismado com a moral universal contida em poucas palavras, com frequência me surpreendia a agregar àquelas palavras estas aqui: “Mas lhes faça ao contrário, o que você queria que os outros lhe fizessem.”

Com o auxílio da lembrança de minha mãe e a de meus sofrimentos, continuava a trilhar em um caminho que minha consciência me dizia ser bom.

Termino esta longa comunicação lhes dizendo obrigado! Ainda não sou perfeito, mas sabedor de que o mal conduz apenas ao mal, faria novamente, como o faço, o bem para colher a felicidade.

Julienne-Marie, a pobreza

Na comuna de Villate, perto de Nozai (Baixo Loire), existia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma e que vivia da caridade pública. Um dia ela caiu em uma lagoa, de onde foi retirada por um habitante do local, Sr. A., que geralmente lhe socorria. Transportada ao seu domicílio, ela morreu pouco tempo após as consequências do acidente. A opinião geral foi a de que ela tivesse querido se suicidar. No mesmo dia de seu enterro, aquele que a tinha salvado, que é espírita e médium, sentia sobre todo seu ser algo como o toque de alguém que estivesse perto dele, sem contudo saber a causa disso; quando ele soube da morte de Julienne-Marie, lhe veio o pensamento de que talvez seu Espírito tivesse vindo visitá-lo.

Seguindo a opinião de um de seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, a quem ele havia contado o que tinha se passado, fizeram a evocação desta mulher, com o fim de lhes serem úteis; mas antes, pediu o conselho de seus guias protetores, de quem ele recebeu a resposta abaixo:

“Você pode entrar em contato com ela, e sei que isso lhe agradecerá, embora o bem que você propõe em seu benefício será inútil; ela encontra-se feliz e completamente devotada aos que lhe foram compassivos. Você é um desses bons amigos; ela não o abandona e com frequência encontra-se com você sem que você saiba. Cedo ou tarde o bem efetuado será recompensado, se não tiver sido feito por obrigação; os que se interessaram por ela, tanto antes como depois de sua morte, receberão a sua paga. Quando o Espírito não teve tempo de agradecer, serão outros Espíritos simpáticos que testemunharão em seu nome todo o reconhecimento. Eis o que explica aquilo que você experimentou

no dia de seu enterro. Agora será ela quem o auxiliará no bem que você pretende fazer. Lembre-se do que disse Jesus: 'Aquele que se rebaixar, será elevado'. Você terá a assistência dela na medida em que ela possa lhe fornecer, com a condição de você lhe pedir auxílio tão-somente visando ser útil a seu próximo."

Evocação. – Querida Julienne-Marie, você está feliz, é tudo o que eu queria saber; isso não me impedirá de sempre pensar em você, e de jamais a esquecer em minhas preces.

R. – *Tenha confiança em Deus; inspire em seus doentes uma fé sincera, e você quase sempre terá êxito. Não se preocupe jamais com a recompensa que desses atos poderá ter, ela estará para além do que você espera. Deus sabe sempre recompensar o mérito do que se devota ao alívio dos semelhantes e **porta em suas ações um desinteresse completo**; sem isto, tudo não passa de ilusão e quimera; a fé deve vir antes de tudo; e isso é tudo. Lembre-se dessa máxima e ficará espantado com os resultados que obterá. Os dois enfermos de quem você cuida serão a prova; nas circunstâncias em que eles se encontram, apenas com simples remédios, você teria fracassado.*

Quando você pedir a Deus para permitir aos bons Espíritos derramarem sobre você seus fluidos benéficos, e esse pedido não se fizer acompanhado de um frêmito involuntário, é que sua prece não foi suficientemente fervorosa para ser escutada; e ela só será levada em consideração nas condições em que eu lhe assinalo. Foi o que você experimentou quando disse do fundo do coração: "Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limites, ouça a minha prece e permita aos bons Espíritos que me ajudem na cura de ... ; tenha piedade dele, meu Deus, e conceda-lhe a saúde; sem você, nada posso. Que sua vontade seja feita."

Você fez muito bem em não desdenhar dos humildes; a voz do que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo sempre é ouvida; e como você sabe, um bem efetuado sempre recebe sua recompensa.

Agora, uma breve palavra sobre mim, e isso lhe confirmará o que foi dito antes.

O Espiritismo explica-lhe minha linguagem como Espírito: não tenho necessidade de entrar em detalhes sobre este assunto. Considero muito inútil deixar-lhe a par de minha existência anterior. A condição em que você me conheceu sobre esta Terra

deve fazê-lo compreender e apreciar minhas outras existências, que nem sempre foram irrepreensíveis. Consagrada a uma vida de miséria, enferma e impedida de trabalhar, mendiguei durante toda minha vida. Não fui nem um pouco privilegiada; sobre meus velhos dias, minhas pequenas economias se limitavam a uma centena de francos, os quais reservava para quando minhas pernas não pudessem mais me suportar. Deus julgou minha prova e minha expiação suficientes, e pôs termo em minha vida libertando-me sem sofrimentos da Terra; logo, não me suicidei, como passaram a falar desde então. Morri subitamente à borda do lago, no instante em que endereçava minha última prece a Deus; o declive do terreno fez com que meu corpo parasse na água.

Não sofri; fui feliz por ter podido cumprir minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida de minhas forças e dos meios à minha disposição, e evitei fazer mal ao meu próximo. Hoje recebo a recompensa por isso, e rendo graças a Deus, nosso divino mestre, que adoçou a amargura das provas nos fazendo esquecer, durante a vida, de nossas antigas existências, e posto sobre nosso caminho almas caridosas para nos auxiliarem a suportar o fardo de nossos erros passados.

Persevere também e, como eu, você também será recompensado. Eu lhe agradeço pelas boas preces e pelo bem que me fez; jamais me esquecerei. Um dia nós nos reveremos, e muitas coisas lhe serão explicadas; neste instante, isto seria supérfluo. Saiba apenas que eu serei devotada a você, e que sempre estarei por perto quando tiver necessidade de mim para aliviar os que sofrem.

A pobre boa mulher, Julienne-Marie.

O Espírito de Julienne-Marie foi evocado na Sociedade de Paris em 10 de junho de 1864 e ditou a comunicação abaixo:

“Obrigada por me admitir de bom grado em seu meio, caro presidente; vocês sentiram que eu tinha ocupado posições sociais mais elevadas em minhas existências passadas; se em meu regresso tive que passar pela prova da pobreza, era para me punir por um orgulho fútil que me tinha feito rejeitar os que eram pobres e miseráveis. Daí sofrer essa justa lei de Talião, que me trouxe a mais amedrontadora pobreza desta terra; e para a bondade de Deus se provar a mim, não fui rechaçada por todos:

esse era meu grande medo; suportei, assim, minha prova sem murmurar, pressentindo uma vida melhor de onde não devia mais regressar a esta terra de exílio e calamidade.

Que felicidade o dia em que nossa alma, ainda jovem, pode retornar à vida espiritual para rever seus serem amados! Pois eu também amei e fiquei feliz por ter reencontrado aqueles que me precederam. Obrigada a esse bom senhor A..., que me abriu a porta do reconhecimento; sem sua mediunidade não teria podido agradecê-lo, provar-lhe que minha alma não se esquece das alegres influências de seu bom coração, lhe recomendar para propagar sua divina crença. Ele é chamado para recuperar almas perdidas; que ele se persuada bem do meu apoio. Sim, eu posso lhe devolver ao cêntuplo o que ele me fez, instruindo-o na via em que vocês seguem. Agradeçam ao Senhor por ter permitido que os Espíritos pudessem lhes dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e parar o rico em seu orgulho. Saibam compreender a vergonha que há em rechaçar um infeliz; que eu lhes sirva de exemplo a fim de evitarem ter que vir como eu, para expiar os erros por meio de dolorosas condições sociais que os colocam tão para baixo a ponto de lhes fazer sentirem-se a escória da sociedade.

Julienne-Marie.”

Esta comunicação foi transmitida ao Sr. A... Ele ainda obteve a que se segue, e que é a confirmação da de cima:

P. – Minha boa Julienne-Marie, já que você deseja me auxiliar por meio de seus conselhos com o fim de me fazer progredir na via de nossa divina doutrina, queira comunicar-se comigo: me esforçaria ao máximo para aproveitar seus ensinamentos.

R. *Lembre-se da recomendação que eu o farei, e não se esqueça dela jamais. Seja sempre caridoso na medida de suas condições; você compreende bem como se deve praticar a caridade em todas as situações da vida terrestre. Não tenho, portanto, que vir lhe dar lições sobre este assunto, você mesmo será o melhor juiz ao seguir a voz de sua consciência, que jamais o enganará quando a escutar sinceramente.*

Não se engane sobre as missões que você deve cumprir; pequenos e grandes têm as suas; a minha foi penosa, mas merecia uma punição semelhante em razão de minhas

existências anteriores, de acordo com o que confessei ao bom presidente da Sociedade mãe de Paris, à qual todos vocês vão se juntar um dia. Esse dia não está tão longe quanto você pensa; o Espiritismo marcha a passo de gigante, apesar de tudo o que têm feito para entravá-lo. Marchem vocês também sem medo, ferventes adeptos da doutrina, e seus esforços serão coroados de sucesso. O que importa o que dirão de vocês! Coloquem-se acima de uma crítica derrisória que recairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! Eles se acham fortes e crêem que facilmente podem nos abater; vocês, meus bons amigos, fiquem tranquilos, e não temam medir forças com eles; eles são mais fáceis de vencer do que imaginam; muitos dentre eles desconfiam de que a verdade vem, enfim, lhes ofuscar os olhos; esperem, e eles virão por sua vez ajudar a terminar o edifício.

Julienne-Marie.

Este fato está repleto de ensinamentos para quem se dispuser a meditar sobre as palavras deste Espírito em suas três comunicações; todos os grandes princípios do Espiritismo encontram-se reunidos nelas. Desde a primeira comunicação o Espírito mostra sua superioridade por sua linguagem; semelhante a uma fada benfeitora, esta mulher, hoje resplandecente e transformada, veio proteger aquele que não a rechaçou sob os andrajos da miséria. Esta é uma aplicação das máximas do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados; felizes os humildes; felizes os aflitos, pois eles serão consolados; não menospreze os pequenos, pois aqueles que são pequenos neste mundo podem ser maiores do que você imagina...”

Max, o mendigo

Em um vilarejo da Baviera morreu, em cerca de 1850, um senhor quase centenário, conhecido sob o nome de “pai” Max. Ninguém sabia ao certo sua origem, pois ele não tinha família. Desde quase meio século, acometido por enfermidades que o impediam de ganhar a vida por meio do trabalho, seus únicos recursos estavam limitados à caridade pública, o que ele dissimulava ao ir

vender almanaques e mercadorias diversas em fazendas e castelos. Tinham lhe dado o apelido de “conde” Max, e as crianças sempre o chamavam de “senhor conde”, o que o fazia sorrir sem se importar. Por que este título? Ninguém o sabe; tinha se tornado um costume. Talvez fosse por sua fisionomia e maneiras cuja distinção contrastava com seus andrajos. Muitos anos após sua morte ele apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos em que ele era alojado no estábulo, pois ele não tinha onde morar. Ele lhe dizia: “Obrigado a todos vocês por terem se lembrado do velho Max em suas preces, pois elas foram ouvidas pelo Senhor. Você deseja saber quem eu sou, alma caridosa que se interessou por um pobre mendigo; pois vou satisfazê-la; será para todos oportunidade de um grande aprendizado.”

Ele lhe deu então a declaração que se segue mais ou menos nestes termos:

“Há cerca de um século e meio eu era um rico e poderoso senhor desta localidade, mas fútil, orgulhoso e inflado por minha nobreza. Minha imensa fortuna sempre serviu somente aos meus próprios prazeres e, mesmo assim, ela quase não bastava, pois eu era jogador, depravado e passava minha vida em orgias. Meus vassallos, a quem eu acreditava criados para me servirem como animais de uma fazenda, eram pressionados e maltratados para se submeterem às minhas prodigalidades. Estava surdo aos seus apelos, assim como aos de todos os infelizes, e segundo minha opinião, eles deveriam se estimar muito honrados por servirem aos meus caprichos. Morri em idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem ter passado por nenhuma infelicidade verdadeira; tudo parecia, pelo contrário, sorrir para mim, de modo que aos olhos dos outros eu era um dos felizes do mundo: minha posição me valeu suntuosos funerais, os vivos lamentaram a ida de um faustoso senhor, mas nenhuma lágrima foi vertida sobre minha tumba, nenhuma prece de coração foi endereçada a Deus por mim, e minha memória foi maldita por todos aqueles a quem eu tinha contribuído no aumento de suas misérias! Ah! Como é terrível a maldição dos infelizes por quem somos responsáveis! Ela não parou de ecoar em meus ouvidos durante muitos anos, que me pareceram uma eternidade! E a morte de cada uma de minhas vítimas significava uma nova alma ameaçadora ou irônica que se punha em meu encalço e que me perseguia sem cessar,

sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para me esconder de suas vistas! Sem algum olhar amigo! Meus antigos companheiros de farra, infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam me dizer com desdém: ‘Você não pode mais pagar pelos nossos prazeres’. Oh! Como teria eu pago muito caro por um instante de repouso, um copo d’água para matar a sede flamejante que me devorava! Mas eu não possuía mais nada, e **todo o ouro que eu tinha distribuído em muitas mãos sobre a Terra não tinham produzido uma só benção, nem ao menos uma, minha filha!**

Enfim, esmagado pelo cansaço, esgotado como um viajante extenuado que não enxerga o fim de seu caminho, eu gritava: ‘Meu Deus, tenha piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?’ Então uma voz, a primeira que eu ouvia desde que eu tinha deixado a Terra, me disse: **‘Quando você quiser.’** – O que eu devo fazer, grande Deus? respondi-lhe; disse: eu me submeto a tudo. – Você deve se arrepender; **se humilhar diante daqueles que você humilhou**; rogar-lhes para que intercedam por você, **pois a prece do ofendido que perdoa sempre é agradável a Deus.** Eu me humilhei, eu rogava aos meus vassallos, aos meus servos, que estavam ali diante de mim, e cujas figuras, cada vez mais benévolas, terminaram desaparecendo. Isto representou então uma nova via para mim; a esperança substituiu o desespero e eu agradecia a Deus com todas as forças de minha alma. A voz me disse em seguida: ‘Príncipe!’, e eu respondi: ‘Aqui não há outro príncipe para além de Deus todo-poderoso, que humilha os soberbos. Perdoe-me, Senhor, pois eu pequei; faça de mim o servidor de seus servidores, se esta for a sua vontade.

Alguns anos à frente renasci novamente, mas desta vez em uma família de pobres camponeses. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, e fiquei sozinho no mundo e sem apoio. Ganhava a vida como podia, tanto como trabalhador braçal quanto como ajudante de fazenda, mas sempre honestamente, pois desta vez eu acreditava em Deus. À idade de quarenta anos uma doença me tornou paralítico de todos os membros, e eu tive que mendigar por mais de cinquenta anos sobre essas mesmas terras em que eu tinha sido o mestre absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que foram minhas e nas quais, por uma amarga derrisão, tinham me dado o apelido de “senhor conde”, ficar muito feliz por apenas encontrar um abrigo nos

estábulo do castelo que tinha sido meu. Em meus sonhos me comprazia em percorrer esse mesmo castelo em que eu havia reinado como déspota; quantas vezes me revi em meio à minha antiga fortuna! Essas visões me deixavam, ao acordar, um indefinível sentimento de amargura e de arrependimento; mas jamais uma queixa escapou pela minha boca; e quando conveio a Deus me chamar novamente a ele, eu o bendisse por ter me dado a coragem de suportar sem murmúrio essa longa e penosa prova de que recebo hoje a recompensa; e você, minha filha, eu lhe agradeço por ter orado por mim.”

Recomendamos essa história aos que pretendem que os homens não teriam mais freios se não tivessem diante deles espantosas penas eternas, e perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do “pai” Max serve menos para parar alguém na via do mal do que a das torturas sem fim nas quais não se acreditam mais.

História de um criado doméstico

Em uma família de alto nível existia um criado muito jovem cujas inteligência e delicadeza nos surpreendia pelo seu ar de distinção; nada, em suas maneiras, lembrava a grosseria; seu empenho no serviço prestado para seus amos não lembrava em nada a obsequiosidade servil própria às pessoas dessa condição. Tendo retornado a esta família no ano seguinte, não vi mais o rapaz entre eles e perguntei se o haviam mandado embora. “Não, ele não está mais entre nós, respondeu: ele foi passar alguns dias em seu país e morreu. Nós lamentamos muito, pois era um excelente sujeito, que possuía sensibilidade *verdadeiramente para além de sua posição*. Ele era muito ligado a nós, e no deu provas de um grande devotamento.”

Mais tarde nos veio o pensamento de evocar esse jovem, e eis o que ele nos disse:

“Em minha penúltima encarnação eu era, como se diz na Terra, de uma família muito boa, mas arruinada pelas prodigalidades de meu pai. Fiquei órfão muito cedo e sem recursos. Um amigo de meu pai cuidou de mim; ele me criou como seu filho e me proporcionou uma bela educação, da qual me tornei um tanto

vaidoso. Esse amigo hoje é conhecido como Sr. de G..., de quem estava a serviço, como você me viu. Quis, em minha última existência, expiar meu orgulho ao nascer em uma condição servil, e encontrei a ocasião de provar meu devotamento ao meu benfeitor. Eu cheguei até a salvar sua vida sem que jamais ele ficasse sabendo. Foi ao mesmo tempo uma expiação da que saí melhor, já que tive bastante força para não me deixar corromper por meio do contato de um círculo quase sempre vicioso; apesar dos maus exemplos, permaneci puro, e agradeço a Deus por isso, pois fui recompensado pela felicidade de que desfruto.

P. – Em qual circunstância você salvou a vida do Sr. G...?

R. – *Em um passeio a cavalo em que só eu o seguia, avistei uma grande árvore que caía ao seu lado e que ele não tinha visto; eu o chamei dando um tremendo de um grito; ele se voltou a mim fortemente e, nesse instante, a árvore caiu aos seus pés; sem o movimento que eu o levei a fazer, ele teria sido esmagado.*

Sr. G...: O fato reportado é perfeitamente recordado por mim.

P. – Por que você morreu tão jovem? R. – *Deus tinha julgado minha prova suficiente.*

P. – Como você pôde aproveitar essa prova, já que você não se lembrava da causa que a tinha motivado?

R. – *Em minha humilde posição ainda me restava um instinto de orgulho, o qual eu fui bastante feliz por ter conseguido dominá-lo, o que tornou minha provação proveitosa, sem o que, eu teria tido que recomeçar. Meu Espírito se recordava em seus momentos de liberdade e, quando eu acordava, me restava um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências, que eu sentia serem más. Tive mais mérito por lutar assim do que se eu tivesse tido lembranças claras do passado. A lembrança de minha antiga posição teria exaltado meu orgulho e me prejudicado, ao passo que, desse modo, tive apenas que combater os arrastamentos de minha nova posição.*

P. – Você diz ter recebido uma educação brilhante [em sua penúltima existência], mas o que lhe serviu em sua última existência, já que você não se recorda dos conhecimentos que tinha adquirido? R. – *Tais conhecimentos teriam sido inúteis, um verdadeiro contrassenso em minha nova posição; eles ficaram*

latentes, e hoje os reencontro. No entanto, eles não me foram de todo inútil, pois ajudaram a desenvolver a minha inteligência; tinha instintivamente o gosto por coisas elevadas, o que inspirava a repulsão pelos exemplos baixos e ignóbeis que tinha sob os olhos; sem esta educação, teria sido apenas um mero criado.

P. – Os exemplos dos servidores devotados aos seus amos até a abnegação têm por explicação relações anteriores? R. – *Não duvide disso; é ao menos o caso mais comum. Esses servidores são algumas vezes membros da família ou, como eu, forçados a pagar uma dívida de reconhecimento, cujo devotamento auxilia a avançar. Você não imagina todos os efeitos de simpatia ou antipatia que essas relações anteriores produzem sobre o mundo. Não, a morte não interrompe essas relações, que se perpetuam frequentemente de século a século.*

P. – Por que esses exemplos de devotamento dos servidores são tão raros hoje em dia? R. – *Deve-se acusar o espírito de egoísmo e de orgulho de seu século, desenvolvido pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A fé verdadeira deixa-se levar pela cupidez e pelo desejo de posse, e com ela se vão também o devotamento. O Espiritismo, ao trazer de volta os homens ao sentimento do verdadeiro, fará renascer as virtudes esquecidas.*

Nada melhor do que este exemplo para reafirmar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. de G... se lembrasse de quem tinha sido seu jovem empregado, ele teria ficado muito incomodado com ele, e nem o teria deixado ficar nessa condição; ele teria assim dificultado a prova que foi proveitosa para ambos.

Antonio B... Enterrado vivo – a pena de talião.

O Sr. Antonio B., escritor de mérito, estimado pelos seus concidadãos, tendo desempenhado com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, em cerca de 1850, em decorrência de um ataque de apoplexia ficou em um estado de morte aparente, como o que acomete por vezes algumas pessoas, tendo sido considerado realmente morto. O equívoco foi

facilitado em razão de terem percebido sinais de decomposição pelo corpo. Quinze dias após o enterro, uma circunstância fortuita determinou que a família pedisse a exumação; eles tinham esquecido por engano um medalhão no caixão; mas o estupor dos assistentes foi grande quando, ao abrirem o caixão, perceberem que o corpo tinha mudado de posição, que ele tinha virado para baixo e, coisa horrível!, que uma das partes das mãos estava comida pelo defunto. Ficou claro que o infeliz Antonio B. tinha sido enterrado vivo; ele deve ter sucumbido sob os estertores do desespero e da fome.

O Sr. Antonio B. foi evocado na Sociedade de Paris em agosto de 1861, por pedido de um de seus parentes, e deu as seguintes explicações:

Evocação. – *O que vocês querem?*

Um de seus parentes nos pediu para evocá-lo; o fazemos com satisfação, e ficaremos felizes se você puder nos responder. R. – *Sim, eu lhes responderei com prazer.*

Você se recorda das circunstâncias de sua morte? R. – *Ah! Claro que sim! Por que trazer à tona essa lembrança de um castigo?*

Você foi de fato enterrado vivo por engano? R. – *Isto deveria ter ocorrido realmente assim, pois a morte aparente teve todos os caracteres de uma morte real; eu estava quase exangue⁶⁸. Não se deve imputar a ninguém um fato previsto antes de meu nascimento.*

Se estas questões têm a capacidade de lhe causar sofrimento, quer que paremos? R. – *Não, continuem.*

Queríamos o ver feliz, pois você teve a reputação de ser um homem honesto. R. – *Eu lhe agradeço muito; sei que vocês oram por mim. Vou tentar responder às suas questões, mas se eu não conseguir, um de seus guias completará o que falta.*

Você poderia nos descrever as sensações que experimentou naquele instante terrível? R. – *Oh! Que prova dolorosa! Sentir-se encerrado entre quatro tábuas de modo a não poder se virar nem se mexer! Nem podia chamar alguém: a voz não saía mais em*

⁶⁸ Com falta de sangue. Palidez da pele por causa da falta de sangue.

um ambiente sem ar! Oh! Que tortura a de um infeliz que se esforça em vão a respirar em uma atmosfera insuficiente e desprovida de algo respirável! Estava como um condenado à beira de um forno, a não ser pela ausência de calor. Oh! Não desejo a ninguém torturas como estas. Não, não desejo a ninguém um fim como o meu! Cruel punição de uma cruel e feroz existência! Não me pergunte em que eu pensava, mas mergulhava no passado e entrevia vagamente o futuro.

Você disse: cruel punição de uma feroz existência; mas sua reputação, até hoje intacta, não supunha nada semelhante. Você pode nos explicar isso? R. – *O que é a duração de uma existência na eternidade! Claro, me esforcei para agir bem em minha última encarnação; mas este fim tinha sido aceito por mim antes de voltar à humanidade. Ah! Por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu e os Espíritos, ministros do Todo-Poderoso, sabíamos? Saiba então, já que eu devo lhe dizer, que em uma existência anterior eu tinha enterrado viva uma mulher – a minha! – em um túmulo! A pena de talião devia ser aplicada a mim. Dente por dente, olho por olho.*

Nos lhe agradecemos muito por nos ter respondido de boa vontade às nossas questões, e rogamos a Deus que o perdoe o passado em favor do mérito de sua última existência. R. – *Voltarei mais tarde; no mais, o Espírito de Erasto completará o que falta.*

Instrução do guia do médium.

O que vocês devem retirar desse ensinamento é que todas as suas existências se relacionam, nenhuma sendo independente das outras; as preocupações, os aborrecimentos, assim como as grandes dores que atormentam os homens são sempre as consequências de uma vida anterior criminosa ou mal empregada. No entanto, devo lhes dizer que os fins parecidos com o de Antonio B... são raros, e se este homem, cuja última existência foi isenta de reprimendas, terminou desta forma, é por ele próprio ter solicitado uma morte como esta a fim de abreviar o tempo de sua erraticidade e, assim, atingir mais rapidamente as esferas elevadas. Com efeito, depois de um período de perturbação e de sofrimento moral para expiar o que falta de seu crime abominável, ele será perdoado e se elevará a um mundo

melhor, onde se encontrará com sua vítima, que o espera e que já há muito o perdoou. Saibam então tomar proveito deste exemplo cruel, para suportar com paciência, meus caros espíritas, os sofrimentos corporais, os sofrimentos morais e todas as pequenas misérias da vida.

P. – Que proveito a humanidade pode retirar de punições como essa? R. – *Os castigos não são feitos para desenvolver a humanidade, mas para castigar o indivíduo culpado. Com efeito, a humanidade não tem nenhum interesse em ver um dos seus sofrendo. Aqui a punição foi apropriada ao erro. Por que a existência de loucos, cretinos, pessoas paralisadas, os que morrem no fogo, os que vivem anos nas torturas de uma longa agonia, não podendo nem morrer nem viver? Ah! Creiam-me, respeitem a vontade soberana e não busquem sondar a razão dos decretos providenciais; saibam que Deus é justo e que faz bem o que faz.*

Erasto.

Não há neste fato um grande e terrível ensinamento? Assim a justiça de Deus atinge sempre o culpado, e por ser algumas vezes tardia, não quer dizer que siga menos o seu curso. Não é eminentemente moral saber que, se grandes culpados encerram suas existências pacificamente, e frequentemente com abundância de bens terrestres, a hora da expiação soará cedo ou tarde? Penas desta natureza são compreendidas não somente porque elas estão de algum modo sob nossa visão, mas porque elas são lógicas; crê-se nelas porque a razão as admite.

Uma existência honrosa não isenta, assim, a vida das provações, já que estas são escolhidas ou aceitas como complementos da expiação; é o pagamento de uma dívida que se quita antes de receber o valor do progresso cumprido.

Ao se considerar o quanto, nos séculos passados, eram frequentes, mesmo nas classes mais elevadas e mais esclarecidas, os atos de barbárie que nos revoltam tanto atualmente; quantos assassinatos eram cometidos nessas épocas em que se jogava com a vida do semelhante, onde o poderoso esmagava o mais fraco sem escrúpulos, se compreenderá o quanto, entre os homens de nossos dias, devem ter aqueles que lavam os seus passados; da mesma forma não

se espantará do grande número de pessoas que morrem vitimadas por acidentes isolados ou catástrofes gerais. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos da Idade Média e dos séculos seguintes legaram às gerações futuras uma dívida imensa, que está longe de ser liquidada. Tantas infelicidades nos parecem imerecidas porque vemos apenas o momento atual.

Sr. Letil

O Sr. Letil era um fabricante próximo a Paris que morreu em abril de 1864 de uma maneira pavorosa. Uma caldeira com verniz em ebulição pegou fogo e entornou sobre ele; em um piscar de olhos ele estava coberto de matéria em brasa, e logo percebeu que estava perdido. Sozinho nesse instante na oficina, contando apenas com um jovem aprendiz, ele teve forças para retornar ao seu domicílio, que ficava a mais de duzentos metros de lá. Quando puderam lhe fornecer os primeiros socorros, sua pele estava queimada e se desfazendo; os ossos de uma parte de corpo e do rosto estavam à mostra. Ele viveu nesse estado por doze horas em meio aos mais terríveis sofrimentos, conservando apesar disso tudo sua presença de espírito até o último momento, e colocando seus negócios em ordem com uma lucidez perfeita. Durante essa cruel agonia, não se ouviu dele uma só queixa, um murmúrio, e morreu orando a Deus. Era um homem muito honrado, de um caráter gentil e benevolente, amado e estimado por todos os que o conheceram. Ele tinha abraçado as ideias espíritas com entusiasmo, mas sem muita reflexão, e foi, por esta razão, tendo um pouco de mediunidade, joguete de numerosas mistificações que, no entanto, não abalaram sua fé. Sua confiança no que lhe diziam os Espíritos beirava, em certas ocasiões, a ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris em 29 de abril de 1864, poucos dias após sua morte e ainda sob a impressão da terrível cena de que ele tinha sido vítima, ele concedeu a seguinte comunicação:

“Uma tristeza profunda me exaure! Muito abalado ainda pela minha morte trágica, me senti sob o golpe de um carrasco. Como sofri! Oh! Como sofri! Estou tremendo por completo. Parece-me

que ainda sinto o odor fétido que minhas carnes queimadas exalavam ao meu redor. Agonia de doze horas pela qual um Espírito culpado passou! Ele sofreu sem murmurar, e assim Deus lhe concederá o seu perdão.

Oh, minha bem-amada! Não chore mais por mim, minhas dores vão se acalmar. Não sofro mais realmente, mas as lembranças equivalem à realidade. Meu conhecimento sobre Espiritismo me ajuda muito; vejo agora que, sem essa doce crença, permaneceria no delírio em que fui empurrado por essa morte pavorosa.

Mas tenho um consolador que não me deixou desde meu último suspiro; digo ainda que eu já o via ao meu lado; ele parecia ser um reflexo de minhas dores a me ocasionarem vertigens, fazendo-me ver fantasmas... mas não; era meu anjo protetor que, silencioso e mudo, me consolava em meu coração. Quando tive que dizer adeus à Terra, ele me disse: 'Venha, meu filho, e torne a ver o dia'. Eu respirava mais livremente, crendo sair de um pesadelo amedrontador; falava da minha bem-amada esposa, do filho corajoso que se devotou a mim. 'Todos estão na Terra, me disse; você, meu filho, agora está entre nós'. Buscava a minha casa, o anjo me deixava entrar, sempre ao meu lado. Vi todo mundo em lágrimas; tudo estava triste e em luto naquele pacífico domicílio de outrora. Não consegui suportar por mais tempo a visão desse doloroso espetáculo; muito emocionado, disse ao meu anjo: 'Oh, meu bom anjo, saiamos daqui! Sim, saiamos, disse o anjo, e busquemos o repouso'.

Desde então, sofro menos; se não visse minha esposa inconsolável, meus amigos tão tristes, estaria quase feliz.

Meu bom guia, meu caro anjo pôde me dizer por que tive uma morte tão dolorosa, e para sua instrução, meus filhos, lhes faço uma confissão.

Há dois séculos coloquei sobre uma fogueira uma jovem moça, inocente conforme deve ser em sua idade, de mais ou menos doze a quatorze anos. Qual era a acusação? Ter sido cúmplice em uma intriga contra a política sacerdotal. Eu era italiano e juiz inquisidor; nem os carrascos ousavam tocar o corpo da jovem criança; assim, eu mesmo fui o juiz e o carrasco. Oh, justiça, justiça de Deus, como ela é grande! Me submeti a ela; tanto havia prometido que não titubearia no dia do combate que tive forças para manter minha palavra; não murmurei, e você me perdoou, oh, meu Deus! Quando então a lembrança de minha pobre e

inocente vítima se apagará de minha memória? É isto o que me faz sofrer? Acontecerá assim que ela me perdoar.

Oh, vocês, iniciantes da nova doutrina, vocês dizem às vezes: 'não nos lembramos do que fizemos em vidas passadas porque devemos evitar os males aos quais nos exporíamos por meio do esquecimento do passado.' Oh, meus irmãos! Bendigam a Deus: se ele lhes conservasse as lembranças, vocês não conseguiriam nenhum repouso sobre a Terra. Perseguidos incessantemente pelo remorso e pela vergonha, vocês poderiam ter ao menos um só instante de paz?

O esquecimento é um benefício; a lembrança neste caso é uma tortura. Daqui a alguns dias, em recompensa pela paciência com a qual suportei minhas dores, Deus me concederá o esquecimento de meu erro. Eis a promessa que acaba de me ser feita pelo meu bom anjo."

O caráter do Sr. Letil em sua última existência prova o quanto o seu Espírito melhorou. Sua conduta foi o resultado de seu arrependimento e das resoluções que ele havia tomado; mas isso não bastava; ele ainda devia concretizar as suas resoluções por meio de uma grande expiação; ele devia suportar, como homem, o que ele havia feito os outros padecerem. A resignação, nesta circunstância terrível, era para ele a grande prova, e felizmente foi conquistada. O conhecimento do Espiritismo sem dúvida contribuiu bastante para sustentar sua coragem por meio da fé sincera no futuro que lhe proporcionou; ele sabia que as dores da vida são provas e expiações, e se submetia a elas sem murmurar, dizendo: Deus é justo; sem dúvida eu as mereci.

Um sábio ambicioso

A Sra. B..., de Bordeaux, não experimentou as pungentes angústias da miséria, mas foi durante toda a sua vida uma mártir das dores físicas em razão de inumeráveis doenças graves pelas quais foi acometida durante setenta anos – desde que tinha cinco meses –, e que, a cada ano, deixavam-na à beira do túmulo. Por três vezes ela foi envenenada por meio de experimentos que a ciência inexata tentou aplicar-lhe, e seu temperamento, arruinado tanto pelas doenças quanto pelos medicamentos, deixou-lhe até o fim de seus dias atormentada por sofrimentos intoleráveis que

não podiam acalmá-la nem um pouco. Sua filha, espírita cristã e médium, pedia a Deus em suas preces para aliviar as cruéis provas de sua mãe, mas seu guia espiritual lhe disse para apenas orar por sua força e para que pudesse suportar os sofrimentos com paciência e resignação, ditando-lhe as seguintes instruções:

*“Tudo tem sua razão de ser na existência humana; **não há só um sofrimento que você tenha causado que não encontre eco nos sofrimentos pelos quais você passa**; não há um só de seus excessos que não encontre um contrapeso em uma de suas privações; nem uma lágrima cai de seus olhos sem ser para lavar um erro, um crime, às vezes. Suportem, assim, com paciência e resignação suas dores físicas ou morais, por mais cruéis que elas lhes pareçam, e pensem no lavrador cuja fadiga atinge os membros, mas que continua sua obra sem parar por ter diante de si as espigas douradas que serão os frutos de sua perseverança. Tal é a sorte do infeliz que sofre sobre a Terra; a aspiração à felicidade que deve ser o fruto de sua paciência o tornará forte contra as dores passageiras da humanidade.*

*Assim será feito de sua mãe; cada dor que ela aceitar como uma expiação será uma mancha apagada de seu passado, e quanto antes todas as manchas forem apagadas, mais cedo ela será feliz. **A falta de resignação apenas torna o sofrimento estéril**, pois então as provas devem recomeçar. Os mais úteis a ela são a coragem e a submissão; é pelo que se deve orar a Deus e aos bons Espíritos para que lhe concedam.*

Sua mãe foi outrora um bom médico, posicionado em uma classe em que todos os tipos de bem-estar lhe estavam assegurados, onde foi agraciado com dons e honrarias. Ambicioso por glórias e riquezas, desejoso de atingir o apogeu da ciência não com vistas a aliviar seus irmãos, pois não era um filantropo, mas sim com a finalidade de aumentar sua reputação e, por conseguinte, sua clientela, nada se lhe opunha para que levasse a cabo seus estudos. A mãe era martirizada sobre seu leito de sofrimento para que desenvolvesse um estudo sobre as convulsões que ele próprio nela suscitava; a criança era submetida às experiências que deviam lhe fornecer as chaves de certos fenômenos; o ancião via seu fim abreviado; o homem vigoroso se sentia enfraquecido por causa dos experimentos que deviam constatar a ação de tal ou qual poção, e todas essas experiências eram empregadas nos infelizes que de nada desconfiavam. A

satisfação da cupidez e do orgulho, a sede de ouro e do renome, tais foram os móveis de sua conduta. Foram necessários séculos e terríveis provas para domar esse Espírito orgulhoso e ambicioso; assim, o arrependimento começou sua obra de regeneração, e a reparação chegou a termo, pois as provações desta última existência são suaves perto daquelas pelas quais passou. Coragem, portanto; se a pena foi longa e cruel, a recompensa concedida à paciência, à resignação e à humildade será grande.

Coragem, vocês todos que sofrem; pensem no pouco tempo em que dura sua existência material; pensem nas alegrias da eternidade; tenham esperança, essa amiga devotada de todo coração sofredor; tenham fé, irmã da esperança; a fé que lhes mostra o céu, onde a esperança lhes permite penetrar antes do tempo. Chamem também a si os amigos que o Senhor lhes deu, que os cercam, sustentando e amando-os, e cuja constante solicitude traz para perto de vocês aqueles que vocês tinham ofendido, transgredindo suas leis.”

Depois de sua morte, a senhora B... concedeu, seja à sua filha, seja à Sociedade espírita de Paris, comunicações em que se refletem as mais eminentes qualidades, e onde ela confirma o que tinha sido dito sobre seus antecedentes.

Charles de Saint-G..., deficiente mental (Sociedade espírita de Paris, 1860)

Charles de Saint-G... era um jovem deficiente mental de treze anos, vivo, e cujas faculdades intelectuais eram de uma tal incapacidade que ele não reconhecia seus pais e mal conseguia se alimentar sozinho. Ele tinha paralisia completa de desenvolvimento em todo o seu sistema orgânico.

A são Luís. Você poderia nos dizer se podemos fazer a evocação do Espírito desta criança? R. – *Vocês podem evocá-lo como se evocassem o Espírito de um morto.*

Sua resposta nos faz supor que a evocação poderia ser efetuada em qualquer momento. R. – *Sim; sua alma vincula-se ao seu*

corpo material por meio de laços materiais, mas não por laços espirituais; ela sempre pode se liberar.

Evocação de Charles de Saint G... – *Sou um pobre Espírito ligado à Terra como um pássaro em uma gaiola.*

Em seu estado atual, como Espírito, você tem a consciência de sua incapacidade neste mundo? – *Certamente, sinto muito bem minha prisão.*

Quando seu corpo dorme e seu Espírito se liberta, você tem ideias tão lúcidas quanto se você estivesse em um estado normal? R. – *Quando meu infeliz corpo repousa, fico um pouco mais livre para me elevar ao céu que aspiro.*

Você experimenta, enquanto Espírito, um sentimento penoso em razão de seu estado corporal? R. – *Sim, já que é uma punição.*

Você se recorda de sua existência precedente? R. – *Oh! Sim, ela é a causa de meu exílio presente.*

Qual era sua existência? R. – *Um jovem libertino sob [o reinado de] Henrique III.*

Você diz que sua condição atual é uma punição; você não a escolheu? – *Não.*

Como sua existência atual pode servir à sua evolução no estado de incapacidade em que se encontra? R. – *Ela não é nula para mim perante Deus, que me a impôs.*

Você prevê a duração de sua existência atual? R. – *Não; ainda mais alguns anos e voltarei à minha pátria.*

De sua existência precedente até sua encarnação atual, o que você fez como Espírito? R. – *Justamente por eu ser um Espírito leviano, Deus me aprisionou.*

Em seu estado de vigília, você tem ciência do que se passa em torno de você, apesar da imperfeição de seus órgãos? R. –

Enxergo, ouço, mas meu corpo não compreende nem visualiza nada.

Podemos fazer alguma coisa de útil a você? R. – Não.

A são Luís. *As preces dirigidas a um Espírito encarnado podem ter a mesma eficácia de uma dirigida a um Espírito errante? R. – As preces são sempre boas e agradáveis a Deus; na posição deste pobre Espírito, não podem servir a nada; elas lhe servirão adiante, pois Deus as levará em conta.*

Esta evocação confirma o que sempre foi dito sobre os deficientes mentais. Sua incapacidade moral não se vincula à incapacidade de seu Espírito que, tirando seus órgãos, goza de todas suas faculdades. A imperfeição dos órgãos não passa de um *obstáculo* à livre manifestação dos pensamentos: ela não os aniquila. É o mesmo caso de um homem vigoroso, cujos membros estivessem presos por cordas.

Instrução de um Espírito sobre os deficientes mentais concedida à Sociedade de Paris.

*Os deficientes mentais são seres punidos sobre a Terra devido ao mau uso que eles fizeram de potentes faculdades; sua alma está aprisionada a um corpo cujos órgãos impotentes não podem exprimir seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; ela é escolhida com frequência por Espíritos arrependidos que querem pagar pelos seus erros. Esta provação não é de modo algum estéril, pois o Espírito não permanece estacionário na prisão da carne; seus olhos embrutecidos veem, seu cérebro prejudicado concebe, mas nada pode se traduzir nem por meio de palavras, nem pelo olhar, e a não ser por algum movimento, eles estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos que veem e escutam o que se passa ao redor deles sem poder se exprimir. Quando em sonho ocorrem esses terríveis pesadelos em que se quer fugir de um perigo, se deseja gritar para pedir por socorro e a língua permanece presa junto ao palato e os pés ao solo, vivencia-se por um instante aquilo pelo que o deficiente sempre passa: **a paralisia do corpo junto à vida do Espírito.***

Quase todas as enfermidades têm assim sua razão de ser; nada ocorre sem uma causa, e o que vocês chamam de injustiça do acaso é a aplicação da mais alta justiça. A loucura é assim uma

punição do abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: aquela que extravasa e aquela que tem consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos deficientes mentais, a vida contemplativa e isolada de suas almas, que não possuem as distrações do corpo, pode ser tão agitada quanto às existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra seus suplícios voluntários; lamentam terem escolhido essa condição e experimentam um desejo furioso de tornar a uma outra vida, desejo que lhes faz esquecer a resignação na vida presente e lamentarem a vida passada, vida esta da qual eles têm consciência, pois os deficientes mentais e os loucos sabem mais [sobre elas] do que vocês, e sob sua impotência física esconde-se uma potência moral da qual vocês não têm a menor ideia. Os atos de furor ou imbecilidade aos quais seus corpos se entregam são julgados pelo ser interior, que sofre e se envergonha por eles. Assim, ridicularizá-los, injuriá-los e maltratá-los, como em algumas vezes lhes fazem, significa aumentar seus sofrimentos, pois assim eles sentem ainda mais duramente suas fraquezas e abjeções, e se pudessem, acusariam de covardes os que agem dessa forma, pois sabem que suas vítimas não podem se defender.

O cretinismo não constitui uma das leis de Deus, e a ciência pode fazer com que desapareça, pois é o resultado material da ignorância, da miséria e da sujeira. Os novos meios de higiene que a ciência, tornada mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-lo. O progresso, sendo a condição expressa da humanidade, modificará as provas impostas a fim de se seguir a marcha dos séculos; as provações se tornarão todas morais, e quando sua Terra, jovem ainda, cumprir todas as fases de sua existência, se transformará em uma estância de felicidade, assim como outros planetas mais avançados.

Pierre JOUTY, pai do médium.

Foi-se o tempo em que se colocavam em questão a existência ou não da alma dos cretinos, e se perguntavam se eles pertenciam verdadeiramente à espécie humana. A maneira pela qual o Espiritismo os visualiza não é de uma grande moralidade e um grande ensinamento? Não há material para sérias reflexões, ao se imaginar que esses corpos desgraçados abrigam almas que,

talvez, tivessem sido brilhantes no mundo, que sob o espesso invólucro que constrange suas manifestações são tão lúcidas e pensantes quanto as nossas almas, e que um dia poderemos nós mesmos estar nesta situação, se abusarmos das faculdades que a Providência nos partilhou?

Como, além do mais, o cretinismo poderia ser explicado; como o fazer concorde com a justiça e a bondade de Deus sem admitir a pluralidade das existências? Se a alma já não tivesse vivido e fosse criada ao mesmo tempo em que o corpo; nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas quanto à dos cretinos da parte de um Deus justo e bom? Pois aqui não se trata de nenhum modo de um desses acidentes como a loucura, por exemplo, que se pode ou prevenir, ou curar; esses seres nascem e morrem no mesmo estado; sem ter alguma noção de bem e de mal, qual é sua sorte na eternidade? Serão felizes igualmente aos homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que tal favor a quem não teria feito nada de bem? Ficarão nos chamados limbos, quer dizer, em um estado misto, que não é nem de felicidade nem de infelicidade? Mas por que esta inferioridade eterna? A culpa é deles, se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos os que rejeitam a doutrina da encarnação a sair deste impasse. Com a reencarnação, pelo contrário, o que aparenta ser uma injustiça se torna uma admirável justiça; o que é inexplicável se explica da maneira a mais racional.

No mais, sabemos que os que rejeitam esta doutrina jamais a combateram com argumentos que não se restringissem à sua repugnância pessoal em voltar à Terra. A isto lhes respondemos: para vocês retornarem, Deus não pede a sua permissão, assim como o juiz não consulta o condenado para enviá-lo à prisão. Cada um tem a possibilidade de não retornar, ao se melhorar a ponto de merecer passar a uma esfera mais elevada. Mas nessas esferas felizes, o egoísmo e o orgulho não são admitidos; deve-se então se despojar dessas doenças morais por meio do trabalho, se se quiser subir de escala.

Sabe-se que, em certas localidades, os cretinos, longe de serem objeto de menosprezo, são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento se ligaria a uma intuição do verdadeiro estado desses infelizes, pois seus Espíritos, compreendendo sua

posição, se fariam tão mais dignos de atenção em vez de sofrerem como trastes da sociedade.

Consideram-se até mesmo um favor e uma benção terem um ser desses em uma família. Isto é uma superstição. Tal situação é possível porque entre os ignorantes a superstição se mescla às ideias mais santas, das quais eles não se apercebem; de todo modo, para os pais é uma ocasião de exercer uma caridade tanto mais meritória quanto mais pobres forem, pois é uma carga para eles sem compensação material. Há mais méritos em cercar de cuidados afetuosos uma criança desgraçada do que aquele cujas qualidades oferecem uma compensação. Ora, a caridade do coração, sendo uma das virtudes mais agradáveis a Deus, atrai sempre sua benevolência sobre aqueles que a praticam. Esse sentimento inato entre essas pessoas equivale a esta prece: “Obrigado, meu Deus, por nos ter dado como prova um ser frágil a sustentar, e um aflito a consolar.”

Adelaide-Marguerite Gosse

Era uma humilde e pobre servente da Normandia, das cercanias de Harfleur. Com onze anos ela começou a trabalhar com ricos agricultores de sua terra natal. Poucos anos depois um transbordamento do rio Sena arrastou e afogou todos os animais! Sobrevieram ainda outras infelicidades, e seus patrões caíram na desgraça. Adelaide atou sua sorte à deles, abafou a voz do egoísmo e, escutando apenas seu generoso coração, lhes emprestou cento e cinquenta francos economizados por ela, e continuou a lhes servir sem salário. Depois, quando eles morreram, ela vinculou-se à filha deles, que havia permanecido viúva e sem recursos. Ela trabalhava como lavradora e doava seu ganho à casa. Ela se casou e, reunindo seus recursos aos do marido, permaneceram sustentando a pobre mulher, que ela continuou a chamar de “patroa”! Este sublime sacrifício durou cerca de meio século.

A Sociedade de Emulação de Ruen não deixou essa mulher digna de tanto respeito e admiração no esquecimento; ela lhe condecorou com uma medalha de honra e uma recompensa em dinheiro; as lojas maçônicas do Havre associaram-se a este

testemunho de estima e lhe ofereceram uma pequena soma para contribuir com seu bem-estar. Enfim, a administração local se ocupou de seu destino com delicadeza, sem ferir sua suscetibilidade.

Um ataque de paralisia levou em um instante e sem sofrimento esse ser benévolo. Os últimos obséquios foram-lhe rendidos de uma maneira simples, mas decente; o secretário da prefeitura encabeçou o enterro.

(Sociedade de Paris, 27 de dezembro de 1861).

Evocação. – Rogamos a Deus todo-poderoso que permita ao Espírito de Marguerite Gosse comunicar-se conosco.

P. – Estamos felizes em testemunhar nossa admiração pela conduta que você tomou durante sua existência terrestre, e esperamos que sua abnegação tenha tido a sua recompensa. R. – *Sim, Deus foi repleto de amor e misericórdia pela sua servidora. O que fiz, e o que vocês consideraram bom, foi completamente natural.*

P. – Visando a nossa instrução, você poderia nos dizer qual foi a causa da humilde condição que você ocupava sobre a Terra? R. – *Tinha ocupado, em duas existências sucessivas, uma posição muito elevada; o bem me era fácil; eu o cumpria sem sacrifício, pois era rica; achava que eu avançava lentamente, e foi por isto que pedi para voltar em uma condição mais ínfima, em que eu teria que lutar por mim mesma contra as privações, me preparando para isso durante muito tempo. Deus sustentou minha coragem, e pude atingir a finalidade a que tinha me proposto graças aos socorros espirituais que Deus me deu.*

P. – Você reviu seus antigos patrões? Diga-nos, lhe peço, qual sua posição frente a eles, e se você ainda se considera como subordinada a eles. R. – *Sim, eu os reví; eles estavam em minha chegada, neste mundo. Dir-lhe-ia, com toda humildade, que eles me consideram como sendo bem superior a eles.*

P. – Você tinha algum motivo particular para se vincular a eles mais do que a outros? R. – *Nenhum motivo obrigatório; teria*

atingido meu objetivo de outras maneiras; eu os escolhi para quitar junto a eles uma dívida de reconhecimento. Outrora eles haviam sido bons para mim, e tinham me concedido trabalho.

P. – Qual o futuro que presente para você mesma? R. – *Espero reencarnar em um mundo em que a dor seja desconhecida. Talvez vocês me achem bem presunçosa, mas lhes respondo com toda a vivacidade de meu caráter. De resto, me remeto à vontade de Deus.*

P. – Agradecemos por ter vindo ao nosso chamado, e não duvidamos de que Deus a satisfaz plenamente com suas bondades. R. – *Obrigada. Possa Deus abençoá-los e conceder a todos, ao morrer, experimentar as alegrias tão puras que me foram partilhadas!*

Clara Rivier

Clara Rivier era uma menina de dez anos que pertencia a uma família de lavradores em um vilarejo do sul da França; ela era completamente deficiente desde os quatro anos. Durante sua vida, ela jamais deu à mostra uma só queixa, nem um sinal de impaciência; embora não fosse instruída, consolava sua família aflita lhes entretendo com a visão de uma vida futura e com a felicidade que encontrariam por lá. Ela morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante as quais ela não parou de orar a Deus. “Não temo a morte, dizia, já que uma vida de felicidade me está reservada no além”. Ela dizia a seu pai, que chorava: *“Console-se, voltarei para visitá-lo; minha hora está próxima, eu sinto; mas, quando ela chegar, eu saberei e o prevenirei antes”*. Com efeito, quando o momento fatal estava a ponto de se cumprir, ela chamou a todos os seus dizendo: *“Não tenho mais do que cinco minutos de vida; deem-me suas mãos.”* E ela se foi, conforme tinha anunciado.

Desde então, um Espírito agitador tem visitado a casa dos esposos Rivier, onde transtorna tudo; ele bate na mesa, como se tivesse um bastão, agita os panos e cortinas, mexe na louça. Esse Espírito aparece sob a forma de Clara à sua irmã menor, que tem cerca de cinco anos. De acordo com esta criança, sua irmã vem frequentemente conversar com ela, e suas aparições

Ihe fazem dar gritos de alegria e dizer: “Mas vejam como Clara está feliz!”.

Evocação de Clara Rivier. – *Estou perto de você, disposta a responder.*

De onde provinham as ideias elevadas que você fazia sobre a vida futura antes de sua morte, já que você era jovem e não tinha instrução? R. – *Do pouco tempo em que tive que passar em seu globo e de minha encarnação anterior. Era médium quando tive que deixar outrora a Terra, e era médium quando tive que retornar entre vocês. Era uma predestinação; sentia, e via o que dizia.*

Como ocorreu que uma criança da sua idade não se queixou de nada durante quatro anos de sofrimento? R. – *Porque o sofrimento físico era dominado por uma potência maior, a de meu anjo guardião, que eu via continuamente perto de mim; ele sabia aliviar tudo o que eu sentia; ele tornava minha vontade mais forte do que a dor.*

Como você previu o instante de sua morte? R. – *Meu anjo guardião me dizia; jamais ele me enganou.*

Você tinha dito ao seu pai: “Console-se; virei visitá-lo”. O que se passa, já que antes você se fazia animada de tão bons sentimentos pelos seus pais, e agora, depois de sua morte, você vem atormentá-los por meio de algazarras? R. – *Sem dúvida tenho uma prova, ou antes uma missão a cumprir. Se venho rever meus pais, você acha que isto não tem um motivo? Esses barulhos, essa perturbação, essas lutas ocasionadas por minha presença são uma advertência. Sou auxiliada por outros Espíritos, cuja turbulência tem uma meta, como eu tenho a minha, aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções nascerão. Meus pais tinham uma provação a suportar; ela acabará logo, mas só depois de terem levado esta convicção a uma multidão.*

Desse modo, não era você, pessoalmente, quem causava aquela perturbação? R. – *Eu era ajudada por outros Espíritos que servem à provação reservada aos meus queridos pais.*

Como ocorre então que a sua irmã a tenha reconhecido, se não era você quem produzia aquelas manifestações? – *Minha irmã viu apenas a mim. Ela possui agora uma segunda visão, e não será a última vez que a minha presença virá consolá-la e a encorajar.*

Por que, tão jovem, você foi afligida por tantas enfermidades? R. – *Tinha erros anteriores a expiar; tinha feito mau uso da saúde e da posição brilhante de que gozava em minha encarnação anterior; então, Deus me disse: “Você gozou bastante, desmesuradamente, você sofrerá da mesma forma, você era orgulhosa, agora será humilde; você se envaidecia por sua beleza, agora você será disforme; em lugar da vaidade, agora você se esforçará em adquirir a caridade e a bondade.” Fiz segundo a vontade de Deus e meu anjo guardião me ajudou.*

Você quer que digamos algo a seus pais? R. – *A pedido de um médium, meus pais praticaram muita caridade; eles tiveram razão em não orarem jamais apenas com os lábios; deve se fazer o emprego das mãos e do coração. Dar àqueles que sofrem é orar, é ser espírita.*

*Deus deu a todas as almas o livre-arbítrio, quer dizer, a faculdade de progredir; a todos ele deu a mesma aspiração, e é por isso que **o vestido de algodão grosseiro está mais próximo do vestido de ouro bordado do que se imagina.** Assim, acabem com essas distâncias por meio da caridade; tragam o pobre em suas casas, encorajem-no, levantem-no, não o humilhem. Se souberem praticar em todos os lados essa grande lei da consciência, não existiriam, em épocas determinadas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para castigá-los e lhes abrir os olhos.*

Caros pais, orem a Deus, amem-se pratiquem a lei do Cristo: não façam aos outros o que não queiram que lhes fosse feito: implorem a Deus que ele os prove ao lhes mostrar que sua vontade é santa e grande, como ele. Saibam, em relação ao futuro, armar-se de coragem e de perseverança, pois vocês ainda serão chamados a sofrer: deve se merecer uma boa posição em um mundo melhor, onde a compreensão da justiça se torna a punição dos maus Espíritos.

Estarei sempre perto de vocês, queridos pais. Adeus, ou, antes, até logo. Tenham resignação, caridade, amor pelos seus semelhantes, e um dia serão felizes.

Clara.

Este é um belo pensamento: “O vestido de algodão grosseiro está mais próximo do vestido de ouro bordado do que se imagina”. É uma alusão aos Espíritos que, de uma existência à outra, passam de uma posição brilhante a uma posição humilde ou miserável, pois frequentemente eles expiam em um meio ínfimo o abuso que cometeram com os dons que Deus lhes tinha concedido. É uma justiça que todo mundo compreende.

Um outro pensamento, não menos profundo, é o que atribui as calamidades dos povos à infração às leis de Deus, pois Deus castiga os povos da mesma forma pela qual castiga os indivíduos. Certo é que, se praticassem a lei de caridade, não haveria nem guerras, nem grandes misérias. É à prática desta fé que o Espiritismo conduz; seria por isso, assim, que o Espiritismo encontra inimigos tão encarniçados? As palavras desta jovem moça a seus pais seriam por acaso as de um demônio?

Françoise Vernhes

Cega de nascença, filha de um pequeno agricultor das cercanias de Toulouse, morreu em 1855, à idade de quarenta e cinco anos. Ela se ocupava constantemente com o ensino do catecismo às crianças para prepará-las à primeira comunhão. Tendo sido mudado o catecismo, ela não teve nenhuma dificuldade em aprendê-lo novamente, pois sabia de cor as duas formas. Em uma noite de inverno, retornando de uma excursão a vários lugares em companhia de sua tia, ela teve que atravessar uma floresta por meio de caminhos difíceis e cheios de lama, sendo que as duas senhoras tiveram que caminhar com muito cuidado sobre a borda dos fossos. Sua tia queria conduzi-la pela mão, mas ela lhe respondia: não fique com pena de mim, não corro o menor perigo de cair, vejo sobre meu ombro uma luz que me guia, siga-me, sou eu quem vai conduzi-la. Elas chegaram em

casa sem sofrer nenhum acidente, com a cega conduzindo aquela que deveria usar a visão.

Evocação em Paris em maio de 1865.

P. – Você teria a bondade de nos dar a explicação sobre a luz que a guiou naquela noite obscura, e que não era visível para você? R. – *Claro! Pessoas como você, que estão em constante contato com os Espíritos, têm necessidade de uma explicação para um fato semelhante! Era meu anjo da guarda quem me guiava.*

P. – Essa era também a nossa opinião, mas desejávamos ter de você a confirmação. Naquele instante você tinha a consciência de que era seu anjo da guarda quem a guiava? R. – *Não, devo admitir; no entanto, eu acreditava em uma proteção celeste. Tinha orado durante tanto tempo ao nosso bom e clemente Deus para ter piedade de mim!... e é tão cruel ser cega!... Sim, é bem cruel; mas reconhecia, por outro lado, que é a justiça. Aqueles que pecam pelos olhos devem punidos pelos olhos, e do mesmo modo com todas as faculdades de que os homens são dotados e abusam. Não busquem, portanto, nos numerosos infortúnios que afligem a humanidade outra causa para além da que lhe é natural: a expiação; expiação que apenas é meritória quando suportada com submissão, e que pode ser suavizada se, pela prece, atrair as influências espirituais que protegem os culpados da **penitenciária humana**, e espalham a esperança e a consolação aos corações aflitos e sofredores.*

P. – Você se devotou à instrução religiosa de crianças pobres; você teve dificuldades para adquirir os conhecimentos necessários ao ensinamento do catecismo que você sabia de cor, apesar de sua cegueira, e embora [o conteúdo] tivesse mudado? R. – *Os cegos têm, em geral, outros duplos sentidos, se puder me expressar assim. A observação não é uma das menores faculdades de sua natureza. Sua memória é como um armário onde são alocados em ordem, para jamais desaparecerem de lá, os ensinamentos, de onde retiram suas tendências e atitudes; nada do exterior pode ser capaz de perturbar essa faculdade, sendo que disso resulta que ela pode ser desenvolvida de maneira notável por meio da educação. Não era o caso em que*

me encontrava, pois não tinha recebido educação alguma. Agradeço mais ainda a Deus por ter permitido que minha educação fosse o suficiente para completar minha missão de devotamento junto a essas jovens crianças. Era, ao mesmo tempo, uma reparação para o mau exemplo que lhes tinha dado em minha existência precedente. Tudo é um assunto sério para os espíritas; eles devem, por isso, apenas observar ao redor deles; isso será mais útil do que se deixar iludir pelas sutilidades filosóficas de alguns Espíritos que se divertem com eles, inflando seu orgulho por meio de frases de grande efeito, mas vazias de sentido.

P. – Por sua linguagem, nós a julgamos avançada intelectualmente, do mesmo modo que sua conduta sobre a Terra é uma prova de seu avanço moral. R. – *Tenho muito ainda a adquirir; mas há muita gente sobre a Terra que passa por ignorante porque sua inteligência está velada em razão da expiação; ao morrerem, no entanto, esses véus caem, e esses pobres ignorantes são frequentemente mais instruídos do que os que desdenhavam deles. Creiam-me, o orgulho é a pedra de toque pela qual se reconhece os homens. Todos aqueles cujos corações são acessíveis à bajulação, ou que esbanjam confiança em sua ciência estão no caminho errado; em geral, eles não são sinceros; desconfiem deles. Sejam humildes como o Cristo, e carreguem como ele sua cruz com amor, a fim de terem acesso ao reino dos céus.*

Françoise Vernhes.

Anna Bitter

Ser acometido pela perda de uma criança adorada é um desgosto insuportável; mas ver um filho único que suscitava as mais belas esperanças, sobre o qual se concentrou os *únicos* afetos, definhar sob seus olhos, extinguir sem sofrimentos por uma causa desconhecida, uma dessas coisas estranhas da natureza que derrotam a sagacidade da ciência; ter esgotado inutilmente todos os recursos da medicina e ter a certeza de que não há alguma esperança, e suportar essa angústia de cada dia durante longos anos sem prever o término é um suplício cruel que a fortuna

aumenta em vez de diminuir, pois se guarda a esperança de que o ser querido possa vir a desfrutá-la.

Tal era a situação do pai de Anna Bitter; um sombrio desespero tomou conta de sua alma, e seu caráter se amargava mais e mais à vista desse espetáculo desolador, cujo resultado só podia ser fatal, embora indeterminado. Um amigo da família, iniciado no espiritismo, achou que devesse interrogar seu Espírito protetor sobre este assunto, e recebeu a seguinte resposta:

“Quero lhe explicar o estranho fenômeno que tem sob os olhos, porque sei que ao me interrogar você não é levado por uma curiosidade indiscreta, mas pelo interesse que tem por esta pobre criança, e porque desta situação decorrerá para você, crendo na justiça divina, um ensinamento proveitoso. Aqueles que o Senhor deseja testar devem curvar sua fronte e não o maldizer nem se revoltar, pois jamais ele abala alguém sem causa. A pobre jovem moça, a quem o Todo-Poderoso havia suspenso o decreto de morte, deve bem cedo estar em meio a nós, pois Deus apiedou-se dela, e seu pai, esse infeliz entre os homens, deve ser abalado na única afeição de sua vida com vistas a ser lançado de coração e de confiança nos braços daqueles que o circundam. Em determinado momento seu arrependimento tocou o Altíssimo, e a morte suspendeu seu gládio sobre essa cabeça tão querida; mas a revolta voltou, e o castigo sempre se segue à revolta. Feliz quando se está sobre essa terra em que se é castigado! Orem, meus amigos, por esta pobre criança, cuja juventude tornará os últimos momentos mais difíceis ainda; a seiva é tão abundante neste pobre ser, a despeito de seu estado de definhamento, que a alma se libertará penosamente. Oh! Orem; mais tarde ela própria os ajudará e consolará, pois seu Espírito é mais elevado do que o das pessoas que a circundam.

Foi em razão de uma permissão especial do Senhor que eu pude responder ao que você me perguntou, porque se faz necessário que esse Espírito seja ajudado, para que sua libertação seja mais fácil.”

O pai morreu após ter sofrido o vazio da solidão da perda de sua filha. Eis as comunicações que um e outro deram após suas mortes.

A filha. Obrigada, meu amigo, por se interessar pela pobre criança, e por ter seguido os conselhos de seu bom guia. Sim, graças às suas preces pude deixar mais facilmente meu envoltório terrestre, pois meu pai, infeliz dele!, não orava: ele maldizia. Não lhe quero mal, no entanto; ele agia assim levado pela grande ternura que nutria por mim. Oro a Deus para lhe conceder a graça de se esclarecer antes de morrer; eu o incito, o encorajo; minha missão é a de aliviar seus últimos instantes. Às vezes um raio de luz divina parece penetrar até ele; mas não passa de um clarão passageiro, e ele recai novamente em suas antigas ideias. Ele tem apenas um germe de fé abafado pelos interesses mundanos, somente novas provações mais terríveis ainda poderão fazê-lo se desenvolver; ao menos, é pelo que temo. Quanto a mim, eu tinha apenas um resto de expiação a suportar, e por isso não foi nem tão dolorosa, nem tão difícil. Em meio à minha estranha doença, não sofria; eu era mais um instrumento de prova para meu pai, pois ele sofria mais em me ver naquele estado do que eu mesma; eu era resignada, e ele não. Hoje tenho a recompensa por isso, Deus me deu a graça de abreviar minha estadia sobre a Terra, e eu lhe agradeço. Sou feliz em meio aos bons Espíritos que me rodeiam; todos nós nos ocupamos de nossos desígnios com alegria, pois a inatividade seria um cruel suplício.

(O pai, mais ou menos um mês após sua morte). P. – Nossa finalidade, ao lhe chamar, é a de inquirir sobre sua situação no mundo dos Espíritos para lhe ser útil, caso isto esteja em nosso poder. R. – *O mundo dos Espíritos! Não vejo nada disso. Vejo apenas homens que já conhecia e que nem pensam em mim nem lamentam pela minha situação; pelo contrário, eles parecem contentes quando se veem livres de mim.*

P. – Você se deu conta exatamente de sua situação? R. – *Perfeitamente. Durante algum tempo acreditei ainda estar em seu mundo, mas agora sei muito bem que não estou mais.*

P. – Como então é possível que não veja outros Espíritos ao redor de você? R. – *Não sei; tudo é, no entanto, claro ao meu redor.*

P. – Você não reviu sua filha? R. – *Não; ela morreu; eu a procuro, eu a chamo inutilmente. Que vazio terrível sua morte me deixou sobre a Terra! Ao morrer, eu me dizia que a encontraria, sem dúvida; mas nada; sempre o mesmo isolamento ao redor de mim; ninguém me dirige uma palavra de consolação e de esperança. Adeus. Vou procurar a minha filha.*

O guia do médium. *Este homem não era nem ateu nem materialista; era daqueles que creem vagamente, sem se preocupar com Deus nem no futuro, absorvidos que estão pelos interesses da Terra. Profundamente egoísta, fez sem dúvida todo o sacrifício para salvar sua filha, mas também sacrificou sem escrúpulos todos os interesses alheios em seu proveito pessoal. Fora sua filha, não tinha afeição por ninguém. Deus o puniu por isso, conforme você sabe; ele lhe levou sua única consolação sobre a Terra, e como ele não se arrependeu, ele foi levado da mesma forma ao mundo dos Espíritos. Ele não se interessava por ninguém sobre a Terra, e ninguém se interessa por ele aqui; ele está só, abandonado; esta é sua punição. Sua filha está ao lado dele; no entanto, ele não a vê; se ele a visse, não estaria sendo punido. O que ele faz? Se dirige a Deus? Se arrepende? Não; apenas pragueja, sempre; ele chega a blasfemar; ele age, em uma palavra, como agia sobre a Terra. Ajudem-no por meio da prece e dos conselhos a sair de sua cegueira.*

Joseph Maître, cego.

Joseph Maître pertencia à classe média da sociedade; ele possuía uma modesta pensão que o punha ao abrigo da necessidade. Seus pais haviam lhe fornecido uma boa educação e o destinaram à indústria, mas aos vinte anos ele se tornou cego. Ele morreu em 1845, perto dos cinquenta anos. Uma segunda enfermidade veio lhe arrebatá-lo; cerca de dez anos antes de sua morte, ele se tornou completamente surdo, de modo que suas relações com os vivos só podiam ocorrer por meio do toque. Não enxergar já era algo um tanto penoso, mas deixar de escutar era um cruel suplício para aquele que, tendo gozado outrora de todas as faculdades, devia sentir mais ainda os efeitos dessa dupla privação. O que ele podia ter feito para merecer esse triste destino? Não foi em sua última existência, pois sua conduta

sempre tinha sido exemplar; era um bom filho, de boa índole e benevolente, e quando se viu, além disso, privado de audição, aceitou essa nova prova com resignação, e jamais se ouviu murmurar uma só queixa. Seus discursos denotavam uma perfeita lucidez de espírito e uma inteligência pouco comum. Uma pessoa que tinha lhe conhecido, presumindo que se podiam retirar úteis instruções de uma sessão com seu Espírito, recebeu dele a seguinte comunicação em resposta às questões que lhe foram endereçadas:

(Paris, 1863).

Meus amigos, eu lhes agradeço por terem se lembrado de mim, embora, talvez, vocês não tivessem pensado em mim se não esperassem tirar algum proveito de minha comunicação. Mas sei que um motivo mais sério os anima; por isso vim com prazer ao seu chamado, já que quiseram por bem me permitir, feliz de poder servir à sua instrução. Possa o meu exemplo juntar-se às provas tão numerosas da justiça de Deus que os Espíritos lhes dão.

Vocês me conheceram cego e surdo, e me perguntaram o que eu tinha feito para merecer um destino como esse; eu vou lhes dizer. Saibam de início que é a segunda vez em que fui privado da visão. Na minha existência anterior, que aconteceu no começo do século passado, tornei-me cego aos trinta anos de idade por causa dos excessos de todo tipo, que tinham arruinado minha saúde e enfraquecido meus órgãos; já era uma punição por ter abusado dos dons que havia recebido da Providência, dos quais era largamente dotado; mas em vez de reconhecer que eu era a causa primeira de minha enfermidade, acusava esta mesma Providência pela cegueira, Providência na qual, de resto, eu pouco acreditava. Blasfemei contra Deus, o reneguei, o acusei, ao dizer que, se ele existisse, ele devia ser injusto e mau, já que fazia suas criaturas sofrerem, como eu. Deveria ter me considerado feliz em vez disso, como tantos outros cegos miseráveis, obrigado a mendigar por meu pão. Mas não: pensava somente em mim e na privação dos gozos que me foi imposta. Sob o império dessas ideias e da minha falta de fé, me tornei um rabugento exigente, insuportável, em uma palavra, para aqueles que me circundavam. A vida era doravante sem sentido para mim; não pensava no futuro, algo que não passava de uma

quimera. Depois de ter esgotado inutilmente todos os recursos da ciência, ao perceber que minha cura era impossível, resolvi colocar um fim naquilo mais cedo, e me suicidei.

Ao acordar, infeliz de mim! Estava mergulhado nas mesmas trevas quando em vida. Não tardei, no entanto, a reconhecer que não mais pertencia ao mundo corporal, mas era um Espírito cego. A vida de além-túmulo era então uma realidade! Em vão tentava sumir, mergulhar no nada: sacudia-me no vazio. Se esta vida devia ser eterna, conforme tinha ouvido dizer, então eu ficaria para sempre naquela situação? Esse pensamento era amedrontador. Não sofria, mas lhes relatar os tormentos e as angústias de meu espírito é impossível. Quanto tempo isso duraria? Ignorava; mas como isso me parecia interminável!

Esgotado, extenuado, tive por fim uma volta a mim mesmo: compreendi que uma força superior pesava sobre mim; eu me disse então que se essa força podia me esmagar, ela também podia me aliviar, e implorei por sua piedade. À medida que orava e que meu fervor aumentava, alguma coisa me dizia que esta cruel condição teria um fim. A luz se fez, enfim; meu arrebatamento foi extremo quando entrevi as celestes claridades, e que distingi os Espíritos que me rodeavam sorrindo com benevolência e os que flutuavam, radiantes, no espaço. Quis seguir seus caminhos, mas uma força invisível me reteve. Então um deles me disse: “Deus, que você desconheceu, levou em consideração seu retorno a ele, e nos permitiu que lhe devolvesse a luz, mas você cedeu apenas à força e arrastado. Se quiser de agora em diante participar da felicidade de que gozamos aqui você deve provar a sinceridade de seu arrependimento e de seus bons sentimentos ao recomeçar sua provação terrestre; **nas condições em que você será exposto a recair nos mesmos erros**, pois esta nova provação será mais rude ainda do que a primeira.” Aceitei com prontidão, prometendo a mim mesmo não fracassar mais.

Assim, voltei à Terra na existência que vocês conheceram. Não me foi forçoso ser bom, pois não era mau por natureza; me revoltei contra Deus, e Deus tinha me punido. Se voltei **com a fé inata**, foi porque não murmurei mais contra Deus e aceitava minha dupla enfermidade com resignação e como uma expiação que devia ter sua fonte na soberana justiça. O isolamento em que me encontrei em meus últimos anos não tinha nada de desesperador, pois tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus;

ele me foi muito proveitoso, pois durante essa longa noite, onde tudo era silêncio, minha alma, mais livre, lançava-se ao Eterno, e entrevia o infinito pelo pensamento. Quando chegou o fim de meu exílio, o mundo dos Espíritos me recebeu com esplendores e infinita alegria.

*A comparação com o passado me faz considerar minha situação relativamente muito feliz, e rendo graças a Deus por isso; mas quando olho adiante, vejo quanto ainda estou longe da felicidade perfeita. Eu expiei, **mas devo reparar agora. Minha última existência foi proveitosa apenas para mim**; espero recomeçar uma nova existência onde eu possa ser útil aos outros; esta será a reparação de minha inutilidade anterior. Somente assim avançarei na via bendita, aberta a todos os Espíritos de boa vontade.*

Eis minha história, meus amigos, se meu exemplo puder esclarecer alguns de meus irmãos encarnados e lhes fazer evitar o atoleiro em que caí, já terei começado a quitar a minha dívida.

Joseph.

FIM